UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO "CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

MIRIÃ GIL DE LIMA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO: UM ESTUDO NO ESTADO DE RONDÔNIA

CÁCERES-MT
2024

MIRIÃ GIL DE LIMA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO: UM ESTUDO NO ESTADO DE RONDÔNIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

CÁCERES-MT

2024

© by Nome completo, ano.

Lima, Miriã Gil de.
Variações linguísticas na Libras no contexto amazônico: um estudo no Estado de Rondônia / Miriã Gil de Lima. - Cáceres, 2024.
362f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".
Orientador: Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

1. Variação Linguística. 2. Libras. 3. Sociolinguística. 4. Morfonologia. 5. Região Norte. I. Souza, Antonio Carlos Santana de, Dr. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 81'221.24

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

MIRIÃ GIL DE LIMA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO: UM ESTUDO NO ESTADO DE RONDÔNIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. ANTONIO CARLOS SANTANA DE SOUZA
Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. WELLINGTON PEDROSA QUINTINO
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. TANIA APARECIDA MARTINS - UNIOESTE
Avaliadora Externa –/UNIOESTE

Prof. Dr. MARCELO NICOMEDES DOS REIS SILVA FILHO UFMA
Avaliador Externo – /UFMA

Profa. Dra. CRISTIANE SCHMIDT
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

APROVADA EM: 12/08/2024

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, consagro o resultado de toda minha dedicação ao Senhor, o nosso Deus, sem o qual eu nada seria e não teria chegado até aqui, pois até aqui, me sustentou o Senhor!

Dedico este trabalho aos meus pais, Adão (em memória) e Analicia (Ana), sem a base que eles me deram, eu não seria a pessoa que sou hoje**.**

Não há maior empenho do que o da nossa família. Dedico o resultado, de todos os esforços realizados ao longo desta caminhada, à minha família, que amo e admiro; sendo eles, meus filhos, Gabriel e Rafael, o meu esposo Agnaldo, meu neto João, e minha nora Juliana, que são a minha razão do meu viver. Foram eles que estiveram ao meu lado mesmo frente aos momentos de estresse, que não foram poucos, mas que permaneceram ao meu lado e cuidaram de mim em momentos em que minha saúde debilitou, bem como quando secaram minhas lágrimas nos momentos em que chorei.

À comunidade surda do estado de Rondônia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, criador do Céu e da Terra. Aquele que tudo governa, e assim me permitiu viver cada dia debaixo de Sua infinita graça, bondade e vencer mais esta etapa, pois “[...] até aqui o Senhor nos ajudou” (1Samuel 7:12 (parte b)). Querido Deus, o meu muito obrigada por ter colocado as pessoas certas, as que menciono abaixo, e tantas outras, que estiveram comigo na hora e no lugar certo para o desenvolvimento desta tese. Gratidão por todo Seu cuidado e amor para comigo. Senhor, eu te louvo e te adoro.

Obrigada, muito obrigada pela vida de cada pessoa que passou pela minha vida e contribuiu para que eu ser quem eu sou hoje.

Pós-graduação, ohh!! Período conturbado esse, pouco tempo, prazos, imprevistos, e eu sendo orientada por esse homem prestativo, humano, democrático e cuidadoso, meu orientador, o Professor Doutor Antonio Carlos Santana de Souza, um professor que sempre me deu liberdade para que eu pudesse expor minhas ideias e me conduziu pelos melhores caminhos. Agradeço-o pela paciência, nos momentos difíceis que passei. Obrigada por tudo professor.

Agradeço a minha família, que foi, e é o meu porto seguro, me fortalecendo em amor e paciência, a minha inspiração e minha força motivadora, que me estimulou a seguir, mesmo diante de tantas dificuldades que surgiram no decorre destes quatro anos. Não foi fácil chegar até aqui, enfrentamos juntos um período pandêmico, de muitas perdas, de muita instabilidade emocional, porém superamos, os desafios foram vencidos. Agradeço ao meu filho Rafael que contribuiu desenhando algumas variações linguísticas da Libras que compõem esta tese, ao meu filho Gabriel e meu esposo Agnaldo por terem me acompanhado em minhas andanças em busca do registro dos dados que aqui serão apresentados.

A minha grande amiga Luciana Coladine Bernardo, que esteve comigo em todos os momentos deste doutorado, que andou comigo, me incentivou, segurou a minha mão, que chorou comigo e me aconselhou em todos os momentos difíceis que passei, e não me permitiu desistir, me ajudou a enxergar meus erros e a consertá-los, não só nesta tese, mas em minha vida pessoal. Que me fez sentir forte e capaz em momentos que eu não tinha forças. Foram muitos desafios, e ela sempre esteve ao meu lado, obrigada Lu!.

Agradeço aos professores Wellington Pedrosa, Tania Martins, Marcelo Nicomedes e Cristiane Schmidt, pelas contribuições nas bancas, de qualificação e defesa desta tese.

Agradeço aos surdos informantes, pois este trabalho só se tornou possível devido a contribuição de cada um de vocês, pelo respeito e carinho que me receberam. Agradeço em especial a Mayra Michaelly (Cacoal), Suziane (Guajará Mirim), Indira (Porto Velho) e Jhonatas (Vilhena) que possibilitaram a minha entrada nas comunidades surdas informantes, que contribuíram de maneira significativa para que esta tese se consolidasse.

Aos amigos (as) que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta tese. Aos amados (as) que estiveram ao meu lado e oraram comigo nos momentos difíceis e que estimularam e me deram força para continuar.

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, pela oportunidade ímpar em minha vida.

À Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, por me conceder a oportunidade incomparável de me dedicar única e exclusivamente a esse doutorado.

Aos docentes do Departamento Acadêmico de Administração de Cacoal, pelo incentivo e apoio em todos os momentos que precisei.

Aos surdos informantes que contribuíram para a consolidação desta tese, sem os quais nada disso seria possível, o meu muito obrigada!

“A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar “no mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”.

Ronice Müller de Quadros, (2017)

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua de modalidade visual-espacial e considerada a língua de sinais dos surdos brasileiros. A variação linguística é um processo inerente às línguas naturais e que manifesta as diferenças socioculturais, e não prejudica a possibilidade de comunicação e entendimento entre os falantes. As variações são abundantes em significado social. As línguas se transformam constantemente, dando origem a maneiras diferentes de falar a mesma coisa, o que a sociolinguística conceitua como variação linguística. Desta feita, a presente tese intitulada "As variações linguísticas na Libras no contexto amazônico: um estudo no estado de Rondônia", é resultado de uma pesquisa que foi desenvolvida na área da Linguística, na linha de concentração do Estudo de Processos de Variação e Mudança, que objetivou descrever linguisticamente as variações linguísticas na Libras, que ocorrem no estado de Rondônia, quanto a composição morfofonológica da Libras. A metodologia que direcionou a pesquisa foi baseada nas perspectivas teórica variacionista fundada por Labov. Para a realização desta pesquisa no viés da Sociolinguística, em primeiro lugar o tema foi escolhido, estipulou-se a comunidade a ser pesquisada, quatro municípios do estado de Rondônia foram selecionados dentre os quais estão Vilhena, Cacoal, Porto Velho e Guajará Mirim. A amostra foi composta por vinte e quatro informantes, sendo treze do gênero feminino e onze do gênero masculino, com faixa etária que variou entre 18 e 48 anos. O desenvolvimento da pesquisa foi realizado em duas etapas, a primeira no mês de setembro de 2022 e a segunda em novembro de 2022, onde os sinais foram registrados por meio de filmagens e posteriormente transformados em desenhos e analisados morfofonológicamente. A pesquisa foi desenvolvida com a participação de 24 informantes surdos, sendo 06 (seis) de cada município selecionado. A organização dos itens lexicais foi realizada com base na cultura do estado de Rondônia, onde foram selecionados cinquenta (50) itens lexicais, dispostos em cinco categorias semânticas. Nesta pesquisa foram consideradas variações linguísticas da Libras, os sinais que apresentaram alteração quanto ao aspecto morfofonológico da Libras, para tanto, a análise teve como fonte principal os sinais registrados no Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais do Brasil, volumes I, II e III (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2019). O porte teórico teve como principais fontes os autores Tarallo (1986), Labov (2008), Quadros e Karnopp (2004), Alkmim (2011), Ferreira (1995, 2010), Felipe e Monteiro (2006). Compreende-se que as línguas de sinais, assim como as demais línguas orais, são dinâmicas e estão em constante evolução. As línguas de sinais ampliam, transformam e modificam seu léxico, o que foi constatado mediante a pesquisa realizada. O que se pode concluir mediante esta pesquisa, é que a cultura local ouvinte não influencia na criação dos sinais diretamente, mas que essas criações são influenciadas pela cultura visual, a qual se ocupa da diversidade do universo das imagens. As variações registradas apresentam uma riqueza de detalhes, que são visualizadas no cotidiano de cada informante, e com a necessidade da criação de sinais, essas informações visuais são inseridas, essas variações dos sinais da Libras, chegam a variar de informante para informante. O surdo é um ser que possui uma maneira particular de compreender o mundo, o qual é ajustado conforme suas percepções visuais.

Palavras-chave: Variação Linguística; Libras; Sociolinguística; Morfofonologia; Região Norte.

LINGUISTIC VARIATIONS IN LIBRAS IN THE AMAZONIAN CONTEXT: A STUDY IN THE STATE OF RONDÔNIA

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (Libras) is a visual-spatial language considered the sign language of Brazilian deaf people. Linguistic variation is an inherent process to natural languages, which manifests sociocultural differences and does not hinder communication and understanding among speakers. Variations are abundant in social significance. Languages constantly transform, giving rise to different ways of saying the same thing, what sociolinguistics conceptualizes as linguistic variation. Thus, the present thesis titled "Linguistic variations in Libras in the Amazonian context: a study in the state of Rondônia" is the result of research developed in the field of Linguistics, focusing on the Study of Processes of Variation and Change. It aimed to linguistically describe the linguistic variations in Libras that occur in the state of Rondônia regarding the morphophonological composition of Libras. The methodology guiding the research was based on the theoretical variationist perspectives founded by Labov. For the realization of this research in the Sociolinguistic perspective, the topic was first chosen, and the community to be researched was stipulated. Four municipalities in the state of Rondônia were selected, namely Vilhena, Cacoal, Porto Velho, and Guajará Mirim. The sample consisted of twenty-four informants, thirteen female and eleven male, aged between 18 and 48 years. The research development was carried out in two stages, the first in September 2022 and the second in November 2022, when the signs were recorded through filming and later transformed into drawings and morphophonologically analyzed. The research was developed with the participation of 24 deaf informants, six from each selected municipality. The organization of lexical items was based on the culture of the state of Rondônia, where fifty (50) lexical items were selected, arranged in five semantic categories. In this research, linguistic variations in Libras were considered the signs that showed changes in the morphophonological aspect of Libras. Therefore, the analysis's main source was the signs recorded in the Trilingual Encyclopedic Dictionary of Brazilian Sign Language, volumes I, II, and III (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2019). The main sources of the theoretical framework were the authors Tarallo (1986), Labov (2008), Quadros and Karnopp (2004), Alkmim (2011), Ferreira (1995, 2010), Felipe and Monteiro (2006). It is understood that sign languages, like other spoken languages, are dynamic and constantly evolving. Sign languages expand, transform, and modify their lexicon, as evidenced by the conducted research. The conclusion drawn from this research is that the local hearing culture does not directly influence the creation of signs, but these creations are influenced by visual culture, which deals with the diversity of the image universe. The recorded variations present a wealth of details, visualized in each informant's daily life, and with the need to create signs, these visual information are inserted. These variations in Libras signs vary from informant to informant. The deaf individual has a unique way of understanding the world, which is adjusted according to their visual perceptions.

Keywords: Linguistic Variation; Libras; Sociolinguistics; Morphophonology; Northern Region

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	Acre
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	*American Sign Language*
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CERNIC	Centro de Reabilitação Neurológica Infantil de Cacoal
CL	Classificar
CM	Configuração de Mão
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EF	Ensino Fundamental
EFMM	Estrada de Ferro Madeira-Mamoré
EM	Ensino Médio
ENM	Expressões não-manuais
EUA	Estados Unidos das Américas
EXP	Expressão
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
HD	Hard Disk
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRA	Instituto Brasileiro de Reforma Agrária
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPHAN	Património Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
L	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LO	Línguas orais
LS	Língua de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
M	Movimento
MD	Mão Direita

ME	Mão Esquerda
NM	Aspectos Não-Manuais
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PIC	Projeto de Integração e Colonização
PIN	Programa de Integração Nacional
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
RO	Rondônia
SECOM	Secretaria de Estado de Comunicação
SM	Salário-Mínimo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parâmetros Fonológicos da Libras 55
Figura 2 – Par mínimo em Libras 56
Figura 3: Sinal de DESCULPA e OBRIGAD@ em Libras 56
Figura 4 – Inventário das configurações de mãos na Libras por Ferreira ([1995] 2010) 57
Figura 5 – Inventário das Configurações de mãos na Libras por Farias-do-Nascimento (2009) 58
Figura 6 – Inventário das Configurações de mãos na Libras Instituto Nacional de Educação de Surdos (2019) 59
Figura 7 – Espaço de realização dos sinais 60
Figura 8 – Sinal BRINCAR 60
Figura 9 - Exemplos de sinais com movimentos e sinal sem movimento 63
Figura 10 – Expressão não-manual – ALEGRE 67
Figura 11 – Expressão não-manual – TRISTE 67
Figura 12 – Processo derivacional na Libras – SENTAR – CADEIRA 72
Figura 13-Sinal ALMOÇAR em Libras 74
Figura 14 – Sinal FORMIGA em Libras 74
Figura 15 – Sinal IGREJA em Libras 75
Figura 16 – Sinal ESCOLA em Libras 76
Figura 17 – Sinal PAI em Libras 76
Figura 18 – Sinal MÃE em Libras 77
Figura 19 – Sinal PAIS em Libras 77
Figura 20 – Sinal BOA NOITE em Libras. 77
Figura 21 – Sinal PAI em Libras 78
Figura 22 – Sinal – CASA 81
Figura 23 – Sinal – ÁRVORE 82
Figura 24- Classificador PESSOA ANDANDO 85
Figura 25 - Classificador especificador de tamanho e forma – MESA 86
Figura 26 – CL Corporal – TOURO CORRENDO 86
Figura 27 – CL Corporal – PÉS DE AVE 86
Figura 28 – CL Instrumental – ESCREVER-PAPEL 87
Figura 29 – Mesorregiões de Rondônia: Madeira-Guaporé e Leste Rondoniense 95
Figura 30 – Mapa de Rondônia 95
Figura 31 – Personagem dos registros 112
Figura 32 – Setas indicando o movimento, direção e forma do sinal 112

Figura 33 – AÇAÍ-NA-TIGELA - figura apresentada aos informantes 130
Figura 34 – Sinal referência 01 para AÇAÍ-NA-TIGELA 131
Figura 35 – Sinal referência 02 para AÇAÍ-NA-TIGELA 131
Figura 36 – PRETO 134
Figura 37 - “SORVETE” 135
Figura 38 – PRETO 136
Figura 39 – Açaizeiro 136
Figura 40 – “MISTURAR” 137
Figura 41: FEIJÃO-TROPEIRO - figura apresentada aos informantes 138
Figura 42 – Sinal referência para FEIJÃO-TROPEIRO 139
Figura 43 - Sinal para FEIJÃO 141
Figura 44 – Sinal para MISTURAR 141
Figura 45 - Sinal PORCO 143
Figura 46 – Sinal FARINHA 143
Figura 47 – Sinal SALADA 144
Figura 48 – Sinal COISAS 146
Figura 49 – Sinal CARNE 147
Figura 50 – *Bacon* frito 148
Figura 51 – Sinal para *BACON* 148
Figura 52 – Sinal LINGUIÇA 149
Figura 53- PAMONHA- figura apresentada aos informantes 150
Figura 54 – Sinal referência 01 para PAMONHA 150
Figura 55 -Sinal referência 02 para PAMONHA 151
Figura 56 - Sinal para QUEIJO 153
Figura 57 – Sinal para MILHO 153
Figura 58 – Sinal para RALAR 154
Figura 59 – Sinal para EMBRULHAR 155
Figura 60 - Processo de dobradura da palha para a produção do copinho da pamonha 155
Figura 61 – Sinal para FOGO 156
Figura 62 - Sinal PAMONHA 157
Figura 63 - Sinal DOCE 01 158
Figura 64 – Sinal DOCE 02 158
Figura 65 – Copinho da pamonha 159
Figura 66 - Pamonha formato trouxinha 159

Figura 67 - Sinal PAMONHA 160
Figura 68 – TACACÁ - figura apresentada aos informantes 162
Figura 69-Sinal referência 163
Figura 70 – TACACÁ NA CUIA 164
Figura 71- Sinal SOPA 166
Figura 72 – Sinal para CAMARÃO 166
Figura 73 - MANDIOCA - figura apresentada aos informantes 167
Figura 74 - Sinal referência 01 para MANDIOCA 168
Figura 75 - Sinal referência 02 para MANDIOCA 168
Figura 76 – Descascando a mandioca 171
Figura 77 – TAMBAQUI – figura apresentada aos informantes 172
Figura 78 – Sinal referência 01 para Tambaqui 172
Figura 79 – Sinal PEIXE 174
Figura 80 – Sinal PEIXE 174
Figura 81 - TAMBAQUI 176
Figura 82 – PIRARUCU – figura apresentada aos informantes 178
Figura 83 – Sinal referência 01 para PIRARUCU 179
Figura 84 - Pirarucu 181
Figura 85 – Sinal DUR@ 182
Figura 86 - Análise fonológica da variação 07 para PIRARUCU 183
Figura 87 – VATAPÁ – figura apresentada aos informantes 184
Figura 88 – Sinal referência para VATAPÁ 185
Figura 89 – TAPIOCA – figura apresentada aos informantes 187
Figura 90 – Sinal referência 01 - Tapioca 188
Figura 91 - Sinal referência 02 - Tapioca 188
Figura 92 - FARIN HA 192
Figura 93 - Sinal BRANC@ 192
Figura 94 – Sinal BRANC@ 192
Figura 95 – BOLO-MANDIOCA – figura apresentada aos informantes 195
Figura 96 – Sinal referência 01 para BOLO-MANDIOCA 196
Figura 97 - Sinal referência 02 para BOLO-MANDIOCA 196
Figura 98 - BOLO 197
Figura 99 - Sinal Mandioca 197
Figura 100 – ÔNIBUS – figura apresentada aos informantes 198

Figura 101 – Sinal referência 01 para ÔNIBUS 199
Figura 102 – Sinal referência 02 para ÔNIBUS 199
Figura 103- – Sinal ÔNIBUS 201
Figura 104- Sinal VIAJAR 202
Figura 105 – figura apresentada aos informantes para CAMINHÃO 203
Figura 106 – Sinal referência 01 para CAMINHÃO 203
Figura 107 – Sinal referência 02 para CAMINHÃO 204
Figura 108 - Sinal DIRIGIR 205
Figura 109 – Sinal CAMINHÃO 206
Figura 110 – TRATOR - figura apresentada aos informantes 206
Figura 111 – Sinal referência 01 para TRATOR 207
Figura 112 – Sinal referência 02 para TRATOR 207
Figura 113 – Grade de arrasto 210
Figura 114 – CARROÇA – figura apresentada aos informantes 211
Figura 115 – Sinal referência 01 para CARROÇA 211
Figura 116 - Sinal CAVALO 213
Figura 117 – Sinal CARROÇA 213
Figura 118 – Sinal SENTAR 214
Figura 119 – AVIÃO – figura apresentada aos informantes 215
Figura 120 – Sinal referência 01 para AVIÃO 215
Figura 121 - Sinal referência 02 para AVIÃO 216
Figura 122 – BARCO – figura apresentada aos informantes 217
Figura 123 – Sinal referência 01 para BARCO 218
Figura 124 – Sinal referência 02 para BARCO 218
Figura 125 – BICICLETA – figura apresentada aos informantes 220
Figura 126 – Sinal referência 01 para BICICLETA 221
Figura 127 – Sinal registrado para BICICLETA 221
Figura 128 – MOTOCICLETA – figura apresentada aos informantes 222
Figura 129 – Sinal referência 01para MOTOCICLETA 223
Figura 130 - Localização dos Controles (motocicleta) 224
Figura 131 – JERICO- figura apresentada aos informantes 225
Figura 132 – Sinal CARRO 226
Figura 133 – Sinal SUJO 227
Figura 134 – CARRO DE PASSEIO – figura apresentada aos informantes 228

Figura 135 – Sinal referência 01 – CARRO-PASSEIO 229
Figura 136 - Sinal referência 02 – CARRO-PASSEIO 229
Figura 137 – JACARÉ-AÇU – figura apresentada aos informantes 231
Figura 138 – Sinal registrado para JACARÉ-AÇU 231
Figura 139 – ONÇA-PINTADA – figura apresentada aos informantes 232
Figura 140 – Sinal referência 01 – ONÇA-PINTADA 233
Figura 141 - Sinal referência 02 – ONÇA-PINTADA 233
Figura 142 – Sinal para GAT@ 236
Figura 143 – SUCURI – figura apresentada aos informantes 237
Figura 144 – Sinal COBRA 01 238
Figura 145 – Sinal para 02 COBRA 240
Figura 146 – CAPIVARA – figura apresentada aos informantes 241
Figura 147 – Sinal referência 01 para CAPIVARA 242
Figura 148 – Sinal para PACA 245
Figura 149 – HARPIA – figura apesentada aos informantes 248
Figura 150- BICHO-PREGUIÇA figura apresentada aos informantes 252
Figura 151 – Sinal referência 01 para BICHO-PREGUIÇA 252
Figura 152 – Sinal para PREGUIÇA 255
Figura 153 – PEIXE-BOI – figura apresentada aos informantes 255
Figura 154 – Sinal referência 01 para PEIXE-BOI 256
Figura 155 – Sinal para PEIXE 257
Figura 156 – Sinal 02 para PEIXE 259
Figura 157 – BOTO – figura apresentada aos informantes 260
Figura 158 – Sinal referência para BOTO 260
Figura 159 – Sinal GOLFINHO 262
Figura 160 – TAMANDUÁ-BANDEIRA - figura apresentada aos informantes 263
Figura 161 – Sinal referência 01 para TAMANDUÁ 263
Figura 162 – CUPUAÇU – figura apresentada aos informantes 266
Figura 163 – Sinal referência 01 para CUPUAÇU 267
Figura 164 – Despolpa do cupuaçu 268
Figura 165 – BACUPARI – imagem apresentada aos informantes 269
Figura 166 – Sinal referência 01 – BACURI/BACPARI 269
Figura 167 – Sinal BALA 271
Figura 168 – AÇAÍZEIRO -figura apresentada aos informantes 272

Figura 169 – ARAÇÁ-BOI – figura apresentada aos informantes 277
Figura 170 - Análise fonológica da variação 01 para ARAÇÁ-BOI 278
Figura 171 – BIRIBÁ – figura apresentada aos informantes 279
Figura 172 – Sinal referência 01 para BIRIBÁ 279
Figura 173 – TUCUMÃ – figura apresentada aos informantes 284
Figura 174 – Sinal referência 01 para TUCUMÃ 284
Figura 175 – Sinal – AMAREL@ 286
Figura 176 – GRAVIOLA – figura apresentada aos informantes 286
Figura 177 – Sinal referência 01 para GRAVIOLA 287
Figura 178 – Sinal para VERDE 288
Figura 179 – PUPUNHA – figura apresentada aos informantes 289
Figura 180 – Sinal referência - PUPUNHA 290
Figura 181 – INGÁ – figura apresentada aos informantes 291
Figura 182 – Sinal referência 01 para INGÁ 292
Figura 183 – ACEROLA – figura apresentada aos informantes 295
Figura 184 – Sinal referência 01 para ACEROLA 295
Figura 185 – RONDÔNIA – figura apresentada aos informantes 298
Figura 186 – Sinal referência 01 para RONDÔNIA 298
Figura 187 - Sinal referência 02 para RONDÔNIA 299
Figura 188 – RIO MADEIRA – figura apresentada aos informantes 300
Figura 189 - Sinal referência 01 para RIO MADEIRA 300
Figura 190 – Sinal para RIO 302
Figura 191 – Sinal para MADEIRA 302
Figura 192 – BOLÍVIA – figura apresentada aos informantes 303
Figura 193 – Sinal referência 01 para BOLÍVIA 303
Figura 194 - Sinal referência 02 para BOLÍVIA 304
Figura 195 – ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ 305
Figura 196 – Sinal referência 01 para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ 306
Figura 197 – Sinal TREM 307
Figura 198 – Sinal TRILHO 307
Figura 199 – TRÊS MARIAS 308
Figura 200 – Sinal referência 01 para TRÊS MARIAS 309
Figura 201 – O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA- figura apresentada aos informantes 311

Figura 202 –Sinal referência 01 para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA 311
Figura 203 – INDÍGENA – figura apresentadas aos informantes 313
Figura 204 – Sinal referência 01 para INDÍGENA 313
Figura 205 – BALSA – figura apresentadas aos informantes 315
Figura 206 – Sinal referência 01 para BALSA 315
Figura 207 – REDE – figura apresentada aos informantes 317
Figura 208 – Sinal referência 01 para REDE 318
Figura 209 - Sinal referência 02 para REDE 318
Figura 210 – GARIMPO – figura apresentada aos informantes 319

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Modelo de gráfico utilizado na análise 111
Gráfico 2 - Gêneros informantes da pesquisa 120
Gráfico 3 – Resultado de utilização das variações por gênero 121
Gráfico 4 - Escolaridade do Gênero Feminino 123
Gráfico 5 – Escolaridade - Gênero Masculino 123
Gráfico 6 – Utilização das variações por escolaridade 124
Gráfico 7 - Faixa etária dos informantes 125
Gráfico 8 - Naturalidade dos informantes da pesquisa 126
Gráfico 9 - Situação socioeconômica dos informantes 127
Gráfico 10 – O conhecimento sobre o que vem a ser variação linguística 129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pontos de articulação 61
Quadro 2 – Adjetivo, Translação Horizontal e Descrição do PA 62
Quadro 3 – Categoria do parâmetro movimento da Libras 65
Quadro 4 – ORIENTAÇÕES DA MÃO 66
Quadro 5 – Expressões não-manuais da Libras 67
Quadro 6 – Morfemas lexicais e gramaticais da Língua Portuguesa 70
Quadro 7 – Morfemas lexicais e gramaticais em Libras 71
Quadro 8 – Morfema lexical e morfema gramatical nos sinais da Libras 72
Quadro 9 – Sistema de notação em palavras 113
Quadro 10 – Modelo de apresentação das variações registradas 115
Quadro 11 – Variações para AÇAÍ-NA-TIGELA 132
Quadro 12 - Análise fonológica da variação 01 para AÇAÍ-NA-TIGELA 132
Quadro 13 – Análise fonológica da variação 02 para AÇAÍ-NA-TIGELA 133
Quadro 14 – Análise fonológica da variação 03 AÇAÍ-NA-TIGELA 134
Quadro 15 - Análise fonológica da variação 04 AÇAÍ-NA-TIGELA 135
Quadro 16 - Análise fonológica da variação 05 para AÇAÍ NA TIGELA 136
Quadro 17 - Análise fonológica da variação 06 para AÇAÍ-NA-TIGELA 137
Quadro 18 - Variações para “FEIJÃO-TROPEIRO” 139
Quadro 19 - Análise fonológica da variação 01 para FEIJÃO-TROPEIRO 140
Quadro 20 - Análise fonológica da variação 02 para FEIJÃO-TROPEIRO 141
Quadro 21 - Análise fonológica da variação 03 para FEIJÃO-TROPEIRO 143
Quadro 22 - Análise fonológica da variação 04 para FEIJÃO TROPEIRO 144
Quadro 23 - Análise fonológica da variação 05 para FEIJÃO TROPEIRO 145
Quadro 24 - Análise fonológica da variação 06 para FEIJÃO-TROPEIRO 145
Quadro 25 - Análise fonológica da variação 07 para FEIJÃO-TROPEIRO 146
Quadro 26 - Análise fonológica da variação 08 para FEIJÃO TROPEIRO 147
Quadro 27 - Análise fonológica da variação 09 para FEIJÃO-TROPEIRO 149
Quadro 28 – Variações para PAMONHA 151
Quadro 29 - Análise fonológica da variação 01 para PAMONHA 152
Quadro 30 - Análise fonológica da variação 02 para PAMONHA 152
Quadro 31 - Análise fonológica da variação 03 para PAMONHA 153
Quadro 32 - Análise fonológica da variação 04 para PAMONHA 156
Quadro 33 - Análise fonológica da variação 05 para PAMONHA 157

Quadro 34 - Análise fonológica da variação 06 para PAMONHA 158
Quadro 35 - Análise fonológica da variação 07 para PAMONHA 159
Quadro 36 - Análise fonológica da variação 08 para PAMONHA 160
Quadro 37 - - Análise fonológica da variação 09 para PAMONHA 161
Quadro 38 - Variações para TACACÁ 163
Quadro 39 - Análise fonológica da variação 01 para TACACÁ 164
Quadro 40 - Análise fonológica da variação 02 para TACACÁ 164
Quadro 41 - Análise fonológica da variação 03 para TACACÁ 165
Quadro 42 - Análise fonológica da variação 04 para TACACÁ 166
Quadro 43 - Variações para MANDIOCA 169
Quadro 44 - Análise fonológica da variação 01 para MANDIOCA 169
Quadro 45 - Análise fonológica da variação 02 para MANDIOCA 170
Quadro 46 - Análise fonológica da variação 02 para MANDIOCA 170
Quadro 47 - Análise fonológica da variação 04 para MANDIOCA 171
Quadro 48 - Variações para TAMBAQUI 173
Quadro 49 - Análise fonológica da variação 01 para TAMBAQUI 174
Quadro 50 - Análise fonológica da variação 03 para TAMBAQUI 175
Quadro 51 - Análise fonológica da variação 04 para TAMBAQUI 176
Quadro 52 - Análise fonológica da variação 05 para TAMBAQUI 177
Quadro 53 - Análise fonológica da variação 08 para TAMBAQUI 178
Quadro 54 - Variações para PIRARUCU 180
Quadro 55 - Análise fonológica da variação 01 para PIRARUCU 181
Quadro 56 - Análise fonológica da variação 01 para PIRARUCU 181
Quadro 57 - Análise fonológica da variação 03 para PIRARUCU 182
Quadro 58 - Análise fonológica da variação 04 para PIRARUCU 182
Quadro 59 - Análise fonológica da variação 05 para PIRARUCU 183
Quadro 60 - Análise fonológica da variação 06 para PIRARUCU 183
Quadro 61 - Variações para VATAPÁ 185
Quadro 62 - Análise fonológica da variação 01 para VATAPÁ 186
Quadro 63 - Análise fonológica da variação 02 para VATAPÁ 186
Quadro 64 – Variações para TAPIOCA 188
Quadro 65 - - Análise fonológica da variação 01 para TAPIOCA 189
Quadro 66 - Análise fonológica da variação 02 para TAPIOCA 190
Quadro 67 - Análise fonológica da variação 03 para TAPIOCA 191

Quadro 68 - Análise fonológica da variação 04 para TAPIOCA 193
Quadro 69 - Análise fonológica da variação 05 para TAPIOCA 193
Quadro 70 - Análise fonológica da variação 06 para TAPIOCA 194
Quadro 71- Análise fonológica da variação 07 para TAPIOCA 194
Quadro 72 - Variações para BOLO-MANDIOCA 195
Quadro 73 - Análise fonológica da variação 01 para MANDIOCA 197
Quadro 74 - Variações para ÔNIBUS 199
Quadro 75 - Análise fonológica da variação 01 para ÔNIBUS 200
Quadro 76 - Análise fonológica da variação 02 para ÔNIBUS 201
Quadro 77 - Análise fonológica da variação 03 para ÔNIBUS 201
Quadro 78 - Análise fonológica da variação 04 para ÔNIBUS 201
Quadro 79 - Análise fonológica da variação 06 para ÔNIBUS 202
Quadro 80 - Variações para CAMINHÃO 204
Quadro 81 - Análise fonológica da variação 01 para CAMINHÃO 204
Quadro 82 - Análise fonológica da variação 03 para CAMINHÃO 205
Quadro 83 - Variações para TRATOR 207
Quadro 84- Análise fonológica da variação 01 para TRATOR 208
Quadro 85 - Análise fonológica da variação 02 para TRATOR 209
Quadro 86 - Análise fonológica da variação 03 para TRATOR 209
Quadro 87 - Análise fonológica da variação 04 para TRATOR 209
Quadro 88 – Variações para CARROÇA 211
Quadro 89 - Análise fonológica da variação 01 para CARROÇA 212
Quadro 90 - Análise fonológica da variação 03 para CARROÇA 213
Quadro 91 - Análise fonológica da variação 04 para CARROÇA 214
Quadro 92 – Variações para AVIÃO 216
Quadro 93 - Análise fonológica da variação 01 para AVIÃO 216
Quadro 94 - Análise fonológica da variação 02 para AVIÃO 217
Quadro 95 - Variações para BARCO 218
Quadro 96 - Análise fonológica da variação 01 para BARCO 219
Quadro 97 - Análise fonológica da variação 02 para BARCO 219
Quadro 98 - Análise fonológica da variação 03 para BARCO 220
Quadro 99 - Análise fonológica da variação 01 para BICICLETA 222
Quadro 100 - Variações para MOTOCICLETA 223
Quadro 101 - Análise fonológica da variação 01 para MOTOCICLETA 223

Quadro 102 - Análise fonológica da variação 02 para MOTOCICLETA 224
Quadro 103 – Variações registradas para JERICO 225
Quadro 104 - Análise fonológica da variação 01 para JERICO 226
Quadro 105 - Análise fonológica da variação 02 para JERICO 227
Quadro 106 - Análise fonológica da variação 03 para JERICO 228
Quadro 107 – Variações para CARRO-PASSEIO 230
Quadro 108 - Análise fonológica da variação 02 para CARRO 230
Quadro 109 - Análise fonológica da variação 01 para JACARÉ-AÇU 232
Quadro 110 – Variações para ONÇA-PINTADA 233
Quadro 111- Análise fonológica da variação 01 para ONÇA-PINTADA 234
Quadro 112 - Análise fonológica da variação 02 para ONÇA-PINTADA 235
Quadro 113 - Análise fonológica da variação 03 para ONÇA-PINTADA 235
Quadro 114 - Análise fonológica da variação 04 para ONÇA-PINTADA 235
Quadro 115 – Variações para SUCURI 237
Quadro 116 - Análise fonológica da variação 01 para SUCURI 238
Quadro 117 - Análise fonológica da variação 02 para SUCURI 239
Quadro 118 - Análise fonológica da variação 03 para SUCURI 239
Quadro 119 - Análise fonológica da variação 04 para SUCURI 240
Quadro 120 - Análise fonológica da variação 05 para SUCURI 241
Quadro 121 – Variações para CAPIVARA 242
Quadro 122 - Análise fonológica da variação 01 para CAPIVARA 243
Quadro 123 - Análise fonológica da variação 02 para CAPIVARA 243
Quadro 124 - Análise fonológica da variação 03 para CAPIVARA 244
Quadro 125 – Variações para PACA 246
Quadro 126 - Análise fonológica da variação 01 para PACA 246
Quadro 127 - Análise fonológica da variação 02 para PACA 247
Quadro 128 - Análise fonológica da variação 03 para PACA 247
Quadro 129 – Variações para HARPIA 249
Quadro 130 - Análise fonológica da variação 01 para HARPIA 249
Quadro 131 - Análise fonológica da variação 02 para HARPIA 250
Quadro 132 - Análise fonológica da variação 03 para HARPIA 250
Quadro 133 - Análise fonológica da variação 04 para HARPIA 250
Quadro 134 - Análise fonológica da variação 05 para HARPIA 251
Quadro 135 – Variações para BICHO-PREGUIÇA 253

Quadro 136 - Análise fonológica da variação 01 para BICHO PREGUIÇA 253
Quadro 137 - Análise fonológica da variação 02 para BICHO PREGUIÇA 254
Quadro 138 - Análise fonológica da variação 03 para BICHO PREGUIÇA 254
Quadro 139 - Análise fonológica da variação 04 para BICHO PREGUIÇA 254
Quadro 140 – Variações para PEIXE-BOI 256
Quadro 141 - Análise fonológica da variação 01 para PEIXE-BOI 257
Quadro 142 - Análise fonológica da variação 02 para PEIXE-BOI 258
Quadro 143 - Análise fonológica da variação 03 para PEIXE-BOI 258
Quadro 144 - Análise fonológica da variação 05 para PEIXE-BOI 259
Quadro 145 – Variações para BOTO 261
Quadro 146 - Análise fonológica da variação 01 para BOTO 261
Quadro 147 - Análise fonológica da variação 02 para BOTO 262
Quadro 148 – Variações para TAMANDUÁ-BANDEIRA 264
Quadro 149 - Análise fonológica da variação 01 para TAMANDUÁ-BANDEIRA 264
Quadro 150 - Análise fonológica da variação 03 para TAMANDUÁ-BANDEIRA 265
Quadro 151 - Análise fonológica da variação 04 para TAMANDUÁ-BANDEIRA 265
Quadro 152 – Variações para CUPUAÇU 267
Quadro 153 - Análise fonológica da variação 01 para CUPUAÇU 267
Quadro 154 - Análise fonológica da variação 02 para CUPUAÇU 268
Quadro 155 - Análise fonológica da variação 03 para CUPUAÇU 268
Quadro 156 - Variações registradas para BACUPARI/BACURI 270
Quadro 157 - Análise fonológica da variação 01 para BACUPARI/BACURI 271
Quadro 158 - Análise fonológica da variação 02 para BACUPARI/BACURI 271
Quadro 159 - Análise fonológica da variação 03 para BACUPARI/BACURI 272
Quadro 160 – Variações registradas para AÇAÍZEIRO 273
Quadro 161 - Análise fonológica da variação 01 para AÇAÍZEIRO 274
Quadro 162 - Análise fonológica da variação 02 para AÇAÍZEIRO 274
Quadro 163 - Análise fonológica da variação 03 para AÇAÍZEIRO 275
Quadro 164 - Análise fonológica da variação 04 para AÇAÍZEIRO 275
Quadro 165 - Análise fonológica da variação 05 para AÇAÍZEIRO 276
Quadro 166 - Análise fonológica da variação 06 para AÇAÍZEIRO 276
Quadro 167 - Análise fonológica da variação 07 para AÇAÍZEIRO 277
Quadro 168 – Variações registradas para ARAÇÁ-BOI 278
Quadro 169 – Variações registradas para BIRIBÁ 280

Quadro 170 - Análise fonológica da variação 01 para BIRIBÁ 281
Quadro 171 - Análise fonológica da variação 02 para BIRIBÁ 281
Quadro 172 - Análise fonológica da variação 03 para BIRIBÁ 281
Quadro 173 - Análise fonológica da variação 04 para BIRIBÁ 282
Quadro 174 - - Análise fonológica da variação 05 para BIRIBÁ 282
Quadro 175 - - Análise fonológica da variação 06 para BIRIBÁ 283
Quadro 176 - Variações para TUCUMÃ 285
Quadro 177 - Análise fonológica da variação 01 para TUCUMÃ 285
Quadro 178 – Variações registradas para GRAVIOLA 287
Quadro 179 - Análise fonológica da variação 01 para GRAVIOLA 288
Quadro 180 - Análise fonológica da variação 02 para GRAVIOLA 288
Quadro 181 - Análise fonológica da variação 03 para GRAVIOLA 288
Quadro 182 - Variações para PUPUNHA 290
Quadro 183 - Análise fonológica da variação 01 para PUPUNHA 291
Quadro 184 - Análise fonológica da variação 02 para PUPUNHA 291
Quadro 185 – Variação para INGÁ 292
Quadro 186 - Análise fonológica da variação 01 INGÁ 293
Quadro 187 - Análise fonológica da variação 02 INGÁ 294
Quadro 188 - Análise fonológica da variação 04 INGÁ 294
Quadro 189 – Variação para ACEROLA 296
Quadro 190 - Análise fonológica da variação 01 para ACEROLA 296
Quadro 191 - Análise fonológica da variação 012 para ACEROLA 297
Quadro 192 - Análise fonológica da variação 03 para ACEROLA 297
Quadro 193 - Sinal registrado para RONDÔNIA 299
Quadro 194 - Análise fonológica da variação 02 para 299
Quadro 195 – Variações para RIO MADEIRA 301
Quadro 196 - Análise fonológica da variação 01 para RIO MADEIRA 301
Quadro 197 - Análise fonológica da variação 02 para RIO MADEIRA 302
Quadro 198 - Variações para BOLÍVIA 304
Quadro 199 304
Quadro 200 – Variações para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ 306
Quadro 201 - Análise fonológica da variação 01 para EFMM 307
Quadro 202 - Análise fonológica da variação 02 para EFMM 308
Quadro 203 – Variações para as TRÊS MARIAS/TRÊS CAIXAS D`ÁGUA 309

Quadro 204 - Análise fonológica da variação 01 para AS TRÊS MARIAS 310
Quadro 205 - Análise fonológica da variação 01 para AS TRÊS MARIAS 310
Quadro 206 – Variação para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA 312
Quadro 207 - Análise fonológica da variação 01 para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA 312
Quadro 208 – Variações para INDÍGENA 314
Quadro 209 - Análise fonológica da variação 01 para INDÍGENA 314
Quadro 210 - Análise fonológica da variação 02 para INDÍGENA 315
Quadro 211 – Variações para BALSA 316
Quadro 212 - Análise fonológica da variação 01 para BALSA 316
Quadro 213 - Análise fonológica da variação 02 para BALSA 317
Quadro 214 – Variações para REDE 318
Quadro 215 - Análise fonológica da variação 01 para REDE 319
Quadro 216 - Análise fonológica da variação 02 para REDE 319
Quadro 217 – Variações para GARIMPO 320
Quadro 218 - Análise fonológica da variação 01 para GARIMPO 320
Quadro 219 - Análise fonológica da variação 02 para GARIMPO 321
Quadro 220 - Análise fonológica da variação 03 para GARIMPO 321

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18
2 ABORDAGENS TEÓRICA DA SÓCIOLINGUISTICA 24
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: FUNDAMENTOS E ABORDAGENS 24
2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS DIFERENTES FORMAS DE DIZER 28
2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS 30
3 AS LÍNGUAs DE SINAIS E O POVO SURDO 34
3.1 HISTORICIDADE DAS LÍNGUAS DE SINAIS 34
3.1.1 Percurso da Língua Brasileira de Sinais 42
3.1.2 Cultura Surda 50
4 ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FONOLOGIA E MORFOLOGIA 55
4.1 FONOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 55
4.1.1 Configuração de mão (CM) 56
4.1.2 Ponto de Articulação PA ou Locação L 59
4.1.3 Movimento (M) 63
4.1.4 Orientação (O) 66
4.1.5 Expressões não-manuais (ENM) 67
4.2 MORFOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 68
4.2.1 Processo de formação dos sinais 69
4.2.2 Derivação 71
4.2.3 Derivação Zero 73
4.2.4 Composição dos sinais em Libras 74
4.2.5 Flexão de Gênero 78
4.2.6 Iconicidade e arbitrariedade do sinal em Libras 79
4.2.7 Classificadores na Libras 83
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS 88
5.1 PESQUISA NA SOCIOLINGUÍSTICA 88

5.2 METODOLOGIA: UM CAMINHO PARA RESULTADOS POSSÍVEIS 90
5.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA A COLETA DE DADOS 92
5.2 CAMPO DA INVESTIGAÇÃO: O ESTADO DE RONDÔNIA 93
5.3 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS INFORMANTES SURDOS 96
5.3.1 O município de Guajará Mirim e os informantes surdos 96
5.3.2 O município de Porto Velho e os informantes surdos 100
5.3.3 O município de Vilhena e os informantes surdos 102
5.3.4 O município de Cacoal e os informantes surdos 106
5.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA 109
5.5 TRATAMENTO E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS 110
5.6 ANÁLISE DOS DADOS 116
5.6.1 Seleção dos dados 117
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 119
6.1 RESULTADOS E ANÁLISES DAS ENTREVISTAS: FATORES EXTRALINGUÍSTICOS 120
6.1.1 O gênero dos informantes das pesquisas 120
6.1.2 Escolaridade dos informantes 123
6.1.3 Faixa etária dos informantes 125
6.1.4 Naturalidade dos informantes da pesquisa 126
6.1.5 Situação socioeconômica dos informantes 127
6.1.6 O conhecimento sobre variação linguística 129
6.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DAS CATEGORIAS LEXICAIS 130
6.2.1 Categoria Lexical: Alimentos 130
6.2.1.1 Item lexical: AÇAÍ-NA-TIGELA 130
6.2.1.2 Item lexical: FEIJÃO TROPEIRO 138
6.2.1.3 Item lexical: PAMONHA 150
6.2.1.4 Item lexical: TACACÁ 162

6.2.1.5 Item lexical: MANDIOCA 167
6.2.1.6 Item lexical: TAMBAQUI 172
6.2.1.7 Item lexical: PIRARUCU 178
6.2.1.8 Item lexical: VATAPÁ 184
6.2.1.9 Item lexical: TAPIOCA 187
6.2.1.10 Item lexical: BOLO DE MANDIOCA 195
6.3.1 Categoria Lexical: Meios de transporte 198
6.3.1.1 Item lexical: ÔNIBUS 198
6.3.1.2 Item lexical: CAMINHÃO 203
6.3.1.3 Item lexical: TRATOR 206
6.3.1.4 Item lexical: CARROÇA 210
6.3.1.5 Item lexical: AVIÃO 215
6.3.1.6 Item lexical: BARCO 217
6.3.1.7 Item lexical: BICICLETA 220
6.3.1.8 Item lexical MOTOCICLETA 222
6.3.1.9 Item lexical: JERICO 225
6.3.1.10 Item lexical: CARRO DE PASSEIO 228
6.4.1 Categoria Lexical: Animais 230
6.4.1.1 Item Lexical: JACARÉ-AÇU 231
6.4.1.2 Item lexical ONÇA-PINTADA 232
6.4.1.3 Item lexical: SUCURI 237
6.4.1.4 Item lexical: CAPIVARA 241
6.4.1.5 Item Lexical: PACA 244
6.4.1.6 Item lexical: HARPIA 248
6.4.1.7 Item lexical: BICHO-PREGUIÇA 252
6.4.1.8 Item lexical: PEIXE-BOI 255
6.4.1.9 Item lexical: BOTO 260

6.4.1.10 Item lexical: TAMANDUÁ-BANDEIRA 263
6.5.1 Categoria Lexical: Frutas 266
6.5.1.1 Item lexical CUPUAÇU 266
6.5.1.2 Item lexical: BACUPARI 269
6.5.1.3 Item lexical: AÇAÍZEIRO 272
6.5.1.4 Item lexical: ARAÇÁ-BOI 277
6.5.1.5 Item lexical: BIRIBÁ 279
6.5.1.6 Item lexical: TUCUMÃ 284
6.5.1.7 Item lexical: GRAVIOLA 286
6.1.5.8 Item lexical: PUPUNHA 289
6.1.5.9 Item lexical: INGÁ 291
6.5.1.10 Item lexical: ACEROLA 295
6.6.1 Categoria lexical: Diversos 297
6.6.1.1 Item lexical: RONDÔNIA (estado) 298
6.6.1.2 Item lexical: RIO MADEIRA 300
6.6.1.3 Item lexical: BOLÍVIA 303
6.6.1. 4 Item lexical: ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ 305
6.6.1.5 Item lexical: TRÊS MARIAS 308
6.6.1.6 Item lexical: O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA 311
6.6.1.7 Item lexical: INDÍGENA 313
6.6.1.8 Item lexical: BALSA 315
6.6.1.9 Item lexical: REDE 317
6.6.1.10 Item lexical: GARIMPO 319
7 PARA FINS DE FECHAMENTO E OUTROS RECOMEÇOS 323
REFERÊNCIAS 326
ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP 338
APÊNDICE A - TERMO/REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO 343

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ 346
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA 347

1 INTRODUÇÃO

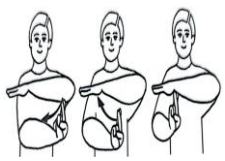
Antes mesmo de abordar e apresentar sobre a pesquisa realizada, apresento em breves palavras o meu interesse pela temática aqui desenvolvida.

Há alguns anos, pude presenciar algumas discussões acaloradas sobre a utilização de alguns sinais aqui nesta tese apresentados, principalmente o sinal para o estado de Rondônia. Não sei determinar datas exatas, porém essa primeira fase ocorreu em um curso de Libras – Língua Brasileira de Sinais, no município de Porto Velho, no ano de 2008, aproximadamente. A ministrante do curso, vinda do estado de São Paulo, utilizou um sinal[1] para se referir ao estado de Rondônia, a comunidade surda ali presente discordou do sinal utilizado, informaram a sinalizante que aquele sinal não era o sinal oficial do estado e sim um outro sinal[2], que ainda não constava no dicionário do autor Capovilla *at al*.

Outra situação simular foi uma discussão entre surdos do estado via grupo do *WhatsApp,* quando ouvintes (com conhecimento em Libras) e surdos de diversos municípios do RO integravam o referido grupo. Lembro-me bem de que foram esses os motivos que me aguçaram o interesse em pesquisar sobre variações linguística na Libras no estado de Rondônia.

Com relação ao referido grupo do *WhatsApp*, pude acompanhar uma grande desavença entre os surdos, houve muita falta de respeito para com o colega, insultos foram trocados, agressões verbais, devido um(a) surda do município de Ji-Paraná ter utilizado o primeiro sinal para se referir ao estado de Rondônia. Fiquei constrangida com a situação, devido a essa utilização "inadequada" do sinal, segundo os demais surdos. Toda essa situação me moveu em busca sobre o uso das variações linguísticas. Minha maior inquietação foi em relação ao conhecimento que os surdos possuem acerca dessas variações e, constantemente me questionava acerca da possibilidade de os surdos terem, ou não, conhecimento do que seria variação linguística. Acredito que se todos tivessem de fato o conhecimento sobre o que

---

1 

Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2473).

2 

Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2473).

é a variação, essas discussões não teriam fundamento e, portanto, não ocorreriam. Essa inquietação me motivou a desenvolver essa pesquisa intitulada “Variações linguísticas na Libras no contexto amazônico: um estudo no estado de Rondônia”. A provável hipótese é que muitos surdos passaram por um processo educacional em que não havia acesso ao ensino da Libras como primeira língua; ou seja, de comunicação e expressão. Diante desse fato, muitos sinais da Libras e conceitos não foram adquiridos, desta feita, muitos surdos desconhecem as variações dos sinais da Libras.

Antes mesmo de iniciar a pesquisa, em Cacoal, observei que muitos surdos desconheciam que a língua é dinâmica e está em constante transformação, e que seu léxico se amplia com o decorrer do tempo, influenciado por diversos fatores; bem como acontecem mudanças ou alterações em alguns dos sinais com os quais ela se constitui.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a língua de sinais, é a língua natural dos surdos, e apresenta estrutura e gramática próprias; sendo a Libras, a língua da maioria das comunidades surdas do Brasil. Além disso, as línguas de sinais, assim como as línguas orais, são consideradas coletivas e sociais, passando por processos contínuos e graduais de variação e mudanças, em decorrência de situações em que são empregadas, do grau de escolaridade, da intenção de quem a utiliza, da condição social e da região onde é utilizada.

Ressaltamos que a Libras, é a língua da comunidade surda brasileira, entendida como meio de interação entre surdos e ouvintes, compartilhando e participando de uma mesma língua, a qual é reconhecida oficialmente como língua da comunidade surda, em 24 de abril do ano de 2002, por meio da Lei 10.426, que a reconhece como língua capaz de difundir ideias e fatos, sendo aceita como meio de comunicação e expressão.

Em consonância com Quadros e Karnopp (2004), a Libras como língua natural, compreende todas as particularidades de uma língua, tais como os aspetos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmáticos; possui estrutura gramatical própria, cuja comprovação surgiu a partir das pesquisas pioneiras sobre as Línguas de Sinais, em especial na Língua Americana de Sinais (ASL), e que foi consolidade a partir das pesquisas de Willian Stokoe, por volta de 1960.

De acordo com as autoras supracitadas, somente anos mais tarde, a teoria de que a língua de sinais (LS) possuía gramática equivalente às línguas orais foi se instaurando e sendo aceita; pois acreditava-se que elas eram sistemas simples de comunicação, ou uma representação das línguas orais. Na visão dos linguistas da época, as línguas precisavam ser orais; e as LSs fugiam deste parâmetro, pois eram percebidas pela visão e efetivadas por meio das mãos e do corpo.

Em conformidade com Brasil (1997), a Libras desenvolveu-se no Brasil a partir do contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), trazida pelo professor francês Hernest Huet em 1857, cuja vinda ao Brasil se deu via convite de D. Pedro II. Com o objetivo de auxiliar no processo de escolarização dos surdos, o professor Hernest fundou a primeira escola para surdos do país, a qual está situada no Rio de Janeiro e em pleno funcionamento, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Nesse período, a comunicação dos surdos brasileiros foi se legitimando e ganhando suas próprias características e sinais. A língua francesa de sinais influenciou o léxico da Libras, do que decorre o fato de que alguns sinais da Libras são idênticos ao da LSF.

De acordo com Alkmim (2011), as línguas de sinais, assim como as línguas orais, são consideradas coletivas e sociais, passando por processos contínuos e graduais de variação e mudanças; em decorrência das situações em que são empregadas, do grau de escolaridade, da intenção de que a utiliza, da condição social e da região onde é utilizada. Desta feita, a Libras apresenta elementos que tornam seu uso peculiar em diferentes regiões, o que a legitima, ainda mais como língua, com a ocorrência de regionalismos. A Libras não é estática, seu léxico amplia-se com o decorrer do tempo, com alteração ou mudanças em sinais que a constituem.

Em conformidade com a autora supramencionada, a língua na comunidade linguística é empregada no estabelecimento de relacionamentos, ou seja, promover a interação social; assim sendo, "língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra". (Alkmim, 2011, p.26).

Toda língua é uma construção social e constitui-se como um processo heterogêneo, dinâmico e que está em constante transformação. A Libras como toda língua, também não é estática. Seu léxico se amplia com o tempo; bem como acontecem mudanças ou alterações em alguns dos sinais com os quais ela se constitui.

Esta pesquisa foi desenvolvida na área da Linguística, na linha de concentração Estudo de Processos de Variação e Mudança, a partir da proposição de Labov (1972). Deste modo, para o desenvolvimento da análise serão abarcados os fatores condicionadores propostos pela Sociolinguística Variacionista, com o objetivo geral de descrever linguisticamente as possíveis variações linguísticas presentes na Libras no estado de Rondônia quanto a sua composição morfofonológica. Com o intuito de alcançar o objetivo geral, voltamo-nos para a definição dos objetivos específicos:

(I) verificar o conhecimento que os surdos possuem sobre o que vem a ser a variação linguística e como/onde tiveram acesso pela primeira vez com a Libras;

(II) averiguar se há relação dos sinais da Libras com a cultura ouvinte local;

(III) averiguar qual o gênero, se masculino ou o feminino, apresenta mais variações e analisar o nível de influência da escolaridade nas ocorrências das variações.

Autores como Alkmim (2011), que defendem a língua enquanto construção social e, que de acordo com Labov (2008), veem e defendem que a língua tem um caráter social; sendo assim, que não existe língua fora da sociedade. Labov é o fundador da teoria variacionista, perspectiva teórica com a qual foi desenvolvida esta pesquisa. Autores ainda como Strobel (2008), abordam sobre cultura e identidade surda, Quadro e Karnopp (2004) sustentaram as discussões sobre fonologia e morfologia da Libras; Tarallo (1986) nos direcionou sobre a metodologia na perspectiva da Teoria Variacionista. Desse modo, esses e tantos outros autores foram essenciais nos processos de discussões desta tese.

Esta pesquisa nos possibilitará realizar uma descrição mais detalhada dos dados da Libras, o que representa, nesse viés, maior conhecimento sobre os aspectos morfofonológicos das variações registradas em Rondônia. Para tanto, inicialmente foi necessário discutir alguns tópicos essenciais para embasamento teórico; desta feita, esta pesquisa foi dividida em seis seções, as quais estão organizadas de maneira a possibilitar ao leitor a visão dos estudos e pressupostos que alicerçaram as análises presente no estudo.

Na segunda seção, refletimos acerca das bases teóricas para fundamentação desta pesquisa, partindo dos pressupostos da Sociolinguística defendida por Labov (1972), pois foi ele o estudioso que mais defendeu a relação entre língua e sociedade, e na possibilidade de sistematizar a variação existente que é particular da língua falada. Deste modo, a variação linguística está presente em toda sociedade, em conformidade com a época, região, grupos sociais e circunstância em que vivem. Nesse sentido, a seção, de modo geral, aborda questões relativas à variação linguística na Libras e sobre os primeiros pesquisadores das línguas de sinais.

Na terceira seção trazemos uma reflexão sobre a Língua de Sinais, que possui valor inestimável para os surdos, carregada de significados que lhes possibilitam transferência cultural, desenvolvimento cognitivo; permitindo, assim, que entendem e transformem o mundo, tornando-o acessível e habitável. Dialogamos sobre mitos e verdades que envolvem

as línguas de sinais e sobre a trajetória histórica dos surdos, para que possamos compreender os motivos das lutas dos surdos, que durante décadas se empenharam pelo reconhecimento cultural e por seus direitos enquanto cidadãos.

A quarta seção foi destinada para se discorrer, resumidamente acerca da estrutura linguística da Libras, destacando os aspectos fonológicos e morfológicos que a estruturam e constituem. Os estudos realizados por Stokoe (1960), na ASL (*American Sign Language*), revelaram sinais com composição dual, ou seja, "[...] unidades com significados (morfemas) e unidades sem significado (fonemas)". (Quadros e Karnopp, 2004, p.53). O pesquisador analisou a constituição dos sinais e propôs um esquema linguístico de decomposição (fonológica) do sinal, junto ao qual os parâmetros não possuem significados separadamente. Por outro lado, refletimos sobre o sistema de formação de palavras (sinais) que, em conformidade com Quadros e Karnopp (2004, p.86), apregoam que a morfologia trata do estudo "[...] da estrutura interna das palavras ou sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras [...]".

Na quinta seção, o texto destina-se aos pressupostos metodológicos, os quais direcionaram o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa feita, a presente pesquisa foi desenvolvida com base nas perspectivas teórica variacionista fundada por Labov, cujo modelo teórico trabalha com números e estatísticas dos dados reunidos, que de acordo com Tarallo (1986) a proposição desse método foi "uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo". (Tarallo,1986, p.07).

Em conformidade com Tarallo (1986), para a realização desta pesquisa no viés da Sociolinguística, primeiramente houve a escolha do tema e a delimitação do objeto de estudo. Na sequência, estipulou-se qual a comunidade de fala seria pesquisada (neste caso, comunidade surda), as características desta comunidade.

Foram selecionados quatro municípios do estado de Rondônia, dentre eles estão Guajará-Mirim, Porto Velho, Cacoal e Vilhena. A amostra foi composta por vinte e quatro informantes, sendo treze do gênero feminino, e onze do gênero masculino. A faixa etária dos informantes oscilou entre 18 e 48 anos, os quais possuem grau de instrução escolar que variam do ensino fundamental incompleto ao mestrado. Após a composição da amostra, as visitas aos municípios selecionados foram realizadas, as entrevistas foram gravadas em vídeo para posterior análise.

Para desenvolver a análise morfofonológica dos sinais da Libras no estado de Rondônia, com base nos pressupostos da linguística da Libras, foram selecionados cinquenta itens lexicais, dispostos em cinco categoria semânticas, os quais foram observados

individualmente, gravados, transformados em desenhos, regravados em vídeos (disponíveis nesta tese) e analisados.

Na última e sexta seção, são apresentados os resultados das análises, os quais corroboram e aprofundaram os estudos linguísticos da Libras sobre seus aspectos morfofonológicos. Ao achado buscam verificar o conhecimento que os surdos possuem sobre o que vem a ser a variação linguística, sondar se há relação dos sinais da Libras com a cultura ouvinte do estado de RO, averiguar qual gênero apresenta mais variações, e se o nível de escolaridade influencia a ocorrência das variações. Todas essas discussões nos favoreceram, consolidando os objetivos aqui propostos, os quais nos conduziram para a sustentação e defesa da tese de que, a maioria dos surdos desconhecem o que vem a ser variações linguísticas, o que pode gerar inúmeros impactos negativos na sociedade; ou seja, na comunidade surda, especificamente ao que se refere à inclusão, aceitação, respeito à diversidade e à comunicação.

.

2 ABORDAGENS TEÓRICA DA SÓCIOLINGUISTICA

Conforme Borin (2010), o homem é um ser social, portanto necessita se comunicar, o que ocorre de forma espontânea, por meio da fala individual do usuário da língua. O homem expressa suas ideias por meio da língua, que é o agente modificador de seu idioma, fixando marcas estabelecidas por novas situações. Desta maneira, destaca-se, que a língua é um meio de projeção da cultura de um povo. Ressalta-se que mudanças sociais produzem mudanças numa língua que, por sua vez, incorpora valores sociais.

Nesse contexto convém evidenciar que a Sociolinguística busca compreender a correlação entre língua falada e contexto social.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: FUNDAMENTOS E ABORDAGENS

Por séculos a linguística tem se destacado a inúmeras discussões sobre temáticas e questões relativas às origens, manifestações e transformações das línguas. Muito antes do século XIX, a partir dos pressupostos da Filosofia da Linguagem, Aristóteles e Platão já discutiam questões relacionadas à linguagem humana. Porém, há concordância de que, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, que dedicou suas pesquisas acerca dos fatos da linguagem, houve a difusão da Linguística enquanto ciências. Os estudos linguísticos passaram a ter caráter mais organizado a partir de Saussure, o qual definiu a língua como objeto primordial dos estudos linguísticos.

De acordo com Alkmim (2011), foi Saussure que definiu a língua em oposição a fala. Ele entendia a língua como um sistema subjacente à atividade da fala, um sistema invariável que poderia ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Entretanto, em 1916, com a publicação do livro Curso de Linguística Geral, Saussure reconhece que a língua é um fato social, no sentido de que se trata de um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.

Para Saussure, a constituição da língua é concedida ao homem por meio da linguagem, o que a caracteriza como um produto social. Todavia, Saussure não desenvolveu estudos na área; já que, para ele, a língua era uma estrutura fixa e imutável. Assim, após separar língua e fala, o pesquisador centraliza sua atenção na análise da língua, porque a linguística deveria ter "[...] por único e verdadeiro objeto, a língua, considerada em si mesma e por si mesma" (Saussure, 2006, p. 271)

Saussure buscou estudar fatores internos da língua, no âmbito da linguística sincrônica, deixando de lado os fatores externos, embora admitisse que essa manifestação da linguagem fosse um fenômeno social, o que causou polêmica entre os estudiosos da época. Segundo Marra da Silva (2012), o ex-aluno de Saussure, Meillet, de maneira autônoma, deu início a uma maneira diferente de olhar a língua, buscando englobar fenômenos sociais que contribuem para alterações em seus fatores internos. Assim, ainda que Saussure reconhecesse esses fenômenos, ele não desenvolveu nenhum estudo nesse sentido.

Porém, Meillett apresenta como seu inspirador Durkheim, pois, de acordo com Marra da Silva (2012), este introduziu uma visão diferente dos demais pesquisadores, uma vez que defendia a linguagem como a "a própria existência de grupo social". (Meillett, 1905/1906 *apud* Marra da Silva, 2012, p. 3). Meillett fez não a separação entre a língua e a fala, mas não ignorou que o indivíduo influenciasse a linguagem.

Mais tarde, por volta de 1929, Michail Bakhtin (1990) concordou com a tese da língua possuir caráter social, porém entendia que ocorria por meio de atos da enunciação em circunstâncias de interação verbal. Aproximadamente em 1960, Jakobson condenou a homogeneidade da língua, a qual Saussure defendia, por entender que havia várias situações e comunidades linguística, em que os sujeitos partilham de formas diversas e, conforme a finalidade e os objetivos de um contexto de convivência de comunicação, onde esses indivíduos optam por determinado código linguístico dentre variedade de outros.

Em 1957, foi publicado por Marcel Cohen o livro intitulado "Por uma sociologia da linguagem" sustentando que os fenômenos linguísticos se sucediam no contexto variável dos acontecimentos sociais. Para Meillet (1977) *apud* Alkmim (2011), a língua é, ao mesmo tempo, linguística e social. Nesse sentido, embora tenha optado pelas orientações diacrônicas dos estudos linguísticos, defendia que a história das línguas era inerente à história da cultura e da sociedade. Já para o linguista francês Benveniste, a linguagem constitui-se como uma atividade social que permite a comunicação entre os indivíduos e, portanto, é influenciada por fatores culturais, históricos e sociais.

Na relação língua e sociedade, Benveniste (1968) defendeu a tese de que é a língua que contém a sociedade, sendo aquela interpretante desta, função essa que é assegurada pelo fato de que a língua é "o instrumento de comunicação deve ser comum a todos os membros da sociedade" permitindo assim, "a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas". (Benveniste,1968, p.98). De acordo com esse autor, a língua é impreterivelmente o mecanismo próprio para descrever, conceitualizar e interpretar tanto a natureza, quanto a

experiência. Benveniste (1968) relaciona língua e sociedade como constituintes do homem, sendo essa relação óbvia e complexa sincronicamente.

Mediante tais reflexões sobre a relação entre língua e sociedade, é possível observar que há divergências entres diferentes autores; portanto fica perceptível que os estudos na sociolinguística validam de forma concludente a relação entre língua e sociedade. A Sociolinguística ou Sociologia da Linguagem, como foi denominada no início, são campos teóricos que têm por finalidade estudar a relação entre língua e sociedade e, embora haja compatibilidade teórica, manifestam distinção em relação a alguns aspectos importantes. Assim sendo, por esta razão, os estudiosos, após muitas discussões, optaram por denominar esta área de estudo de Sociolinguística e não mais de Sociologia da Linguagem.

Em consonância com Mendes (2023), a denominação Sociolinguística adveio após várias discussões tocantes ao tema sociedade e cultura, quando a interdisciplinaridade contextual do momento faz surgir e fortalecer tal designação. A fixação do termo Sociolinguística ocorreu em 1964, com Willian Labov, que desenvolveu um sistema de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, nomeando seu modelo como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Os primeiros estudos de Labov demonstram que a Sociolinguística tem como "objeto de reflexão e análise a própria estrutura e a evolução da linguagem no contexto social". (Silva, 2015, p. 20).

A autora supracitada corrobora que, em 1964 em decorrências a estes estudos publicados em uma conferência de Sociolinguística, organizada por William Bright, que foi realizada na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles); evento esse que foi um importante marco para os estudos na área; quando diversos estudiosos participaram e se estabeleceram, subsequentemente, em referências inveteradas na tradição dos estudos direcionados para as questões relativas à língua e à linguagem.

Labov (2008) defendia a língua como um fator social e que deveria ser estudada levando em consideração o contexto social e a estrutura da sociedade, uma vez que que é esse sistema que funciona como elemento e explica as variações e mudanças da língua. Com base nesse pressuposto, Labov foi reconhecido como o principal fundador da Sociolinguística Variacionista ou Laboviana

A Sociolinguística é um campo de estudo que abarca várias linhas de pesquisas que têm em comum o objetivo de analisar as relações entre língua e sociedade. Nesse sentido, a Sociolinguística se afasta das ideias estruturalistas e gerativistas que concebiam a língua uma estrutura homogênea, suscetível à aplicação de regras e a ser estudada fora do contexto social.

Permitindo uma nova abordagem, os estudos da Sociolinguística, “pressupõem a autonomia do sistema linguístico para depois proporem a inter-relação com o mundo social”. (Pagotto, 2006 p.51).

Coelho (2010) afirma que a Sociolinguística surge em oposição à Linguística do século XX, quando a língua era vista como homogênea, porém parte do princípio de que a variação linguística leva em consideração em suas análises, fatores externos.

Conforme Silva e Sousa (2017), a língua não é autônoma, a sociedade não se estabelece sem a linguagem, e a língua por sua vez não acontece sem a sociedade. A língua, assim como a sociedade, não é estática, sendo que em seu processo histórico passa por transformações significativas; ou seja, ela não existe por si só, num vácuo social. A língua é o reflexo de uma sociedade, ambas evoluem constantemente, nenhuma mudança ocorre num vácuo social. “Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos”. (Labov, 2008, p. 20). A língua não carrega em si somente valor linguístico, mas também questões históricas, sociais, culturais e ideológicas de seus falantes.

Dessa forma, a língua dentro da comunidade linguística é utilizada para estabelecer o relacionamento, ou seja, afirmar a interação social, deste modo, “língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra”. (Alkmim, 2011, p.26).

Portanto, para Alkmim (2011), a linguagem e a sociedade estão ligadas uma à outra de maneira indiscutível, relação essa que se constitui como o pilar que sustenta a formação do ser humano; ou seja, “a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua”. (Alkmim, 2011, p.21).

Essa relação não é posta em dúvidas por ninguém, porém deveria se fazer presente nas reflexões a respeito dos fenômenos linguísticos. Por isso, para que possamos entender melhor essa relação, precisamos voltar nosso olhar para a natureza histórica, principalmente ao que se refere ao contexto social de modo mais abrangente aos que se dedicaram a refletir o fenômeno histórico. Para tanto, faz-se necessário nos atermos aos pesquisadores que levaram em conta os fenômenos linguísticos, e como eles se expressaram favoráveis às teorias em concordância com o fazer científico da tradição cultural a que estavam incorporados.

Alkmim (2011) corrobora que “[...] em cada época, as teorias de linguagem, do passado ou atuais, sempre refletem concepções particulares de fenômeno linguístico e compreensões distintas do papel deste na vida social”. (Alkmim, 2011, p.22). Em cada

momento histórico, as teorias linguísticas definem de modo particular a natureza e as características mais importantes do fenômeno linguístico[3].

Vale ressaltar que o objetivo da Sociolinguística é o estudo da língua e sua relação com a sociedade, considerando os fatores externos à língua, como grupo social, idade, gênero, escolaridade entre outros. Desse modo, prioriza-se a língua em uso, que possui características de natureza dinâmica e heterogênea; objetiva-se, assim, estudar as relações entre o mundo linguístico e social.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: AS DIFERENTES FORMAS DE DIZER

No mundo existe uma grande variedade de línguas, as quais não existem por acaso, o que mostra sua grande relevância para vida em uma sociedade; dessa forma, a variação está por toda parte. Só no Brasil, de acordo com os dados divulgados no ano de 2017, pelo IPHAN (Património Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), existem cerca de 250 línguas faladas, dentre elas: as línguas indígenas, de migração, de sinais, a língua brasileira de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e suas variedades.

De acordo com Alkmim (2011), ao se estudar uma comunidade linguística, é possível notar de imediato a existência de diferentes maneiras de falar a mesma coisa; ou seja, toda e qualquer comunidade é caracterizada por diferentes modos de falar a mesma coisa. Alkmim (2011) afirma que:

> Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. (Alkmim, 2011, p. 32).

A variação é um processo inerente às línguas naturais, ela retrata as diferenças socioculturais, porém não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico, nem afeta a viabilidade de comunicação entre os falantes, pois as variações são ricas em significados sociais. As línguas passam por mudanças todos os dias, o tempo todo. Desta feita, os membros de uma comunidade linguística compartilham experiências que derivam de várias equivalências e diferenças na maneira de falar; assim sendo, a Sociolinguística busca conceituar essas diferentes maneiras de falar como "variação linguística".

A sociolinguística desenvolve estudos na área da variação linguística a partir de dois pontos de vista, o diacrônico e o sincrônico. Na perspectiva do diacrônico (histórico),

[3]De acordo com Furtado *at. al*., (2006) "A língua e a linguagem são fenômenos que fazem do homem um ser de interação sociocultural".

estabelecem-se dois momentos de uma língua, a descrição e distinção das variantes em desuso (arcaísmo). Porém, no prisma do sincrônico (mesmo plano temporal), busca-se analisar o objeto sobre três pontos de vista: geográfico (diatópico), social (diastrático), estilístico (contextual ou diafásico).

A variação linguística está presente em toda sociedade e em conformidade com a época, região, grupos sociais e circunstância em que os indivíduos vivem. A variação diacrônica (do grego "dia" = "através de" e "khronos" = "tempo") é a variação que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. "Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, pois [...] As mudanças temporais são parte da história da língua". (Alkmim, 2011, p.33). Desta feita, a variação histórica é aquela que passa por transformações através do tempo, como por exemplo "VOSSA MERCÊ", "VOSMECÊ" e "VOCÊ".

A variação geográfica, regional ou diatópica (do grego "dia" = "através de" e "topos" = "lugar") é aquela por meio da qual é possível identificarmos a origem da pessoa por meio de sua fala que, geralmente possuem padrões lexicais característicos, entonacionais e particularmente traços fonológicos próprios de uma determinada região.

Decorrente da cultura de cada região, a variação geográfica está relacionada ao espaço em que o falante está incluído. Nesse sentido, "A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origem geográficas distintas". (Alkmim, 2011, p.34). A palavra "abóbora", por exemplo, em algumas regiões é chamada de "jerimum".

As variações linguísticas são resultantes das experiências de cada indivíduo e, por isso, estão relacionadas à constituição do indivíduo, a forma de inserção social ou relacionadas à profissão. A variação social ou diastrática (do grego "*dia" "através"* do latim *"stratum" = "camada = estrato")* está relacionada a um grupo específico de pessoas. Conforme Alkmim (2011):

> A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (Alkmim, 2011, p. 33).

Por conseguinte, é importante que o falante saiba que há diferenças entre os falares, não existe 'certo' ou 'errado'; porém diferentes maneiras de dizer a mesma coisa, estar ciente de que não há uma língua única, e que há fatores na sociedade que influenciam esses falares específicos de cada comunidade de fala. Cabe a cada indivíduo saber transitar entre os

diferentes modos de falar, conforme o conhecimento do outro falante, respeitar as diferenças e adequar o modo de falar.

A variação estilística (do grego "dia" *"através" e* "*phasis*" = expressão modo de falar) se manifesta em diversas situações comunicativas em nosso cotidiano. Em contextos que exigem um grau maior de formalidade, por exemplo, temos mais cuidado e usamos uma linguagem mais elaborada, ou o registro formal, porém em situações menos formais, usamos uma linguagem coloquial, ou o registro coloquial.

De acordo com GörskI e Coelho (2009,) são os domínios em que se dão as práticas sociais que regulam a variação estilística, os papéis sociais envolvidos e os tópicos. As autoras corroboram que a "variação, portanto, é inerente à fala e à própria comunidade de fala e está relacionada aos diferentes papéis sociais exercidos por cada um dos informantes". (Görski; Coelho, 2009, p. 78).

Desta maneira, esse tipo de variação, demostra que um mesmo falante utilizará formas diferentes de se expressar, dependendo da situação de comunicação em que se encontra; ou seja, suas escolhas são realizadas durante o processo de interação, em que o falante escolhe como irá se relacionar com o outro.

De acordo com GörskI e Coelho (2009), todas as línguas são compatíveis às necessidades e características da cultura a que servem e, da mesma forma, válidas como instrumentos de comunicação social; sendo, pois, inadmissível, afirmar que uma língua ou variedade linguística é superior ou inferior a outra.

2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

No Brasil, as comunidades surdas utilizam-se da Libras para a comunicação. Segundo Brasil (2002), a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, reconhece a Libras enquanto língua, como forma de comunicação e expressão, apresentando um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria que se constitui como um sistema linguístico utilizado com a finalidade de transmissão de ideias, opiniões e acontecimentos originados nas comunidades surdas existentes no Brasil. (Brasil, 2002).

A sociolinguística é de suma importância para compreender que a dimensão social é um ponto fundamental para entender uma língua, destacando-se que, antes de tudo, que a língua utilizada pelo indivíduo, é social. Sendo assim,

> [...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro

> modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Labov, 2008, p. 21).

A língua não existe fora da sociedade, não acontece num vácuo social, mas sim numa relação de interação com a sociedade, processo esse em que uma reflete-se na outra, num sistema de influências. A língua retrata a sociedade, esta não é fixa; ou seja, está em constante evolução e, da mesma forma, à língua porque ambas se movimentam, transformam-se e mudam num processo constante de interação. Desta feita, a evolução linguística não acontece por si só, ela não é autônoma, fazendo assim parte de processo de interação social.

Uma comunidade tem seu desenvolvimento linguístico relacionado à vida social, às influências sociais que atuam sobre a língua, propagando-se na língua da comunidade, do que decorre uma interrelação entre elas e, assim, desta forma, desta forma, tanto uma quanto a outra vivem em um processo de constante transformação.

A Libras possui todos os outros aspectos gramaticais que as demais línguas, tais como Morfologia, Sintaxe, Semântica e Pragmática; cada um com sua riqueza e complexidade. Felipe (2006) aponta que a Libras apresenta estrutura gramatical própria com os mesmos elementos construtivos da construção gramatical das línguas orais.

Os cinco parâmetros podem expressar morfemas por meio de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal que, via alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais. (Felipe, 2006, p. 202).

Nesse mesmo viés, Strobel e Fernandes (1998) asseguram que, na maior parte do mundo, há pelo menos, uma língua de sinais usada de forma ampla nas comunidades surdas de cada país, mas há também ocorrências de variações da língua de sinais que se manifestam numa mesma área geográfica. As autoras supracitadas afirmam que as línguas de sinais também se modificam conforme o tempo; evoluindo e se revelando como produto histórico-social.

Entende-se, pois, que a variação linguística compreende mudanças que acontecem na utilização da língua relacionadas ao tempo, ao espaço e à situação de comunicação; das quais se originam as denominadas variantes linguísticas ou variações linguísticas, o que também acontece na Libras. Ocorrendo em todos os níveis de funcionamento da linguagem, deste modo, a variação linguística é marcada pela maneira como indivíduo usa a língua em situações de comunicação. Assim sendo, as variações na língua ocorrem influenciadas por

fatores culturais de cada comunidade linguística, região, nível de escolaridade e idade entre outros fatores.

Conforme Baggio e Nova (2017), as variantes de prestígio indicam a norma culta padrão; por outro lado, as variantes estigmatizadoras e os dialetos não apresentam uma hierarquia linguística. Para os estudos linguísticos não existe uma relação de superioridade ou inferioridade entre uma ou outra variação; a determinação de escolha de uma variante de prestígio sobre a variante estigmatizadora ocorre por influência sociopolítica e econômica da pessoa que a utiliza.

Strobel e Fernandes (1998) corroboram que na Libras também ocorrem as variações linguísticas que passam por mudanças ao serem influenciadas pelos fatores sociais, históricos e regionais. As regionais provêm da relação com o local onde o sinal é utilizado; ou seja, existe a utilização de sinais diferentes com o mesmo significado, dependendo da região.

As autoras enfatizam que as variações sociais correspondem à configuração das mãos e/ou movimento, em conformidade com a utilização do sinal pelo emissor. De acordo com as autoras supracitadas, as variações históricas sofrem modificações com o decorrer do tempo, conforme os costumes das gerações que as utilizam.

Assim como todas as línguas orais, as línguas de sinais também passam por um processo contínuo e gradual de variação e mudanças; seja pelo contato com outras línguas de sinais, ou orais, seja por motivos internos, ou externos. Desse modo, sua utilização pode sofrer variações decorrentes da situação em que são empregadas, do grau de escolaridade do sinalizante, da intenção de quem a utiliza, da condição social e da região onde são utilizadas.

No Brasil, podemos perceber inúmeras variações do idioma materno dependendo da região do país. Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas de sinais. (Felipe, 2008, p. 20).

Os fenômenos de criação de novas palavras e do desuso de outras, verificados nas línguas orais; também são identificáveis nas línguas de sinais. Nessa perspectiva Felipe (2008) reafirma o pressuposto de que, como em qualquer outra língua, a Libras também apresenta esses fenômenos, elementos esses que particularizam seu emprego entre as diferentes regiões, e que a legitima, ainda mais como língua, dada a ocorrência de

regionalismos. É por isso que Strobel e Fernandes (1998) relatam que, dentro de um mesmo país, há variações regionais na Libras.

Por conseguinte, o surdo de uma comunidade, em contato com surdos de outras comunidades modificam os sinais que utilizam na comunicação em seu cotidiano. Essas mudanças podem ser percebidas pelo contato entre os sinalizantes de diferentes regiões, bem como pela ampliação do universo cultural e pela evolução no processo de instrução formal. Faz-se necessário ter em mente que toda língua é uma construção social e constitui-se, pois, como um processo heterogêneo, dinâmico e que está em constante transformação. A Libras, como toda língua, também não é estática. Seu léxico se amplia com o tempo; bem como acontecem mudanças ou alterações em alguns dos sinais dos quais ela se constitui.

A Libras exerce grande importância para a comunicação entre os surdos e surdos, entre surdos e ouvintes; pois, sem essa língua, o processo de comunicação tornar-se-ia limitado e aumentariam as dificuldades na inclusão dos surdos como membro da sociedade atual para que pudessem exercer seus direitos de cidadão.

3 AS LÍNGUAS DE SINAIS E O POVO SURDO

Nesta seção abordar-se-á acerca da Língua de Sinais e sobre o percurso histórico dos surdos, para que assim possamos compreender as lutas do povo surdo para conquistar o reconhecimento cultural e a validação de deus direitos enquanto cidadãos; uma vez que não podemos deixar de entender que toda e qualquer língua está sempre atrelada a uma determinada cultura.

Este trabalho não pretende descrever minuciosamente a trajetória histórica sobre os surdos e da Língua de Sinais, porém promover uma breve contextualização, o que nos possibilitará entender a trajetória histórica desse povo.

3.1 HISTORICIDADE DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Ao adentrarmos no campo das discussões sobre a história das línguas de sinais, primeiramente vamos abordar sobre a Língua de Sinais Cistercienses. Essa língua, também conhecida como gestos monásticos, é um sistema de comunicação utilizado pelos monges da Ordem Cisterciense, uma ramificação da Ordem Beneditina da Igreja Católica Romana. Conforme Barakat (1975), as Línguas de Sinais Cistercienses foram desenvolvidos dentro dos mosteiros cistercienses, como forma de comunicação utilizada nesses espaços na realização dos serviços religiosos e em outras atividades desenvolvidas no cotidiano dos monges.

De acordo com Reily (2007), a vida nos mosteiros no século IV d.C. era uma nova forma audaciosa para os cristãos. O sacrifício para os devotos simbolicamente significava graça pelos pecados cometidos, traçando o caminho da salvação. Como não eram mais jogados aos leões, foi preciso estabelecer novas alternativas autoimpostas como forma de sofrimento: o jejum, vida secreta, o trabalho árduo, o isolamento social e o silêncio.

Para imitar a prática dos santos eremitas do deserto egípcio, os devotos viviam em mosteiros para buscar a perfeição por meios de sacrifícios. Viver isolado no mosteiro caracterizava-se como um reduto de penitência e, mesmo os mosteiros apresentando muitas exigências, a quantidade desses espaços cresceu rapidamente.

A autora referenciada corrobora que, conforme os mosteiros foram crescendo, surgiram necessidades de se estabelecer normas de convivência e trabalho, pois esses ambientes não recebiam apenas os noviços, por serem comunidades monástica eram independentes, recebiam também artesãos e trabalhadores em todas as esferas para a

subsistência básica, conforme os padrões de simplicidade daquela opção de vida; assim, para manter a ordem, foram instituídas regras, dentre elas o voto do silêncio.

A prática do silêncio pelos monges cistercienses ocorria como forma de contemplação e devoção espiritual; desse modo, o exercício do silêncio, dentro de alguns mosteiros, foi adotada como prática cotidiana, pois de acordo com os registros de Barakat (1975) para os monges, a facilidade de falar os levaria ao pecado, para tanto se baseiam nos princípios bíblicos, “Se alguém entre vós supõe ser religioso, e não refreia a sua língua, mas engana o seu coração, a religião desse é vã”. (Bíblia, Tiago 1:26). Assim posto, era crença que o silêncio traria aos monges a purificação espiritual, e os auxiliaria na consecução do objetivo de extinguir da vida anterior.

Barakat (1975) corrobora que no século IV d.C. São Pacômio alertava os monges quanto ao falar à mesa, “Se falta algo necessário à mesa ninguém deve ousar falar, mas deve fazer um sinal ao servidor por meio de um som”. Tradução [4]" (Barakat, 1975, p.77).

Desta forma, a Língua de Sinais Cisterciense era fundamental para manter o silêncio, mesmo quando havia a comunicação entre os monges, esse processo era realizado por meio de sinais que permitia se comunicarem de forma discreta, silenciosa e eficaz, sem que houvesse a interrupção da atmosfera de tranquilidade dos mosteiros. Barakat (1975) nos relata que o silêncio deveria ser mantido de forma ininterrupta nos mosteiros, incluindo locais como a capela, o claustro (pátio), o dormitório, o oratório, o refeitório, as escadas, os períodos de trabalho e as horas de leitura; assim, o silêncio deveria ser mantido do amanhecer ao anoitecer.

O autor supracitado relata ainda que em tempos modernos, a tradicional doutrina do silêncio foi desfiada por uma maior demanda da necessidade de fala, embora ela tenha sempre sido permitida quando necessária e relevante, porém se utilizada em excesso poderia infringir o silêncio do mosteiro. A fim de evitar maiores transtornos, a Língua de Sinais Cistercienses foi mantida, resguardando assim, a atmosfera do silêncio, que é essencial ao mosteiro, pois de acordo com o autor supracitado, a Ordem reconheceu que o excesso de comunicação oral traria problemas. Assim sendo, votou-se para manter o uso dos sinais e preservar o silêncio.

Barakat (1975) ressalta que o homem deve ter um meio de expressão, se não for a língua oral, que seja a língua visual. Com objetivo de não perderem os sinais criados pelos monges como intuito de desenvolverem a comunicação silenciosa, foram criadas listas de

[4] If something necessary is lacking at table no one is to dare to speak, but he makes a sign to the server by a sound.

registro dos sinais, que variavam de 55 a 472. A existência dessas listas demonstra que os sinais eram importantes para manter a comunicação do silêncio entre os monges. O autor supramencionado ressalta que, o inventário era relativamente pequeno, porém quanto menor a lista, maior era a restrição à comunicação. Barakat (1975) evidencia que as lista se sinais variavam de mosteiro para mosteiro, dependendo da severidade da regra a ser seguida.

Alguns sinais cistercienses



animal
place middle joint of right forefinger sidewards on tip of nose and move

[5]

Fonte: Barakat (1975, p. 156)

beautiful
pass palm of right hand downward in front of face; right elbow is at right angle to side of body



[6]

Fonte: Barakat (1975, p. 158)

Stokoe (1987) defendia que os sinais monásticos tinham um léxico limitado, pois estava baseado grãos, frutas, legumes e outros alimentos os quais seriam sinais o suficiente para manter o silêncio nos mosteiros por boa parte do tempo, e que um léxico acrescido com nomes de vestimentas e artigos litúrgicos teria pouca utilidade para um surdo educado e herdeiro de terras.

Martins (1987) reforça que o léxico dos sinais usados nos mosteiros evidencia uma particularidade referente ao cotidiano direcionado às práticas religiosas, tais como funções desempenhadas por membros da comunidade e objetos litúrgicos.

[5] **Tradução: Animal** – "coloque a articulação média do dedo indicador direito lateralmente na ponta do nariz e mova dedo curvado para cima e para baixo".

[6] **Tradução: Lindo (a) -** "Passe a palma da mão direita para baixo na frente do rosto; o cotovelo direito está em ângulo reto com o lado do corpo."

Reyli (2007) afirma que as listas de sinais monásticas arcaica examinadas por ela eram compostas predominantemente por substantivos, poucos pronomes, adjetivos, advérbios, verbos e não continha preposições ou conjunções. A autora ressalta que "Não tenho dúvida de que a língua de sinais dos mosteiros funcionava de maneira muito diferente das línguas de sinais primárias constituídas por surdos". (Reyli, 2007, p. 319). Segundo a autora citada anteriormente, os sinais eram empregados em momentos de trabalho manual, quando o contexto era essencial e garantiria a compreensão dos sentidos em situações de ambiguidade.

Contudo, a autora reforça que, para os surdos, a língua de sinais adquiriu *status* de língua, com gramática própria, com movimentos, expressões faciais e corporais que incorporam os sentidos. A autora ressalta que há registros em documentos que evidenciam que no período monástico, os deficientes[7] perambulavam pelos feudos e conseguiam abrigo em mosteiros por poucos dias, fator esse que, de acordo com a autora, teria possibilitado a migração dos sinais usados nos mosteiros para a educação de surdos de maneira fácil. Portanto, de acordo com a autora "Não seria duvidoso que surdos se agrupassem nesses bandos, e nessa peregrinação conhecessem sinais monásticos que incorporariam ao seu repertório linguístico [...]". (Reyli, 2007, p. 320). A autora ressalta que esses sinais provavelmente não teriam a função de interação no dia a dia dos surdos, entre eles e entre surdos e ouvintes.

Conforme Chói (2011), a educação dos surdos teve marco inicial na Espanha no século XVI quando crianças, filhos de famílias com mais recursos financeiros eram ensinadas de forma individual por tutores.

Pedro Ponce de León (1520-1584), monge beneditino da Onã, na Espanha, foi um dos tutores que mais se destacou nessa fase. Foi reconhecido como o primeiro professor de surdos. De acordo com Reyli (2007), o trabalho de León foi alicerçado a partir dos ensinamentos aos filhos surdos, de um casal da aristocracia espanhola; casal esse que teve nove filhos, dos quais quatro era surdos, sendo dois meninos e duas meninas, os quais foram enviados para o convento. A autora relata que entre as quatro crianças provavelmente ocorreu o desenvolvimento de sinais utilizados em casa e que possibilitava a comunicação entre eles, os quais encontraram reconhecimento nos sinais cistercienses. A autora corrobora que Pedro Ponce de León foi designado para cuidar da educação dos meninos; no entanto, nessa ocasião,

[7] Existem documentos (bem como iluminuras) que registram que, no período monástico, os "tolos e inocentes" (loucos e deficientes mentais) (Reyli, 2007, p.319)

quando ocorreu a hibridação histórica dos sinais monásticos com os sinais que essas crianças surdas já haviam desenvolvido.

León foi reconhecido nacionalmente pelo trabalho desenvolvido; deste modo, outros filhos de nobres deveriam se educados e assumir publicamente o papel de herdeiros da família. Reyli (2007) narra que, conforme testemunhas, León ensinava os surdos a falarem, utilizava o alfabeto manual sinalizado com as duas mãos e fazia junção dos sinais usados pelos monges beneditinos que viviam em silêncio, embora isso nunca tenha sido confirmado. A autora relata que há suspeitas de que León tenha se encontrado com Yebra, mesmo pertencendo a Ordens distintas, pois ambos se relacionavam com a nobreza da corte espanhola. Consoante a Reyli (2007), León faleceu em 1584, antes de Yebra publicar os alfabetos manuscritos, os quais provavelmente circulavam nos mosteiros da Espanha.

León desenvolveu sua metodologia de ensino, porém uma das páginas da escrita desenvolvida por ele supostamente foi perdida, justamente aquela em que havia desenhado o alfabeto manual.

Veloso e Maia (2013) relatam que Juan Pablo Bonet (1579-1623) ensinava por meio do treinamento da fala e do uso do alfabeto manual; porém, Reyli (2007) relata que esse alfabeto era muito similar ao que hoje circula no Brasil. Bonet fez muito sucesso com o seu método de ensino tanto que foi nomeado pelo Rei Henrique IV como "Marquês de Frenzo". Bonet publicou "*Reduccion de las letras y artes para ensenãr a hablar a los sordos*", o primeiro livro sobre a educação de surdos, em que revela seu método de ensino. Ele ensinava os surdos por meios dos sinais para chegar à escrita e, como etapa final, a articulação da fala, pois ele era contra a utilização de sinais na comunicação dos surdos.

Na história da educação de surdos, o abade Charles Michel de l'Épée tem destaque por ter reconhecido que o ponto de partida para o ensino do surdo era a utilização dos sinais. Na abordagem de Moura (2000), na França, Charles-Michel de L'Epée (1712-1789) aprendeu LSF (Língua de Sinais Francesa) nas ruas de Paris com os surdos; assim, reconhecendo-a como língua, passou a divulgá-la e a valorizá-la, mostrando à sociedade da época que mesmo os surdos não falando, eram humanos. Fundou a primeira escola para surdos, passando o processo educativo dos surdos de individual para coletivo, para todas as classes sociais e não só para os abastados como até então era.

L'Epée foi duramente criticado pelos oralistas da época; mesmo assim, publicou o primeiro dicionário de sinais no qual defendia que "[...] a língua de sinais constitui a linguagem natural dos surdos e que é um verdadeiro meio de comunicação e desenvolvimento do pensamento". (Veloso; Maia, 2013, p.33). Ademais, buscou instruir os surdos em sua casa,

combinando a LS e a gramática francesa sinalizada, nomeada de “Sinais Metódicos”, realizando, também, estudos sobre a língua de sinais.

Com a implantação de escolas para surdos, conforme iam se formando, eles passavam a ser multiplicadores da educação de surdos por meio da LS, fundando escolas para surdos no mundo. O abade L’Epée defendia o método visual e, na ocasião de sua morte, já havia 21 escolas fundadas na França e Europa voltadas para essa modalidade de ensino.

Voltando um pouco no tempo, ainda nos anos 384-322 a. C., o filósofo Aristóteles (384 - 322 a.C.) acreditava “que quando uma pessoa não verbalizasse, consequentemente não possuía linguagem e tão pouco pensamento”. (Veloso; Maia, 2013, p.28). Partindo deste pressuposto, os surdos não eram considerados humanos, pois para a igreja, quem não confessasse seus pecados oralmente, era proibido de receber comunhão; além disso, não tinham direitos de se casarem, eram proibidos por lei de receber herança e votar. O filósofo considerava absurda a ideia de ensinar os surdos a falarem. Desse modo, segundo Veloso e Maia (2013), o abandono, o isolamento e a rejeição traziam aos surdos, muitos sofrimentos e exclusão social.

Conforme os autores citados acima, na Idade Média em Roma, os surdos eram considerados indivíduos castigados ou enfeitiçados. Para resolver a situação, eram eliminados ou abandonados, sendo eles jogados no Rio Tiger e só conseguiam sobreviver os que sabiam nadar ou eram escondidos pelos pais, porém eram situações raras de acontecer. Outro fato é que os surdos também eram escravizados, sendo obrigados a passarem a vida inteira dentro de um moinho de trigo empurrando manivelas. Nesse período, aconteceu algo interessante, surgiu o Código Justiniano, junto ao qual os estudiosos começaram a buscar sobre os graus de deficiência auditiva, porém os surdos ainda não podiam ser educados.

De acordo com Moura (2000), no século XIV, o advogado Bartollo Della Marca d’ Âncora defendeu, pela primeira, a probabilidade de os surdos serem educados por meio da língua de sinais ou da língua oral. Ainda na Idade Moderna, conforme Veloso e Maia (2013), Girolano Cardano (1501-1576), médico filósofo, assegurava que o surdo possuía habilidade para a razão e ressaltou que “[...] a surdez e mudez não é impedimento para desenvolver a aprendizagem e que o meio melhor dos surdos aprenderem é através da escrita [...]”. (Cardamo *apud* Veloso; Maia, 2013, p. 29).

Consoante a Sacks (2010), era revolucionário o conceito de que a compreensão das ideias não se baseava em ouvir palavras. Esse novo olhar para a surdez trouxe mudanças na história dos surdos. Cardamomo, ao ensinar os surdos, utilizava-se da LS e da escrita, esse

interesse desperto pelo estudo do ouvido, nariz e cérebro decorria do fato de que ele tinha um filho surdo.

Na visão de Moura (2000), John Bulwer (1606-1656) médico britânico, muito conhecido por seus estudos com surdos, ao observar dois surdos conversando em LS compreendeu que a língua de sinais era essencial na educação dos surdos; desse moto, foi o primeiro inglês a elaborar uma metodologia de comunicação entre ouvintes e surdos. E, ainda que acreditasse LS fosse universal e seus elementos constituídos por ícones, Bulwer, ratifica que a LS era capaz de apresentar os mesmos conceitos que as línguas orais.

Em conformidade com Moura (2000), na Alemanha, Samuel Heinicke (1729-1790), privilegiava a língua da maioria, a língua oral. Heinicke acreditava que a única forma de educação dos surdos deveria ser efetiva por meio das palavras faladas, defendo que, se os surdos usassem os sinais, tais procedimentos os inibiria no processo da fala. Assim, ele acreditava que somente por meio da fala os surdos poderiam ocupar um lugar na sociedade, fator pelo qual sempre defendeu o método oral, recusando-se ao uso dos sinais. Nessa linha de pensamento, em 1778, ele fundou a primeira escola de oralismo puro na Alemanha.

Segundo Veloso e Maia (2013), na Inglaterra Thomas Braidwood (1715-1806) usava o alfabeto manual e a língua escrita; posteriormente incentivando seus alunos à pronúncia de palavras inteiras, valorizava a leitura orofacial.

Antes de 1750, os estudos realizados na área da surdez tinham como finalidade atender à classe dos nobres, não se estendendo aos filhos dos menos favorecidos. A partir desta data, originaram-se projetos para o desenvolvimento de escolas especiais para crianças inválidas. Logo, a primeira escola particular para surdos foi fundada na Inglaterra. Em 1783, Tommaso Silvestri (1744-1789), em Roma, fundou a primeira escola para surdos, utilizando-se tanto do ensino da fala como também da leitura labial, e utilizando-se dos sinais como principal forma de comunicação. Em 1792 em Bermondsey, Londres, fundou-se a primeira escola pública para surdos pobres em que se separava os surdos de outras crianças consideradas inválidas

Moura (2000) relata que, na Idade Contemporânea, o médico cirurgião e psiquiatra francês Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838) se tornou médico residente no Instituto Nacional de Surdos em Paris. Itard estudou junto com Philipe Pinel, adepto das ideias do filósofo Condillac, e conforme Veloso e Maia (2013), para ele “as sensações eram a base do conhecimento humano, e reconhecia que somente a experiência externa como fonte de conhecimento”. (Veloso; Maia, 2013, p.34). Com base nesse pressuposto, era necessário diminuir ou erradicar a surdez, pois só assim o surdo teria acesso ao conhecimento.

A autora supracitada ressalta que, com Philipe, a surdez passa a ser considerada doença e, assim, suscetível a tratamento para sua erradicação. Nesse sentido, buscando-se a "cura", toda experiência era procedente, assim Itard cometeu as mais absurdas torturas dentro dos ouvidos dos surdos: fraturou crânios de alguns surdos, usou sanguessugas, furou membranas timpânicas, aplicou choques elétricos. Todas as tentativas de Itard foram frustradas, culpando assim a LS usada nas escolas como propulsora de seu fracasso.

Em 1817 foi fundada a primeira escola para surdos nos Estados Unidos. Conforme Veloso e Maia (2013), Alexander Grahn Bell (1874-1922) defendia o oralismo puro, julgava que a LS era inadequada e insignificante à fala, deveria ser usada apenas como apoio da língua oral. Em 1873, conheceu uma surda em Boston com quem se casou em 1877.

Em 1880, durante o II Congresso Internacional de Educação do Surdo, que aconteceu em Milão, na Itália; o oralismo foi reconhecido como o único método para a educação dos surdos e o uso dos sinais passou a ser proibido em seus processos de comunicação.

O Congresso de Milão, em 1880, conforme Moura (2000), tinha representantes da Grã-Bretanha, Itália, EUA, Canadá, França, Bélgica, Rússia e Suécia; quase todos os representantes eram ouvintes e somente um surdo participou do congresso. Durante a realização do congresso, a intenção não era discutir métodos para o ensino de pessoas surdas; porém, dada à urgência de ratificar a necessidade de permuta da LS para a língua oral nacional, os sinais foram abolidos completamente e a LS proibida oficialmente, sob a alegação de que os surdos não falavam porque eram preguiçosos e, por isso, preferiam a LS.

A língua oral deveria ser dominada pelo surdo como condição de aceitação dentro de uma comunidade majoritária. Após muitas discussões entre os defensores do oralismo e da língua de sinais no Congresso de Milão, o Oralismo tomou conta de toda a Europa. Conforme Veloso e Maia (2013), "O Congresso de Milão transformou a fala de uma comunicação em uma finalidade de educação". (Veloso; Maia, 2013, p.46)

Moura (2000) enfatiza que, embora a língua de sinais tenha sido proibida na educação dos surdos, ela continuava a ser utilizada por surdos adultos e em escolas residenciais especiais. Associações de surdos foram criadas e objetivavam servir de ponto de referência para outros surdos. Os surdos sofreram várias consequências com a proibição da utilização da língua de sinais; o baixo rendimento escolar era um deles e impossibilitava o prosseguimento de estudos no nível universitário. Sendo assim, com o treinamento da fala, houve a descaracterização do espaço escolar, transformando-o de espaço de ensino, de troca e ampliação do conhecimento, em centros terapêuticos.

O império oralista durou quase cem anos. Somente com o Congresso Mundial de Surdos, em 1971, realizado em Paris, a LS voltou a ser valorizada mediante a apresentação de resultados de pesquisas utilizando-se do "Método da Comunicação Total"[8] que foram realizadas nos EUA.

Atualmente a educação para surdos por meio da LS é resultado das lutas dos surdos em prol aos seus direitos, uma conquista que tem revolucionado suas vidas e suas formas de educação.

3.1.1 Percurso da Língua Brasileira de Sinais

Mais de um século após os estudos realizados por Bébian e sua publicação em 1825, em que se considerava que os surdos se comunicavam por meio da língua de sinais, denominada de "linguagem gestual, ou natural", a qual possuía uma estrutura. No entanto, em conformidade com Sacks (2010), William Stokoe, em 1960, foi considerado o primeiro estudioso a defender a Língua Americana de Sinais enquanto um conjunto de línguas naturais, e que, por isso, deveria ser estudada pela Linguística como qualquer língua oral. Stokoe foi o primeiro a defender que a língua de sinais segue princípios de organização estrutural assim como as línguas orais; nesse entendimento, e com o intuito de sustentar sua hipótese, ele revelou que os sinais possuíam semelhanças ao que ocorria com os itens lexicais das línguas orais.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), na década de 1960, Stokoe descobriu em suas pesquisas, que os sinais eram semelhantes às palavras nas línguas orais, que eram estruturados em unidades menores de três tipos; a configuração de mão, localização e movimento, que são denominados de parâmetros primários. Com o decorrer das pesquisas foram acrescidos outros dois parâmetros, a orientação e a expressão corporal e/ou facial, o que configura o nível fonológico da língua de sinais.

Antes de abordarmos acerca da Língua Brasileira de Sinais, faremos, no entanto, um breve regaste sobre os primeiros estudiosos que olharam para "a linguagem gestual" como língua.

---

[8] comunicação total: concepção que nasceu nos Estados Unidos nos anos 1960 e que chegou ao Brasil nos anos 1980, propõe o uso simultâneo de diversos recursos para a comunicação com os surdos, abrangendo oralização, sinalização e uso de sinais para tentar uma correspondência com a língua oral. Disponível em: https://www.ifpb.edu.br/assuntos/fique-por-dentro/pessoas-surdas-comunicacao-em-sinais-oralismo-e-bilinguismo#:~:text=comunica%C3%A7%C3%A3o%20total%3A%20concep%C3%A7%C3%A3o%20que%20nasceu,correspond%C3%AAncia%20com%20a%20l%C3%ADngua%20oral. Acesso em 09/11/22.

A história da Língua e Sinais, na maioria das vezes, tem suas discussões e argumentos a partir dos registros sobre a educação de surdos; porém, ainda que haja referências sobre o surdo, não há registros de como essas pessoas se comunicavam antes do processo educativo, mais precisamente sobre o seu processo de oralização. Portanto, a história começa a caminhar por trajetos diferentes quando o abade Charles Michèle l´Épée, ao encontrar as gêmeas surdas, com quem ele se comunicava, mesmo que não cogitasse a possibilidade de que elas estavam usando uma Língua de Sinais.

Na abordagem de Andrade (2013), l´Épée utilizou o alfabeto dos monges beneditinos e os sinais usados pelos surdos nas ruas de Paris para que eles pudessem entrar contato com a doutrina Cristã. Sob a ótica do autor supracitado, nesse contexto, l´Épée observou e defendia que os gestos executavam as mesmas funções das línguas orais; assim sendo, possibilitavam uma comunicação eficaz entre os surdos, embora ele não visse tais sinais enquanto LS, mas apenas como sinais metódicos[9].

Em sentido contrário, no entanto, os discípulos de l´Épée, Pierre Desloges, Ferdinand Berthier e Roch-Ambroise Auguste Bébian defendiam que a língua sinalizada possuía uma gramática própria, assim como as línguas orais. Em suas críticas a l`Éppée, Bébian (1817), afirmam que o mestre não trabalhou com a LS de sinais de modo mais representativo e não extraio dela os elementos necessários a um sistema linguístico. Assim,

> L`Épée não teve confiança suficiente em seu método e não reconheceu por si mesmo a fertilidade do princípio que descobrira; ele só precisava continuar como havia começado tão felizmente; ele só tinha mais um passo a dar, e não o deu. (Bébian, 1817, p.24)[10].

Na concepção de Bébian (1817), a LS não era uma língua universal; isto é, não era um sistema utilizado por todos, em todas as partes do mundo. Porém, entendia que a "linguagem de gestos" era constituída por um conjunto de sinais; ou seja, unidades de significados suscetíveis a decomposições. Afirmava que, ao decompor os sinais, era possível identificar: os movimentos; a forma e orientação da mão; sendo essa a principal parte que compõe os gestos, as partes do corpo que compõem na formação do sinal e a fisionomia.

Fundamentados nos escritos de Cerqueira e Teixeira (2022) que afirmam que Pierre Desloges, um dos discípulos de l`Épée, relatou que, l`Épée não inventou a língua de sinais,

---

[9] "[…] os sinais ditos metódicos, os quais são, no final, apenas uma forma de soletração material das palavras francesas […]". (Berthier, 1840, p. 14 *apud* Cerqueira e Teixeira, 2022, p.277).

[10] [...] L'abbé de l'Epée n'eut pas assez de confiance en sa méthode, et méonnut lui-même la fécondité du principe qu'il avait découvert; il ne lui fallait que cour tinuer comme il avait si heureusenent comimencé; il n'avait plus qu'un pas à faire, et il ne le fil point. (Bébian, 1817, p.24)

pois o próprio Desloges aos vinte sete anos, aprendeu a LS com um surdo italiano, que não sabia ler, nem escrever. De acordo com as autoras supracitadas, o discípulo de l`Épée, reconhece a versatilidade da LS, a qual era capaz de expressar todo tipo de ideia; tanto as concretas quanto as abstratas, as quais são compostas por verbos, pronomes, substantivos, advérbios, adjetivos e constituindo-se em sistemas eficientes, suprindo assim as necessidades linguísticas da comunidade.

Com base nas considerações de Fernandes (2020), Bébian, em 1825, apresenta a primeira publicação sobre a língua de sinais francesa, *Mimographie, essai d`écriture mimique*, com a qual difunde o que atualmente nomeamos de cinco parâmetros fonológicos da Línguas de Sinais, os quais foram apresentados anteriormente. Porém, é possível notar que Bébian, ao apresentar os cinco parâmetros, une os dois primeiros; assim, temos forma e orientação de mão, que equivale a configuração de mão e orientação; movimento; lugar, que equivale ao ponto de articulação e as expressões faciais.

Em conformidade com Aguiar e Chaibue (2015), o trabalho de Bébian é pouco conhecido, porém seu sistema de notação (de escrita de língua de sinais), intitulada de *Mimographie*, apresenta muitas semelhanças com o sistema de notação proposto por Stokoe em 1960; no entanto, o segundo autor era conhecedor da existência da primeira, mas não a considerava um precedente imediato a sua notação.

Em seus estudos, Bébian faz contribuições importantes para as questões linguísticas, as quais só foram retomadas mais de um século depois. Assim sendo, de acordo com Cerqueira e Teixeira (2022), por William Stokoe, considera a obra de Bébian *Mimographie* uma tentativa de enganar e implantar um sistema de escrita para a linguagem natural (linguagem de gestos). Conforme as autoras supramencionadas, devido às contribuições de Bébian, o Instituto de surdos de Paris baniu o ensino dos sinais metódicos e passou a trabalhar somente com o ensino da Língua de Sinais Francesa.

Mais de um século depois, Stokoe, um linguista americano, em 1960 publica suas pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana; desse modo, somente a partir de seu feito histórico houve o interesse por parte dos pesquisadores em pesquisar a LS e disseminá-la, informação essa que também pode ser atestada nos estudos realizados por Quadros e Karnopp (2004). Por muito tempo, as LS foram consideradas insignificantes e inferiores às línguas orais. No entanto, o processo de observar e entender as línguas de sinais de modo geral, enquanto língua de modalidade visual espacial, aumentou consideravelmente a partir das pesquisas linguísticas de Stokoe, na década de 1960. Assim, para melhor entendimento,

passaremos a observar e discutir sobre a visão que alguns pesquisadores têm acerca das línguas de sinais

A língua de sinais é a língua natural dos surdos, apresenta estrutura e gramática próprias. Ela é considerada natural, pois surge de forma espontânea decorrente da interação entre pessoas; ademais, permite a expressão de todo e qualquer conceito e significado resultante da necessidade de comunicação e expressão do ser humano. Desse modo,

> As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (Brasil, 1997, p. 19).

As pesquisas das línguas de sinais na linguística são recentes. Muitas pessoas as desconhecem enquanto língua, confundem as línguas de sinais com mímicas, gestos ou pantomimas. Muitos acreditam que o alfabeto manual da língua de sinais é o que compõe toda sua estrutura. As línguas de sinais, sob o ponto de vista da linguística, são línguas "completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise". (Quadros; Karnopp, 2004, p.36).

Stokoe (1960), comprovou por meio de suas pesquisas que a Língua de Sinais Americana (ASL) possuía todos os requisitos linguísticos de uma língua autêntica, tanto no léxico, na sintaxe, quanto na possibilidade de constituir uma quantidade infinita de sentenças. Dessa maneira, Trask (2011) ressalta que:

> No início, os linguistas custaram a perceber que as línguas de sinais são verdadeiras línguas, mas, desde o trabalho pioneiro da linguista americana Ursula Bellugi, na década de 1970, as línguas de sinais passaram a ser tratadas em condições de igualdade com as línguas faladas, embora os manuais de linguística de caráter mais introdutório deem pouca cobertura ao tópico, o que é lamentável. (Trask, 2011, p. 161).

Somente no final da década de 1970, início da década de 1980, a teoria de que as línguas de sinais possuem gramática similar às das línguas orais começou a ser aceita, fato esse ocorrido, principalmente porque se acreditava que as línguas de sinais eram normalmente consideradas como sistemas de comunicação simples ou como representações das línguas orais. Os linguistas estavam acostumados a acreditar que as línguas necessitavam ser orais. Desse modo, as línguas de sinais fugiam desse padrão, pois eram realizadas pelas mãos/corpo e percebidas de forma visual.

No início, os estudos gramaticais da língua de sinais foram conduzidos com base nos fundamentos estruturalistas, corrente teórica da época. Os pesquisadores, discípulos dessa linha, estudavam a língua enquanto sistema estruturado, como agrupamentos de elementos individuais; como por exemplo as palavras, os sons, a associação de um elemento gramatical com outro etc. Dessa feita, há vários estudos das línguas de sinais utilizando nomenclatura dos aspectos e elementos culturais das línguas orais, como por exemplo morfema, fonemas entre outros.

Por volta dos anos de 1960, os estudos das línguas de sinais procuravam detectar características em comum entre as línguas orais e as de sinais, buscavam ainda comprovar que as línguas de sinais eram línguas naturais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), os pesquisadores por volta da década de 1990 buscavam explicar, o que as línguas de sinais têm de equivalente com as línguas orais; por isso se empenharam em esclarecer os pontos que as línguas sinais têm principalmente de diferente, por meio de comparações com outras línguas de sinais.

Conforme as autoras supracitadas, Stokoe observou que os sinais das línguas de sinais "não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30). O linguista foi o primeiro pesquisador, em busca por uma estrutura, a investigar os sinais, esmiuçá-los e pesquisar as partes que os estruturavam.

Quadros e Karnopp (2004) ressaltam que, inicialmente, Stokoe comprovou que cada sinal era possuidor de três partes independentes (em conformidade com os fonemas da fala); a localização, a configuração de mãos e o movimento – "e que cada parte possuía um número limitado de combinações". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30-31).

O trabalho de Stokoe (1960) foi o primeiro passo dado em relação aos estudos das línguas de sinais. Posteriormente, surgiram outros estudos referentes às línguas de sinais, tendo como base de estudo as ASL, com os quais se pôde verificar "riqueza de esquemas e combinações possíveis entre os elementos formais que servem para ampliar consideravelmente o vocabulário básico". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 31).

Em conformidade com Moura (2000), no Brasil, a primeira escola para surdos foi fundada no Rio de Janeiro por D. Pedro II em 1857, que solicitou ao ministro da República Francesa que encaminhasse um professor surdo para o Brasil. O professor recomendado foi Eduard Huet, antigo aluno do Instituto Nacional de Paris e que foi o responsável por trazer para o Brasil a Língua de Sinais Francesa.

Veloso e Maia (2013) corroboram que Eduard Huet (1822-1882), era professor surdo francês, com mestrado, formado em Paris, e veio para o Brasil a convite de D. Pedro II, para trabalhar com surdos; pois, no Brasil, até o final do século XV, os surdos ainda eram julgados ineducáveis, até a vinda de novas ideologias da Europa.

Com a inauguração, no Rio de Janeiro, do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, em 26 de setembro de 1857 (que foi considerado o dia nacional do surdo no Brasil), mais tarde denominado de INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos); a escola recebeu surdos de várias regiões do país buscando educação formal, primeiramente foram educados por meio da escrita, alfabeto manual e sinais. Sendo assim, Huet foi considerado o introdutor da língua de sinais no Brasil, inicialmente ensinando a Língua de Sinais Francesa, a qual se mesclou aos sinais e cultura dos surdos brasileiros, dando origem à Língua Brasileira de Sinais.

Embora a língua de sinais seja a maior manifestação cultural do povo surdo, ainda há quem acredite que os surdos vivem num mundo isolado, silencioso e que eles conseguem compreender vai língua oral tudo o que é dito; assim, acreditam que não há necessidade de uma língua específica.

Erroneamente o termo "linguagem de sinais" é utilizado com muita frequência, ao invés de "língua de sinais", algumas pessoas justificam que a utilização do termo inadequado, pois acreditam que a língua de sinais é apenas a junção abundante de mímicas que foram convencionadas por um grupo, assim como gestos usados no trânsito; no entanto, Saussure elucida essa questão, questionando:

> Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 2006, p.17).

Dúvida esclarecida, vamos abordar acerca da língua de sinais. Quadros (1997) diz que as línguas de sinais "são línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral e sim o canal espaço-visual como modalidade linguística". (Quadros, 1997, p. 21).

Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) corroboram que surgiram muitas pesquisas em vários países que buscavam descrever, explorar e comprovar o *status* linguístico das línguas de sinais, desmentindo concepções erradas em relação a elas, tais como:

a) a primeira concepção errada é que "as LS seria uma mistura de pantomima e gesticulação concretas, que não expressam conceitos abstratos"; porém, conforme Quadros e Karnopp, "as línguas de sinais expressam conceitos abstratos. Podem

discutir políticas, economia [...] respeitando-se as diferenças culturais que determinam a forma de as línguas expressarem qualquer conceito". (Quadros; Karnopp,, 2004, p. 31).

b) outro erro era considerar que "as línguas de sinais seriam universais"; contudo, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que "as mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas se aplicam à diversidade das línguas de sinais. Portanto, cada país apresenta sua respectiva língua de sinais". (Quadros; Karnopp, 2004, p.33). Desse modo, as línguas de sinais espelham a cultura dos diferentes países onde são sinalizadas, mais um argumento que irá afirmar que seu caráter de não língua universal.

c) Acreditava-se, de forma errônea, que "haveria um erro na organização gramatical das LS, que teria origem das LS, sendo um *pidgin* desprovido de estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais"; porém, em contraposição a essa forma equivocada de pensar, as autoras supracitadas afirmam que "pode-se comprovar que as línguas de sinais são completamente independentes das línguas faladas nos países que são produzidas [...] é um erro pensar que as línguas de sinais são subordinadas às línguas faladas". (Quadros; Karnopp,, 2004, p.34). por conseguinte, com o decorrer das pesquisas, surgiram evidências de que as línguas de sinais possuem um sistema organizacional e não se resumem a um amontoado de gestos.

d) outro equívoco era entender que "as LS seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral"; a esse respeito, como afirmado pelas autoras supracitadas, as línguas de sinais têm a mesma complexidade que as língua orais, sendo possível conversar sobre qualquer assunto. Assim, entende-se que LS são "de modalidade visuoespacial, que apresentam uma riqueza de expressividade, diferentes da língua orais, incorporando tais elementos na estrutura dos sinais através de relações espaciais, estabelecidos pelos movimentos ou outros recursos linguísticos". (Quadros; Karnopp, 2004, p.35).

e) consistia em erro achar que "as línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes"; ou seja, a ideia de que as LS são gestos reaparece nessa concepção errônea. Segundo as autoras, as pessoas acreditavam que as LS eram fáceis de serem apreendidas, pois estavam diretamente associadas ao sistema gestual utilizado por todo e qualquer falante de uma língua oral, o que não é verdadeiro. As LS são demoradas em seu processo de aprendizagem tanto quanto as línguas orais. A

comunicação realizada por meio de gestos é extremamente limitada, o que impossibilita aos surdos compreenderem assuntos mais abstratos; muito embora não seja impossível que um surdo compreenda alguns gestos, porém para tratar de todo e qualquer assunto de forma a ser compreendida, é necessário a utilização da LS.

f) outro mito relevante é acreditar que “as línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente; estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, pois esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espaciais, enquanto o esquerdo pela linguagem”. Quadros e Karnopp (2004) apontam que em pesquisas realizadas com surdos que que sofreram lesões no cérebro em um dos hemisférios, revelou-se que, assim como as línguas orais, as LS são processadas no hemisfério esquerdo, podendo também ser processado no hemisfério direito, o que torna o processamento mais complexo do que o que existe nas pessoas que usam as línguas orais. Com a desmistificação das concepções equivocadas em torno das LS, comprova-se atualmente que as línguas de sinais são "completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise". (Quadros; Karnopp,, 2004, p. 36).

Como dito anteriormente, os surdos historicamente viveram fases em que sua identidade foi estigmatizada e foram desvalorizados pela sociedade ouvinte, pois a sociedade majoritária não aceitava a língua de sinais enquanto língua, apenas a consideravam gestos e mímicas.

No entanto Chói (2011) corrobora que usar, ou não, a língua de sinais definirá fundamentalmente a identidade dos sujeitos surdos, que só é alcançada por meio do contato com outro surdo; e assim, nesse contato com o outro, que também utilize a língua se sinais, surgem novas oportunidades de interação, diálogo, compreensão e de aprendizagem, o que a língua oral não possibilita ao surdo.

A língua de sinais possibilita aos surdos a legítima troca com o outro, oportunizando a eles dialogarem sobre o mundo, sobre conceitos de forma completa e acessível, por ser a língua organizada de forma visual. Encontrar o outro, representa troca de significados, na política, nas diferenças, na língua; possibilitando o entendimento entre eles de maneira fácil e acessível, assegurando ao outro entendimento, fazendo sentido a ideia que está sendo discutida, pois as línguas carregam as marcas da cultura.

Quadros (2017) testifica que “a língua de sinais apresenta um valor inestimável para os surdos e para aqueles que crescem na comunidade surda. É uma língua que permite

adentrar e participar de um grupo: grupo de surdos. Isso ultrapassa as fronteiras nacionais". (Quadros, 2017, p. 37). A língua de sinais é um artefato cultural carregado de significados que possibilitam aos surdos uma maior transferência cultural, por se tratar de uma língua natural dos surdos, o que favorece o desenvolvimento cognitivo deles, e lhes permite entender o mundo e transformá-lo com o objetivo de torná-lo acessível e habitável.

3.1.2 Cultura Surda

A cultura surda não era uma temática amplamente discutida; porém, ao adentrarmos às discussões tocantes a ela, é possível perceber que a temática vem ganhando seu espaço, tanto na comunidade surda, que luta pela legitimação de sua cultura, quanto nos ambientes educativos que procuram entendê-la. Mesmo não sendo uma temática muito recente, essas discussões ainda provocam manifestações variadas, que vão desde o enaltecimento, até a rejeição. Vimos que, por muito tempo, os surdos foram vistos pela sociedade como deficientes, incapazes e sem direito à fala (não podiam se manifestar, opinar). Também foi negado a eles o direito de pertencimento cultural, pois eram vistos como incapazes de produzir significados a partir de suas experiências.

Ao dedicar-me a escrever sobre a cultura visual, percebo que preciso abordar sobre a cultura na perspectiva dos Estudos Culturais, pois esses estudos serviram como referência para os Estudos Surdos, tendo como sustentação a base teórica que possui como pressuposto o conceito socioantropológico da surdez, o qual reconhece o surdo como um ser humano distinto, tendo cultura e identidade próprias e diferentes.

Esses estudos pressupõem a teoria de que todos os seres humanos têm cultura. Nesse campo, Silva (2010) afirma que a cultura é apreendida como instrumento de renovação, percepção da vida social, sendo arquitetada de diferentes formas de ver, fazer, ser e não nunca de forma hegemônica; porém, sendo edificada de maneira diferente, valorizando as diferenças das comunidades. Tais estudos observam que a constituição da sociedade está baseada em fenômenos culturais heterogêneos. Os Estudos Culturais consideram a cultura como um campo de luta em que se almeja a valorização social, direcionando o seu olhar na maneira global à vida de um grupo social.

Na concepção de Silva (2010), os estudos culturais compreendem a cultura como âmbito de busca e reconhecimento da significação social, em que diferentes grupos sociais, posicionados em lugares diferentes de poder, buscam pela imposição de suas idealizações à sociedade mais abundante; desta feita, a cultura é "[...] um campo contestado de significação.

O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos". (Silva, 2010, p. 134).

Para que possamos entender melhor os fenômenos culturais presentes na sociedade, o marco inicial é a análise das organizações sociais e o cenário histórico em que esses fenômenos se encontram inseridos. Em suma, frisa-se a função dos estudos culturais, a qual "centra-se na análise da cultura como forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social". (Sá, 2006, p. 104). Desta feita, na perspectiva dos estudos culturais a cultura surda é concebida como um campo de enfrentamento, que objetiva a reorganização da posição dos surdos na sociedade.

Os Estudos Surdos têm suas raízes nos Estudos Culturais e enfatizam a luta em oposição ao entendimento da surdez enquanto deficiência, visto que os surdos são pertencentes a comunidades estruturadas e que, culturalmente, não se definem como doentes ou deficientes. Os surdos são vistos com base nas teorias dos Estudos Surdos, ou seja, vistos como sujeitos que interagem com o mundo particularmente por meio das experiências visuais, partilhando uma língua em comum, a língua de sinais.

> O termo cultura visual pode englobar uma variedade de formas de representação, desde as artes visuais e o cinema, até a televisão e a propaganda, atingindo ainda áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual – as ciências, a justiça, a medicina, por exemplo. A cultura visual se ocupa da diversidade do universo de imagens. O conceito de 'cultura visual' foi introduzido no debate acadêmico como um novo foco de investigação e rapidamente tornou-se tema de uma discussão acalorada [...]. (Monteiro, 2008, p. 131).

Conforme vimos anteriormente, a história dos surdos e a da cultura surda foram rotuladas, vulgarizadas e alvo de muitos preconceitos; eles sofreram com a imposição da língua oral predominante, ou seja, foram obrigados a se sujeitarem às representações sociais da surdez como deficiência.

Ao adentrarmos ao campo das discussões sobre cultura surda, faz-se necessário ressaltar que essas discussões estão vinculadas ao campo dos Estudos Culturais, por se acreditar e entender que a cultura é "como um campo de luta em torno de significação social [...] e por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidade e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações". (Karnopp; Klein; Lunardi-Lazzarin, 2011, p.16).

De acordo com os autores citados anteriormente, as produções culturais dos surdos compreendem o uso de uma língua de sinais, o contato cultural com pessoas ouvintes (o que pode proporcionar experiências bilíngues), o pertencimento a uma comunidade surda[11].

Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin, (2011) ressaltam que a cultura surda, além de buscar por seu conhecimento, almeja a afirmação de suas tradições e a restauração das histórias que foram sufocadas e controladas por muito tempo.

> Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (Strobel, 2008, p. 22).

Conforme a contribuição de Strobel (2008), podemos entender que o acervo cultural dos surdos é constituído de maneira visual, visto que eles percebem pelos olhos o mundo que os cercam, e por meio dos artefatos culturais que exprimem as particularidades da cultura surda. Vale destacar que, para Strobel (2008, p. 38), a cultura surda envolve as "[...] atitudes do ser surdo, de ver, de perceber e de modificar o mundo [...]".

É relevante que olhemos para a cultura surda como a maneira surda de olhar o mundo e percebê-lo e modificá-lo, tornando-o acessível e ajustável às suas percepções visuais; olhar a cultura surda como algo peculiar ao Povo Surdo[12] que se relaciona com a comunidade surda, formada por pessoas que partilham coisas em comum como: valores, normas, língua e comportamentos.

Os surdos estão presentes numa complexidade social, num terreno em que conflitos são gerados na tentativa de significação e são atravessados por relações de poder/saber.

Em conformidade com Strobel (2008), algumas particularidades da cultura surda são nomeadas de "artefatos culturais"[13]: como "tudo que se vê e se sente", mais especificamente as normas, valores, tradições, vestuário, a forma de um sujeito surdo abordar outro surdo etc.

Para melhor compreensão, a autora faz alusão a alguns artefatos que exemplificam a cultura do Povo Surdo; tais como a linguística, artes visuais, experiência visual, família, política, materiais didáticos e pedagógicos, literatura surda, vida social e esportiva. Aqui neste

---

[11] "A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros." (Strobel, 2008, p. 06)

[12] "O povo surdo é grupo de sujeitos surdos que têm costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão". (STROBEL, 2008, p. 06)

[13] No campo dos Estudos Culturais, Strobel (2008), ao conceituar "artefatos" não se refere apenas aos materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui, produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, de ver, entender e transformar o mundo.

capítulo, daremos destaque somente a dois dos artefatos culturais; a língua, as experiências visuais e a linguística.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que a visão é carregada de importância na vida do surdo; pois com a perda auditiva, ele processará as informações e a compreensão do mundo ao seu redor, por meio da experiência visual, artefato esse que qualifica a cultura surda em relação a cultura ouvinte, constituindo sua percepção de mundo pela visão.

Ao que se refere a identidade cultural dos surdos, Strobel (2008) evidencia que é por meio da experiência visual que surdo desenvolverá o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura, na interação com sua comunidade. Strobel (2008) ressalta que é por meio das experiências visuais que os sujeitos surdos percebem o mundo e constituem suas identidades.

Segundo Skliar (2013), a visão socioantropológica concebe a surdez como uma experiência visual e não se limita somente à habilidade de produzir e entender a língua, ou a um tipo particular de processamento cognitivo; porém, transpassa todos os tipos de significações, produções surdas, quer sejam de natureza linguística, intelectual, artística cultural, estética, ética etc.

Outro artefato de extrema relevância para a cultura surda, é a linguística, ou seja, a língua de sinais, pois é por meio dela que os surdos irão se expressar, se comunicar, aprender a interagir em sociedade entre outros. Strobel (2008) enfatiza que, quando não se conhece a língua de sinais oficial do país, os surdos criam seus próprios sinais para viabilizarem a comunicação.

> [...] a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua e sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (Perlin; Miranda, 2003, P. 218).

Em nível mundial, a comunidade surda dos diferentes países, possui língua de sinais particular; por isso, no Brasil, a Libras é a língua oficial dos surdos brasileiros, reconhecida pela lei 10.436/02, e regulamentada pelo decreto 5.626/05. A Libras ocorre por meio da utilização de sinais e pelo canal de comunicação espaço-visual.

> [...] a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda [...] incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” [...] dos sujeitos surdos isolados [...] que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar apontando e criam sinais [...] criam sinais que representam seu cotidiano. (Strobel, 2008, P. 44).

Assim como as demais línguas, a língua de sinais, é a referência para a educação do surdo, articulando a aquisição de conhecimento, o desenvolvimento e a aprendizagem; além de proporcionar acesso à informação e assegurar a identidade e a cultura do povo surdo, e cuja transmissão se processa de geração em geração.

Como dito anteriormente, a língua de sinais, após ter passado por muitas rejeições e repressões; não deixou de ser disseminada junto e pelos surdos; não sendo, portanto, extinta. No Brasil, de acordo com a legislação vigente no país, a Libras, que é de modalidade espaço-visual, é a primeira língua dos surdos brasileiros.

É por meio da língua de sinais que as experiências visuais são captadas, ela faz parte das experiências vividas pelas comunidades surda, é o atributo de maior importância para os surdos e é, por intermédio dela, que eles desenvolvem o conhecimento universal.

Ressaltamos, assim, que a Libras, que é uma língua de modalidade visual espacial e possibilita a compreensão das experiências surdas; ou seja, as experiências visuais. Nesse sentido, Quadros (2017, p. 34) ratifica que "[...] os surdos veem a língua que o outro produz por meio do olhar das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua vista no outro".

Para encerrarmos essa pequena discussão sobre cultura surda, enfatizamos que a Língua Sinais é o principal elemento que sustenta e define a cultura surda; ela é, pois, o fundamento sobre a qual a cultura é construída, não sendo como língua apenas um meio de comunicação, mas também uma expressão de identidade e pertencimento, pois para muitos surdos a língua representa a ligação com a comunidade surda, com a história compartilhada e junto à continuidade cultural.

É por meio da LS que a cultura surda é transmitida aos surdos, de geração em geração; ou seja, é por meio dela que seus valores, suas histórias são disseminadas, preservando a riqueza cultural de um povo. Ao partilhar desta língua, os laços sociais são fortalecidos, possibilitando aos sujeitos surdos se conectarem, se apoiarem mutuamente e capazes de organizarem espaços culturais em que possam celebrar a identidade cultural de um povo. Assim sendo, a LS é símbolo de resistência contra a imposição e opressão linguístico-cultural.

Em suma a LS, não é apenas um componente da cultura surda, mas é a essência dessa cultura, uma vez que permite que a comunidade surda se expresse, preserve suas tradições, valores e mantenha a sua identidade.

4 ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

Na seção 4, abordaremos cerca da estrutura gramatical da Libras, mais especificamente sobre os aspectos fonológicos e morfológicos.

No tocante ao aspecto fonológico, falarei sobre os parâmetros como a configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e as expressões não manuais; ou seja, as expressões faciais e corporais.

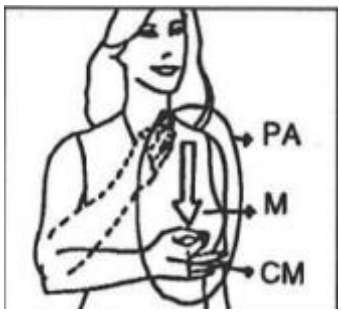
Na parte da morfologia, abordarei sobre o processo de formação dos sinais; tais como derivação, composição, flexão de gênero, iconicidade e arbitrariedade, além dos classificadores da Libras.

4.1 FONOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Desde os primeiros estudos, a linguística se ocupa em estudar as línguas orais; assim, tanto as análises, quanto às teorias e as descrições são resultados das observações das línguas orais. No Brasil, as pesquisas sobre as línguas de sinais tiveram início há pouco tempo, nos anos de 1980 com Ferreira-Brito e Felipe, além de Quadros e Karnopp. Sob a ótica de Quadros e Karnopp (2004, p. 47), a fonologia das línguas de sinais "é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios".

Ao sinalizar, deve-se respeitar os parâmetros da língua de sinais; pois, com a alteração de um desses parâmetros, há a formação de um novo sinal, formando um par mínimo. Os pares mínimos em Libras se dão a partir da mudança de um dos aspectos fonológicos como a CM, PA ou M.

Figura 1 – Parâmetros Fonológicos da Libras

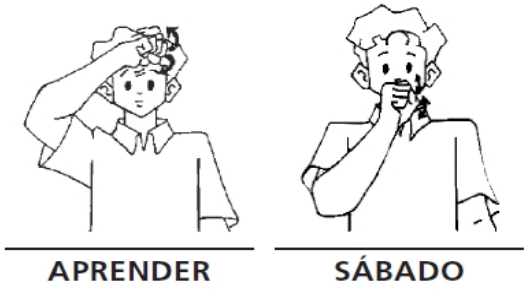


Fonte: Ferreira (2010, p. 24).

CM – Configuração de mão / PA – Ponto de articulação / M – Movimento

São exemplos de pares mínimos APRENDER e SÁBADO, que altera apenas o PA e mantém a CM e M.

Figura 2 – Par mínimo em Libras



Fonte: Felipe e Monteiro (2006, pg. 21)

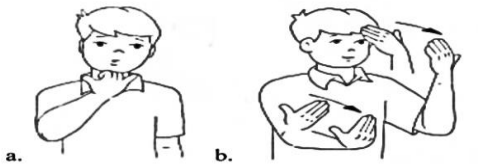
Na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004), a primeira incumbência da fonologia para a língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas e, posteriormente, determinar quais são padrões possíveis de combinação entre essas unidades e possíveis mudanças no ambiente fonológico. Nos próximos tópicos, apresentaremos sobre cada um dos parâmetros fonológicos das LS.

4.1.1 Configuração de mão (CM)

A configuração de mão é resultante da posição dos dedos, ou seja, a forma da mão ao sinalizar. A cada CM há a possibilidade de acrescer PA, M, O e NM para se obter um sinal. (Ferreira [1995], 2010).

Na abordagem de Quadros e Karnopp (2004), as sinalizações dos sinais, podem ser realizadas com uma mão ou com as duas. Para exemplificar esse pressuposto, temos o exemplo do sinal DESCULPAR (a), o qual, na Libras, é sinalizado com apenas uma das mãos (monomanual) e não possui caráter distintivo. O mesmo ocorre com o sinal OBRIGAD@ (b); e, desta forma, não ocorrerá alteração no significado do sinal caso as mãos direita e esquerda inverterem a posição na sinalização.

Figura 3: Sinal de DESCULPA e OBRIGAD@ em Libras



Fonte: Fonte: Couto (2007, p. 4)

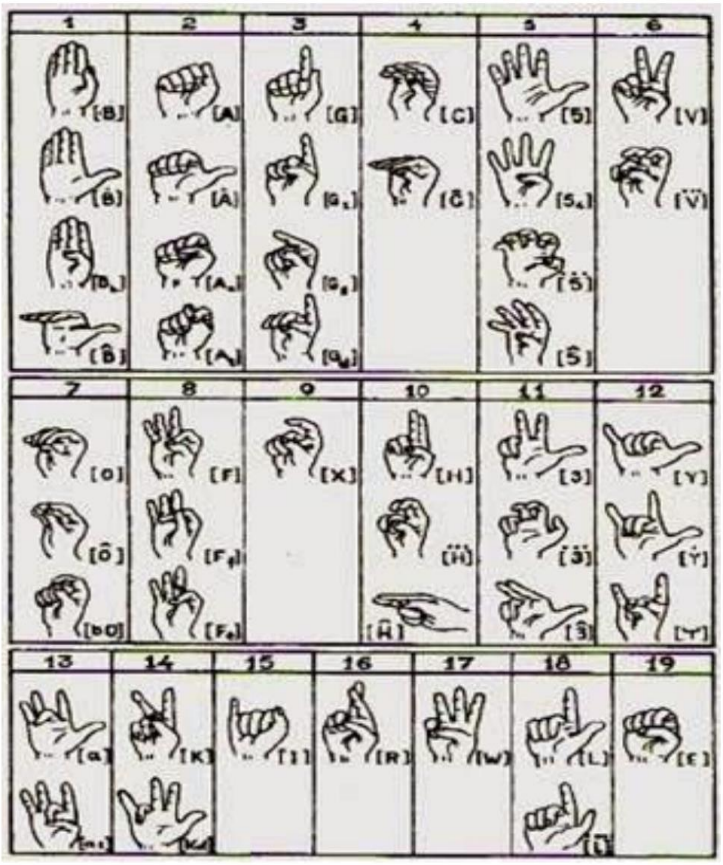
Ao analisar a ASL, Batisson (2005) nomeou essa relação, entre as mãos, de mão dominante e não dominante. A mais usada para maioria das atividades motoras é a mão dominante e a segunda refere-se a que é utilizada com menos frequência. Conforme o autor supracitado, com os sinais que são sinalizados com as duas mãos (bimanuais), uma das mãos terá uma posição ativa e a outra, passiva. A mão que está na posição ativa é aquela que se sobressai, além de realizar movimentos mais relevantes em relação à mão passiva que, nesses casos, servirá de apoio e não apresentará movimento.

Na Libras, ao que se refere às CMs, Oliveira (2015) afirma não haver um consenso quanto à quantidade exata de CMs para descrever o léxico da língua.

> Ferreira (1995) identificou 46 configurações de mão, Lira e Souza (2005) 73 CMs, enquanto Pimenta (2011) registrou 61 CMs, além destas existem outras propostas, como de Nobre (2011) utilizada no sistema de buscas do software ID Sinais e Faria-do-Nascimento (2009) que também desenvolveu uma proposta de ordenação de configurações de mãos. (Oliveira, 2015, p. 211).

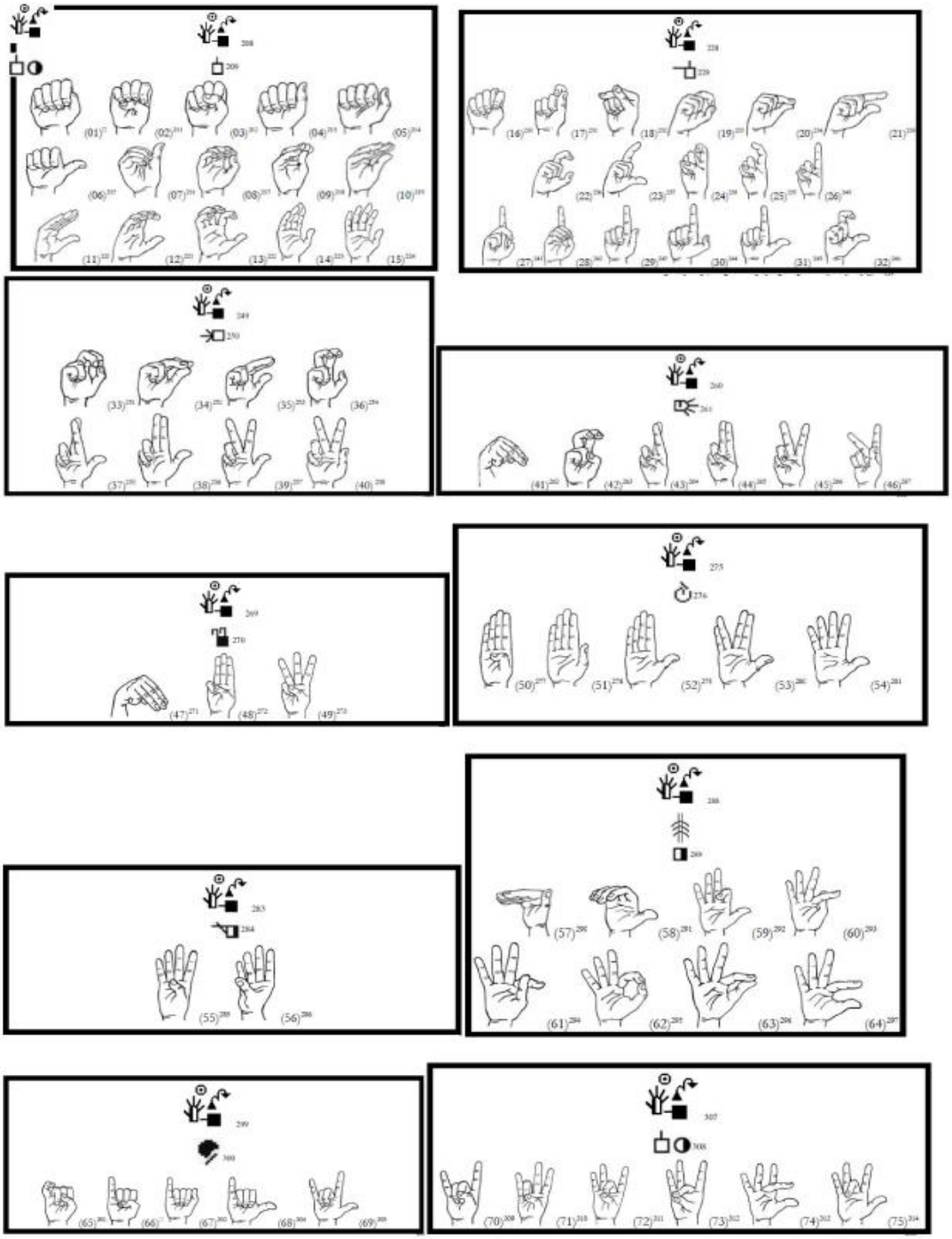
Faria-do-Nascimento (2009) relata ter inventariado 75 CMs, todas sistematizadas com base em diferentes propostas de CMs.

Figura 4 – Inventário das configurações de mãos na Libras por Ferreira ([1995] 2010)



Fonte: Ferreira ([1995] 2010, p. 220).

Figura 5 – Inventário das Configurações de mãos na Libras por Farias-do-Nascimento (2009)



Fonte: Faria-do-Nascimento (2009, p.213).

Figura 6 – Inventário das Configurações de mãos na Libras Instituto Nacional de Educação de Surdos (2019)



Fonte: INES (2024).

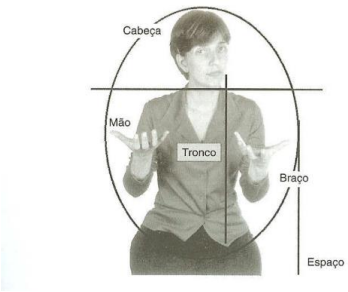
No próximo tópico, abordaremos sobre os demais parâmetros.

4.1.2 Ponto de Articulação PA ou Locação L

Sob a ótica de Ferreira ([1995] 2010), o Ponto de Articulação ou Locação é “o espaço frente ao corpo ou região do próprio corpo, onde os sinais são articulados”. (Ferreira [1995] 2010, p. 37). A autora ressalta que os sinais articulados no espaço são de dois tipos: os sinais que são articulados diante do corpo, no espaço neutro; e existem aqueles que se aproximam de uma parte do corpo, como por exemplo, a cintura, os ombros, a cabeça.

Consoante a Quadros e Karnopp (2004), é possível relacionar quatro grupos principais nas LS: cabeça, parte superior do corpo (tronco), mãos e espaço em frente ao corpo; ou seja, o espaço neutro.

Figura 7 – Espaço de realização dos sinais



Fonte: Basttison (1978 *apud* Quadros; Karnopp, 2004, p.57).

Em Libras, há inúmeros sinais que são articulados no "espaço neutro"; isto é, em que não há toque, especificamente, nenhuma parte do corpo do sinalizante, mas é realizado em frente ao corpo de quem o sinaliza. Vejamos um exemplo:

Figura 8 – Sinal BRINCAR



Fonte: Felipe e Monteiro (2006, p. 22).

O sinal BRINCAR, é sinalizado no espaço neutro, ou seja, não há toque em nenhuma das partes do corpo do sinalizante. Ressalta-se que o espaço neutro, de acordo com Felipe e Monteiro (2006), é a região do meio do corpo até à cabeça ou para frente do emissor.

A seguir o quadro que apresenta os pontos de articulação segundo Ferreira ([1995] 2010) que, de acordo com a autora, foram reunidos por Friedman em 1977, e junto aos quais a autora realizou pequenas modificações.

Quadro 1 – Pontos de articulação

Regiões principais	Subdivisões das regiões
CABEÇA	Topo da cabeça
	Testa
	Rosto
	Parte superior do rosto
	Parte inferior do rosto
	Orelha
	Olhos
	Nariz
	Boca
	Bochechas
	Queixo
	Zona abaixo do queixo
TRONCO	Pescoço
	Ombro
	Busto
	Estômago
	Cintura
BRAÇOS	Braço
	Antebraço
	Cotovelo
	Pulso
MÃO	Palma
	Costa da mão
	Lado do indicador
Regiões principais	**Subdivisões das regiões**
	Lado do dedo mínimo
	Dedos
	Ponta dos dedos
	Nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão

MÃO	Nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
	Dedo mínimo
	Anula
	Dedo médio
	Indicador
	Polegar
	Interstício entre dedos
	Interstício entre o polegar e o indicador
	Interstício entre os dedos indicador e médio
	Interstício entre médio e anular
	Interstício entre anular e mínimo
PERNAS	----------
ESPAÇO NEUTRO	----------

Fonte: Ferreira ([1995], 2010, p. 216-217).

Ferreira ([1995] 2010) salienta a necessidade de se empregar certos adjetivos que servem para localizar os PA com mais precisão (conforme a autora, esses adjetivos são traços distintivos de significado).

Quadro 2 – Adjetivo, Translação Horizontal e Descrição do PA

Adjetivos de localização PA	Lado direito
	Lado esquerdo
	Medial
	interna
	externa
Translação Horizontal de PA	Lateral
	Em frente
	Atrás
	Imediatamente próximo
	Distância média

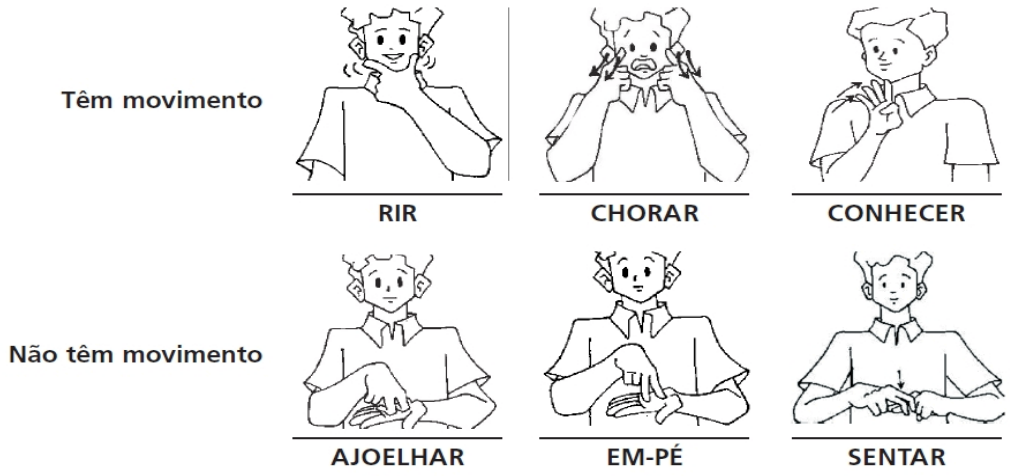
Descrição dos demais PA	Distante
	Em contato inicial
	Contato medial
	Contato final
	Cruzamento

Fonte: Ferreira ([1995] 2010, p.217).

4.1.3 Movimento (M)

Conforme Ferreira, para que se tenha o movimento, é necessário que se possua "um objeto e um espaço. Nas línguas de sinais, a (s) mão (s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador". (Ferreira [1995] 2010, p.213). A autora corrobora que o movimento, em si, é a maneira como se dá o movimento das mãos que podem ser: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular. Abaixo temos alguns exemplos de sinais da Libras que são estáticos e dos que possuem movimento.

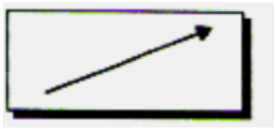
Figura 9 - Exemplos de sinais com movimentos e sinal sem movimento



Fonte: Felipe e Monteiro (2006, p.21).

Os tipos de movimentos apresentados por Strobel e Fernandes (1998, p.11-13) são:

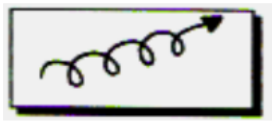
1) Retilíneo





ENCONTRAR ESTUDAR PORQUE

2) Helicoidal





ALT@ MACARRÃO AZEITE

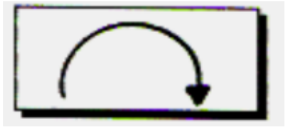
3) circular





BRINCAR IDIOTA BICICLETA

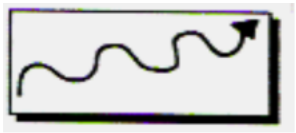
4) semicircular





SURD@ SAP@ CORAGEM

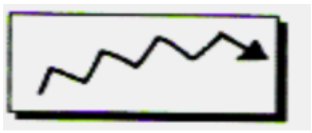
5) sinuoso





BRASIL RIO NAVIO

6) angular





RAIO ELÉTRICO DIFÍCIL

Quadros e Karnopp (2004) sugerem um quadro para apresentar as categorias do movimento estabelecidas por Brito (1990).

Quadro 3 – Categoria do parâmetro movimento da Libras

Categorias do parâmetro *movimento* da Libras	
TIPO	
Contorno	Retilíneo; helicoidal; circular; semicircular; sinuoso; angular e pontual
Interação	Alternado; de aproximação; de separação; de inserção e
Contato	De ligação; de agarrar; de deslizamento; de toque; de esfregar; de riscar; de escovar ou pincelar
Torcedura do pulso	Rotação e com refreamento.
Dobramento do	Para cima e para baixo.
Interno das mãos	Abertura; fechamento; curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).
DIRECIONALIDADE	
Unidirecional	Para cima; para baixo; para a direita; para esquerda; para dentro; para fora; para o centro; para a lateral inferior esquerda; para a lateral inferior direita; para a lateral superior esquerda; para a lateral superior direita e para específico ponto referencial.
Bidirecional	Para cima e para baixo; para esquerda e para direita; para dentro e para fora e para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.
Não-direcional	
MANEIRA	
Qualidade, tensão e velocidade	Contínuo, de retenção e refreado
FREQUÊNCIA	
Repetição	Simples, repetido

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.56).

4.1.4 Orientação (O)

No primeiro trabalho de Stokoe (1960), a orientação de mãos não foi considerada como parâmetro distintivo; porém, consoante a Quadros e Karnopp (2004), Basttison (1974) e, posteriormente, outros pesquisadores, decidiu-se em favor da inclusão desse parâmetro na fonologia das LS, sob a alegação que há a existência de pares mínimos em sinais que trariam alteração de significado na produção de diferente orientação de mão.

Segundo Felipe e Monteiro (2006), orientação refere-se à direção da palma da mão; por isso, vale a pena ressaltar que em alguns sinais que possuem a mesma CM, o mesmo PA e o mesmo M, diferindo apenas a orientação tem-se um novo significado.

Ferreira ([1995] 2010) corrobora que a orientação é "a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita. Pode haver mudança na orientação durante a execução do Movimento". (Ferreira, [1995] 2010, p. 41). Quadros (2019) acrescenta a orientação da mão em diagonal. Conforme a ilustração a seguir temos as orientações de mão.

Quadro 4 – ORIENTAÇÕES DA MÃO

ORIENTAÇÃO DAS MÃOS


Fonte: Bernardo (2024 no prelo).

4.1.5 Expressões não-manuais (ENM)

Em conformidade com Quadros e Karnopp (2004), as expressões não manuais se prestam a dois papéis nas LS; à diferenciação de itens lexicais e à construção sintática. Também são chamados de componentes não-manuais e que abrangem as expressões da face (movimentos dos olhos, da cabeça ou do tronco), conforme proposto por Ferreira ([1995] 2010, p.240-241).

Ferreira ([1995], 2010) afirma que podem ocorrer duas expressões não-manuais ao mesmo tempo. Em Libras, temos alguns exemplos: a negação e a interrogação podem ocorrer simultaneamente.

Figura 10 – Expressão não-manual – ALEGRE



Fonte:https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/

Figura 11 – Expressão não-manual – TRISTE



Fonte:https://www.youtube.com/watch?v=iTZyCEDbopo

Quadro 5 – Expressões não-manuais da Libras

Expressões não-manuais da Libras	
Rosto	**Parte superior:** Sobrancelhas franzidas; Olhos arregalados; Lance de olhos; Sobrancelhas levantadas. **Parte inferior:** Bochechas infladas; Bochechas contraídas; Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas; Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha; Apenas a bochecha direita inflada; Contração do lábio superior; Franzir do nariz.
Cabeça	Balanceamento para frente e para trás (sim); Balanceamento para os lados (não); Inclinação para frente; Inclinação para o lado; Inclinação para trás.

Expressões não-manuais da Libras	
Rosto e cabeça	Cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas; Cabeça projetada para trás, e olhos arregalados.
Tronco	Para frente; Para trás; Balanceamento alternado de ombros; Balanceamento simultâneo de ombros; Balanceamento de um único ombro

Fonte: Ferreira (1995, 2010, p.240) – Adaptado pela autora.

Para Felipe e Monteiro (2006, p. 27), "Na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto".

Tão importante tanto quanto a compreensão dos aspectos fonológicos da Libras, a compreensão da morfologia em Libras é de suma importância; desta feita, no próximo tópico será abordada sobre os aspectos morfológicos da Libras.

Entender sobre os aspectos fonológicos e morfológicos da Libras nos proporciona ter um olhar cuidadoso para com a análise e compreensão do objeto desta pesquisa.

4.2 MORFOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Com base nas considerações de Almeida (1983), compreende-se que a morfologia é um ramo da linguística que se concentra no estudo da estrutura, formação e classificação das palavras em uma língua. Ela analisa como as palavras são formadas por meio de processos como derivação, composição e flexão, e como essas formas influenciam o significado e a função na comunicação linguística.

A morfologia examina os elementos mínimos de significado nas palavras, chamados morfemas; e como esses morfemas se combinam para criar palavras/sinais. Em resumo, a morfologia é fundamental para entender como as palavras são formadas, organizadas e modificadas dentro de uma língua, contribuindo para com a compreensão mais profunda da estrutura e funcionamento da linguagem humana.

Quadros (2006) corrobora que, nos anos de 1960, havia uma mobilização de estudiosos da linguística, com o objetivo de atestar a legitimidade das LS enquanto línguas naturais. Esses linguistas buscavam comparações entre a LS e as LO (Línguas orais), baseados nos universais linguísticos. A partir desses estudos, novas premissas foram

incorporadas aos estudos linguísticos das línguas naturais. Sabemos que as línguas naturais podem ser concebidas em duas modalidades: visual-gestual e oral-auditiva.

Como afirmado anteriormente, as línguas de sinais são línguas "completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise". (Quadros; Karnopp, 2004, p.36). Morfologia é, pois, "[...] o estudo da estrutura interna das palavras ou sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são unidades mínimas de significado". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 86).

Tal qual as línguas orais, as línguas de sinais abrangem um sistema de formação de palavras. Em conformidade com as autoras supracitadas, há morfemas que, por eles mesmos, formam palavras; porém, há outros que jamais formarão palavras, apenas constituirão partes de palavras. Assim, as autoras ressaltam que "[...] têm-se os morfemas presos, que em geral são os sufixos e os prefixos, uma vez que não podem ocorrer isoladamente, e o morfemas livres, que constituem palavras". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 86).

De acordo com as autoras supracitadas, o estudo da Morfologia aborda os processos de flexão, composição e derivação "na língua portuguesa e em Libras, os processos de formação de palavras são realizados pela flexão, composição e derivação". Os morfemas nas LOs, de acordo com Rosa (2005), não estabelecem apenas o significado fundamental das palavras, mas estabelecem o gênero (masculino ou feminino); número (singular ou plural); grau (aumentativo ou diminutivo); e tempo (presente, passado ou futuro).

4.2.1 Processo de formação dos sinais

Independentemente de suas particularidades linguísticas, as línguas vigentes no mundo possuem seus processos responsáveis pela constituição de novas palavras; o que em Libras não é diferente, pois a Língua Brasileira de Sinais possuí um léxico bem amplo e um sistema de criação de novos sinais em que o os morfemas são combinados. Felipe (2006) afirma que essa combinação ocorre entre os morfemas lexicais e os morfemas gramaticais ou derivacionais.

> Nos estudos sobre os processos de formação de palavras [composição, aglutinação, justaposição e derivação, as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos) (Felipe, 2006, p.201).

Consoante Felipe (2006), os morfemas são os cinco parâmetros estabelecidos e que formam um item lexical na Libras. Esse ponto de vista sobre unidade mínima nos possibilita a compreensão de morfema na Libras e a constituição de novos sinais. Quadros e Karnopp ressaltam que "As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas.". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 87).

Com base nos pressupostos de Ferreira e Ferreira (2016), entende-se que a formação dos itens lexicais nas línguas de sinais ocorre por meio de modificações nas combinações desses morfemas, os quais podem ser: "morfemas lexicais, podendo ser uma raiz ou um radical (M); morfemas derivacionais, que podem ser um afixo (alterações em M e CM); ou morfemas gramaticais, caracterizando uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal (DIR) ou de gênero (CM)". (Ferreira; Ferreira, 2016, p.74).

No viés de Ferreira e Ferreira (2016), a Libras manifesta processos derivacionais que são formadores de palavras (sinais) novas com base em palavras já existentes na língua, dentre os quais estão derivação, incorporação e composição.

Ao abordar sobre a estrutura gramatical da Libras, Ferreira (1997) discute duas finalidades que o morfema pode desempenhar nesta língua: a função de morfema gramatical ou a função lexical (raiz). A autora ressalta que as unidades, que são agregadas ou incorporadas a essa raiz, identificam-se como morfema gramatical. O morfema lexical é o que possui o significado, sendo ele, o responsável pela parte significativa do sinal; porém, o gramatical é preso à raiz para acrescer informações gramaticais ao significado da raiz ou gerar um novo item lexical.

Os morfemas em Libras, que formam palavras nem sempre são equivalentes aos da Língua Portuguesa. Observe, pois, a seguir, a ilustração sugerida por Ferreira (1997, p.14) para os morfemas em Libras.

Quadro 6 – Morfemas lexicais e gramaticais da Língua Portuguesa

MORFEMA LEXICAL	MORFEMA GRAMATICAL
casa -	s (plural)
constru-	ção (nome)
possível -	im (negação)

Fonte: Ferreira (1997, p. 14)

Quadro 7 – Morfemas lexicais e gramaticais em Libras

MORFEMA LEXICAL	MORFEMA GRAMATICAL
SENTAR	movimento repetido (marca de nome)
BONITO	expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO	expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR	2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR	Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR	Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER	movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL	movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER	movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER

Fonte: Ferreira (1997, p. 14)

Desta feita, em Libras, os morfemas lexicais carregam o significado lexical das palavras. Eles representam substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e outras categorias gramaticais. Os morfemas gramaticais indicam as relações gramaticais e as flexões dos verbos, nomes e outros elementos da língua. Eles são usados para expressar concordância de número, gênero e outras informações gramaticais. Os morfemas gramaticais na Libras são realizados por meio de movimentos, expressões faciais e orientações espaciais.

4.2.2 Derivação

Na Libras, a morfologia exerce como função principal a mudança de classe gramatical, ou melhor dizendo, utiliza-se o significado de um sinal que já existe num contexto em que é necessária uma classe gramatical diferente; a derivação "é a criação de um novo sinal utilizando o significado de um sinal já existente, porém num contexto que requer uma classe gramatical diferente". (Ferreira [1995] 2010, p. 48).

A partir dos estudos de Supalla e Newport (19788), Quadros e Karnopp (2004) afirmam que o processo de criação de novos sinais ocorre a partir de formas já existentes, com propensão à repetição ou mudança do movimento na estrutura segmental da base, mantendo outras unidades (PA, CM e O) sem que ocorra mudanças nesses parâmetros.

Figura 12 – Processo derivacional na Libras – SENTAR – CADEIRA



Fonte: Quadro e Karnopp (2004, p.97) (adaptado pela autora).

Quadros e Karnopp (2004) se inspiraram nas pesquisas pioneiras sobre o tema abordado (Supalla; Newpot, 1978), que corroboram que a Libras pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. Repetindo o movimento dos nomes e encurtando o movimento dos verbos, conforme exemplo da figura 12.

As ilustrações acima são exemplos da formação de sinais por derivação e podemos perceber que ocorre mudança de classe gramatical. Conforme Ferreira (1997), o sinal para CADEIRA (substantivo), que é derivado do sinal SENTAR (verbo), realiza-se repetindo-se o movimento do primeiro e encurtando do parâmetro M.

Outro exemplo citado pela autora é BONITINHO que deriva de BONITO por meio da adjunção da expressão facial ~~, marcando assim o grau diminutivo. Assim, podemos observar nesses dois exemplos que as "palavras (sinais) são formadas a partir de seus radicais aos quais se juntam afixos ou morfemas gramaticais, pelo processo de derivação". (Ferreira, 1997, p.15).

Quadro 8 – Morfema lexical e morfema gramatical nos sinais da Libras

RAIZ (Morfema Lexical)	+ movimento repetido (marca de nome) (Morfema Gramatical)
 SENTAR (raiz)	 CADEIRA (derivação)
RAIZ (Morfema Lexical)	+ movimento repetido (marca de nome) (Morfema Gramatical)

 BONITO (raiz)	 BONITÃO (derivação)

Fonte: Elaborada pela autora (2023) com base em Quadros e Karnopp (2004)

Em concordância com Basílio (1987), o termo derivação concerne ao processo que "se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra". (Basílio, 1987, p. 26).

Quadros e Karnopp (2004) enfatizam que, o que diferencia um sinal do outro, é o movimento; porém, o que difere de uma classe gramatical para a outra, é a realização de um com o movimento simples, o outro com o movimento duplo. Desse modo, "o processo de derivação na LSB é aquele que deriva nomes de verbos ou verbos de nomes na Libras, os nomes derivam de verbos, caracterizando um processo chamado de nominalização". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 101).

É importante destacar que os morfemas na Libras são combinados de maneira estruturada a fim de que sejam formados sinais. Eles podem ocorrer antes, depois ou simultaneamente a outros morfemas, e sua ordem e configuração podem variar de acordo com o contexto e da função gramatical desejada.

4.2.3 Derivação Zero

Ao que se refere a derivação zero, é possível afirmar com base nos estudos de Felipe (2006) que, assim como a língua inglesa, a Libras possui muitos verbos denominais; ou seja, substantivos verbais, os quais se apresentam invariáveis e é, somente por meio do contexto, que haverá a percepção se eles estão sendo utilizados na função de verbos ou com a função de nomes. A autora citada apresenta alguns exemplos: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR; FERRO; PASSAR-COM-FERRO / BRINCADEIRA / BRINCAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER, entre outros.

OS itens lexicais exemplificados são sinalizados da mesma forma; ou seja, com a mesma CM, o mesmo PA ou L, e o mesmo M, o que irá diferenciá-los será o contexto em que serão realizados, ou seja, sinalizados.

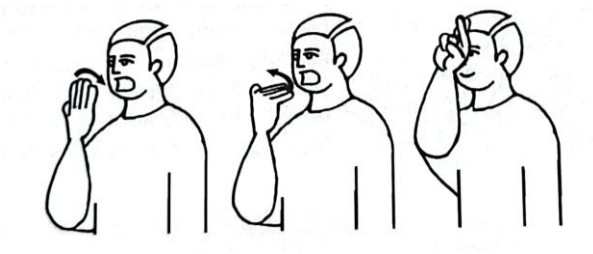
4.2.4 Composição dos sinais em Libras

Ao que se refere ao processo de composição de sinais, Felipe (2006) evidencia que "[...] nesse tipo de processo de formação de palavras, utilizam-se itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical". (Felipe, 2006, p. 207).

Felipe (2006, p.207) ressalta que, no processo de composição dos sinais em Libras, há três ocorrências:

1) Pela justaposição de dois itens lexicais – como por exemplo no item ALMOÇAR, que ocorre pela junção de MEIO-DIA com COMER.

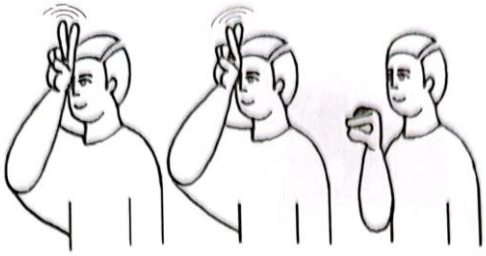
Figura 13-Sinal ALMOÇAR em Libras



Fonte: Capovilla *et al*. (2019, v.1, p.164).

2) Pela justaposição de um classificador com um item lexical – como no exemplo FORMIGA, formado pela junção do sinal INSETO com o classificador COISA^PEQUENA.

Figura 14 – Sinal FORMIGA em Libras



Fonte: Capovilla *et al*. (2019, v.2, p.1339).

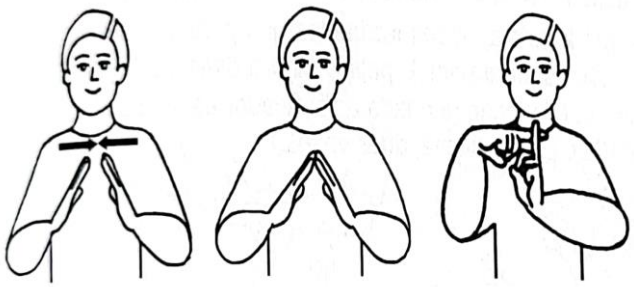
3) a justaposição da datilologia, em que a palavra em LP com o sinal que representa a ação produzida pelo substantivo, como podemos ver no exemplo AGULHA[14], que se forma a partir da junção de COSTURA-COM-AGULHA com A-G-U-L-H-A.

Basílio (1987) enfatiza que o processo de composição de palavras constitui-se pela junção de uma base a outra, surgindo assim um composto. Esse processo respeita a necessidade de expressão de combinações, mais especificamente de significado, cuja nomeação de diferentes objetos é realizada pela particularidade do elemento que se estabelece com a primeira parte da composição, configurando-se o processo por justaposição.

No surgimento de um novo sinal, pode ocorrer a junção de dois sinais sem que ocorra perda de parte do sinal de um deles; ou seja, nenhuma parte do sinal foi suprimida e, a partir da junção destes, cria-se um terceiro sinal, sendo apenas sinalizados de forma simultânea e que são denominados de sinais compostos por justaposição.

Na Libras, temos como exemplo o sinal IGREJA, que é composto pela junção dos sinais CASA+CRUZ, simultaneamente, os quais são realizados em sua totalidade. Felipe (2006) ressalta que nada é suprimido nessa sinalização, assim temos a realização do terceiro item lexical, no caso IGREJA.

Figura 15 – Sinal IGREJA em Libras



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, p.1489).

A autora, porém, ressalta que junto aos compostos por aglutinação, embora compreenda-se a utilização de mais de um sinal para o surgimento de um terceiro, ocorre uma supressão de um dos parâmetros na realização deste tipo de composto. Assim, para que ocorra um composto por **aglutinação** "algum ou alguns dos parâmetros de um, ou ambos os sinais seria modificado ou não seria realizado". (Felipe, 2006, p. 264).

[14] Não foi encontrada a imagem para esse exemplo.

Os itens lexicais formados por aglutinação ocorrem quando um dos cinco parâmetros que compõem as unidades mínimas do sinal deixa de ser realizado no ato da sinalização; temos, assim, um sinal composto por aglutinação.

Quadros e Karnopp (2004, p.103) apresentam três regras morfológicas que são utilizadas na criação de novas unidades compostas com significados:

1) Regra de contato: Quando os dois sinais ocorrem juntos para constituir um composto, um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, esse contato pode permanecer nos dois sinais ou apenas em um deles. Temos o exemplo do sinal composto ESCOLA, formado pela junção dos sinais CASA + ESTUDAR, em que o contato do primeiro com o segundo é mantido.

Figura 16 – Sinal ESCOLA em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103).

2) Regra da sequência única: Sinais compostos que apresentam movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Apresenta-se como exemplos os sinais PAI e MÃE[15] (isoladamente) apresentam movimentos repetidos; porém, juntos, PAI + MÃE formam um sinal composto, que significa PAIS. Desta maneira, é possível observar que o movimento interno do dedo é eliminado.

Figura 17 – Sinal PAI em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104).

[15] Variações utilizadas no Rio Grande do Sul.

Figura 18 – Sinal MÃE em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104).

Figura 19 – Sinal PAIS em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104).

3) Regra da antecipação da mão não-dominante: Quando ocorre a combinação de dois sinais para a formação de um sinal composto; porém, a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição. Temos como exemplo o sinal BOA+NOITE, em que podemos observar que a mão não-dominante está presente no espaço neutro, em frente ao sinalizador, com uma CM que faz parte do sinal composto.

Figura 20 – Sinal BOA NOITE em Libras.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104).

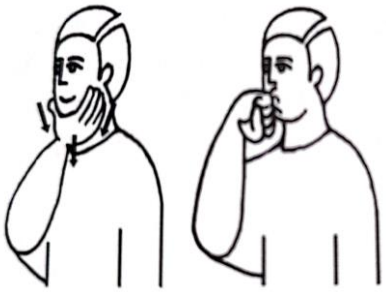
Quadros e Karnopp (2004) ressaltam que os sinais, ao serem realizados isoladamente, possuem significado próprio. Ao se juntarem, passam a ter um novo significado, e que muitas

vezes, os sinais compostos apresentam significados bem distante daqueles dos sinais base. Com base nesse pressuposto, afirma-se que, nesse processo de composição, não há como prever o significado do novo sinal apenas considerando o significado dos sinais base.

4.2.5 Flexão de Gênero

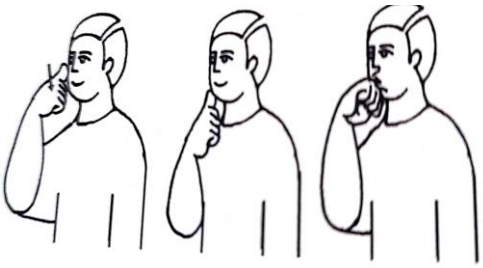
Ferreira ([1995] 2010) corrobora que os sinais em Libras não apresentam flexão de gênero. No caso dos substantivos, a autora relata que a indicação de gênero é realizada pela posposição do sinal HOMEM ou MULHER, tanto para pessoas, quanto para animais.

Figura 21 – Sinal PAI em Libras



Fonte: Capovilla *et al*. (2019, v.3, p.2069).

Figura 22 – Sinal MÃE em Libras



Fonte: Capovilla *et al*. (2019, v.2, p.1738).

Como podemos observar nos exemplos acima, há os sinais compostos PAI e Mãe; porém, os sinais de HOMEM e MULHER são antepostos. Nas figuras 21 e 22 observamos a composição por anteposição destes sinais, “HOMEM^BENÇÃO” para PAI e “MULHER^BENÇÃO” para MÃE.

4.2.6 Iconicidade e arbitrariedade do sinal em Libras

De acordo com os pressupostos teóricos de Albres ([2008] 2012), a iconicidade é "[...] a propriedade das palavras ou dos sinais de tomar como base para sua criação as características físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente". (Albres ([2008], 2012, p.26).

Albres (2012) corrobora que foi a partir dos primeiros estudos desenvolvidos por Klima e Bellugi (1979), que os estudiosos elaboraram as descrições primordiais sobre as propriedades das línguas de sinais, quando foram comparadas diferentes línguas de sinais, o que lhes permitiu afirmar que todas elas fazem utilização da iconicidade para a produção de seus sinais. Embora de diferentes nacionalidades, com sinais distintos para o mesmo referente, como por exemplo a ÁRVORE, todos os sinais apresentam alguma iconicidade; assim, Klima e Bellugi (1979) afirmam haver um elo de universalidade linguística das línguas de sinais

Pesquisadores linguistas das diversas áreas nas LSs vêm, há muito tempo, realizando investigações sobre os fenômenos linguísticos de arbitrariedade e da iconicidade, tendo sua visibilidade e notoriedade apenas após o reconhecimento das LS como línguas naturais, o que passou a ocorrer, mais precisamente, a partir das pesquisas de Stokoe (1960), o qual se dedicou às pesquisas sobre as ASL.

Quadros e Karnopp (2004) descrevem que os casos mais evidentes de arbitrariedade da língua referem-se à relação entre a forma e o significado; pois "as palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado é impossível prever a forma". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 26). A autora exemplifica que os símbolos usados são arbitrários, pois não existe relação direta entre a palavra "cão" e o animal que ele representa, por exemplo.

Entretanto, o fenômeno da iconicidade de maneira oposta à arbitrariedade, consiste numa atuação similar ao referente, ao seu significado; esse fenômeno da iconicidade, segundo os estudiosos, está presente em todas as línguas, sendo sinalizadas ou orais, transpassando todos os níveis linguísticos.

Autores como Cuxac (1996), Cuxac e Sallandre (2007) Taub (2004) e Wilcox (2004); entre outros, abordam em seus estudos o fenômeno da iconicidade na língua de sinais. No entanto, trabalham-na com finalidade da imagem, baseando-se na forma dos sinais. A iconicidade do ícone é correspondente ao item lexical, nesse caso, a um sinal específico.

Com relação à iconicidade Meir *et al.* (2013) corrobora que:

> Iconicidade é uma relação de semelhança ou similaridade entre dois domínios: forma (fonologia) e significado (semântica). "Forma" pode se referir a segmentos fonológicos que compreendem o sinal (iconicidade imagética), mas também ao modo em que elementos linguísticos são organizados com respeito um ao outro (iconicidade diagramática). "Significado" se refere tanto ao significado lexical quanto a funções mais abstratas e gramaticais, tais como pluralidade, anterioridade e outras. (Meir *et al*., 2013, p. 312-313).

Meir *et al.* (2013) buscaram averiguar o papel da iconicidade na estrutura das gramáticas, tendo como proposta que a gramática não anula a iconicidade; mas, contrariamente, que esta emerge da daquela. Outro destaque relevante é que essa motivação pode ser exteriorizada sob diferentes formas. Sendo possível compreender a iconicidade pela ordem dos elementos da sentença.

Em conformidade com Meir *et al*. (2013), a iconicidade nas línguas naturais é apoiada na experiência humana, na maneira de como o falante engloba suas experiências que adquire no mundo e as expressa na língua, por meio de palavras ou enunciações. Nesse contexto de pesquisa, a gramática das línguas naturais sustenta tanto a iconicidade quanto a arbitrariedade.

Wilcox (2000), baseado nos estudos de Friedman, corrobora que a iconicidade e os mecanismos fonológicos e gramaticais icônicos nas ALS e outras línguas de sinais são normatizadas e, ainda que a presença da iconicidade não demonstre falta de normatização nas línguas de sinais, por ser de modalidade visual gestual é favorecida e usufrui dos estímulos visuais que essa língua proporciona, diferentemente das línguas orais.

As LS são estruturadas espacial e visualmente percebidas, utilizam o espaço e as condições para desenvolver seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos para propagar significados, que são percebidos por seus usuários por meio das dimensões espaciais. O que justifica apresentarem formas icônicas; ou seja, formas linguísticas que representam o referente real em suas características visuais. Desta feita,, Ferreira (1995, [2010]) afirma que a iconicidade é mais perceptível nas estruturas das LSs do que nas línguas orais, em consequência a esses fatos e também que o espaço se assemelha ao concreto e palpável.

Wilcox (2004) define que a iconicidade cognitiva é pautada no modelo teórico da gramática cognitiva de Langacker (Foundations of Cognitive Grammar, 1987). Tanto a estrutura fonológica, quanto semântica para a gramática cognitiva fazem parte do espaço conceitual do usuário da linguagem, o qual é multidimensional e integra todos os pensamentos e conhecimentos.

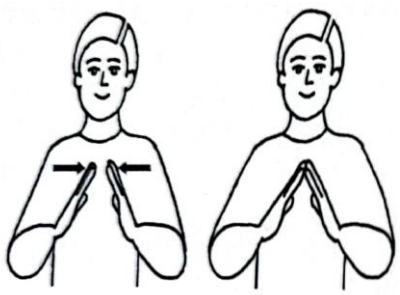
Nas línguas, é habitual que os aspectos semântico e fonológico de uma estrutura emblemática estejam em posições distantes do espaço conceitual. Tomemos como exemplo a

palavra para o som casa, é possível observar pouca proximidade com o significado da palavra. Essa distância no espaço conceitual, resulta na distância entre o semântico e o fonológico, que é a sustentação da arbitrariedade do signo. No entanto, quando o fonológico e o semântico coabitam a mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é restringida. Assim sendo, Wilcox define a iconicidade cognitiva como "[...] uma relação entre a forma de um sinal e o que ele se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceituais. Iconicidade cognitiva é uma relação de distância entre os polos fonológicos e semânticos de estruturas simbólicas". (Wilcox, 2004, p. 4)[16].

Nas LSs, a parte fonológica dos sinais envolve os parâmetros e a interação com outros objetos, o que contribui para com a representação icônica; podendo assim, os objetos e eventos serem representados.

Pautada nas informações apresentadas sobre a iconicidade dos sinais, há sinais arbitrários e sinais icônicos. São exemplos de sinais icônicos, CASA, ÁRVORE, COMER, os quais fornecem dados característicos de forma explícita do objeto.

Figura 22 – Sinal – CASA

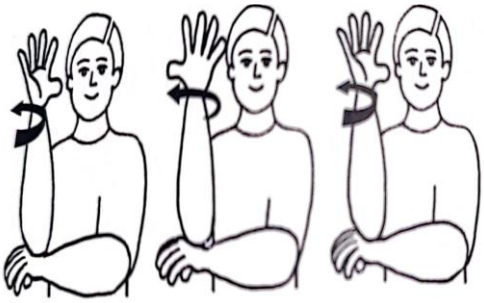


Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v.2, p.590).

Para o sinal CASA, apresentado acima, é nítida a iconicidade do sinal, o qual refere-se ao telhado de uma casa, representados aqui pela união das mãos.

[16] Cognitive iconicity is defined not as a relation between the form of a sign and what it refers to in the real world, but as a relation between two conceptual spaces. Cognitive iconicity is a distance relation between the phonological and semantic poles of symbolic structures.

Figura 23 – Sinal – ÁRVORE



Fonte: Capovilla *at al*. V.1, p. 279)

No sinal ÁRVORE, apresentado acima, é possível identificar, na formação do sinal, a utilização do braço como tronco da árvore e os dedos sendo utilizados para galhos, servindo a outra mão como base de sustentação dessa árvore; ou seja, a terra.

Em conformidade com Quadros e Silva (2023), e atentando para o fato de que em função das LSs serem línguas que acontecem no corpo e no espaço, a iconicidade tem conquistado mais atenção dos estudos das LSs, pois é percebida visualmente. Os autores supracitados afirmam que a iconicidade é "[...] identificada nos diferentes níveis linguísticos". (Quadros; Silva, 2023, p. 32). Taub (2012) corrobora que os sinais, no nível lexical, podem nos remeter a aspectos do conceito e de seus referentes. Em contrapartida, no nível gramatical, o referencial está relacionado visualmente ao próprio corpo, por meio de apontação e da concordância verbal.

Albres (2012, p.06) afirma que a iconicidade "é característica de alguns sinais ter sua forma motivada pelo objeto que representa, ou seja, sua produção assemelha-se ao objeto, a parte dele ou à relação que o homem desenvolveu com este referente". A autora assegura que:

> Apesar de a língua de sinais ter a propriedade de iconicidade, ela depende da convenção dos falantes da língua e do contexto de cada enunciado, assim como qualquer outra língua natural. A iconicidade depende da convenção, qualquer escolha icônica é ao mesmo tempo arbitrária. Uma comunidade social cria suas convenções a depender de sua condição histórica e social. (Albres, 2012, p. 33).

Bernardino, Silva e Passos (2015, p.04) afirmam que "Cada povo vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva"; deste modo, reforça-se que o aspecto icônico de um sinal ou referente varia de uma língua de sinais para outra, pois elas têm estímulos distintos e, nesse cenário, precisam ser consideradas a língua e a cultura surda de cada país.

De maneira mais objetiva, o conceito de iconicidade está atrelado à representação da realidade, do verdadeiro. De acordo com os pressupostos teóricos de Taub (2012), que buscou aprofundar-se sobre esse conceito, a transparência não é uma regra pertinente para se afirmar que um sinal é icônico; tendo como base a justificativa de que podem ocorrer sinais icônicos sem relação de transparência com seus referentes, pois, para o autor, a transparência não é norma para medir a iconicidade, uma vez que nem sempre o sinal acarreta uma relação de transparência com seus referentes. Para Taub (2012), quando os sinais parecem o que significam, tem-se a iconicidade; no entanto, ressalta que esse conceito implica a necessária complexidade cultural e conceitual ligada à iconicidade.

As autoras Quadros e Karnopp (2004) destacam que paralelamente à iconicidade, "há também a arbitrariedade, já que alguns sinais não representam associações ou semelhanças visuais com o referente". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 33). Na perspectiva de Strobel e Fernandes (1998), na Libras, a maioria dos sinais do léxico são arbitrários, pois não possuem motivação que os relacione a alguma equivalência com o referente; confirmando, assim, que os estudos apontam que as LSs não são completamente icônicas.

Embora a língua de sinais tenha a especificidade da iconicidade, dependerá, neste caso, do costume do falante e do contexto enunciado, como em qualquer outra língua natural. Porém, ao que tange à arbitrariedade, Albres (2012, p.33) diz que a iconicidade [...] depende da convenção, qualquer escolha icônica é ao mesmo tempo arbitrária". Uma comunidade social cria suas convenções a depender de sua condição histórica e social. Com base nesse pressuposto, a autora evidencia que, embora haja alguns sinais que apresentem motivação icônica, não são, porém, os objetos ou as coisas propriamente ditas. Cabe, pois, à comunidade linguística selecionar a parte da coisa ou do objeto para analisá-lo, podendo ser icônica e, ao mesmo tempo, arbitrária a natureza dessa motivação.

Outro fator relevante é que os indivíduos, que utilizam da Libras para se comunicarem, sejam eles surdos ou ouvintes; irão empregar com frequência a iconicidade, e os CLs, tornando a mensagem apropriada, clara, quando ocorrer a enunciação. Nesse viés, Ferreira ([1995], 2010, p. 112), corrobora que a iconicidade é "responsável pela transparência semântica de certos CLs ou de certos sinais", no momento da enunciação.

4.2.7 Classificadores na Libras

Partindo do pressuposto considerados por Quadros, Pizzio, Campelo e Rezende (2009) e, mais tarde revisto por Quadros e Royer (2018), de que os classificadores "[...] são formados

por morfemas constituídos por configurações de mãos que indicam classes específicas (portanto, morfemas) associadas a movimentos e representações motivadas iconicamente". (Quadros, 2019, p. 75). A literatura, conforme Quadro (2019), demonstra que os classificadores também são denominados de descritivos visuais ou imagéticos; portanto, trata-se de uma concepção importante a ser tratada nos estudos linguísticos.

Os classificadores são formas que estabelecem um tipo de concordância, evidenciando, por exemplo, uma característica física; imputando uma adjetivação que representa os elementos sinalizados. Nas LSs, as configurações de mãos os representam, sendo utilizados para configurar as formas dos objetos, animais e pessoas, tal como trajetórias percorridas e movimentos.

Consoante a Pimenta e Quadros (2006), os classificadores elucidam e tornam os significados do que se pretende enunciar mais compreensivos. Um exemplo, são os classificadores descritivos, os quais "desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados". (Pimenta; Quadros, 2006, p.71).

Ferreira ([1995], 2010) corrobora que os classificadores são tipos de morfemas existentes nas LSs. Conforme a autora, o uso de Cls (classificares) provavelmente está relacionado ao fato de as LSs serem espaço-visual; desta feita, fazem uso frequente de vários Cls. A autora enfatiza que um classificador é "um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe". (Ferreira [1995] 2010, p.102).

A autora supramencionada ratifica que os Cls funcionam como nome, advérbio, locativo ou adverbio de modo; porém a autora esclarece que é no verbo ou no advérbio que eles se incorporam.

Ainda sobre os classificadores, Ferreira [1995] 2010) informa que os CLs habitualmente são icônicos em seus significados, devido à similaridade entre forma ou tamanho do objeto ao ser referido.

Os classificadores referem-se a um grupo de sinais que são usados para se referir a situações, lugares, coisas, seres, formas entre outros/ os quais, habitualmente, não tem sinal próprio, porém fazem parte do discurso, geralmente são icônicos.

> O classificador é uma palavra ou morfema utilizado em algumas línguas de sinais para classificar o referente de um substantivo de acordo com seu significado. Os classificadores indicam alguma característica perceptível da entidade à qual se referem, como por exemplo, aspecto físico, tamanho, forma, animação, função, papéis sociais e a forma de interação. (Passos, 2014, p.26)

Passos (2014), com base nos estudos Aikhenvald (2000). corrobora que os classificadores podem ser utilizados na função de marcadores, o que possibilita o entendimento parcial do modo como as pessoas qualificam o mundo por meio de sua língua; desta maneira, os CLs evidenciam traços culturais de um povo específico e de sua maneira de ver o mundo.

Para Quadros e Karnopp (2004), os classificares possuem propriedades morfológicas distintas, são formas complexas em que a configuração de mão, movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente; sendo assim, "os classificadores são geralmente usados para especificar movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho a forma de objetos". (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93). As autoras citadas afirmam que, na LS, os Cls integram a parte do núcleo lexical, os quais são responsáveis pela maioria dos sinais existentes, bem como pela criação de novos sinais.

Em conformidade com Ferreira ([1995] 2010), os CLs em Libras são utilizados junto ao verbo de movimento e de localização, temos como exemplo o verbo ANDAR, que é representado por um classificador de pessoa andando. De acordo com a autora, neste exemplo temos um CL para pessoa incorporado ao verbo.

Figura 24- Classificador PESSOA ANDANDO



Fonte: Ferreira ([1995] 2010, p.106).

Com relação aos CLs, há diversos autores que abordam sobre as subdivisões dos classificadores. Nesse diapasão, portanto Rabelo (2020) busca seus referencias em Suppalla (1986), o qual descreve sobre os classificadores na ASL enquanto processo derivacional independente, junto aos quais o autor compara, categoriza e enumera a organização morfofonológica, em grupos de classificadores, sendo os especificadores de tamanho e forma, classificadores corporais, os classificadores instrumentais e os classificadores semânticos.

Em conformidade com Rabelo (2020), "os classificadores especificadores de tamanho e forma são morfemas do verbo movimento ou localização, que concordam com o substantivo em vários aspectos de seu tamanho e forma". (Rabelo, 2020, p.60). De acordo com os pressupostos, Rabelo (2020) apresenta os CLs de tamanho ou forma, também nomeados de CL descritivo, os quais se dividem em duas partes, que são os "[...] especificadores de

tamanho e forma estáticos de objetos longo, redondos, etc; e especificadores de tamanho e forma em traço, como no caso da mão movendo-se no espaço, traçando as linhas do referente em duas ou três dimensões". (Rabelo, 2020, p. 60).

Figura 25 - Classificador especificador de tamanho e forma – MESA



Fonte: Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.).

Um classificador especificador de tamanho e forma é usado para especificar forma e tamanho de objetos, tais como superfícies planas, texturas (lisas ou onduladas), tamanho, forma, locação entre outros, os quais são representados e descritos através das CMs.

Rabelo (2020) corrobora que os classificadores corporais caracterizam a maneira como uma ação acontece por meio da expressão corporal de seres animados. Todo o corpo do sinalizador pode ser usado para representar a pessoa ou o animal; ou ser representado por meio da mão ou de alguma outra parte do corpo do enunciador para descrever uma parte do corpo a que se refere.

Figura 26 – CL Corporal – TOURO CORRENDO



Fonte: Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.).

Figura 27 – CL Corporal – PÉS DE AVE



Fonte: Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.).

Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.) ressalta que a parte do corpo é uma localização. Sendo assim, pode especificar tamanho e forma de parte do corpo (dentes na boca, bico de ave, nariz, listras de um tigre) e classificadores dos membros (mãos e antebraço; pernas e pé).

Os classificadores instrumentais, conforme Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.), são configurações de mãos que incorporam o instrumento, descrevendo a ação gerada por ele, por meio de uma representação mimética do instrumento ao mostrar como o objeto é manipulado, sem fazer menção a ele.

Figura 28 – CL Instrumental – ESCREVER-PAPEL



Fonte: Dias Júnior e Andrade Sousa (s.d.).

Para Rabelo (2020), os classificadores semânticos são “entendidos como configurações de mãos que representam os referentes como categorias semânticas”. (Rabelo, 2020, p. 61). Apresentando como exemplo os CLs “[...] de seres com pernas como, por exemplo, pessoa, algum animal, aranha, etc; e os classificadores de objetos horizontais, verticais, etc.”. (Rabelo, 2020, p.61). A autora finaliza apresentando o exemplo utilizado por Suppalla (1986) para ‘ÁRVORE’, uma vez que esse classificador se refere abstratamente à categoria semântica das árvores, e não à forma do referente.

Neste capítulo discorremos sobre a organização fonológica da Libras e apresentamos os aspectos morfológicos, abordamos questões fundamentais referentes à morfologia na Libras e ao processo de formação dos sinais em Libras.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A busca pelo conhecimento é uma constante em nossas vidas, pois o ser humano é movido pela inquietação e interesse por novas descobertas. Novas conquistas possibilitam a construção e a reconstrução do nosso saber e, assim, somos motivados a uma constante busca por novos saberes.

Neste capítulo, trataremos da descrição das etapas deste estudo com o propósito de alcançarmos os nossos objetivos; para tanto, traçamos alguns caminhos que apresentaremos aqui, como também, a metodologia aplicada e a descrição dos informantes que participaram do nosso estudo.

5.1 PESQUISA NA SOCIOLINGUÍSTICA

Ao realizar este estudo, almejou-se analisar e descrever as variações linguísticas encontradas no estado de Rondônia, focalizando os aspectos fonológico e morfológico da Libras. Essa pesquisa teve o intuito contribuir para com os estudos científicos na área dos estudos linguísticos.

A Sociolinguística dedica-se aos estudos da variação linguística que, de acordo com Tarallo (1986), são duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.

De acordo com Tarallo, o fato sociolinguístico é a base de análise, pois “analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas serão nossos principais objetivos”. (Tarallo,1986, p.06). Assim sendo, essa análise constitui-se pelo processo de confrontar as variações linguísticas notórias em uma comunidade às diferenças que existem na estrutura social desta sociedade. Desta feita, o objeto de estudo da sociolinguística é averiguar a diversidade linguística. É de suma importância, pois, que na pesquisa Sociolinguística, em especial, ao que se refere a variação linguística, que o pesquisador assuma a heterogeneidade como condição verdadeira da língua, tanto com a sua utilização em seu contexto social, tendo em vista seu objetivo, o fator linguístico.

Nesta ocasião, o pesquisador na área da Sociolinguística, ao adentrar à comunidade linguística, que é objetivo de sua pesquisa, precisa refletir sobre a heterogeneidade que os falantes dessa comunidade exteriorizam em seu falar; ou seja, ponderar que os falantes fazem parte da mesma comunidade e compartilham os mesmos costumes, o que pressupõe considerar que não empregam, necessariamente, a mesma maneira de falar, o que foi

nomeado por Tarallo (1986), de “caos linguístico”, que “[...] basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (doravante chamadas de “variantes linguísticas”), se enfrentam em um duelo de contemporização”. (Tarallo, 1986, p. 05).

Vale ressaltar, que toda forma de dizer a mesma coisa, num mesmo contexto de fala, que possui o mesmo sentido; chamamos de variante, e o conjunto destes, são chamadas de variável. Com base neste pressuposto, ao pesquisador cabe refletir sobre a variável que pretende pesquisar, fundamentando seu interesse nesse processo e realizar uma coleta de dados detalhada que deve exprimir a fala dessa comunidade.

Tarallo (1986) corrobora que a língua falada é o vernáculo, que é o material básico para a análise sociolinguística, a qual deve ser observada, descrita e analisada em seu contexto social; ou seja, em ocasiões de uso, o que, para tanto, tem como ponto de partida a comunidade linguística.

A teoria variacionista foi fundada por Labov, cujo modelo teórico metodológico variacionista trabalha números e estatísticas dos dados reunidos. Esse modelo surgiu em contraposição ao modelo gerativista, sendo que Tarallo ressalta que a proposição desse método por Labov foi “uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”. (Tarallo,1986, p.07).

Nesse sentido, o interesse da Sociolinguística é pelas variações linguísticas as quais podem ser evidenciadas sistematicamente, o que, segundo Labov (2008), pode ser entendido como variação sistemática e alternativa de dizer a mesma coisa, desde que seja carregada do mesmo significado referencial.

A pesquisa variacionista se caracteriza como quantitativa e, para que a Sociolinguística cumpra com esse papel, faz-se necessário reunir uma grande quantidade de dados que, posteriormente, serão analisados estatisticamente, com posterior estabelecimento de relacionamentos a fatores sociais condicionantes; tais escolaridade, gênero, faixa etária, formalidade e nível socioeconômico do falante, neste caso o sinalizante.

Em conformidade com Tarallo (1986), para a realização de uma pesquisa Sociolinguística, a princípio, deve-se observar a escolha do tema que será abordado; ou seja, a delimitação do objeto de estudo. Segundo o autor, para que não ocorram problemas nas fases posteriores, algumas perguntas devem ser respondidas, tais como: Qual o tipo de comunidade de fala? Quais as características dessa comunidade? Quantos informantes serão necessários para a elaboração da amostra? e finalmente, Como entrar em contato com os informantes dessa comunidade?

Na sequência, faz-se necessário determinar a escolha dos informantes tendo como base os fatores extralinguísticos como idade, gênero, localidade, nível socioeconômico, escolaridade etc. A segunda fase desenvolvida foi a da entrevista, elaborada antecipadamente, com intenção de direcionar o informante para uma fala natural e espontânea. Nesta pesquisa, devido ao objeto de estudo ser uma língua visual-gestual, a Libras, para a coleta dos dados foram realizadas filmagens dos informantes ao realizarem os sinais selecionados, objetos da pesquisa, para análise posterior.

Além disso, Tarallo (1986) recomenda a transcrição dos registros orais dos informantes; porém, por se tratar de uma língua visual-gestual e para cumprir com o registro, foi adotado como critério a transformação dos sinais em desenhos; objetivando destacar o objeto de estudo em questão e analisá-los morfofonológicamente, ressaltando quais fatores preponderam como elementos condicionantes da variação.

Para realizar a pesquisa, cada uma das etapas, indicadas por Tarallo (1986), foram seguidas por esta pesquisadora e descritas nos tópicos abaixo.

5.2 METODOLOGIA: UM CAMINHO PARA RESULTADOS POSSÍVEIS

A metodologia científica corresponde ao estudo dos métodos científicos, empregando procedimentos que norteiam as pesquisas em busca da verdade científica, as quais transformam-se em conhecimento sistematizado adquirido por intermédio da pesquisa. A metodologia científica equivale à teoria conhecimento e da ciência, como também ao que se refere aos métodos e procedimentos da pesquisa científica. Santos (2009) corrobora que a metodologia é "[...] um conjunto de regras que facilita a condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam coerentes aos pressupostos teóricos". (Santos, 2009, p.68).

Para a realização desta pesquisa, partimos do pressuposto de que a Sociolinguística é a ciência que estuda a língua vinculada ao contexto social. Para constituição da metodologia usada na constituição do *corpus* desta pesquisa, adotou-se os mesmos procedimentos utilizados em trabalhos da Sociolinguística a partir do ponto de vista variacionista (Labov, 2008), mais especificamente da Teoria da Variação.

A abordagem utilizada nesta pesquisa é de cunho quali-quantitativa/quanti-qualitativa; a quantitativa requer à estatística, que trará explicação aos dados, enquanto a qualitativa, porém, trabalha com interpretação das realidades sociais. De acordo com Souza e Kerbauy (2017), a pesquisa qualitativa pode ser complementada pela quantitativa, ou vice-versa, os

resultados podem ser complementares, o que irá melhorar de forma enriquecedora a análise e as discussões finais.

Flick (2004) enfatiza que a junção dos métodos quantitativos e qualitativos possibilita mais confiabilidade e legitimidade aos resultados encontrados; impossibilitando, assim, o reducionismo à apenas uma opção, e possibilitando que uma complemente a outra.

A pesquisa se caracteriza como descritiva e de campo. A pesquisa descritiva conforme Triviños (1987) tem a pretensão de descrever fatos e fenômenos de uma dada realidade. Já a pesquisa de campo pesquisa exige que o pesquisador entre em contato direto com a população pesquisada; desta feita, ao pesquisador é necessário ir ao espaço onde o fenômeno acontece, ou aconteceu, para reunir informações a fim de que sejam documentadas.

O método utilizado nesta pesquisa é o dedutivo o qual, conforme informa Almeida (2021), é o método que "[...] apresenta-se por meio de reflexões que partem das verdades universais para as conclusões particulares". (Almeida, 2021, p.17). O autor reforça que esse método parte da razão para alcançar ao conhecimento.

Com o intuito de conhecer um pouco mais a respeito dos informantes da pesquisa e averiguar suas opiniões sobre variações linguísticas; assim como tentar entender como foi o primeiro contato com a Libras, entre outros, elaborou-se uma entrevista semiestruturada que, de acordo Manzini (2004), também é "conhecida como semidiretiva ou semi-aberta". (Manzini, 2004 p.03).

Para o autor supracitado, a entrevista semiestruturada tem seu foco voltado para o assunto para o qual elaboramos o roteiro com as perguntas principais, as quais podem ser complementadas por outras questões específicas no momento da entrevista, estrutura essa, que o autor considera possibilitar que as informações emerjam de forma mais livre e as respostas não ficam condicionadas a uma padronização de alternativa.

A partir deste pressuposto, foi elaborada uma entrevista contendo quinze perguntas abertas, as quais apresentaram resultados que serão abordados, principalmente, ao que se refere aos fatores extralinguísticos tais como gênero, faixa etária, escolaridade, situação socioeconômica; uma vez que, de acordo com Tarallo, "é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída". (Tarallo, 2008, p.62). Nesse tópico, também será abordado acerca do conhecimento que os surdos informantes da pesquisa possuem sobre o que vem a ser variação linguística na Libras.

Com o intuito de fundamentar as teorias aqui apresentadas, recorreu-se ao material já pesquisado e discutido anteriormente, realizando um levantamento bibliográfico, por meio de pesquisas em livros, dissertações e teses.

Foram realizadas idas a campo com o objetivo de realizar o levantamento dos dados, as visitas foram realizadas entre o período de setembro de 2022 a novembro de 2022. Assim como, com o objetivo de conhecer e traçar o perfil social dos informantes surdos no registro das variações linguísticas da Libras no estado de Rondônia, foram realizadas entrevistas com questionamento sobre a vida pessoal de cada deles, junto aos quais foi arguido sobre o gênero, faixa etária, escolaridade, naturalidade e sobre situação econômica, os quais foram indagados por meio da Libras por esta pesquisadora.

Conhecer o perfil do informante é relevante, pois a obtenção de tais dados tem como objetivo identificar os fatores extralinguísticos relacionados aos sujeitos informantes da pesquisa podem influenciar a escolha dos sinais a serem utilizados em seu cotidiano.

Tarallo (1986) indica que, na entrevista Sociolinguística, o pesquisador deve buscar precauções para se evitar ou reduzir efeitos negativos resultantes da presença do pesquisador e do gravador perante o informante, o que ele chamou de paradoxo do observador.

Essa indicação equivale ao exercício de observar e registrar, sem ou com pouca interferência, as falas dos informantes, por meio de entrevistas previamente estruturadas, com roteiro de perguntas pré-estabelecidas. Outra recomendação é para que o pesquisador se mantenha neutro na interação com os informantes, e que sua presença seja a mais natural possível dentro da comunidade pesquisada; evitando, assim, que a naturalidade seja perdida.

5.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA A COLETA DE DADOS

Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados, foram utilizadas figuras e a escrita dos itens lexicais em Língua portuguesa, os quais compõem seu *corpus*. A organização dos itens lexicais foi realizada com base na cultura do estado, onde foram selecionados cinquenta (50) itens lexicais, dispostos em cinco categorias semânticas. A escolha desses itens lexicais se justifica por fazerem parte do cotidiano do povo rondoniense, fazendo parte da cultura do estado de Rondônia e da Região Norte.

O material visual (*powerpoint*) foi elaborado utilizando figuras (buscadas na web), junto às quais foi inserida a escrita correspondente a cada item lexical que compõem o *corpus* desta pesquisa; itens esses que não foram sinalizados em Libras aos informantes, somente apresentado a eles por meio de apresentação visual, utilizando-se o *Powerpoint*, privilegiando

e respeitando a cultura surda, pois pautou-se pelo uso da visão, já que a cultura surda é marcada pelas experiências visuais, sendo o surdo respeitado como um sujeito singular e diferente, percebendo e se relacionando com o mundo por meio da experiência visual.

> [...] experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge à cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (Perlin, 1998, p. 96).

Antes de iniciarmos as gravações das variações, os informantes da pesquisa foram orientados que, em relação aos sinais que desconhecessem, deveriam informar que não sabiam, ou desconheciam o sinal daquele item lexical; assim passando o *slide* para o próximo item lexical.

5.2 CAMPO DA INVESTIGAÇÃO: O ESTADO DE RONDÔNIA

Conforme Tarallo (1986), é necessário definir que comunidade estudar, se urbana ou rural, industrializada ou não. Desta feita, optou-se pelo estado de Rondônia, por ser um estado novo, onde está pesquisadora nasceu e reside até os dias atuais. Senso assim, para que possamos conhecer de maneira breve como ocorreu o processo de ocupação do estado de Rondônia, aqui neste item falaremos brevemente sobre o assunto.

O atual estado de Rondônia passou por diferentes ciclos de ocupação em meados do século XVIII. Acolheu muitos colonizadores que vinham em busca de ouro. Cim (2003) relata que esses povos iam se aglomerando e formando pequenos povoados que, com o esgotamento de produção das minas, muitos colonizadores abandonaram, deixando Rondônia.

O processo de urbanização de Rondônia tem forte correlação com a abertura e pavimentação da Rodovia Federal BR-364, que liga o estado do Mato Grosso ao Acre, a qual contempla boa parte do estado de Rondônia; iniciando-se no município de Vilhena, divisa do estado do Mato Grosso, passando por Pimenta Bueno, Cacoal, Ji Paraná, Ouro Preto do Oeste, Jaru, Ariquemes e Porto Velho, este último fazendo divisa com os estados do Acre e do Amazonas. Vale ressaltar que essa rodovia foi edificada seguindo a rede telegráfica de Rondon, junto a qual foram-se formando pequenos povoados e vilarejos ao longo do traçado da BR 364.

Em 1960, foi construída a BR-364, anteriormente denominada de BR-29, e cuja construção da rodovia teve como referência a picada aberta na floresta para a instalação da linha telegráfica. Para que o fluxo de pessoas e veículos fosse possível, em alguns lugares foram construídas pinguelas ou pontes de madeiras; já junto a rios de grande extensão e volume de água, a travessia era realizada por meio de balsas.

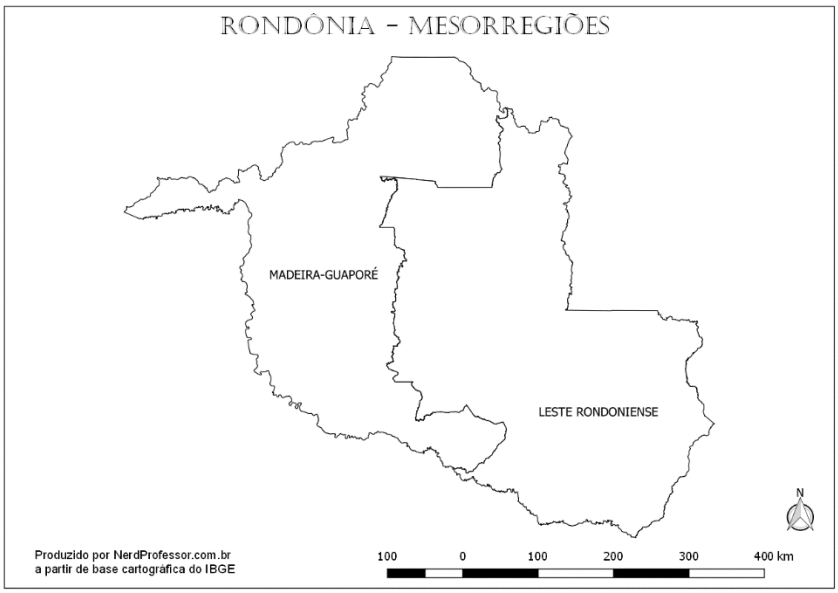
Chegar a Rondônia era um trabalho árduo e penoso; pois, em época de seca, havia grandes bancos de areia que dificultavam o trânsito de veículos e, durante o período chuvoso, havia grandes atoleiros, alguns ultrapassavam os dez quilômetros de extensão. Senso assim, de acordo com Kemper (2006), muitos caminhoneiros, morreram vítimas de malária. A BR-364 teve sua pavimentação concluída somente em 1984, e constituiu-se em um marco fundamental para a consolidação do progresso em Rondônia.

De acordo com Campos (2022), atualmente o estado de Rondônia é composto por cinquenta e dois municípios. Conforme dados do IBGE (2023), a Região Norte, onde o estado de Rondônia está localizado, apresenta uma população de 17.355.778 pessoas, da quais 1.581.196 pessoas habitam no estado de RO, sendo que a maioria desses habitantes são descendentes, imigrantes, de diversas regiões do país, que vieram para a região ao longo do século XX. A capital do estado é o município de Porto Velho.

Partindo do pressuposto de que Rondônia possui grande extensão territorial, optou-se por selecionar quatro municípios que atendessem aos seguintes critérios; primeiramente, observou-se que o estado de Rondônia se encontra dividido em duas mesorregiões[17], a do Madeira-Guaporé, formada por dez municípios e a mesorregião do Leste Rondoniense, formada por quarenta e dois municípios.

[17] A mesorregião geográfica é conceituada como a área individualizada em uma unidade da federação, que apresente formas de organização do espaço definidas pelas seguintes dimensões: as características sociais e a localização das atividades produtivas como elementos de articulação espacial. Esses elementos são construídos num processo histórico e na dinâmica regional das atividades produtivas." (Lima; Ales; Piffer; Piacenti, 2006, p.07).

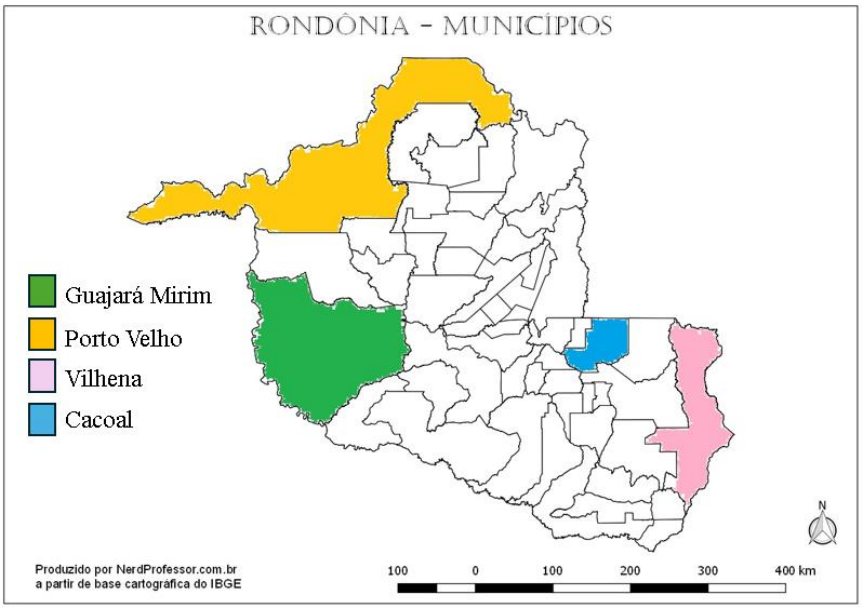
Figura 29 – Mesorregiões de Rondônia: Madeira-Guaporé e Leste Rondoniense



Fonte: https://nerdprofessor.com.br/mapas-de-rondonia/ (s.d.).

Para a realização da pesquisa, foram selecionados dois municípios da mesorregião Leste Rondoniense, sendo eles: Cacoal, que está localizado na região central do estado e Vilhena, que faz divisa com o estado do Mato Grosso. Da mesorregião do Madeira-Guaporé, foram selecionados outros dois municípios: o primeiro, o município de Porto Velho, faz divisa com o estado do Amazonas e o segundo, Guajará Mirim, faz divisa com a Bolívia.

Figura 30 – Mapa de Rondônia



Fonte: https://nerdprofessor.com.br/mapas-de-rondonia/ (s.d.).

Para o levantamento e registro dos dados, optou-se por realizar os encontros nos municípios de Vilhena, Cacoal, Porto Velho e Guajará Mirim durante o período de setembro a novembro do ano de 2022.

5.3 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS INFORMANTES SURDOS

Os informantes da pesquisa foram selecionados com diferentes faixas etárias, os quais foram eleitos da seguinte forma: 12 informantes para cada uma das faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 31 a 60 anos, sendo 12 do gênero masculino e 12 do gênero feminino. Outro ponto importante a ser considerado foi o de que os informantes selecionados deveriam ser, preferencialmente, nascidos nos municípios onde foi realizada a pesquisa.

Com relação ao grau de escolaridade, foram selecionados informantes de forma bem distribuída entre os diferentes níveis como: ensino fundamental, ensino médio e graduação; porém, não foi possível selecionar os informantes com quantidade equivalente aos níveis de ensino.

Assim, entretanto, alguns desses objetivos não puderam ser alcançados durante a seleção dos informantes, principalmente em razão de que houve grande dificuldade em encontrar surdos que aceitassem contribuir para com a pesquisa. Desse modo, em alguns dos municípios selecionados não foi possível considerar os objetivos traçados para essa seleção.

Os sujeitos informantes da pesquisa serão descritos individualmente, como também por município, conforme pesquisa realizada.

5.3.1 O município de Guajará Mirim e os informantes surdos

Em tupi-guarani, o nome Guajará-Mirim significa cachoeira pequena. A história do município de Guajará-Mirim está totalmente relacionada à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O município está localizado a 804 km de Cacoal/RO.

De acordo com Cidades@ IBGE (2020), antes do início da construção da estrada de ferro, ainda no início do século XIX, Guajará-Mirim era apenas um espaço, um ponto brasileiro destinado à povoação boliviana de Guayaramerin, que na época era conhecido como Esperidião Marques.

No declínio de 1903, o Brasil se compromete com a Bolívia em construir uma estrada de ferro, o que facilitaria o escoamento da produção boliviana, com o Tratado de Petrópolis,

os portos de Santo Antônio do Rio Madeira, em Porto Velho foi interligado ao porto de Guajará-Mirim.

Com a construção da ferrovia EFMM (Estrada de Ferro Madeira-Mamoré) contribuiu de forma significativa, entre outros, para o povoamento do lugar, com o extrativismo vegetal, como também para com o incremento da agricultura.

Segundo Cidades@ IBGE (2020), por volta de 1917, nada mais havia no local a não ser poucas centenas de seringueiros na região mourejando com o látex que era produzido e índios arredios que, uma vez ou outra, atacavam os exploradores da seringa que, por vingança, tentavam reduzi-los criando rixa entre os grupos e subgrupos dos jauis, tupis, hauris e outros.

Conforme Machado (2017), por meio da Lei do Estado de Mato Grosso n.º 991, de 12-07-1928, Guajará-Mirim (ex-povoado) foi elevado à categoria de município, categoria essa que foi instalada oficialmente em 10 de abril de 1929. De acordo com o site Cidades@ IBGE (2022), a população residente em Guajará-Mirim era de 39.387 pessoas.

A seleção dos surdos em Guajará Mirim não ocorreu de forma intencional, mas participaram da pesquisa os surdos que se propuseram a contribuir com o desenvolvimento da pesquisa. Devido o município não possuir uma associação de surdos[18], não é possível convivência no dia a dia, somente em alguns casos há uma relação de amizade e convivência; desta maneira, os surdos desconhecem outros surdos (ou pelo menos a grande maioria). Eles relataram que há muitas dificuldades para se encontrar surdos do gênero masculino, pois acreditam que a maioria deles residem na zona rural, mas afirmaram não ter certeza, uma vez que só conhecem dois que residem na zona urbana. Um deles participou da pesquisa, o outro surdo não foi localizado. Sendo assim, no município em questão, contamos com a participação de um surdo do gênero masculino e cinco do gênero feminino.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em duas etapas, a primeira no mês de setembro de 2022, quando somente três surdos participaram da pesquisa. A segunda fase aconteceu no mês de novembro do mesmo ano, e os outros três informantes contribuíram com esta pesquisadora.

---

[18] Uma associação de surdos surge em função de reunir sujeitos surdos que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns, assim como costumes, história, tradições em comuns, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria ou alugada, ou cedida pelo governo e outros espaços físicos. A Associação de Surdos representa importante espaço de articulação e encontro da comunidade surda. Importantes movimentos se originaram e ainda se resultam das reuniões e assembleias que ocorrem por todo o Brasil.
Fonte: Coleção Letras Libras. História da Educação de Surdos. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/historiaDaEducacaoDeSurdos/scos/cap14179/1.html#:~:text=1%2D%20Associa%C3%A7%C3%B5es%20de%20Surdos%3A%20Uma,pelo%20governo%20e%20outros%20espa%C3%A7os. Acesso em: 24 de abril de 2024.

A primeira visita para a coleta de dados foi no município, Guajará Mirim, onde três, dos seis informantes da pesquisa, por opção, se dirigiram até a UNIR, os quais aceitaram e participaram da gravação dos sinais de forma individual para que os demais informantes não viessem a interferir no resultado da pesquisa. Os outros três informantes solicitaram que esta pesquisadora se dirigisse até a residência deles, porém sempre acompanhada de um surdo da comunidade local.

As visitas para a coleta de dados em Guajará Mirim ocorreram em duas fases, a primeira no mês de setembro de 2022 e a segunda, em novembro de 2022. Devido ao fato de em Guajará Mirim não ter uma associação surda, houve uma grande dificuldade em encontrar os surdos, pois muitos deles não se conhecem. Na primeira fase da pesquisa, apenas quatro informantes foram localizados. Na segunda fase outros dois informantes puderam ser localizados e contribuir para com esta pesquisa.

A seguir serão descritos informantes da pesquisa conforme nomeação aventada na metodologia

Informante A

A informante é do gênero feminino, natural de Guajará Mirim/RO, tem 28 anos de idade, concluiu a Licenciatura em Pedagogia no ano de 2022, pela UNIR. É casada, trabalha apenas em sua própria residência, não recebe o benefício do BPC (Benefício de Prestação Continuada), a família possui renda familiar de um salário-mínimo. Os pais são ouvintes, e a informante revela ter iniciado o aprendizado de Libras na escola, no sexto ano do ensino fundamental. Tem acesso à internet de dados móveis, o que facilita o contato com surdos de outros municípios e de outros estados do Brasil e até mesmo fora do país esclareceu que, antes o uso da internet, o contato com a Libras ocorria apenas na escola, com o intérprete de Libras.

Quanto ao questionamento acerca do conhecimento da informante sobre o que vem a ser variação linguística, ela afirmou que "*são sinais como o mesmo significado, porém dependendo do lugar, são sinais diferentes para a mesma coisa*"

Informante B

A informante é do gênero feminino, nascida em Guajará Mirim/RO, tem 37 anos de idade, cursa graduação de Licenciatura em Pedagogia pela UNIR, é solteira, não trabalha e recebe o auxílio BPC, revelou ter renda familiar de um salário-mínimo. Filha de pais ouvintes,

o primeiro contato com a Libras ocorreu na escola, durante a formação em educação básica. Foi na graduação que teve um pouco mais de contato com a Libras formal. Tem acesso à internet de dados e revelou que antes do advento da internet, o contato com a Libras ocorria majoritariamente na escola.

Quanto ao questionamento sobre o conceito de variação linguística em sua opinião; a informante refletiu, mas não demonstrou conhecer o que vem a ser variação linguística, deixando esse questionamento sem resposta.

Informante C

Informante do gênero feminino, com 28 anos de idade, nascida em Guajará Mirim, com ensino superior completo e licenciada em Pedagogia; é solteira, com renda familiar até dois salários-mínimos, recebe o auxílio BPC e os pais são ouvintes, porém relatou ter parentes surdos na família paterna. Aprendeu Libras na escola, possui internet em casa; porém, antes da internet, o acesso a Libras ocorria somente na escola. A informante não demonstrou ter conhecimento sobre o que vem a ser variação linguística e, portanto, não formulou uma resposta acerca do questionamento feito.

Informante D

A informante D é do gênero feminino, com 48 anos de idade, nascida em Costa Marques, mas reside em Guajará desde a infância, cursou somente até o 5.º ano do ensino fundamental; solteira, trabalha somente em sua própria casa, possui renda familiar de 01 salário-mínimo que provém do auxílio BPC, informou que os pais são ouvintes e que aprendeu Libras na escola. Tem acesso à internet de dados e antes de ter esse acesso, o contato com a Libras ocorria principalmente na igreja e com os amigos. A informante, revelou não saber o que vem a ser variação linguística.

Informante E

Com 46 anos de idade, a informante é do gênero feminino, nascida em Guajará Mirim, ela informou que concluiu o ensino médio; é casada, trabalha em sua própria residência e possui renda familiar de até 02 salário-mínimo. Ela revelou receber o auxílio BPC, os pais são ouvintes, seu primeiro contato com a Libras ocorreu na escola e tem acesso à internet em

casa. Antes do uso da internet, o contato com a Libras se dava somente na escola e junto a amigos. A informante disse não saber a definição de variação linguística.

Informante F

O informante F é do gênero masculino, tem 23 anos de idade, nascido em Guajará Mirim, ele informou que concluiu o ensino médio, ele trabalha num supermercado do município. Revelou que a renda familiar gira em torno de 02 salários-mínimos, que não recebe o BPC, informou ser filho de pais ouvintes e que aprendeu Libras na escola Tem acesso à internet de dados e que, antes da internet, o acesso a Libras ocorria somente na escola. Ele revelou não conhecer o que vem a ser variação linguística.

5.3.2 O município de Porto Velho e os informantes surdos

Porto Velho é a capital do estado de Rondônia, instalada à margem direita do Rio Madeira, na Região Norte do Brasil. Por volta de 1907, foi fundada por desbravadores durante a construção da EFMM – Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O município está localizado a 480 km de Cacoal/RO.

Com o término da construção da EFMM, que se deu em 1912, Percival Farquhar (que comandava a empresa americana Madeira Mamoré Railway Company, construtora da EFMM desde 1907 e usava o velho porto para descarregar materiais para a obra da ferrovia) decidiu que o ponto inicial da ferrovia seria ali. Percival Farquhar se tornou o verdadeiro fundador da cidade, que recebeu o nome de Porto Velho, a qual foi legalmente criada em 02 de outubro de 1914; sendo que, em 1943, se transformou na capital do estado de Rondônia, com a criação do Território Federal do Guaporé. De acordo com o IBGE (2023), um total de 460.434 pessoas constitui a população atual e o município é o mais populoso de Rondônia.

Porto Velho foi o segundo município a ser visitado. A pesquisa aconteceu em duas etapas, sendo a primeira em setembro de 2022 e a segunda em novembro de 2022.

A primeira fase da coleta de dados foi realizada na UNIR *campus*, onde quatro dos seis informantes puderam ser entrevistados e filmados para posterior análise. Na segunda fase, os informantes solicitaram que a filmagem fosse realizada em sua residência para que pudessem ter maior conforto, comodidade e privacidade.

Em Porto Velho, o contato com a comunidade surda ocorreu por intermédio de surdos que participam de associações de surdos, que são profissionais de educação com os quais essa

pesquisadora tem uma relação de amizade e de cunho profissional. Esses profissionais não mediram esforços para contribuir para com esta pesquisadora.

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado em duas etapas, a primeira ocorreu no mês de setembro de 2022, quando somente quatro surdos participaram. A segunda fase aconteceu no mês de novembro do mesmo ano, em que outros dois informantes contribuíram para com esta pesquisadora. Logo abaixo faremos a apresentação desses informantes.

Informante G

A informante é do gênero feminino, tem 24 anos de idade, nascida e residente em Porto Velho, possui superior incompleto (cursando); é solteira, não trabalha, recebe o auxílio BPC e é filha de pais ouvintes. Aprendeu Libras na escola, tem acesso à internet em casa e, antes dessa possibilidade de acesso, o contato com a Libras ocorria na escola e junto a amigos. Ela revelou não saber o que vem a ser variação linguística.

Informante H

Com 40 anos de idade, a informante é do gênero feminino, nascida em Pimenta Bueno/RO, mora em Porto Velho há 15 anos. Mestra, casada, professora do magistério superior, possui renda familiar entre 5 e 10 salários-mínimos, não recebe o BPC, aprendeu Libras na escola, tem internet em casa e antes de usar a rede de dados, tinha acesso a Libras na escola, com amigos e junto à associação de surdos.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, ela relatou que *"sei o que é variação linguística, são sinais diferentes para as mesmas coisas"*.

Informante I

A informante I é do gênero feminino, tem 29 anos de idade, nascida em Porto Velho, com curso superior incompleto (cursando), casada, trabalha em uma empresa de distribuição de energia; tem renda familiar de até dois salários-mínimos e não recebe o auxílio BPC. Os pais são ouvintes, aprendeu Libras na escola, tem acesso à internet, e antes tinha acesso a Libras somente na escola e junto ao contato com os amigos.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, ela relatou que "*são sinais diferentes para as mesmas coisas*".

Informante J

Nascido em Porto Velho, o informante J é do gênero masculino, com 31 anos de idade, mestre, solteiro, professor do magistério superior, possui renda entre 02 e 03 salários-mínimos, não recebe o BPC. É filho de pais ouvintes, aprendeu Libras na escola e tem internet em casa; revelou que antes da internet, para ter acesso a Libras, ia até a casa dos amigos surdos com os quais se relacionava.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, ele relatou que "*são palavras iguais, com sinais diferentes*."

Informante K

Com 29 anos de idade, o informante K é do gênero masculino, nascido em Porto Velho, com curso superior incompleto (cursando), solteiro, trabalha no setor de educação profissional do estado, tem renda familiar que oscila entre 5 e 10 salários-mínimos, não recebe o auxílio BPC. Seus pais são ouvintes e teve acesso a Libras na escola, tem acesso à internet e, antes dela, tinha contato com a Libras na escola e com os amigos. Revelou desconhecer o que significa o termo variação linguística.

Informante L

Do gênero masculino, o informante tem 24 anos de idade, nascido em Porto Velho, tem curso superior incompleto (cursando), solteiro, trabalha num centro de distribuição de produtos alimentícios e a renda familiar oscila entre 01 e 02 salários-mínimos, não recebe o auxílio do BPC. Os pais são ouvintes e o informante teve contato com a Libras na escola, tem acesso à internet, mas antes dela, ele tinha acesso a Libras somente na escola. Revelou desconhecer o que significa o termo variação linguística.

5.3.3 O município de Vilhena e os informantes surdos

No início do século XX, por volta dos anos de 1910, teve início a história do município de Vilhena, que recebeu esse nome pelo Tenente Coronel Cândido Mariano

Rondon, em homenagem ao ex-chefe Álvaro Coutinho de Melo Vilhena. A comissão Rondon ao passar por aquelas terras fixou um posto telegráfico (na linha Cuiabá/ Santo Antônio do Alto Madeira), nos campos do Planalto dos Parecis, o qual ligaria as principais cidades da região Oriental do País.

Vilhena foi elevada à categoria de município por meio da Lei Federal n.º 6.448/1977, que a desmembrou de Porto Velho e Guajará-Mirim, sendo o município instalado em 1982. De acordo com o Cidades@ IBGE, a população residente em Vilhena é de 95.832 pessoas.

O terceiro município visitado para a coleta de dados foi Vilhena, que se revelou o campo de pesquisa mais difícil de ser adentrado, pois as pessoas que desenvolvem trabalhos junto à comunidade surda do município alegaram não ter tempo disponível para apresentar essa pesquisadora aos surdos residentes no município.

Após várias tentativas frustradas, com diversos profissionais residentes em Vilhena, solicitei ajuda aos moradores de Vilhena que fazem parte do grupo de *WhatsApp* Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)/UNEMAT, turma 2020; porém, uma doutoranda residente em Vilhena, se propôs a me ajudar nesse processo, a qual intermediou o contato com uma professora que está afastada das funções para tratamento de saúde. Desta maneira, ela mediou o contato desta pesquisadora com alguns surdos do município, estabelecendo uma conexão entre os surdos do município com esta pesquisadora, fornecendo à pesquisadora a devida autorização dos futuros informantes, além de propiciar o contato telefônico com vários surdos residentes em Vilhena. Assim, foi possível criar um grupo no aplicativo do *WhatsApp*, por meio do qual foram enviados vídeos em Libras solicitando a ajuda deles para realização da pesquisa.

Após o envio de vídeos explicativos em Libras aos surdos informantes do grupo do *Whatsapp*, nos quais eu expus ser doutoranda e que estava realizando uma pesquisa junto aos surdos do estado de RO e que surdos de outros municípios já tinham aceitado participar da pesquisa. Após algum tempo (quase um dia todo), sem haver manifestação dos informantes do grupo, dois surdos se propuseram a contribuir.

Mediante tal manifestação, esta pesquisadora se organizou e foi até o município de Vilhena ao encontro desses dois informantes surdos. Ao chegar ao município, outro informante do grupo, que ainda não havia se manifestado, se propôs a participar da pesquisa também, o qual entrou em contato com outros surdos. No entanto, somente após esse contato de afirmação com os surdos residentes em Vilhena, os demais surdos aceitaram participar da pesquisa, essa situação confirma o que Tarallo já afirmara anteriormente, quando sugeriu:

“Procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade”. (Tarallo, 1986, p.27).

Após ser aceita pela comunidade surda Vilhenense, esta pesquisadora foi convidada a realizar as filmagens na casa de cada um dos informantes. Todos foram gentis, colaborativos e extremamente educados, propuseram-se a participar sempre que eu necessitasse de informantes. Quanto aos informantes, a pesquisa foi realizada com aqueles que se propuseram a participar, duas informantes do gênero feminino e quatro informantes do gênero masculino.

A pesquisa aconteceu em uma única fase, devido às dificuldades encontradas para adentrar a este campo de pesquisa, a coleta de dados ocorreu no mês de novembro de 2022. Abaixo seguimos com a apresentação dos informantes de Vilhena.

Informante M

A informante é do gênero feminino, com 24 anos idade, natural de Vilhena, licenciada em Pedagogia, solteira, trabalha num frigorífico do município, com renda familiar que varia entre 03 e 05 salários-mínimos e recebe o auxílio BPC. Os pais são ouvintes, revelou que aprendeu Libras na igreja, tem acesso à internet e o contato com a Libras antes da utilização da rede, ocorria somente na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, a informante relatou que “*são sinais diferentes em alguns lugares, para as mesmas coisas*.”

Informante N

Informante do gênero feminino, com 20 anos, nascida em Vilhena, cursa graduação, solteira, não trabalha e com renda familiar de varia entre 02 e 03 salários-mínimos, recebe o auxílio BPC. Seus pais são ouvintes, aprendeu Libras na escola, tem acesso à internet e antes do acesso à rede, o contato com a Libras se dava somente na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, a informante relatou não conhecer o termo.

Informante O

O informante é do gênero masculino, com 25 anos, nascido em Vilhena, com ensino fundamental incompleto, solteiro, não trabalha, com renda familiar de 01 salário-mínimo,

recebe o auxílio BPC. Os pais do informante são ouvintes, ele revela que aprendeu Libras na escola, tem acesso à internet e que, antes de acessar a rede, tinha somente contato com a Libras na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, o informante relatou não conhecer o termo.

Informante P

Com 31 anos de idade, P é do gênero masculino, nascido em Vilhena, especialista, com três graduações, solteiro, trabalha num cartório de Registro de imóveis em Vilhena, com renda familiar que varia entre 05 e 10 salários-mínimos e não recebe o auxílio BPC. Seus pais são ouvintes, tendo ele revelado que aprendera Libras na igreja, conta com acesso à internet e o contato com a Libras, antes da internet, dava-se somente na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, o informante diz ter uma noção; segundo ele, variação linguística é "quando *temos sinais diferentes para as mesmas coisas*".

Informante Q

Natural de Vilhena, o informante é do gênero masculino, com 36 anos de idade, especialista, com duas graduações, divorciado, trabalha numa loja de departamento no município de Vilhena, no setor de logística em transporte, com renda familiar que varia entre 01 e 02 salários-mínimos, não recebe o auxílio BPC. Os pais do informante são ouvintes e ele aprendeu Libras em Curitiba/PR, quando cursava a escola de educação básica. Tem acesso à internet e o contato com a Libras antes da utilização da rede, ocorria apenas na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, o informante diz ter a noção, segundo ele, de que variação linguística é "quando *temos sinais diferentes para as mesmas coisas*".

Informante R

Informante do gênero masculino, com 33 anos de idade, nascido em Vilhena, com ensino médio incompleto, solteiro, trabalha numa loja de venda de ferros no município; porém não sem carteira assinada para não perder o auxílio BPC. A renda familiar vai até dois salários

salários-mínimos. Em sua família, os pais são ouvintes e revelou que aprendeu Libras com os amigos, tem acesso à internet e o contato com a Libras, antes da internet, ocorria somente na escola.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, o informante diz não conhecer o termo.

5.3.4 O município de Cacoal e os informantes surdos

A formação de Cacoal teve início por volta de 1930, quando estas terras ainda pertenciam ao estado do Mato Grosso. Kemper (2006) corrobora que, por volta de 1909, a comissão Rondon passou pela região abrindo uma trilha para a instalação da linha telegráfica e construção de pontos estratégicos, os postos telegráficos, o que mais tarde norteou a abertura da BR-364.

No início do ano de 1970, o governo federal implantou os Projetos de Colonização e Reforma Agrária; o processo migratório, resultante então, foi abundante, ocorrendo muitos conflitos, invasões de terras e centenas de indígenas da etnia Suruí dizimados em conflitos com os grandes proprietários de terras.

Com o projeto de colonização e a formação da Vila Cacoal, por volta de 1972, muitas terras foram desapropriadas, o município se desenvolveu em pouco menos de uma década e, já em 26 de novembro de 1977, foi elevado a município do ex-território de Rondônia.

Segundo dados do IBGE (2022), a população do município de Cacoal, no ano de 2022, era de 86.887 pessoas. O município é forte no ramo do agronegócio, destacando-se o setor agropecuário, com pujante cultura do café e agricultura familiar em diversos setores.

Cacoal foi o quarto e último município onde a coleta de dados foi realizada, mesmo esta pesquisadora residindo no município e com laços de amizade com muitos surdos do município, optou-se também por estabelecer contato com uma surda que intermediou o contato com os demais informantes.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, no mês de novembro de 2022, os encontros para a coleta de dados ocorreram na casa da informante que estabeleceu contato com os demais, com data e hora agendados, de forma individual.

Embora esta pesquisadora seja conhecida da comunidade surda de Cacoal; porém, há alguns anos afastada, mas sempre em contato com os surdos, solicitou ajuda a uma surda para localizar e entrar em contato com os surdos do município, não houve nenhum tipo de resistência dos surdos quanto a participação deles na pesquisa.

Por ser moradora do município de Cacoal, esta pesquisadora foi ao encontro dos surdos conforme a disponibilidade de cada um. Os encontros aconteceram no mês de novembro de 2022. Logo abaixo iniciamos a apresentação e caracterização desses informantes do município de Cacoal.

Informante S

Informante do gênero masculino, com 21 anos de idade, nascido em Cacoal, com ensino fundamental completo, solteiro, não trabalha, sua única renda é o benefício BPC. Seus pais são ouvintes e relatou que, o pouco conhecimento que possui da Libras, foi adquirido na escola e com os amigos surdos. Ele tem acesso à internet, e antes desse advento, o contato com a Libras dava-se somente na escola e com amigos.

Com relação ao questionamento sobre o que vem a ser a variação linguística, ele relatou desconhecer o que é.

Informante T

O informante é do gênero masculino, tem 27 anos de idade, natural de Cacoal, possui ensino médio completo, é casado e trabalha em um supermercado em Cacoal. A renda familiar gira em torno de 01 salário-mínimo, não recebe auxílio do governo e é filho de pais ouvintes. Revela ter aprendido Libras na escola e com os amigos surdos. Ele possui internet em casa, e o único contato com a Libras acontecia na escola, com intérpretes e amigos.

Revelou desconhecer o que vem a ser variação linguística.

Informante U

O informante é do gênero masculino, tem 39 anos de idade, nascido em Cacoal, possui duas graduações, é especialista e está cursando o mestrado em Letras. Ele é casado, professor da rede estadual de ensino. Sua renda familiar gira em torno de 05 a 10 salários-mínimos. Filho de pais ouvintes, aprendeu Libras na escola, revelou que seu primeiro contato com a Libras foi no estado de São Paulo e foi se aperfeiçoando com o decorrer de sua vida escolar. Narra que ter cursado a graduação de Letras/Libras foi o que contribuiu para com o conhecimento formal da Libras. Ele tem acesso à internet e antes de usá-la, o contato com a Libras ocorria somente na escola, com amigos e na associação de surdos.

Quanto ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, ele informou a esta pesquisadora que são "*palavras diferentes que existem em diferentes lugares no Brasil, porém com o mesmo significado*".

Informante V

Natural de Mato Grosso, do gênero feminino, com 29 anos se idade, reside em Cacoal há 16 anos, relata que sempre residiu em RO, casada, licenciada em Pedagogia, ela trabalha no setor de limpeza de um hospital público estadual situado no município de Cacoal, porém encontra-se afastada de suas atividades laborais por motivo de doença. Possui renda familiar de 05 a 10 salários-mínimos, não recebe o auxílio BPC e seus pais são ouvintes. Ela revela ter aprendido Libras na escola e com os amigos. Tem acesso à internet, o que facilita o contato com outros surdos; porém, antes desse advento, ela só tinha contato com a Libras na escola.

Quanto ao questionamento sobre o que vem a ser variação linguística, ela informou não conhecer o significado.

Informante W

Informante do gênero feminino, com 27 anos de idade, nascida em Cacoal, com ensino médio completo, casada, não trabalha fora, apenas em seu lar. Possui renda familiar de 01 salário-mínimo, não recebe o benefício BPC e seus pais são ouvintes. Ela informou que aprendeu Libras na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e na escola. Tem acesso à internet, e que antes da internet, o contato com a Libras ocorria somente quando encontrava os amigos; ademais, revelou desconhecer o que vem a ser variação linguística.

Informante X

A informante é do gênero feminino, tem 29 anos de idade, natural de Espigão do Oeste, reside em Cacoal há pouco tempo, está concluindo o ensino médio, solteira, sua renda é de um salário-mínimo, provindo do recebimento de auxílio BPC. Seus pais são ouvintes e ela revelou que aprendeu Libras na escola e com os amigos, além disso, tem acesso à internet, mas antes, o contato com a Libras dava-se apenas com os amigos e de forma presencial. Revelou desconhecer o que é variação linguística.

5.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

De acordo com as recomendações de Tarallo (1986), e em respeito à cultura surda, antes de dar início à etapa da pesquisa de campo; ou seja, antes de adentrar à comunidade surda de cada um dos municípios informantes, esta pesquisadora recorreu à intermediação de pessoas já pertencentes a estas comunidades. Para tanto, foram realizados contatos com pessoas ouvintes, parte integrante da comunidade surda de cada um dos municípios, com o intuito de estabelecer datas para as visitas a serem realizadas e, assim, dar início à coleta de dados; pois, conforme Tarallo, é fundamental que se "procure entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade". (Tarallo, 1986, p.27)

O contato estabelecido com pessoas integrantes das comunidades surdas, dos municípios pesquisados, teve como objetivo adentrar a essas comunidades, sendo esta pesquisadora apresentada à comunidade pesquisada por pessoas conhecidas (amigos surdos ou ouvintes, intérpretes ou familiares) dos surdos; para que, desta maneira, a pesquisadora fosse aceita e gerasse confiança junto aos informantes surdos. Deste modo, a aceitação da pesquisadora foi imediata e não gerou desconforto e nem mesmo desconfianças perante os informantes.

No mesmo dia, antes de iniciar as entrevistas e a coleta de dados, foram entregues aos informantes o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o termo para uso de imagem e som de voz para que pudessem ler; porém, a maioria dos informantes solicitou a esta pesquisadora para o termo fosse explicado em Libras a fim de que eles tivessem um conhecimento prévio mais amplo acerca da pesquisa. Todos os informantes concordaram em participar da pesquisa, mas nenhum deles autorizou a divulgação para o uso de imagem e de som.

Aos informantes da pesquisa foram esclarecidas as questões relativas à disponibilidade e uso de imagens gravadas, notificando que elas seriam de uso exclusivo desta pesquisadora, e que suas identidades serão mantidas em sigilo. Foram orientados quanto ao fato de que todos os dados coletados ficarão armazenados em HD (*Hard Disk*) externo e em drives por cinco anos.

Fez-se necessário esclarecer aos informantes da pesquisa que o TCLE garante a eles que não haverá exposição ou constrangimentos; ademais, esse instrumento assegura a participação e proteção deles na pesquisa, testificando que o estudo não fere os princípios da ética e normas que regem as pesquisas no Brasil, sendo fiel a legislação vigente, segundo a

resolução 466/12, no artigo XIII.3, que normatiza as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e a Norma Operacional 001/2013 do CNS (Conselho Nacional de Saúde).

De acordo com a resolução 466/2012, constitui estudo em Ciências Humanas e Sociais toda e qualquer "pesquisa que, individual ou coletivamente, tenha como informante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos." (Brasil, 2012). Essa resolução orienta que as pesquisas que envolvem seres humanos devem ser submetidas ao sistema CEP/CONEP; portanto, essa pesquisa foi submetida ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com parecer favorável sob o número 5.472.225, não sendo necessária a submissão ao CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

Na ocasião da coleta de dados, foi esclarecido aos informantes quais seriam os riscos que a pesquisa poderia apresentar aos envolvidos, a respectiva metodologia a ser utilizada e quais medidas mitigadoras seriam adotadas com o intuito de amenizar o desconforto que o estudo poderia gerar junto aos informantes. Na ocasião, ainda estávamos num período pandêmico e, para proteção integral dos informantes e da pesquisadora, foram utilizadas máscaras do tipo N95, além de constante utilização de álcool em gel 70%, e mantido um afastamento seguro durante as gravações e realização das entrevistas.

5.5 TRATAMENTO E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a posse do material coletado; entrevistas realizadas, registro em vídeo das variações encontradas, documentos assinados, com todo o material reunido, foi necessário organizá-los para serem sistematizados para análise. Ao sintetizar os dados coletados e analisar as variáveis sociais, almeja-se conhecer os sujeitos informantes da pesquisa em desenvolvimento, conforme a realidade de cada município pesquisado, considerando sua localização, situação geográfica, extensão territorial dentro do estado, interação entre os surdos, características próprias e diversidade histórica, social e cultural, entre outras.

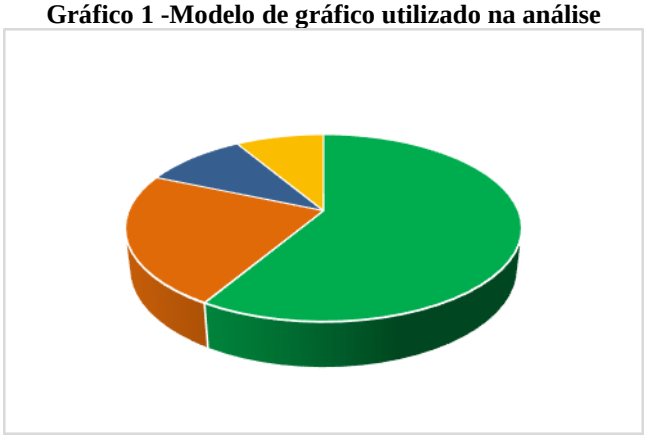
Com o intuito de viabilizar a pesquisa e para que não houvesse perda de dados, todo material coletado foi gravado em vídeo, com autorização prévia dos informantes. Após a coleta de dados, todos os dados foram reunidos e armazenados em um HD externo, separado por município e informante.

Os registros em vídeo totalizaram 3h17m de gravação, foram registradas 264 variações, as quais foram transformadas em desenho/imagem para serem inseridas na tese e analisadas quanto à composição morfofonética da Libras.

A princípio, pretendíamos realizar o registro dos sinais fazendo o registro fotográfico dos informantes, por meio de fotografias dos próprios surdos, os quais seriam fotografados realizando o sinal da variação linguística encontrada. Contudo, alguns surdos, por timidez, não aceitaram serem fotografados e, posteriormente, terem suas fotos inseridas na tese; foi por esta razão que optei por ilustrar as variações registradas por meio desenho.

Na etapa das entrevistas, todas as informações levantadas foram anotadas por mim, as quais disponho na análise dos dados, cuja constituição dar-se-á por meio de apresentação de gráficos e percentuais para alcançar mais exatidão nas informações registradas.

Gráfico 1 -Modelo de gráfico utilizado na análise

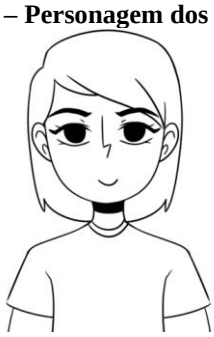


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Foram utilizados gráficos disponíveis no pacote do *Office* para *Windows* 11, no *Word*. O modelo selecionado por mim foi o gráfico pizza 3D, facilitando a visualização. Após essa etapa, buco analisá-los em respostas aos objetivos propostos.

Após as idas a campo e ter realizado o registro das variações, expliquei ao meu filho que eu queria uma personagem para inserir na tese, a qual seria utilizada para representar a sinalização das variações linguísticas da Libras que foram registradas. Rafael, então me solicitou algumas informações e criou a personagem apresentada a seguir.

Figura 31 – Personagem dos registros



Autor: Gil Costa (2023).

Para a ilustração dos dados coletados ao que se refere as variações, além da criação da personagem para a elaboração dos desenhos, também adotamos a utilização de setas para demonstrar o (s) movimento (s) dos sinais registrados.

Figura 32 – Setas indicando o movimento, direção e forma do sinal



Autor: Alcântara (2024).

Para o registro dos sinais, além da utilização das setas, foram adotados alguns símbolos, os quais são utilizados para o registro do sinal por meio do *SignWriting*[19], os quais compões o sinal das variações a serem analisadas. Dessa feita,

> As setas de movimentos se estabelecem como formas geométricas vetoriais sendo retilíneas, curvilíneas, angulares, sinuosas, semicirculares e helicoidais. O movimento para cima e para baixo paralelo à parede é escrito com setas duplas, diferentemente do movimento para frente e para trás paralelo ao chão, que é escrito com setas simples. (Silva, s.d., p.130).

Uma das etapas da pesquisa consiste em regravar os sinais com todos os detalhes do registro para que fossem transformados em imagens fixas; para tanto, os vídeos foram assistidos por esta pesquisadora e regravados. Para a regravação, foi adotado o critério de reassisti-los por categorias semânticas, ordem dos itens lexicais e por município; sendo, posteriormente, e aos poucos, os vídeos produzidos encaminhados aos desenhistas[20], num

[19] *SignWriting* é um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Disponível em: https://www.libras.com.br/signwriting. Acesso em: 16 de jun. 2024.
[20] O primeiro desenhista: Rafael Elias Gil Costa, estudante de odontologia na UNINASSAU, residente em Cacoal/RO (meu filho).

processo em que, pouco a pouco, as variações foram transformadas em ilustrações, as quais compõem o *corpus* desta pesquisa.

A personagem utilizada em todas as ilustrações é de autoria do meu filho Rafael Elias Gil Costa, e os desenhos do primeiro, segundo e início do terceiro item. No entanto, devido ao trabalho dele e aos estudos na graduação que cursa, Rafael não conseguiu conciliar horários para desenhar todas as variações registradas, pois foram muitos registros. Desta maneira, por indicação de colegas de trabalho, entrei em contato com Suzana Frota Alcântara, contratei seu trabalho, por meio do qual, por um período aproximado de dez meses, foram desenhadas as variações linguísticas registradas em vídeo. Suzana é surda, usa a Libras como primeira língua, o que facilita o processo de transformação dos sinais registrados em vídeo, em desenhos fixos, apresentando o movimento, direção, forma entre outros. Por conseguinte, não há perda da autenticidade dos sinais registrados. Suzana iniciou os desenhos a partir da variação 03 para o item lexical PAMONHA.

Para a análise dos sinais registrados (variações linguísticas) resultante desta pesquisa, para sua representação escrita, será adoto o sistema de notação em palavras, que conforme Felipe e Monteiro (2008), as línguas de sinais possuem um sistema de convenção para escrevê-las, que demandaria de um longo período de estudo para ser compreendido; sendo assim, adotei "o sistema de notação em palavras", que vem sendo empregado por muitos pesquisadores das línguas de sinais, tanto no Brasil quanto em outros países. Conforme as autoras este nomeação, foi atribuído ao sistema pois "[...] as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais". (Felipe; Monteiro, 2008, p.19).

De acordo com Felipe e Monteiro (2008, p. 23-27), a Libras será representada a partir das seguintes convenções[21]:

Quadro 9 – Sistema de notação em palavras

Regra	Exemplos
Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.	CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.
Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.	CORTAR-COM-FACA "cortar", QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA "meio-dia".
Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas	CAVALO^LISTRA "zebra", LEÃO^BOLINHA-PELO-CORPO "Onça"

Segundo desenhista: Suzana Frota Alcântara, estudante de Tecnologia Produção Multimídia no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, reside em Palhoça/SC.

[21] Não será apresentado todo o sistema de notação em palavras, somente serão apresentadas algumas regras, as que serão utilizadas nesta tese para representar os sinais registrados.

com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.	
A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.	J-O-S-É M-A-R-Y
Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.	AMIG@ “amiga(s) ou amigo(s)”, FRI@ “fria(s) ou frio(s)”, MUIT@ “muita(s) ou muito(s)”, TOD@, “toda(s) ou todo(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) ou meu(s)”;
Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).	IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me) IGUAL (me) PESSOAEM-PÉ (md)

Fonte: Adaptado pela autora (2023).

Desta maneira, nesta pesquisa será adotado o sistema de notação em palavras para representar graficamente a escrita da Libras. Ressaltamos que ENM serão apresentadas nas ilustrações dos sinais e nos vídeos que os acompanham.

Em contrapartida, com o registro das variações representadas, foram separados por categorias lexicais, as quais foram distribuídas em alimentos, meios de transportes, animais, frutas e diversos (sinais específicos de algumas cidades de RO), cada categoria é composta por 10 (dez) itens lexicais e que totalizam 50 (cinquenta) itens.

Para a etapa das análises, primeiramente, apresento-as em quadros, no total de 116, os quais são nomeados, um por um, apresentado no tópico anterior, neste quadro, apresento a figura utilizada para a visualização dos informantes no momento da gravação. Na sequência, apresento as variações encontradas, em que são mostradas todas as variações registradas por item lexical, enumero-as, iniciando sempre do numeral 01 (um), exponho o sinal referência, com base em Capovilla *at al.* (2019). Ademais, somente quando não encontrado o registro para a variação no material base, busco na *Web* essas variações, as quais são fotografadas e apresentadas nos quadros com as devidas referências.

Muitas vezes o material utilizado como base apresenta mais de uma variação, porém adotei o critério de utilizar uma ou duas delas para que esses quadros não se tronassem extensos e pudesse, assim, dar prioridade aos sinais que possuem relação com o(s) mais utilizado(s) na região, ou os mais próximos. Utilizo o mesmo critério para a seleção dos registros encontrado na *Web*, especificamente na Plataforma *YouTube.*

Após a apresentação das variações, são mostrados item por item até o último registro, envolvendo os 50 (cinquenta) itens lexicais, distribuídos em categorias. Após essa etapa,

pensando em atender todo tipo de público, principalmente os surdos, e inspirada no autor Capovilla *at al.* (2019); adotei o processo de apresentar informações sobre o item lexical a ser analisado. Entretanto, é preciso ressaltar que não adotei todos os critérios que o autor esboça em sua obra, a qual foi referenciada nesta tese; optei apenas por trazer informações como significado, parte histórica (quando possível), o local (região) onde o item lexical é mais encontrado, entre outras informações relevantes. Assim, creio que pelo Brasil ser uma país de grande diversidade cultural, a utilização deste critério facilitará ao leitor o acesso à informação de maneira rápida e prática. Ao concluir essa etapa, sigo para a análise morfofonológica das variações registradas, momento em que adotei o quadro para apresentar todas as variações registradas e enumeradas.

Quadro 10 – Modelo de apresentação das variações registradas

Variação 01	Variação 02
Variação 03	Variação 04

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Primeiramente, apresento o item lexical em forma de desenho/imagem, abaixo insiro o *Qrcode*, para que o leitor possa acessar o vídeo que foi regravado por mim, em respeito a decisão de alguns informantes em não expor sua imagem. Essa regravação possibilitará ao leitor a visualização da variação registradas em movimento.

Para as variações compiladas, foi utilizado o critério de apresentar na análise todos os sinais registrados; outro ponto relevante a destacar, é que houve o registro do momento em que o informante diz não saber, ou não conhecer o sinal para o item e lexical apresentado, informações essas que estão dispostas na análise. Outro critério utilizado foi apresentar o sinal registrado mesmo quando não houve a variação; pois, algumas vezes, os informantes utilizaram somente um sinal específico da Libras. Nesse sentido, entendo que é de extrema

importância trazer aos leitores que alguns sinais não apresentaram variações durante as gravações para esta pesquisa.

Dessa feita, somente foram descartados os sinais para os quais houve o início de uma sinalização; porém o próprio informante disse não saber, mesmo tendo iniciado essa sinalização, nesse momento. Assim, alguns informantes utilizam a descrição da ação, ou do objeto, nesse contexto eu não os disponho na tese, pois não se trata de um sinal, mas de uma explicação referente ao item lexical, muitas vezes detalhada, tornando-se longa e fugindo dos objetivos propostos.

Por último, houve a etapa da regravação das variações linguísticas encontradas no estado de Rondônia; sendo elas regravadas, editadas e disponibilizadas em um canal na *Youtube,* o qual foi criado por essa pesquisadora, denominado "**Variações linguísticas da Libras em Rondônia" (**disponível em: https://www.youtube.com/@miriagildelima6374) e em que estão publicados os vídeos das variações linguísticas registradas, material visual desta pesquisa. Todo o material poderá ser acessado por meio da disponibilização do hiperlink e do *QR Code* para cada um dos vídeos, os quais encontram-se inseridos abaixo de cada uma das variações registradas, mantendo, assim, a fidedignidade dos sinais registrados.

Na fase da interpretação quantitativa dos dados, far-se-á a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos com base no número de ocorrências da realização e não realização do fenômeno estudado. Os sinais serão igualmente analisados e descritos com base morfofonológica e será verificada se ocorre ou não a variação e, quando ocorrer, serão correlacionados aos fatores extralinguísticos.

5.6 ANÁLISE DOS DADOS

A presente pesquisa objetiva analisar as variações linguísticas na Libras que ocorrem no estado de Rondônia quanto a sua composição morfofonológico, com a pretensão de averiguar se há relação na construção dos sinais das variações linguísticas com a cultura local; ademais, busca-se observar o conhecimento que cada informante possui sobre o que vem a ser a variação linguística, e utilização da língua de sinais padrão. De igual pretensão, objetiva-se sondar quais ocorrências acontecem com mais frequência entre as faixas etárias e analisar o nível de influência da escolaridade nas ocorrências das variações.

É de fundamental relevância à pesquisa uma legítima análise dos dados bem fundamentada teoricamente, com embasamento em estudos já realizados por autores como

Tarallo (1986), Labov (2008), Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (1995, 2010), Felipe e Monteiro (2006), entre outros.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, conforme Tarallo (1986), o número de informantes é adequado, sendo seis informantes em cada município, os quais foram selecionados em quatro municípios do estado de Rondônia; totalizando vinte e quatro informantes, doze do gênero feminino e doze do gênero masculino, com faixas etárias variando entre 20 e 40 anos. De acordo com o autor supracitado, "para a análise sociolinguística que segue esse feitio é necessária uma enorme quantidade de dados". (Tarallo 1986, p.20). Posterior à coleta das informações desejadas, de acordo com o autor supracitado, cabe ao pesquisador se debruçar e trabalhar estatisticamente com os dados que favoreçam a identificação de quais os grupos de fatores estão relacionados pela ocorrência de uma dada variação e quais não o são.

No que tange às etapas da pesquisa, Tarallo (1986) corrobora que "Tal sistematização consiste em análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a outra". (Tarallo, 1985, p. 10). Desse modo, considera esse pesquisador que é importante sistematizar também o "encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade"; nesse sentido, o autor sugere que o pesquisador analise "em qual nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada".

Em virtude de não haver uma concordância entre os autores, em relação à quantidade das configurações de mãos, para análise dos dados registrados utilizei o inventário de Configurações de Mãos do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, figura (Figura 6).

5.6.1 Seleção dos dados

Uma etapa muito importante na pesquisa é seleção dos dados que irão compor sua análise; uma vez que precisam ser selecionados para essa etapa. Ademais, essa seleção criteriosa é crucial para garantir que os dados utilizados na pesquisa sejam de alta qualidade e relevantes para os objetivos proposto no estudo.

A triagem inicial dos dados colabora para com a verificação da integridade, observando se os registros e armazenamento de dados foram bem-sucedidos e eliminando dados que não são pertinentes aos objetivos da pesquisa. Dessa feita, essa etapa deve ser realizada com muito critério, para não interferir nos resultados; ou seja, a organização e

preparação dos dados é de extrema relevância para assegurar a eficácia e a precisão da análise subsequente.

Portanto, o objetivo desta pesquisa era selecionar 24 informantes, sendo 12 do gênero feminino e 12 de gênero masculino; porém devido a algumas dificuldades encontradas nos municípios de Guajará Mirim e Vilhena, as quais foram relatadas anteriormente nesta pesquisa, não foi possível realizar a pesquisa como pretendida. Assim sendo, foram encontrados somente 13 informantes do gênero feminino e 11 do gênero masculino.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção busca atender aos objetivos específicos em que **se** procurou observar o conhecimento que cada gênero possui sobre o que vem a ser a variação linguística e sua utilização da língua padrão; averiguar quais ocorrências acontecem com mais frequência entre as faixas etárias e analisar o nível de influência da escolaridade nas ocorrências das variações.

Na sequência, apresento a análise morfofonológica que, como o próprio nome sugere, diz respeito a uma área da linguística que estuda as relações entre morfologia e fonologia.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados cinquenta (50) itens lexicais, com base na cultura do estado de Rondônia. Esses sinais foram dispostos em cinco categorias semânticas, conforme o estudo de Dizeu (2014), sendo **(I) alimentos** (açaí na tigela, feijão tropeiro, pamonha, tacacá, mandioca (macaxeira), tambaqui, pirarucu, vatapá, tapioca, bolo de mandioca (macaxeira)); **(II) meios de transporte** (ônibus, caminhão, trator, carroça, avião, barco, bicicleta, motocicleta, jerico, carro de passeio)); **(III) animais** (jacaré – açu, onça pintada, cobra sucuri, capivara, paca, harpia, bicho preguiça, peixe-boi, boto, tamanduá bandeira)); **(IV) frutas** (cupuaçu, bacupari, também conhecido como bacuri, açaí, araçá-boi, biribá, tucumã, graviola, pupunha, ingá, acerola); **(V) diversos** (essa categoria é composta por diversos itens que estão presentes na cultura de Rondônia, ou seja, na região norte.) (Rondônia (estado), Rio Madeira, Bolívia (país fronteira), Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Três Marias, Forte Príncipe da Beira, Indígenas, balsa, rede e garimpo)).

Em atendimento aos objetivos, a análise morfofonológica é de cunho descritiva e terá como base os aspectos do nível fonológico da Libras, junto aos quais busco identificar as CM, PA, M, O e ENM, que nos permitirão uma análise mais minuciosa da estrutura do sinal, pois leva em consideração a particularidade de cada sinal (variações linguísticas da Libras) registrado. Na sequência, será realizada a análise do nível morfológico dos sinais registrados de maneira descritiva, tendo em vista que a morfologia examina os elementos mínimos de significado nas palavras a fim de que possamos compreender como é a formação dos sinais, como são organizados e modificados dentro de uma língua, auxiliando na compreensão de modo mais profundo da estruturação e funcionamento da linguagem humana.

Nesta pesquisa, serão consideradas variações linguísticas da Libras os sinais que apresentarem alteração quanto ao aspecto morfofonológico da Libras; para tanto, a análise terá como base os sinais registrados no Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais do Brasil, volumes I, II e III (Capovilla, 2019), por ser um material construído com base em dados coletados nas principais capitais brasileiras, e em cujas obras os autores fazem

especificações quanto aos sinais utilizados nas principais capitais brasileiras. Ademais, ressalto que, quando não houver o registo do sinal para o item lexical em análise, será utilizado como rede de apoio a Plataforma do *Youtube* e o material de Sussuarana (2021) para que os sinais tenham referências, principalmente, os sinais que se referem especificamente ao estado de Rondônia, na Categoria Diversos, por exemplo.

6.1 RESULTADOS E ANÁLISES DAS ENTREVISTAS: FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

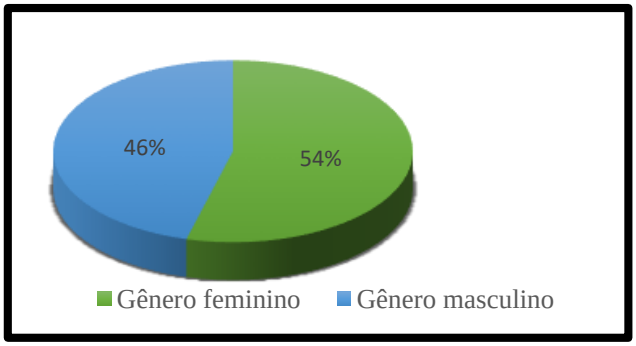
Por meio das entrevistas, buscou-se verificar fatores extralinguísticos como gênero, escolaridade, faixa etária, gênero/sexo, nível socioeconômico, localidade e escolaridade; para que, assim, pudéssemos responder aos objetivos propostos, tais como: observar o conhecimento que cada gênero possui sobre o que vem a ser a variação linguística, e utilização da língua padrão; averiguar quais ocorrências acontecem com mais frequência entre as faixas etárias e analisar o nível de influência da escolaridade nas ocorrências das variações.

Nos a seguir, são apresentados os resultados encontrados nessa pesquisa.

6.1.1 O gênero dos informantes das pesquisas

O objetivo desta pesquisa era selecionar 24 informantes, sendo 12 do gênero feminino e 12 de gênero masculino; porém, devido algumas dificuldades encontradas em Guajará Mirim e Vilhena, relatadas anteriormente nesta pesquisa, não foi possível realizar a pesquisa como pretendida. Nesse contexto, temos 13 informantes do gênero feminino e 11 do gênero masculino; porém, como não se trata de uma pesquisa estritamente quantitativa, cremos que não haverá prejuízos para o estudo.

Gráfico 2 - Gêneros informantes da pesquisa



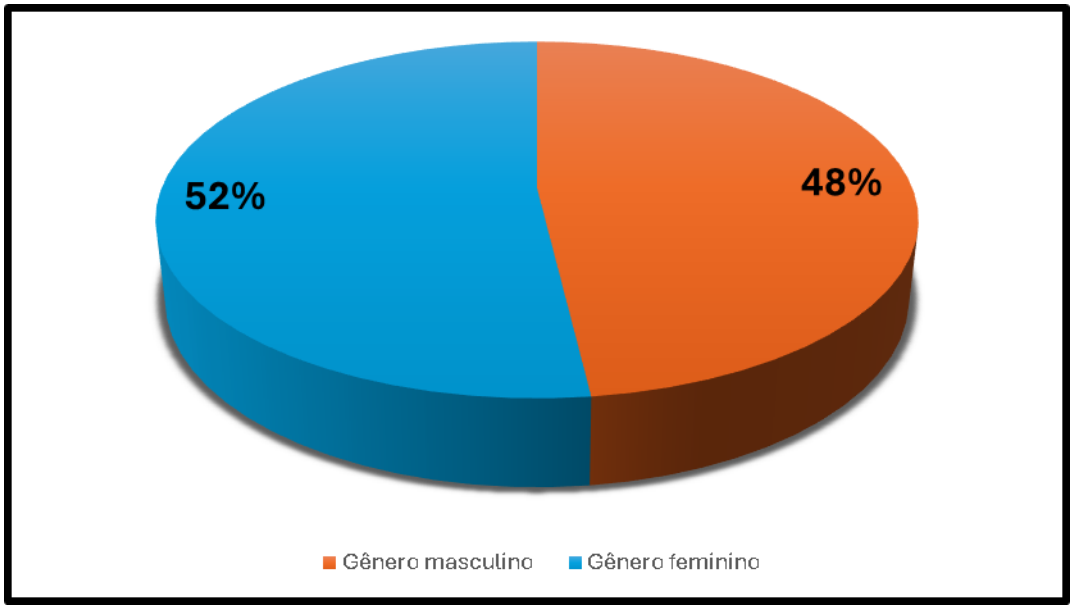
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os informantes da pesquisa compõem um de total 24 surdos, sendo 13 do gênero feminino e 11 do gênero masculino, o que corresponde que 54% dos informantes são do gênero feminino e 46% do gênero masculino.

> As diferenças linguísticas decorrentes do gênero existem porque a língua, como fenômeno social, está intrinsecamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, já que a sociedade lhes impôs papéis distintos e lhes cobra comportamentos distintos. A língua reflete as diferenças de gênero, que são consequências de diferenças sociais. (Vieira *apud* Castro Junior, 2014, p. 125).

Nesta pesquisa, com base nos dados coletados, foram observados que, tanto os informantes do gênero masculino, quanto as do gênero feminino, apresentam variações dos sinais da Libras em estudo. Percebe-se que "as diferenças mais evidentes entre as falas de homens e mulheres se situam no plano lexical". (Paiva, 2004, p. 33). Da mesma maneira, observou-se que, ao que se refere ao léxico, houve diferenças entre homens e mulheres. Esse fenômeno decorre, principalmente, em função de a língua estar vinculada às atitudes sociais e comportamentos linguísticos sociais, e ao da do fato de a sociedade estipula papéis diferentes entre homens e mulheres, era-se de se esperar a configuração de padrões de comportamentos diferentes e, consequentemente, de que suas opções linguísticas poderiam ser diferentes.

Gráfico 3 – Resultado de utilização das variações por gênero



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No entanto, na contramão de estudos já realizados anteriormente, sobre o uso das variações linguísticas entre informantes dos gêneros feminino e masculino; e com base nos

dados levantados nesta pesquisa, podemos observar que as informantes do gênero feminino, que correspondem a 52%, utilizaram variações da Libras, e em relação aos informantes do gênero masculino, 48% apresentaram a utilização de variações.

Ao realizar a análise quantitativa dos dados, foi possível observar que houve itens lexicais para os quais os informantes do gênero masculino não apresentaram variações, tais como araçá-boi e graviola; em contrapartida, as informantes do gênero feminino apresentaram variações para todos os itens lexicais.

Ressalto que um dos fatores que merece destaque é que as informantes do gênero feminino apresentam índice de escolaridade maior em relação aos informantes do gênero masculino. As mulheres com ensino superior completo, especialização e pós-graduação correspondem a 47% das informantes, enquanto os homens correspondem a somente 37% dos informantes.

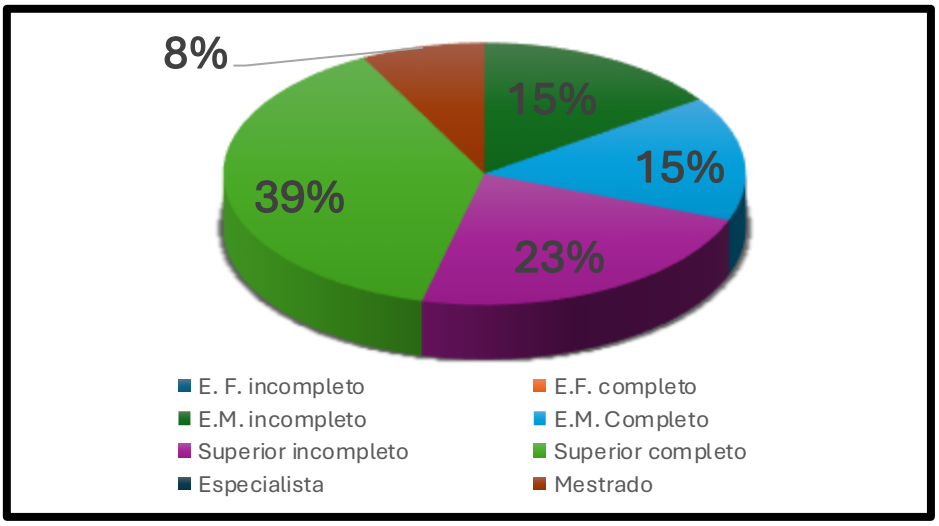
Podemos afirmar que os papéis que as mulheres assumem hoje não são os mesmos da década de 1960; porém hoje esse pressuposto pode ser aplicado também aos homens, não só em relação ao papel de ser o provedor dos custos de casa, mas também às posições em parte do mercado de trabalho. Para as mulheres, não cabem mais apenas cuidar do trabalho do lar e cuidar de seus filhos. Freitag (2015) corrobora que, a partir do ano de 2010, com base nos estudos do IBGE, no Brasil, houve crescimento da presença feminina em muitos aspectos sociais, como no mercado de trabalho e, para os homens, em relação às responsabilidades domésticas. O apoderamento dessa oportunidade só é possível devido à escolarização e às novas necessidades do mercado de trabalho; desvencilhando as mulheres das atividades domésticas que sempre lhes foram atribuídas: o cuidado com os membros da família e os afazeres domésticos.

O aumento da presença feminina na sociedade traz impactos não apenas no que tange à composição da sociedade, ou aos papéis comportamentais observados, mas relaciona-se, estreitamente, ao repertório linguístico das pessoas. Freitag (2015) ressalta que “o acesso ao estudo é também primazia feminina. Em todos os cenários, a taxa de mulheres frequentando a escola, nos diferentes níveis de ensino e em diferentes faixas etárias, sempre é superior à dos homens”; possibilitando aos protótipos sociais de pertencimento das mulheres, a oportunidade de incorporar-se à cultura letrada, o que as levam a utilizarem de formas linguísticas de maior prestígio com maior frequência.

6.1.2 Escolaridade dos informantes

Um dos fatores que merece destaque nesse quesito está relacionado à aprendizagem na Libras; pois, conforme dados levantados, as entrevistas revelam que a maioria dos surdos informantes nesta pesquisa aprenderam Libras nas escolas ou igrejas, como também no contato com amigos.

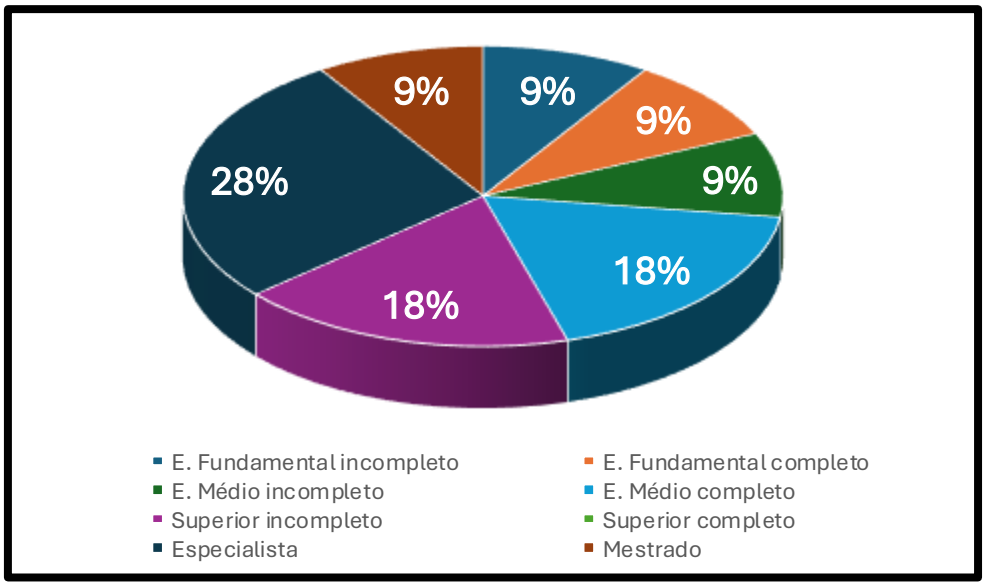
Gráfico 4 - Escolaridade do Gênero Feminino



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme o gráfico 2, ao que se refere à escolaridade/ das 13 informantes do gênero feminino, 39% possuem o ensino superior completo, 23% têm o ensino superior incompleto, 15% completaram o ensino médio, 15% possuem o ensino médio incompleto, 8% delas cursaram mestrado.

Gráfico 5 – Escolaridade - Gênero Masculino

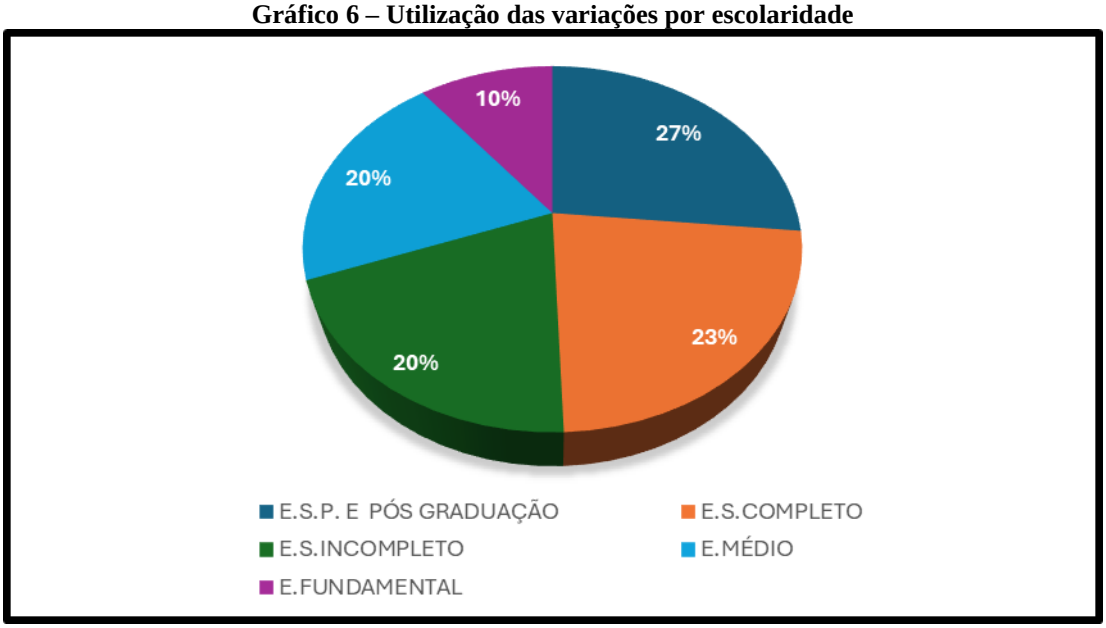


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao observarmos o gráfico 03, referente à escolaridade dos 11 informantes do gênero masculino; 28% são especialistas, 18% possuem o ensino superior incompleto, 18% têm o ensino médio completo, 9% possuem mestrado, 9% o ensino médio incompleto, 9% têm o fundamental completo, 9% com o ensino fundamental incompleto.

Alguns informantes do gênero masculino esclareceram, durante a realização das entrevistas, que as famílias, ao descobrirem a surdez de seus filhos, levaram os filhos para estudar fora do estado de RO; alguns para o estado do Paraná e outros, ao estado de São Paulo, o que não foi relatado pelas informantes do gênero feminino. Além disso, elas relataram que aprenderam Libras na escola ou na igreja, com professores, intérpretes ou com colegas surdos da escola. Porém, ao somarmos os percentuais de escolarização, vemos que as mulheres se sobrepõem em grau de escolaridade em relação aos homes; uma vez que as informantes do gênero feminino com ensino superior completo, especialização e pós-graduação correspondem a 47% das informantes, enquanto no grupo dos homens correspondem a 37% dos informantes. Ou seja, como dito anteriormente, houve o aumento da presença feminina na sociedade, destacando-se em relação ao homem em diversos setores, inclusive no que diz respeito à formação acadêmica.

Gráfico 6 – Utilização das variações por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

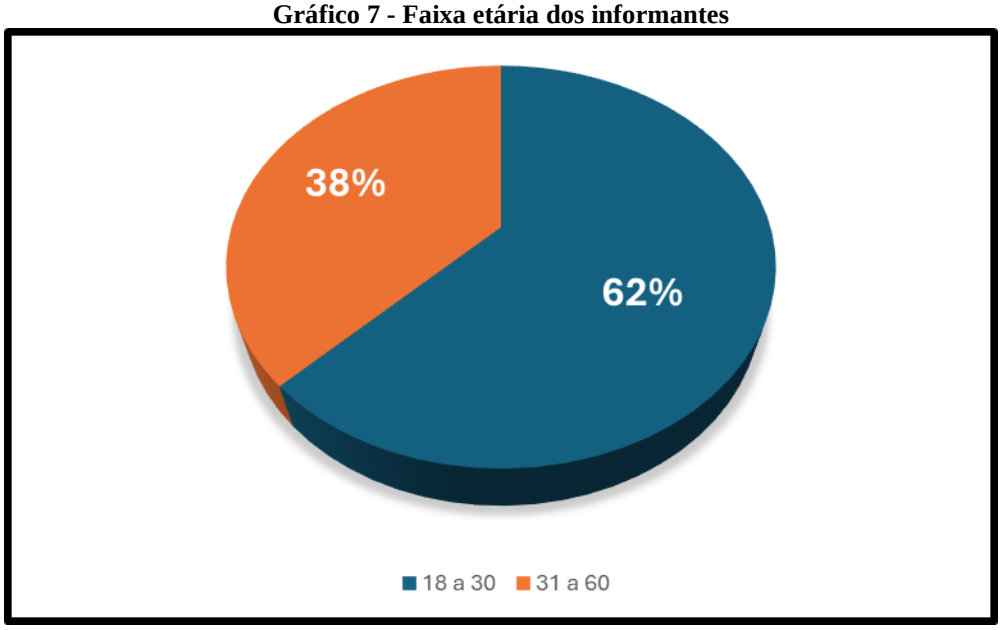
Observamos, na realização da pesquisa, que, quanto maior o nível de escolaridade, maior o conhecimento dos sinais da Libras, tanto para o gênero feminino quanto para o gênero masculino. Outro fato verificado é que os informantes do gênero masculino com menos escolaridade, ao serem apresentados ao item lexical a ser sinalizado, muitas vezes,

respondiam não conhecer ou não saber o sinal correspondente. O que ocorreu bem menos vezes com as informantes do gênero feminino. Assim sendo, a pesquisa confirma que, quanto maior o nível de estudo, maior o conhecimento linguístico.

6.1.3 Faixa etária dos informantes

A variável faixa etária tem contribuído de maneira muito vantajosa nos estudos sociolinguísticos. Para averiguar quais ocorrências acontecem com mais frequência entre as faixas etárias, os informantes foram divididos em dois grupos: jovens (de 18 a 30 anos) e adultos (de 31 a 60 anos).

Gráfico 7 - Faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

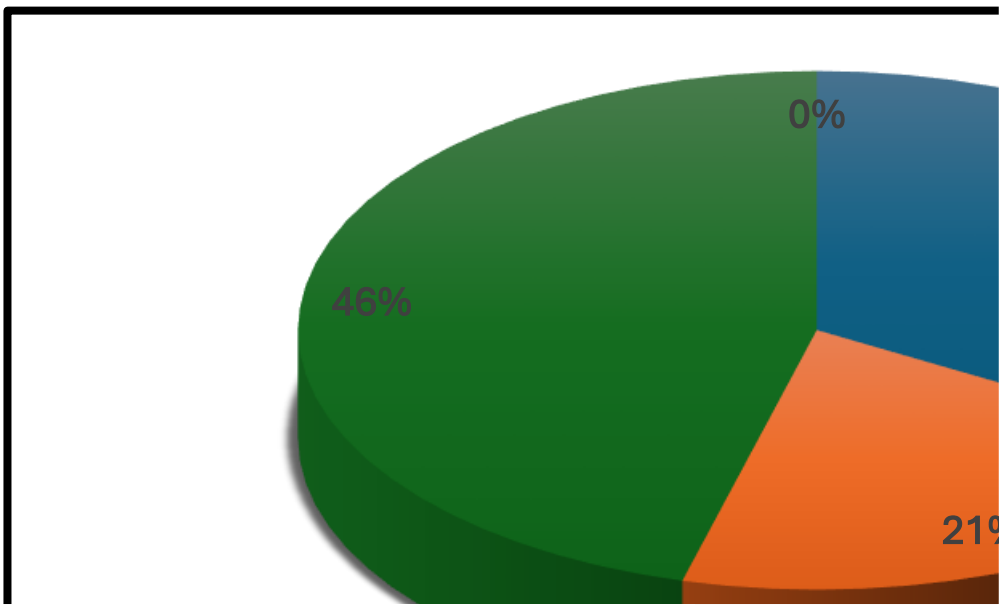
Dentre os informantes, no ano de 2022, quando a coleta de dados foi realizada; observou-se que 62% apresentaram idade entre 18 e 30 anos e 38% com idade entre 31 e 60 anos. Observa-se que o mais jovem dos informantes tinha 20 anos e o mais velho deles tinha 40 anos. Labov (1966) ressalta que enquanto os jovens usam com mais frequência novas formas, uma vez que são mais propensos às inovações fonológicas; os mais velhos, porém, são mais conservadores. Essa ocorrência revela que se encontra em progresso uma significativa mudança; ou seja, este processo revela que está ocorrendo uma tendência linguística em que uma forma está em desvantagem em relação a outra.

Nesta pesquisa, portanto, observamos que há uma certa estabilidade no uso das variações da Libras com relação às faixas etárias dos informantes; pois, conforme Tarallo (1986), a relação do fator acima mencionado com as variantes linguísticas pode indicar dois fatos: 1) a estabilidade, quando não houver qualquer tipo de correlação entre a faixa etária dos informantes com os fenômenos linguísticos. 2) mudança em progresso, quando a variante mais inovadora, for mais constante entre os mais jovens, e menos utilizado na faixa etária mais madura.

6.1.4 Naturalidade dos informantes da pesquisa

Um dos objetivos propostos nesta pesquisa foi selecionar informantes que fossem nascidos preferencialmente no município pesquisado. Como verificado em pesquisa, a maioria dos informantes nasceram nas cidades onde foram realizadas as pesquisas; alguns, porém, não eram nascidos no local selecionado, é o que podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Naturalidade dos informantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com base no gráfico anterior, possível verificar que 46% dos informantes do gênero masculino nasceram nos municípios pesquisados, assim como 33% das informantes do gênero feminino; totalizando que 79% dos informantes são naturais dos locais selecionados e 21% dos informantes da pesquisa nasceram em outros municípios. Ademais, é preciso notar que somente uma das informantes nasceu no estado do Mato Grosso, mas cresceu no estado de Rondônia. Deste percentual, as demais informantes são nascidas no estado de Rondônia em

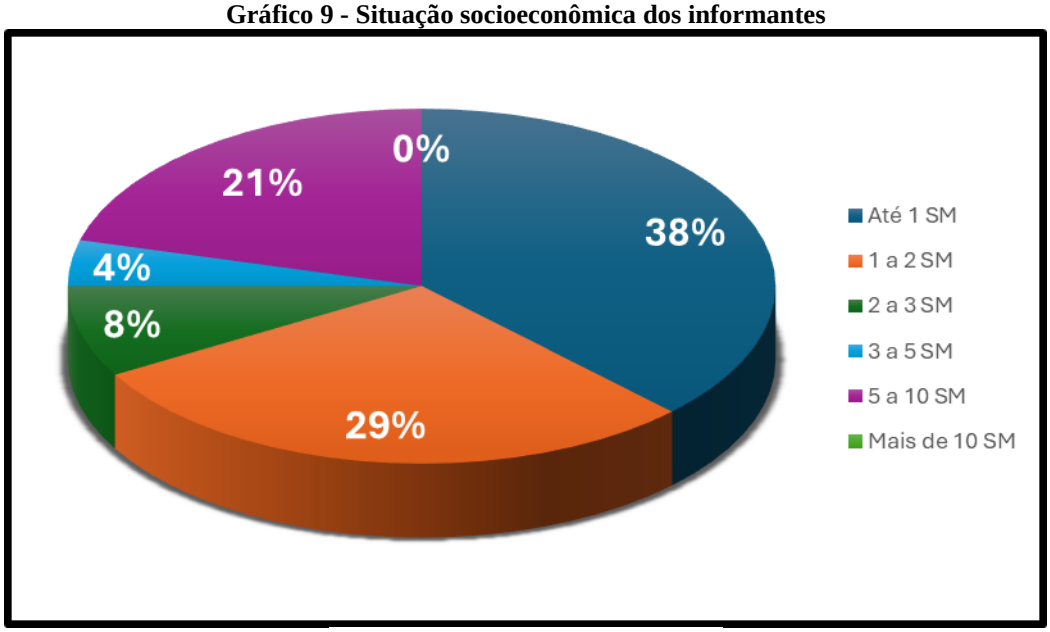
outras cidades do estado não selecionados nesta pesquisa, porém todas as informantes cresceram e residem nos municípios há mais de 16 anos onde foi realizado o estudo.

Nesta pesquisa, observou-se que as variações dos sinais em Libras ocorreram no nível lexical nos diferentes municípios, variando de uma cidade para a outra e, até mesmo, dentro da mesma localidade; pois, de acordo com Gesser, a língua de sinais "passa de mão e adquire novos sotaques, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens". (Gesser, 2009, p.40, 41). Assim, nesta pesquisa, foi observado que existem muitas variações para os mesmos itens lexicais nos diferentes municípios pesquisados.

6.1.5 Situação socioeconômica dos informantes

Com base nos dados coletados com a realização das entrevistas, foi possível verificar que, no tocante à situação socioeconômica dos participantes do estudo, que 38% dos informantes apresentaram renda familiar de até 01 SM (salário-mínimo), e em sua maioria, nesse grupo de informantes, temos beneficiados pelo BPC.

Gráfico 9 - Situação socioeconômica dos informantes



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Dos 24 informantes desta pesquisa, 29% recebem de 01 a 02 SM, 21% possuem renda de 05 a 10 SM, 8% de 02 a 03 SM, 5% dos informantes possuem renda familiar de 03 a 05 SM. A maioria dos informantes trabalham em empresas privadas, empresas da própria família ou são funcionários públicos.

> (...) uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de status mais alto terá os índices mais elevados da variante de prestígio e, consequentemente, a frequência menor de uso da variante estigmatizada. Mas quando a mudança se inicia em um grupo intermediário, como é de costume, surge o padrão curvilíneo, o qual é regularmente associado à mudança em progresso. (Tarallo, 1986, p.70).

Partindo deste pressuposto, pondera-se que o prestígio ou não de um grupo social intervém de modo direto no uso de uma variação ou de outra. Contudo, estudiosos da área advertem que o prestígio linguístico está subordinado ao ambiente em que as pessoas vivem e à individualidade de cada um. Frente a essa realidade, ressaltamos o uso de determinadas palavras em um cenário formal, ou em um informal, o que dependerá do cenário cultural deste grupo.

Com a realização das entrevistas, ficou evidente que a maioria dos entrevistados tem renda familiar em torno de um salário-mínimo, sendo a maioria deles são beneficiados pelo BPC; infere-se, então, que a situação de baixa renda influencia diretamente na utilização do sinal, ou no conhecimento prévio do item lexical ali apresentado, pois alguns dos informantes, que compõem os 38% dos entrevistados, apresentaram renda de até um salário mínimo, mesmo contendo a imagem do item lexical, alguns destes menos favorecidos economicamente informaram não conhecer ou nunca ter visto algumas frutas, alimentos ou ponto turístico de algumas cidades de RO que foram apresentados aos informantes, por meio de imagens. Consequentemente, não sabiam, se havia ou não um sinal em Libras para os itens lexicais ali expostos.

Em conformidade com Ribeiro (2019), a Região Norte possui o Índice de Desenvolvimento Humano[22] - IDH de 0.683; o segundo menor do país, ganhando apenas da Região Nordeste. Contudo, devemos ressaltar que esse índice é considerado médio se comparado a outras regiões do país, pois ele indica que a região está em desenvolvimento. Já o site ATLASBRASIL.ORG (2022) divulga que RO ocupa a 18.ª posição no IDH, 15.ª em renda e a 18.ª em educação. Essa situação influencia diretamente na questão da acessibilidade econômica, cultural e social e, acima de tudo, impacta diretamente na acessibilidade linguística.

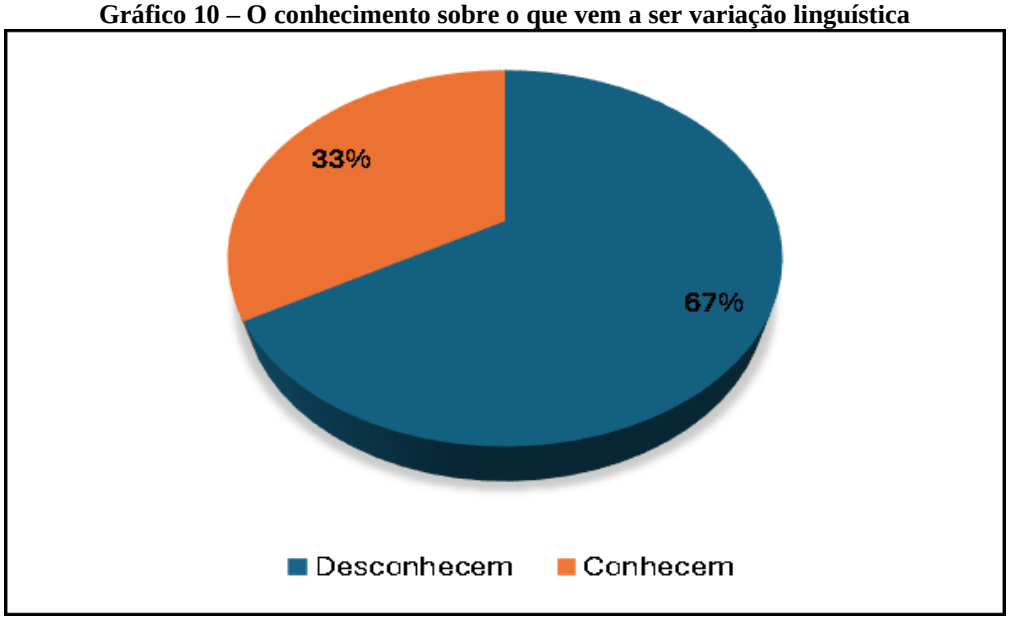
[22] compara indicadores de países nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros, com o intuito de avaliar o bem-estar de uma população, especialmente das crianças. Varia de zero a um e é divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em seu relatório anual. Países com IDH até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo, e os com índices entre 0,50 e 0,799 são considerados de desenvolvimento humano médio. Em 2020, o Brasil ocupava a 89ª posição, entre 193. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2144:catid=28. Acesso em 21 junho de 2024.

6.1.6 O conhecimento sobre variação linguística

Neste tópico, apresentarei o resultado das entrevistas, aspecto esse em que consiste a essência de minha tese de que "[...] a maioria dos surdos desconhecem o que vem a ser variação linguística"; para tanto retomarei alguns conceitos, pois é importante lembrar que toda língua é uma construção social e, portanto, um processo heterogêneo, dinâmico e em constante transformação. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como qualquer outra língua, não é estática. Seu léxico se expande ao longo do tempo e algumas de suas expressões podem passar por mudanças ou alterações.

Strobel e Fernandes (1998) destacam que cada país possui, pelo menos, uma língua de sinais amplamente utilizada nas comunidades surdas. No entanto, as autoras também apontam que as línguas de sinais apresentam variações dentro de uma mesma região geográfica e que essas variações mudam com o tempo. Desta maneira, fui a campo e questionei aos vinte e quatro informantes se eles sabem o que vem a ser variação linguística; e, embora eu já tenha apresentado as respostas no decorrer da apresentação dos informantes no item 5.3 (5.3.1 ao 5.3.4), trarei agora, desse modo, um gráfico para que possamos visualizar melhor o resultado.

Gráfico 10 – O conhecimento sobre o que vem a ser variação linguística



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Mediante pesquisa realizada com um número expressivo de informantes, pude verificar que apenas 33% dos informantes conhecem e souberam dar exemplos do que vem a ser variação linguística. Incorre que 67 % dos informantes desconhecem o que vem a ser variação linguística, justificando assim atitudes de alguns surd@+

Fiorin (2006) corrobora que a incompreensão pelo sujeito, da existência diferentes formas de falar, faz parte da riqueza cultural e linguística de uma sociedade, o que pode, também, acarretar preconceito linguístico entre as pessoas, contra dialetos, sotaques ou gírias diferentes; resultando em discriminação. No entanto, quanto ao que se refere à língua sinalizada, a Libras, posso afirmar, com base em Fiorin (2006), que ocorreu preconceito linguístico entre os surdos usuários da Libras (constante na introdução desta tese) em decorrência de alguns surdos desconhecerem que existem outros sinais, que são as variações linguísticas da Libras.

6.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DAS CATEGORIAS LEXICAIS

Neste tópico, serão apresentados os quadros contendo os registros das variações, bem como a análise morfofonológica de cada um dos sinais registrados para as variações linguísticas da Libras registradas em RO. Dessa feita, nosso objetivo foi de descrever, linguisticamente, as possíveis variações presentes na Libras no estado de Rondônia, quanto à sua composição morfofonológica.

6.2.1 Categoria Lexical: Alimentos

A categoria alimentos compreende os itens lexicais açaí na tigela, feijão tropeiro, na pamonha, tacacá, mandioca (macaxeira), tambaqui, pirarucu, vatapá, tapioca, bolo de mandioca (macaxeira). Os quais serão apresentados e analisados em sequência.

6.2.1.1 Item lexical: AÇAÍ-NA-TIGELA

Figura 33 – AÇAÍ-NA-TIGELA - figura apresentada aos informantes



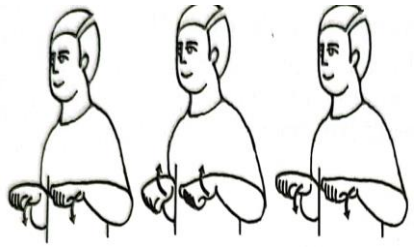
Fonte: https://www.receiteria.com.br/receitas-de-acai-na-tigela/.

Conforme Vitaminese (2023), o açaí é um fruto brasileiro, típico da região amazônica, norte do Brasil. A palmeira produz seus frutos de cor roxa em locais com muita umidade ou em alagados. Cerca de 90% da produção desta fruta concentra-se no estado do Pará; porém é conhecido e consumido em toda parte do Brasil, podendo ser consumido de diversas formas na culinária.

Servido em tigelas, apresenta seiva bastante consistente e muito parecida com sorvete, junto ao qual muitas pessoas acrescentam frutas, leite em pó, leite condensado, paçoca e granola, entre outros.

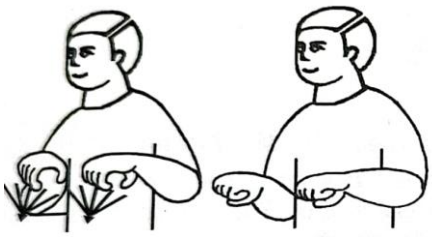
Para a análise, temos como referência os sinais que são compreendidos pelas figuras 35 e 36.

Figura 34 – Sinal referência 01 para AÇAÍ-NA-TIGELA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v.01, p.75).

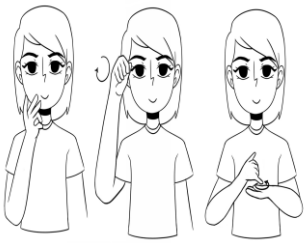
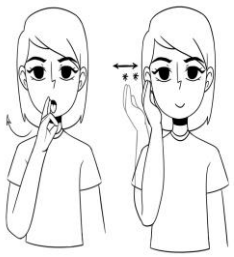
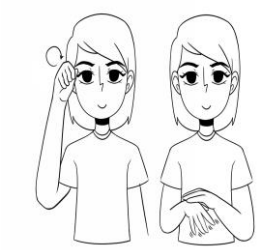
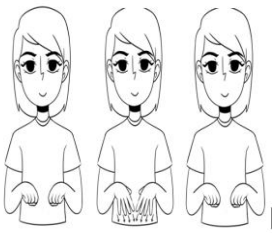
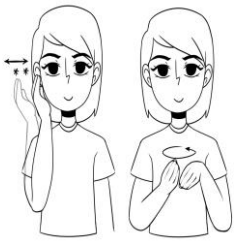
Figura 35 – Sinal referência 02 para AÇAÍ-NA-TIGELA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 01, p.75.)

No quadro 11 serão apresentadas as variações registadas para AÇAÍ-NA-TIGELA, com a descrição e análise morfofonológica dos registros.

Quadro 11 – Variações para AÇAÍ-NA-TIGELA

Variação 01 	Variação 02 	Variação 03 
Variação 04 	Variação 05 	Variação 06 

Fonte: elaborado pela autora (2024).

As variações sinalizadas pelas informantes de gênero feminino foram 01, 03 e 04; já em relação aos informantes do gênero masculino, tivemos 01, 02, 04, 05 e 06. Podemos observar que os informantes do gênero masculino apresentaram 05 (cinco) variações para AÇAÍ-NA-TEGELA, enquanto as informantes do gênero feminino apresentaram 03 (três) variações. Sendo que as variações 01 e 04 são utilizadas pelos informantes de ambos os gêneros.

Quadro 12 - Análise fonológica da variação 01 para AÇAÍ-NA-TIGELA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Rosto, bochecha.	Retilíneo, contínuo, repetido, bidirecional.	Palma da mão para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para AÇAÍ-NA-TIGELA, é um sinal de formação simples, o qual é composto pela mão aberta, dedos unidos e curvados, CM 76, com direção bidirecional (para dentro e para fora), tocando duas vezes a lateral externa da bochecha, com movimento do tipo

contorno, retilíneo; não apresenta repetição, portanto, classificado como simples, de maneira contínua, de frequência simples. Temos um morfema lexical.

Espindola (2018), em sua pesquisa sobre a variação linguística da Libras nos municípios de Porto Velho/RO e Rio Branco/AC, registrou esse mesmo sinal para variação linguística AÇAÍ-NA-TIGELA em Rio Branco no AC. O pesquisador afirma que o "sinal foi criado mediante o ato de tomar o açaí; pois, quando tomado gelado, ocorre uma certa dor nos dentes". (ESPÍNDOLA, 2018, p.81). Porém, está pesquisadora foi a campo e buscou averiguar junto aos informantes da pesquisa, qual a motivação deste sinal, pois tem como PA a bochecha, a qual presenta iconicidade. Portanto, trata-se de um sinal arbitrário, os surdos informantes relataram que esse sinal para AÇAÍ-NA-TIGELA está relacionado à sensação que o açaí produz ao ser ingerido em forma de sorvete, pois apresenta sabor meio azedo, o que justifica, de acordo com os informantes, o fato de o sinal possuir essa configuração e ponto de articulação.

Quadro 13 – Análise fonológica da variação 02 para AÇAÍ-NA-TIGELA

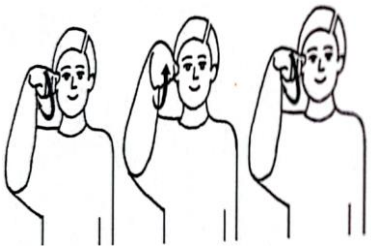
CM	**PA**	**M**	**O**	**Exp. não manuais**
 17	Espaço neutro.	Não apresenta	Palma da mão para frente.	Não apresenta
 67	Cabeça (têmpora), lado direito.	Circular para baixo, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão para dentro.	
 64	Mão direita sobre a palma da mão esquerda.	Torcedura do pulso (refreado) Circular.	Mão na horizontal, palma para dentro.	
 01	Espaço neutro, serve de base para a mão direita.	Não apresenta.	Palma da mão para cima, aberta.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 02, para AÇAÍ-NA-TIGELA, é constituído pela junção de quatro configurações de mãos. A primeira é formada pela CM (17), tem com PA o espaço neutro, frente ao corpo, dedos unidos forma de círculo, o qual trata-se de um classificador forma que simboliza o açaí (o fruto).

A variação é composta pelo CL tamanho e forma (CM 17), indicando algo redondo, referindo-se ao fruto do açaí. Ainda na composição do sinal, o informante utiliza-se do sinal para PRETO (Capovilla *at al.*2019, v. 3, p.2300); (CM 64), o qual é utilizado para indicar algo cremoso e para se referir a cor escura que o açaí possui, com a palma da mão voltada para baixo, tocando a têmpora direita, girando a palma da mão para trás. O terceiro sinal é formado pela CM (64) com a mão em Y do alfabeto manual, apresenta-se na horizontal, palma da mão voltada para trás; temos, então, um CL tamanho e forma, ou seja, a forma cremosa do açaí, movendo-a em forma de círculo. O terceiro sinal apresenta uma base; ou seja, a configuração de mão (01), que serve de base para a mão em configuração (64). Entende-se que a composição do sinal é por justaposição de um item lexical e um CL (PRETO+CL cacho).

Figura 36 – PRETO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2300).

Temos assim FRUTO^PRETO^CREMOSO, essa junção dá origem à variação 02 para AÇAÍ-NA-TIGELA. Com relação aos morfemas em fruto, temos um morfema gramatical e, para preto e cremoso, temos morfemas lexicais. Essa variação foi sinalizada no município de Guajará Mirim, pelo informante F. Trata-se de um sinal icônico, em que prevalece a experiência visual; já que, de acordo com Strobel (2008), é pelas experiências visuais que os surdos percebem o mundo.

Quadro 14 – Análise fonológica da variação 03 AÇAÍ-NA-TIGELA

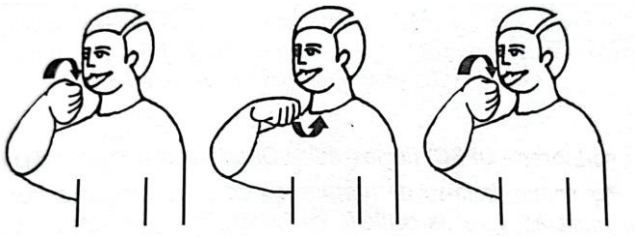
CM	**PA**	**M**	**O**	**Exp. não manuais**
 22	Espaço neutro, frente a boca.	Circular, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	Boca semiaberta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na composição da variação 03, temos SORVETE^AÇAÍ; destes, o sinal SORVETE é formado pela CM (22), sinalizado no espaço neutro (PA), frente a boca, com M circular, bidirecional, contínuo e repetido. Quanto à O, a palma da mão está voltada para dentro e, ao

que se refere a expressão não manual, apresenta boca semiaberta. A descrição para AÇAÍ foi realizada anteriormente. Nessa variação, podemos observar que temos dois morfemas lexicais, os quais carregam o significado dos sinais.

Figura 37 - "SORVETE"



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2621).

A variação 03, para AÇAÍ-NA-TIGELA, é composta por aglutinação por contato, o qual ocorre no segundo sinal da composição. Quadro e Karnopp (2004) ressaltam que a composição ocorre a junção de dois, ou mais sinais; porém ocorre perda de parte do sinal, ou seja, ocorre a supressão ou alteração de um dos parâmetros, neste caso no movimento, do sinal SORVETE. Nesta variação apresentada, podemos confirmar que a justificativa apresentada para a formação do sinal "está relacionado à sensação que o açaí produz ao ser ingerido, o açaí em forma de sorvete, que apresenta sabor meio azedo"; tanto que a sinalizante utilizou o sinal SORVETE na constituição da variação 03. Esse sinal apresenta traço de iconicidade em parte de sua formação e foi sinalizado em Guajará pela informante C.

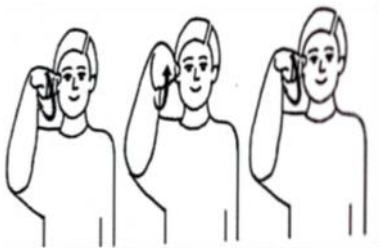
Quadro 15 - Análise fonológica da variação 04 AÇAÍ-NA-TIGELA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Cabeça (têmpora), lado direito.	Circular para baixo, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão para dentro.	Não apresenta
 76	Espaço neutro, palma da mão esquerda, serve de apoio para a mão direita.	Não apresenta	Palma da mão voltada para baixo.	
 05	Espaço neutro, apoia-se na palma da mão esquerda.	Sinuoso nos dedos, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

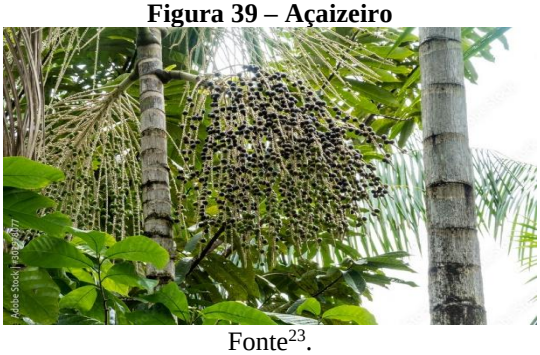
A variação 04, para AÇAÍ-NA-TIGELA, é composta por três CMs. A primeira configuração é a CM (67), que é a letra A do alfabeto manual. O informante, para a composição desta variação, utilizou o sinal PRETO (figura 39) para se referir a cor escura do açaí (roxo).

Figura 38 – PRETO



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v. 3, p. 2300).

Figura 39 – Açaizeiro



Fonte[23].

A segunda CM (76), juntamente com a terceira CM (05), formam um ícone para o cacho de açaí, ainda pendurado no açaizeiro; retratando o movimento do cacho, sendo tocado pelo vento. Trata-se, assim, de sinal icônico, prevalecendo a cultura visual. Esta variação é composta por "CACHO-AÇAÍ^PRETO". O sinal cacho é o morfema gramatical, representado pela presença do CL; porém preto é morfema lexical em que se encontra centrado o significado do sinal. Este sinal foi realizado pelos informantes J e H do município de Porto Velho.

Quadro 16 - Análise fonológica da variação 05 para AÇAÍ NA TIGELA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 69	Mãos direita e esquerda, lado a lado, espaço neutro.	Interno das mãos, abrindo e fechando, simultaneamente, repetido.	Palma da mão para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

[23] https://stock.adobe.com/br/images/acai-palm-tree-with-acai-berry-bunch-in-the-amazon-rainforest-concept-of-healthy-food-wellness-health-vitamins-super-food-environment-sustainability-biodiversity-and-natural-resources/302978077. Acesso em 26 de jun. de 2024

A variação 05, para AÇAÍ-NA-TIGELA, sofreu uma alteração com relação ao sinal referência (2), de acordo com Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p.75), citado anteriormente na figura 36. Segundo um dos informantes, essa variação nos remete ao ícone de uma máquina de despolpa do fruto do açaí; desta feita, temos um sinal icônico.

Essa variação foi sinalizada pelos informantes K, da cidade de Porto Velho e também P do município de Vilhena. Temos uma variação fonológica com alteração no M, embora não tenha sido tratado sobre o assunto, acredito que houve um processo denominado metaplasmo[24], tendo em vista que o sinal transcorreu de um processo de modificação, pois não se tem outra marca na sinalização, como o uso de sobrancelhas, ou da boca, os quais demostram uma supressão.

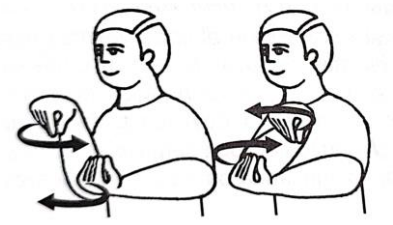
Quadro 17 - Análise fonológica da variação 06 para AÇAÍ-NA-TIGELA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 08	Mãos direita e esquerda, lado a lado, espaço neutro.	Circular, alternado, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 06, para AÇAÍ-NA-TIGELA, é um sinal composto por justaposição de dois itens lexicais, e em que não houve supressão de nenhuma parte do sinal (parâmetros), em sua composição. O sinal é formado por AÇAÍ-NA-TIGELA^MISTURAR que, de acordo com Capovilla *at al.*, MISTURAR (figura 43) é definido como "combinar, juntar, unir, reunir elementos num único todo. Ex.: Mistura de todos os ingredientes [...]". (2019, v. 2, p. 1875).

Figura 40 – "MISTURAR"



Fonte: (Capovilla *at al.*, 2019, v. 2, p. 1875).

[24] Metaplasmo, também designado por metaplasma por alguns autores, são as alterações fonéticas que ocorrem em determinadas palavras ao longo da evolução de uma língua [...]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaplasmo#:~:text=Metaplasmo%2C%20tamb%C3%A9m%20designado%20por%20metaplasma,supress%C3%A3o%20ou%20modifica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20sons.Acesso em 26 de jun. de 2024.

Desta feita, temos aqui um sinal icônico, pois o açaí na tigela, como dito anteriormente é “muito parecido com sorvete, muitas pessoas acrescentam frutas, leite em pó, leite condensado, paçoca, granola entre outros” (Vitaminese, 2023, s.p.). Nesse sentido, os informantes, O da cidade de Vilhena e U, do município de Cacoal; utilizaram-se desta variação para AÇAÍ-NA-TIGELA, junto a qual foram acrescentados ingredientes para “misturar” ao açaí, tornando-o, mais saboroso e atrativo do que em sua forma líquida e pura. Nesta variação, pois, temos dois morfemas lexicais e Ferreira (1997) corrobora que o morfema lexical é o que possui o significado, sendo ele, o responsável pela parte significativa do sinal.

6.2.1.2 Item lexical: FEIJÃO TROPEIRO

Figura 41: FEIJÃO-TROPEIRO - figura apresentada aos informantes



Fonte:https://www.comidaereceitas.com.br/legumes-e-verduras/feijao-tropeiro-tradicao.html.

Conforme *Food`n Road* (2023), o feijão tropeiro é um prato que tem sua origem em um movimento e não em uma região específica. Esse movimento é denominado de Tropeirismo, o qual se resume a uma atividade comercial que predominou no Brasil durante os séculos XVII – XX. Essa atividade se resumia ao transporte de mercadorias, gado, cavalos e comerciantes; atividade essa realizada pelos tropeiros, encarregados deste transporte, os quais atuavam, principalmente, entre as regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil.

Nesse período, a culinária brasileira era influenciada fortemente por culturas como a portuguesa, a africana e a indígena, que deu origem ao “feijão tropeiro”, pois o prato consiste na combinação da farinha de mandioca ou milho, feijão (sem caldo), toucinho e carme seca (alimento secos, que não estragavam com facilidade), constituindo-se em um prato muito presente na culinária da região Norte do Brasil.

Durante a realização desta pesquisa, foram registradas muitas variações de sinais para feijão tropeiro. Ao buscar por um sinal para FEIJÃO-TROPEIRO no material referência Capovilla (2019), verificou-se que seu material não possui o registro de sinal para o item

lexical pesquisado. Desta feita, foi necessário recorrer a materiais disponíveis na internet, porém foi encontrado apenas um sinal para feijão tropeiro, especificamente na Plataforma do *Youtube*, o qual será utilizado como referência para a análise deste item lexical.

Figura 42 – Sinal referência para FEIJÃO-TROPEIRO



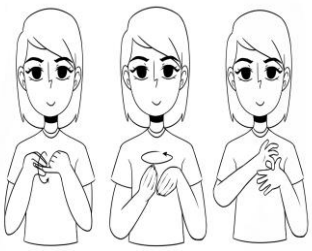
Fonte: https://youtu.be/b3vgalytmb0?si=ojpoejnmpwhrkbmc.

No quadro 17, apresento os sinais registrados para as variações linguísticas para "FEIJÃO-TROPEIRO"; e, logo após, apresento descrição e análise morfofonológica para o item indicado.

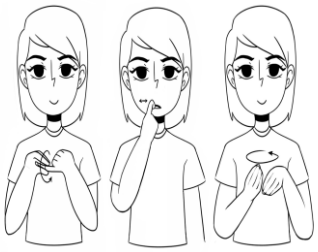
Quadro 18 - Variações para "FEIJÃO-TROPEIRO"

Variação 01	Variação 02	Variação 03
Variação 04	Variação 05	Variação 06

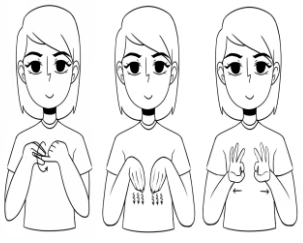
Variação 07



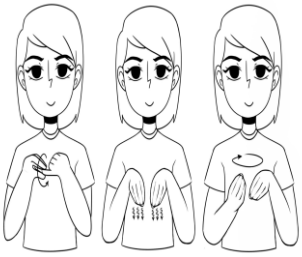
Variação 08



Variação 09



Variação 10



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram as variações 01,02, 03, 05, 06, 07, 09 e 10; quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 04, 05 e 08. Ressalto que as variações 01, 04 e 05 são utilizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, tanto quanto pelos informantes do gênero masculino.

Quadro 19 - Análise fonológica da variação 01 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro	Não apresenta	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, girar, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 08	Mãos direita e esquerda, lado a lado, espaço neutro	Circular, alternado, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

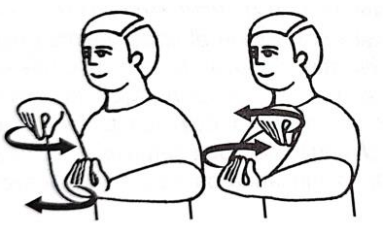
A variação 01, para FEIJÃO-TROPEIRO, é um sinal composto por justaposição por dois itens lexicais, em que os sinais FEIJÃO^MISTURAR não apresentam perda de partes dos sinais que são utilizados em sua integridade. Assim, de acordo com Quadros e Karnopp (2004) usam a regra de contato (1) somente no primeiro sinal "FEIJÃO", conforme podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 43 - Sinal para FEIJÃO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 2, p.1278).

Figura 44 – Sinal para MISTURAR



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 2, p.1875).

A variação 01, para FEIJÃO-TROPEIRO, foi utilizada pelos informantes A, B e D, de Guajará Mirim. Já no município Vilhena, foi sinalizado pelo informante P e, em Cacoal, pelo informante U. Há iconicidade presente no sinal, pois as mãos fazem movimentos circulares para lados opostos, o que nos remete ao ato de misturar manualmente a massa de um bolo por exemplo. Nesta variação, temos morfemas lexicais, os quais carregam o significado.

Quadro 20 - Análise fonológica da variação 02 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	**PA**	**M**	**O**	**Exp. não manuais**
 65	Ponta do nariz.	Semicircular, bidirecional, para a direita e para a esquerda, retido, repetido.	Vertical, ponta do dedo para cima, Palma da mão para fora.	Não apresenta.
 08	Mãos direita e esquerda, lado a lado, espaço neutro.	Circular, alternado, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	
 19	Espaço neutro.	Circular, para a direita, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, contralateral.	
 08	Espaço neutro.	Torcedura de pulso com refreamento. Sinuoso nas pontas dos dedos, contínuo, repetido.	Palmas das mãos para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao analisar a variação 02, para o item lexical FEIJÃO-TROPEIRO, observa-se que ele é composto pela junção de quatro sinais: PORCO^MISTURAR^FEIJÃO^FARINHA; os quais possuem três CMs diferentes, sendo que a CM (08) é repetida na composição do último sinal, tem o mesmo PA, porém possui M e O são diferentes.

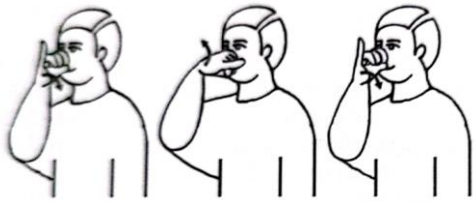
O primeiro sinal desta composição, o sinal para PORCO CM (65), consta no registro do material referência, figura 48. O segundo sinal é o de MISTURAR (figura 46), também constante no material referência. O terceiro, para mim, é sinal desconhecido, porém busquei no material referência, na internet; no entanto, não alcancei êxito, não atingi sucesso ao buscar por materiais em PDF tais como, artigo, teses, dissertações. Somente uma dissertação foi encontrada, porém não respondia as minhas necessidades; mas não desisti, entrei em contato com professores e intérpretes de Guajará Mirim, onde o sinal foi registrado, entretanto, também não obtive respostas.

A princípio, pensei que se tratava de um sinal com influência da LS boliviana, um conhecido; porém não sei se a informação está correta, informou que feijão na Bolívia é sinalizado da seguinte forma: "1.º Coloque a mão dominante em forma de concha, como se estivesse segurando algo; 2.º Faça um movimento de colher da mão para a boca duas vezes". Outra tentativa foi questionar o que significava esse sinal às informantes A e E, de Guajará Mirim. Elas afirmaram que usam o referido sinal para se referir ao FEIJÃO, mas não sabem dizer a origem dele; por isso busquei registro no material "Iconografia dos Signaes dos Surdos-mudos"[25], de Flausino José da Gama, de 1875. Nesse material, "Falando com as mãos", da Secretaria de Estado do Paraná de 1998; no entanto não encontrei nem tipo de referência ao sinal utilizado.

O quarto e último sinal na composição desta variação para feijão tropeiro é o de FARINHA (figura 49). Nesse contexto, a partir de minha visão, compreendo que o sinal farinha foi utilizado com CL semântico; tratando-se, assim, de um morfema gramatical. Este sinal foi utilizado apenas pela informante E, de Guajará Mirim.

[25] Primeira obra para orientação e comunicação de surdos-mudos produzida no Brasil. É considerada o marco fundador da iconografia da língua brasileira de sinais. Apresenta dez estampas com figuras seguidas de textos explicativos, incluindo o alfabeto manual dos surdos-mudos. Disponível em: http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/7399. Acesso em 26 de jun. de 2024.

Figura 45 - Sinal PORCO



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v. 3, p. 2232).

Figura 46 – Sinal FARINHA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1259).

A respeito dessa variação, infiro se tratar de um sinal composto por justaposição tendo três sinais e um CL. Assim, destaca-se que, embora FEIJÃO apresente-se como variação, não há registro em dicionários, porém no lugar de registro, não possui outras variações da ordem fonológica e nem da morfológica. Busquei explicação em vários autores para essa situação; contudo não encontrei. Somente o sinal para PORCO apresenta regra de contato, conforme descrito pelas autoras Quadros e Karnopp (2004). Com relação aos morfemas, no primeiro, segundo e terceiro sinal desta composição, temos morfemas lexicais e, no último, o morfema gramatical.

Quadro 21 - Análise fonológica da variação 03 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, girar, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 08	Espaço neutro.	Torcedura de pulso com refreamento. Sinuoso nas pontas dos dedos, contínuo, repetido.	Palmas das mãos para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 03 para o item lexical FEIJÃO-TROPEIRO é um sinal composto por justaposição de um item lexical e um CL, FEIJÃO^FARINHA; os quais permaneceram inalterados, não ocorrendo perda de partes deles em relação aos sinais apresentados como referência. Porém, entendo que farinha, neste caso, está sendo utilizado como um CL semântico; sendo assim, temos um sinal com morfema gramatical. Este sinal foi utilizado apenas pela informante I, de Porto Velho.

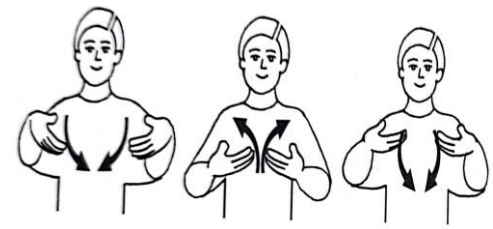
Quadro 22 - Análise fonológica da variação 04 para FEIJÃO TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, girar, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 14	Espaço neutro. Dedos levemente abertos.	Circular, bidirecional, contínuo. repetido.	Para dentro e para fora e laterais opostas. Palmas das mãos para cima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 04, para o item em análise, configura-se como um sinal composto por aglutinação; desta feita, então, temos FEIJÃO^SALADA.

Figura 47 – Sinal SALADA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2503).

Ao registrar a análise da variação 4, podemos observar que o sinal SALADA apresenta uma pequena variação quanto a CM, pois o que foi registrado, por mim, apresenta uma leve abertura entre os dedos das mãos. Assim, no que tange aos morfemas, temos nos dois sinais, os lexicais. Observa-se ainda a presença da iconicidade, pois infere-se que as mãos representam dois utensílios parecidos com talheres, as quais apresentam movimento que simulam o ato de mexer a salada. Este sinal, para o item lexical, foi sinalizado pelos informantes J e L, de Porto Velho.

Quadro 23 - Análise fonológica da variação 05 para FEIJÃO TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, girar, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 08	Espaço neutro, mãos direita e esquerda, lado a lado.	Circular, alternados, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	
 01	Espaço neutro, frente a boca.	Não apresenta.	Palma da mão na horizontal, voltada para cima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 05, para FEIJÃO-TROPEIRO, é formada por justaposição de um CL e um item lexical, e junto a qual podemos observar que há um CL tamanho e forma; também conhecido como descritivo que nos remete a uma superfície plana, onde se localiza a farinha, que é representada por um CL semântico, com que os informantes sopram a farinha, o que nos remete a iconicidade no sinal. Essa variação foi sinalizada pelos informantes O, de Vilhena e H, de Porto Velho.

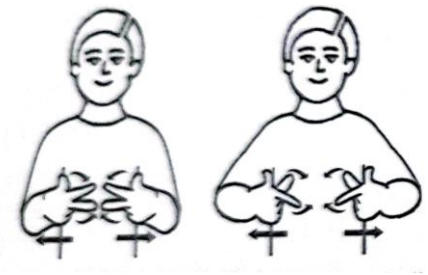
Quadro 24 - Análise fonológica da variação 06 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 08	Espaço neutro, mãos direita e esquerda, lado a lado.	Circular, alternados, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	
 26	Espaço neutro.	Retilíneo, de separação, unidirecional, contínuo, simples. Nos dedos M alternado.	Mãos na horizontal, palma para trás movendo para lados opostos.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 06, para FEIJÃO-TROPEIRO, é composta pelos sinais FEIJÃO^MISTURAR^COISAS; ou seja, é uma justaposição por junção de três itens lexicais sem que haja perda de parte dos sinais, já quanto aos morfemas, temos os lexicais. Esta variação foi sinalizada pela informante M, de Vilhena.

Figura 48 – Sinal COISAS



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 701).

Na composição FEIJÃO^MISTURAR^COISAS, temos a descrição anterior para feijão e misturar. Ao analisarmos o sinal COISAS, com base no material referência, observamos que não ocorreu nenhuma alteração em relação aos parâmetros. A partir da análise, infere-se que a variação corresponde a um sinal arbitrário, sem relação imagética.

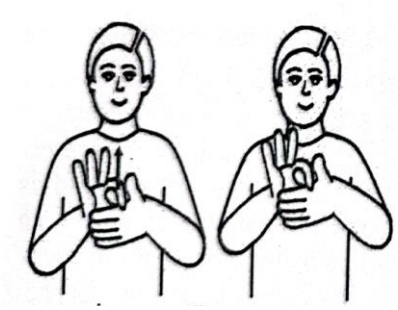
Quadro 25 - Análise fonológica da variação 07 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, bidirecional, contínuo.	Mão na contralateral.	
 08	Espaço neutro, mãos direita e esquerda, lado a lado.	Circular, alternados, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão(me) com a palma volta para cima e a outra (md) com a palma da mão voltada para baixo.	
 05	Espaço neutro.	Retilíneo, curto, para cima, torcedura de pulso, unidirecional, refreado, simples.	Mão esquerda aberta na horizontal, palma para dentro.	
 17	Mão direita em forma de uma pinça, segurando na mão esquerda.	Não apresenta movimento.	Mão direita aberta, palma para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 07, para FEIJÃO-TROPEIRO, é composta por justaposição, formada pelos sinais FEIJÃO^MISTURAR^CARNE; como é possível observar nas figuras 45, 46 e 57. Esta variação foi registrada na cidade de Vilhena pela informante N.

Figura 49 – Sinal CARNE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p.570).

Os dois primeiros sinais que compõem a variação foram descritos anteriormente. Ao analisar o sinal para CARNE, ressalta-se que, quando comparado com o sinal referência para o item, neste caso não temos alteração em nenhum dos parâmetros que o compõem. Quanto aos morfemas, temos o lexical, que é aquele que possui carga semântica.

Quadro 26 - Análise fonológica da variação 08 para FEIJÃO TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 65	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão esquerda na horizontal, voltada para trás.	Não apresenta.
 08	Ponta do dedo mínimo da mão esquerda.	Circular, a mão direita gira para trás.	Vertical, para trás.	
 48	Espaço neutro, frente a boca.	Retilíneo. bidirecional, para direita e esquerda, de retenção, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	
 08	Espaço neutro, mãos direita e esquerda, lado a lado.	Circular, alternados, torcedura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Uma mão com a palma volta para cima e a outra com a palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 08, para FEIJÃO-TROPEIRO, foi realizada por dois informantes do município de Cacoal, T e W. Observa-se que este sinal é composto por três sinais FEIJÃO^*BACON*^MISTURAR; o primeiro e o terceiro são respectivamente FEIJÃO (figura

45) e MISTURAR (figura 46); porém o segundo sinal, o qual foi sinalizado diante dos lábios, com um pequeno movimento para a direita e para a esquerda, merece destaque; pois segundo os informantes, esse sinal foi realizado para *BACON*. Contudo, ao buscar por um sinal que correspondesse ao item sinalizado, não foram encontrados registros junto ao material de referência. Com base na sinalização do item *bacon*, infere-se, a partir de informações dos próprios surdos, que estamos diante de um sinal criado e utilizado no interior de RO. Este sinal foi realizado pelos informantes T e W, de Cacoal.

Em busca de registros para o sinal *bacon*, o único sinal registrado em vídeo, é formado pelo sinal PORCO, junto ao sinal que nos remete ao formato do bacon frito (ondulações), com movimentos da mão com CM (21); assim, o movimento é sinuoso e nos remete ao *bacon* frito.

Figura 50 – *Bacon* frito



Fonte: https://www.tastingtable.com/799300/you-should-cook-bacon-in-your-air-fryer-heres-why/.

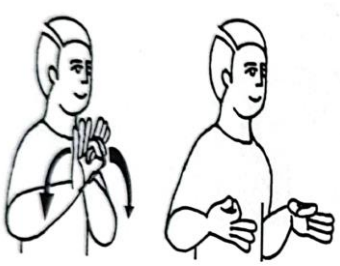
Figura 51 – Sinal para *BACON*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vno652y4GbI.

A variação 09, para FEIJÃO-TROPEIRO, foi sinalizada pela informante V, de Cacoal. Desse modo, como podemos observar, temos um sinal composto por três sinais FEIJÃO^FARINHA^LINGUIÇA. Entretanto, observa-se que temos uma variação para o sinal LINGUIÇA, o qual apresenta variação em um dos parâmetros fonológicos, pois o M difere do sinal registrado por Capovilla *at al* (2019), como podemos observar na figura 62 a seguir.

Figura 52 – Sinal LINGUIÇA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1686).

A variação registrada por mim é composta por três sinais (FEIJÃO^FARINHA^LINGUIÇA), dos quais FEIJÃO e FARINHA já foram descritos fonologicamente no Quadro 21. Segue abaixo a descrição fonológica para o sinal LINGUIÇA.

Quadro 27 - Análise fonológica da variação 09 para FEIJÃO-TROPEIRO

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 17	Espaço neutro.	Retilíneo, de separação, unidirecional, refreado, simples.	Mãos direita e esquerda com a palma das mãos para fora.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Podemos observar que a variação para FEIJÃO-TROPEIRO apresenta composição por justaposição com três sinais, sem perda ou supressão de parte deles. Portanto, temos FEIJÃO^*BACON*^MISTURAR, que são sinais que apresentam morfemas lexicais, os quais possuem o significado.

A variação 10, para FEIJÃO-TROPEIRO, é composta por três sinais FEIJÃO^FARINHA^MISTURAR, o que podemos confirmar observando a figura 45, figura 46 e a figura 57, sinais esses que já foram descritos nos quadros 24 e 20. Todavia, temos um sinal formado por justaposição com a junção de três sinais. Essa variação foi sinalizada pela informante X, de Cacoal. Os demais informantes não apresentaram sinais para o item em pesquisa e alegaram não conhecer nenhum sinal para tal representação.

O que podemos observar é que todos as variações apresentadas para FEIJÃO-TROPEIRO, pelos informantes, em sua composição utilizaram parte dos ingredientes em sua sinalização, e/ou utensílios para mexer o feijão tropeiro. A pesquisa nos mostra que temos inúmeras variações para o item lexical em destaque.

Ressaltamos que as variações, até aqui apresentadas, não exibem manifestação cultural da região; no entanto, temos nitidamente, em sua maioria, manifestações da cultural visual

dos surdos. Nesse contexto, Campello (2008) corrobora que o processo de criação de sinais pelos surdos está ligado ao exercício da visualidade.

6.2.1.3 Item lexical: PAMONHA

Figura 53- PAMONHA- figura apresentada aos informantes

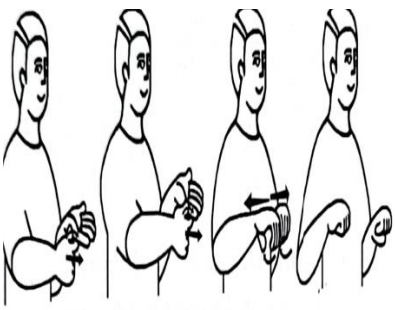


Fonte: https://receidelicia.com.br/receita/pamonha.

Conforme Cascudo (2004), pratos como pirão, paçoca, pamonha, mingua e pipoca foram herdados pelo povo brasileiro dos povos indígenas. Contudo, com o passar do tempo, essa culinária original passou por transformações e adaptações por mãos portuguesas e africanas para se chegar aos dias de hoje. Não há consenso em qual estado brasileiro a pamonha é típica, mas está presente na culinária de quase todo o Brasil. "Pamonha é uma especialidade brasileira, que tem nome originário na língua tupi *Pamunã*". (Algranti, 2000, p. 382).

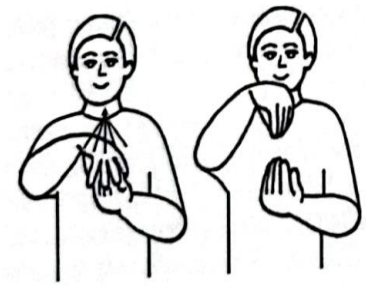
Quando o assunto abordado é pamonha, há receitas diferentes em cada região brasileira. Não há um consenso em qual estado brasileiro ele teve origem; porém, está mais presente na região Centro-Oeste, mais precisamente em Goiás, pois, nesse estado, a pamonha é encontrada em diferentes lugares, em pamonharias das cidades, rodovias e supermercados. O consenso é que, em todas as regiões, a pamonha é preparada principalmente do milho verde.

Figura 54 – Sinal referência 01 para PAMONHA



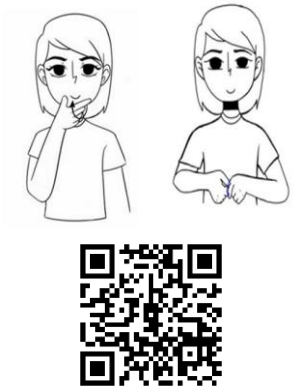
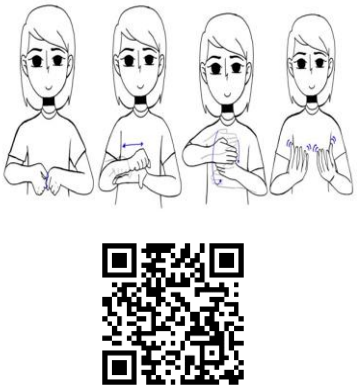
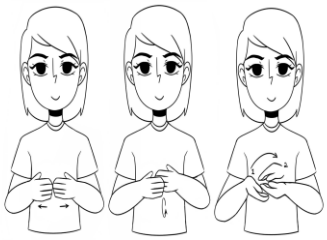
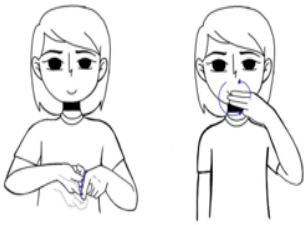
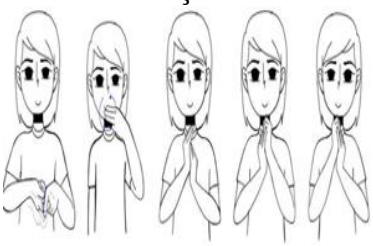
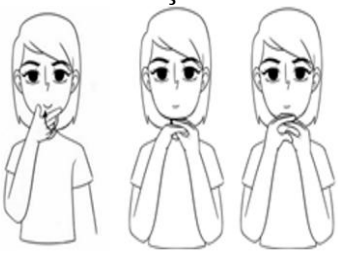
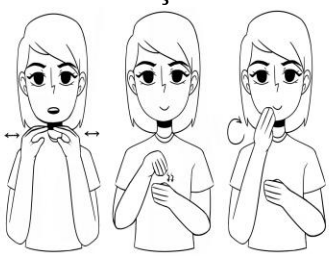
Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2079).

Figura 55 -Sinal referência 02 para PAMONHA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2079).

Quadro 28 – Variações para PAMONHA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04	Variação 05	Variação 06
		
Variação 07	Variação 08	Variação 09
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 02, 03, 04, 06, 07 e 09. Já em relação aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 05 e 08. Para esse item lexical não houve repetição de variações pelos informantes. Porém, 15 dos informantes relataram não saber, ou não conhecer sinal para o item analisado. Dentre esses, 06 são do gênero feminino e 09 do gênero masculino.

Quadro 29 - Análise fonológica da variação 01 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 76	Espaço neutro. Mão direita sobre a esquerda.	Semicircular, de aproximação, curvamento, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão esquerda volta para cima. Palma da mão direita voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 01, para PAMONHA, é formada por uma única CM (76), um CL tamanho e forma, utilizado para se referir ao formato da pamonha; porém ela é duplicada, a variação tem como PA o espaço neutro. Assim, uma das mãos, a não dominante, funciona como uma base de apoio para a mão dominante, então temos uma das mãos voltada para cima, a que funciona como base e a outra mão, primeiramente, fica voltada para cima, a qual movimenta-se sobre a mão base e posiciona voltada para baixo, fechando a pamonha.

Nesta variação, temos a presença da iconicidade e vale destacar que a variação 01 apresenta a mesma CM, porém com M e O diferentes. Essa variação foi sinalizada pela informante A, de Guajará Mirim. Ao que se refere ao morfema, podemos afirmar que a variação apresenta o lexical.

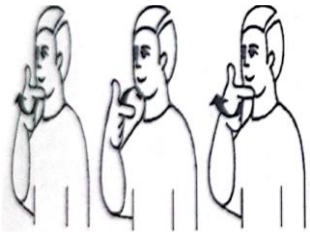
Quadro 30 - Análise fonológica da variação 02 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 24	Ponta do queixo (ponta do indicador).	Semicircular, Repetido, para baixo.	Mão na horizontal, palma para dentro.	Não apresenta.
 67	Espaço neutro (dedo indicador da mão direita).	Angular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na contralateral.	
 49	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na horizontal, palma da mão para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

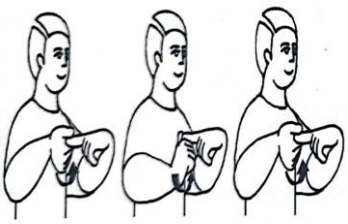
A variação 02 para PAMONHA é um sinal composto por justaposição com dois itens lexicais sendo sinalizados na íntegra; ocorre com a junção dos sinais QUEIJO^MILHO, como podemos ver nas figuras 56 e 57. Esta variação foi sinalizada pela informante B, de Guajará Mirim.

Figura 56 - Sinal para QUEIJO



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.3, p.2365).

Figura 57 – Sinal para MILHO



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.2, p.1852).

A variação em questão constitui um sinal arbitrário e apresenta morfema lexical para ambos os sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), somente o segundo sinal apresenta a regra de contato.

Quadro 31 - Análise fonológica da variação 03 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 49	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na horizontal, palma da mão para baixo.	Não apresenta.
 67	Espaço neutro (dedo indicador da mão direita).	Angular, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão direita na lateral. Horizontal.	
 67	Espaço neutro (palma da mão esquerda)	Retilíneo, de esfregar, bidirecional, contínuo, repetido,	Mão na horizontal, palma para baixo.	
 01	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na horizontal, com palma voltada para cima.	

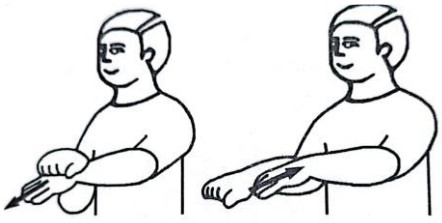
 01	Espaço neutro.	Circular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal com palmas voltadas para dentro.	
 13	Espaço neutro.	Angular, alternado, curvamento, unidirecional, contínuo e repetido.	Mão na horizontal, palmas voltadas para cima.	

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A variação 03, para PAMONHA, é formada por justaposição de itens lexicais e um CL, pela junção de MILHO^RALAR^EMBRULHAR^FOGO. Ao analisarmos os sinais utilizados pela informante, percebemos que se trata do processo manual de produção da pamonha, embora atualmente tenhamos muito eletrodomésticos que favorecem esse processo, cremos que ela sinalizou conforme o meio em que vive, provavelmente reproduzindo receitas da família.

Desse modo, busco, primeiramente, os sinais no material referência para todos os itens sinalizados e; nesse contexto, temos o milho (figura 58) como o ingrediente principal, o processo de ralar (figura 60), o ato de embrulhar (figura 61) e o fogo (figura 63).

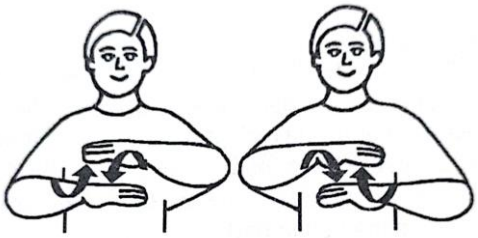
Figura 58 – Sinal para RALAR



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.3, p.2383).

Ao compararmos o sinal RALAR, percebemos que a informante utilizou uma variação para o item. Assim, entendo que, ao sinalizar, ela utilizou um CL semântico que nos remete ao processo de ralar, o qual pode ser ralar o milho ou outro item que necessite desse proceso. Tal ação, portanto, está vinculada à cultura visual da informante e ligada ao meio em que ela vive. Ademais, preciso se faz notar que o classificador semântico apresenta morfema gramatical.

Figura 59 – Sinal para EMBRULHAR



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.3, p.2383).

Ao observarmos a variação 03 registrada, destaca-se a CM 01 utilizada pelas duas mãos, que apresentam movimento circular e nos levam a inferir a ação de “embrulhar” algo; o que, neste caso, pode representar a palha do milho verde para formar o copinho (onde se deposita a massa da pamonha), podendo ser doce ou salgada, e assim levar até a panela (ou outro utensílio) onde a água está em ponto de fervura, Assim sendo, as pamonhas serão depositadas nesse recipiente, permanecendo imersas até seu cozimento.

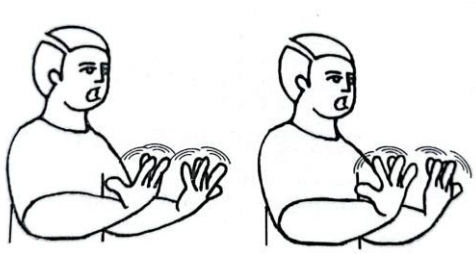
Figura 60 - Processo de dobradura da palha para a produção do copinho da pamonha



Fonte: https://jornadavegana.com/pamonha/.

De acordo com Jornada Vegana (s.d.), para formar o copinho que servirá para manter a massa para o cozimento da pamonha, usa-se a palha do milho verde para a moldá-lo artesanalmente, o que exige que se “Pegue uma palha, coloque 4 dedos apoiados na extremidade mais larga dela, enrole-a ao redor de seus dedos, a outra extremidade formará um bico afunilado, você deverá dobrá-lo, este será o fundo do ‘copinho’, que você encherá com a massa da pamonha”, figura 62.

Figura 61 – Sinal para FOGO



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.2, p.1327).

A partir da pesquisa de campo e do contato com os informantes, entendo que, ao sinalizar FOGO, a informante refere-se ao processo de cozimento, o qual finaliza o processamento da pamonha.

Esse processo artesanal de moldagem do copinho, oi inserido pela informante D de Guajará-Mirim, em sua sinalização na variação 03 para pamonha, o que reflete a cultura visual em que se encontra a surda.

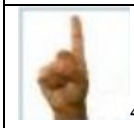
Quadro 32 - Análise fonológica da variação 04 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 10	Espaço Neutro.	Retilíneo, de afastamento, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na horizontal, palmas voltadas para dentro.	Não apresenta.
 01	Espaço neutro.	Circular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal com palmas voltadas para dentro.	
 76	Espaço neutro (mão direita sobre a esquerda)	Semicircular, aproximação, curvamento, unidirecional, refreada, simples.	Palma da mão esquerda volta para cima. Palma da mão direita sobre a esquerda.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 04, para PAMONHA, é composta por classificadores, A CM 10 e CM 76, os quais são CLs tamanho e forma, também conhecido como CL descritivo, o qual é utilizado para descrever o formato da pamonha. A CM 01, também sinalizada para a composição deste item lexical, foi descrita na análise da variação 03, referindo-se ao processo de produção do copinho para pôr a pamonha. A CM 76 descrita na análise na análise da variação 01, foi sinalizada pela informante E, de Guajará-Mirim.

Quadro 33 - Análise fonológica da variação 05 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 49	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na contralateral, palma da mão para baixo.	Não apresenta.
 67	Dedo indicador da mão direita.	Angular, bidirecional, repetido.	Mão na contralateral, palma da mão para cima.	
 76	Espaço neutro. Mão direita sobre a esquerda.	Semicircular, de aproximação, curvamento, refreado, simples.	Mão na contralateral, palma da mão esquerda volta para cima, palma da mão direita para baixo, sobre a esquerda.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para a formação da variação 05 para PAMONHA, temos MILHO^FECHAR-PAMONHA que têm as CMs (49,67 e76). As CMs 49 e 67 são utilizadas na composição do sinal para milho, o qual se repete em todas as formações das variações registradas, por ser o ingrediente principal deste prato muito comum em Rondônia; sendo vendida em feiras, supermercados, pamonharias e por vendedores ambulantes. O sinal MILHO apresenta morfema lexical. A CM 76 é um CL tamanho e forma, o qual indica a forma que a pamonha terá ao findar seu processo de produção; assim, neste caso, temos um morfema gramatical.

Figura 62 - Sinal PAMONHA



Fonte: https://youtu.be/rnkcW9hMy3k?si=oiRJvI8OE7_0ZpFX.

Neste sinal é possível identificar, além do milho, o ato de fechar a pamonha pela CM (76) que se duplica, sendo utilizadas nas duas mãos. Temos, portanto, neste sinal, a iconicidade presente no ato de fechar a pamonha. Esta variação foi sinalizada pelo informante J, de Porto Velho.

O sinal para PAMONHA, figura 63, tem relação com o segundo sinal realizado pelo informante para a variação 05 para PAMONHA.

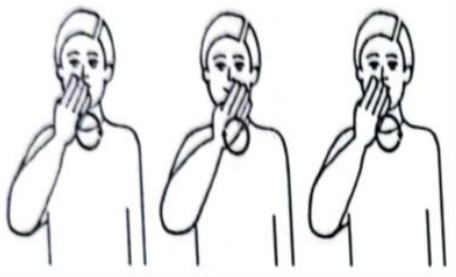
Quadro 34 - Análise fonológica da variação 06 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 77	Espaço neutro, frente a boca.	Circular, de aproximação, torcedura de pulso com refreamento, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

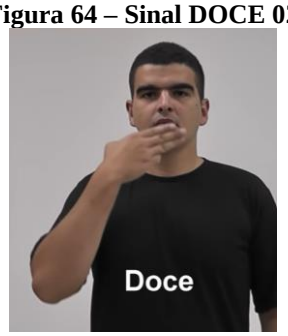
A variação 06 para PAMONHA é formada por dois sinais MILHO^DOCE, figuras 58 e 64, nesse caso ocorreu uma composição por aglutinação, pois acontece uma supressão de um parâmetro em um dos sinais, como acontece em DOCE, que possui configuração de mão diferente do material referência. A análise do sinal MILHO consta no quadro 32. Esta variação foi sinalizada pela informante G, de Porto Velho.

Figura 63 - Sinal DOCE 01



Fonte: Capovilla *at al*. (2019, v.1, p.992).

Figura 64 – Sinal DOCE 02



Fonte: https://youtu.be/UfkdUmgxoc4?si=HAmBSR_otfdEc4A3 .

Como é possível observar, os sinais realizados pelos informantes, nesta pesquisa, para DOCE, não são os mesmos sinais que foram registrados pelo material referência (Capovilla, 2019). O sinal utilizado pelos informantes apresenta variação; pois, para o sinal DOCE 1, há uma variação na CM. Em busca pela internet, na plataforma do *Youtube*, foi encontrado o sinal DOCE 2, que corresponde ao sinal utilizado pelos informantes desta pesquisa em RO.

Quadro 35 - Análise fonológica da variação 07 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 76	Espaço neutro, frente ao tronco.	De contato de deslizamento, bidirecional, repetido.	Palma (md) com palma (me).	Não apresenta.
 67	Espaço neutro, frente ao tronco.	Dobramento, fechamento, repetido.	Palma (md) com palma (me).	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 07 para PAMONHA é formada pela junção MILHO^DOCE^FECHAR; o fechar se trata de um CL tamanho e forma, que se refere ao ato fechar a pamonha, pois, ao analisarmos o processo de produção da pamonha, é possível identificar esse processo de fechamento, quando já existe o copinho para depositar a massa da pamonha e, logo após, outro copinho é formado sobre o primeiro com o mesmo formato para fechar a pamonha e levá-la ao fogo para cozimento. Os sinais para MILHO e DOCE já foram analisados anteriormente. Esta variação foi sinalizada pela informante H, de Porto Velho.

Figura 65 – Copinho da pamonha



Fonte:https://plantarecultivaropinioes.blogspot.com/2010/02/pamonha-dia-de-festa-na-roca.html

Essa é a maneira que os produtores de pamonha da região de Rondônia adotaram para fechar e concluir o processo de produção da pamonha.

Figura 66 - Pamonha formato trouxinha



Fonte: https://www.restaurantemiya.com.br/receita-de-pamonha-de-sal/.

Em busca pela internet, foi possível identificar outra maneira de embalar/fechar a pamonha no processo de produção. Esse procedimento apresenta-se em forma de trouxinha (figura 67), o que nos remete ao sinal referência constante nesta tese, conforme Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2079).

Quadro 36 - Análise fonológica da variação 08 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 10	Espaço neutro, frente ao tórax.	Retilíneo, de inserção, unidirecional, simples.	Mãos na horizontal, a (me) de frente para (md).	Não apresenta.
 10	Espaço neutro, frente ao tórax	Não apresenta.	Mãos na horizontal, a (me) de frente para (md).	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 08, para PAMONHA, tem formação QUEIJO-DENTRO^PAMONHA (forma). Observa-se que o sinalizante refere-se, primeiramente, ao queijo (descrito e analisado anteriormente), que é introduzido na pamonha, uma vez que, em Rondônia, faz parte da tradição a inserção de pedaços de queijo nas pamonhas. Assim, ele faz por último a forma da pamonha já fechada CM 10, um CL tamanho e forma, o qual apresenta morfema gramatical. Esta variação foi sinalizada pelo informante U, do município de Cacoal.

Figura 67 - Sinal PAMONHA



Fonte: https://youtu.be/ugRWvAIgaU0?si=CqX5hPSiOCOrytud.

Ao realizar pesquisa na plataforma do *YouTube*, foi encontrado o sinal referência constante figura 68, que se aproxima da sinalização para a variação 08. Há outros sinais na plataforma, porém não há relação com os já registrados nesta pesquisa.

Quadro 37 - - Análise fonológica da variação 09 para PAMONHA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 10	Espaço neutro frente ao tórax.	Retilíneo, de separação e aproximação, repetido, bidirecional (para direita e para esquerda).	Mãos (md e me), na vertical, palmas para fora.	Leve abertura de boca.
 10	Espaço neutro frente ao tórax.	Não apresenta.	Mão (me) na horizontal.	
 75	Dentro da mão (me) em CM 10.	Repetido, retilíneo, unidirecional (para baixo).	Palma da mão (md) para dentro, na horizontal.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 09, para PAMONHA, apresenta composição por justaposição, de sinal e um CL; temos, assim, PAMONHA (forma)^ISERIR^DOCE. Ao analisarmos o sinal realizado, observa-se que o informante realizou, primeiramente, o sinal PAMONHA utilizando um CL tamanho e forma e, ao sinalizar o segundo sinal, infere-se a inserção do queijo dentro da pamonha doce. Esta variação foi realizada pela informante X, de Cacoal. Os informantes C, F, K, O e P sinalizaram milho e os informantes I, L, M, R, S, J, V, Q e W, afirmaram não existir, ou não conhecer sinal para pamonha.

Para o item lexical PAMONHA, nenhum dos informantes sinalizou os sinais referência constantes no Capovilla *at al.* É possível ver presente nas variações registradas os ingredientes da pamonha como milho, doce e queijo, a forma de produção, bem como o formato da pamonha.

Por se tratar de uma cultura visual, as variações aqui registradas apresentam uma riqueza de detalhes que são visualizadas no cotidiano de cada informante; e com a necessidade da criação de sinais, essas informações visuais são inseridas na criação de novos sinais (as variações), que chegam a variar de informante para informante. Assim sendo, conforme Strobel (2008), o ser surdo possui uma maneira peculiar de entender e apreender o mundo, o qual é ajustado conforme suas percepções visuais.

As pessoas participam de grupos sociais diferentes, em que valores culturais são agregados, o que torna possível expressar-se de maneiras diferentes. Cada cultura possui experiências e percepções individuais; desta feita, não é possível a criação de experiências visuais (imagens) idênticas, por isso temos formação de sinais com variações diferentes para o mesmo item.

> Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

Conforme Motta Souza (2016), a interpretação será realizada de acordo com o olhar que cada um possuí, um sentido único e pessoal; pois as experiências e a bagagem de mundo vivida são peculiares e é o que instruí o caminhar da vida.

6.2.1.4 Item lexical: TACACÁ

Figura 68 – TACACÁ - figura apresentada aos informantes

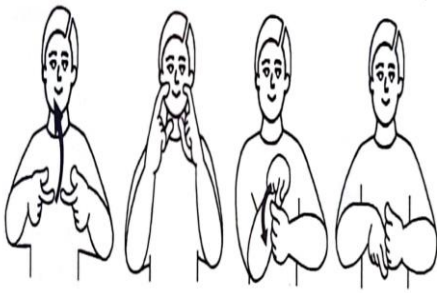


Fonte: https://acozinhabrasileira.com.br/receita-de-tacaca/.

Conforme Dorneles e Chaves (2014), o tacacá é um prato bastante consumido na Região Norte do Brasil, mais especificamente no estado do Pará; porém o consumo deste prato é comum em outros estados nortistas, como o Acre, Rondônia, Amazonas e Amapá. Originário dos povos nativos, é preparado com um caldo amarelo, nomeado de tucupi, o qual é posto sobre a goma da mandioca e servida com jambu, planta cujo nome científico é *Spilanthes oleracea* e camarão seco.

De acordo com Dorneles e Chaves (2014), o tucupi resultante da prensa da massa da mandioca ralada, que libera um líquido, que após repouso, forma uma goma que se deposita no fundo do recipiente e o tucupi fica por cima. O tacacá, é servido em cuias, ou pequenas tigelas, levando os seguintes temperos: sal, chicória, alho e pimenta de cheiro. Sua comercialização é expressiva por meio tacacazeiras, geralmente no final das tardes.

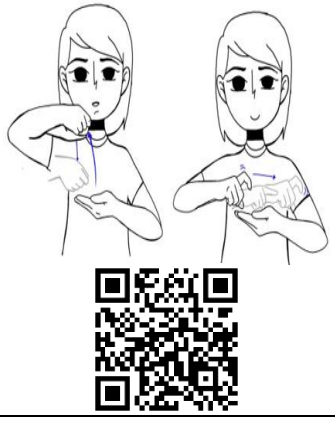
Figura 69-Sinal referência



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2653).

No quadro 38, iremos apresentar as variações registradas para o item lexical TACACÁ, em seguida farei a análise morfofonológica.

Quadro 38 - Variações para TACACÁ

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04		
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01,02 e 04, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 03. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01, que foi sinalizada tanto pelos informantes do gênero

feminino, quanto do masculino. Porém, 10 dos informantes relataram não saber, ou não conhecer sinal para o item analisado. Dentre esses, 06 são do gênero feminino e 04 do gênero masculino, um informante utilizou a datilologia.

Quadro 39 - Análise fonológica da variação 01 para TACACÁ

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 11	Espaço Neutro.	Retilíneo, unidirecional, simples.	Mãos (md e me) na horizontal.	Pequena abertura na boca.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 01, para TACACÁ, apresenta CM (11) que é sinalizada no espaço neutro, frente ao corpo. Temos um CL forma e tamanho, o qual nos remete ao formato da cuia e, ou tigela, utensílio no qual é servido o tacacá. O movimento registrado é o de levar o utensílio de forma arredondada à boca, para tomar o tacacá. Este item foi sinalizado no município de Guajará Miriam, pelos informantes B e E. Já em Porto Velho, foi sinalizado pelos informantes I e J. Nesta variação, encontra-se presente o morfema gramatical.

Figura 70 – TACACÁ NA CUIA



Fonte: https://www.taquiprati.com.br/cronica/403-da-arte-de-tomar-tacaca .

A cultura visual é predominante na formação deste sinal, pois relaciona o sinal para tacacá ao ato de tomá-lo e ao formato da cuia/e ou, tigela. Ademias, esse sinal foi registrado pelo pesquisador Espindola (2018), no município de Porto Velho.

Quadro 40 - Análise fonológica da variação 02 para TACACÁ

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 11	Espaço Neutro.	Circular, retilíneo, unidirecional, simples.	Mãos (md e me) na horizontal.	Pequena abertura na boca.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 02, para o sinal TACACÁ, configura-se como um CL tamanho e forma, formação simples, com morfema gramatical, possui o mesmo PA, O, alguns Ms; porém há apenas um M que o difere da variação 01, uma vez que, o sinal registrado para a variação 02, apresenta o acréscimo de um movimento circular, o qual sugere o movimento do tacacá dentro da cuia/tigela, antes de ser ingerido. A variação 02 foi registra no município de Porto Velho e foi realizado pela informante H. Esse sinal foi registrado também pelo pesquisador Espindola (2018), em Rio Branco no Acre.

Conforme Espindola (2018), a ocorrência de determinados sinais, de acordo com os entrevistados, justifica-se, pois, "faz parte da cultura local, esfriar um pouco o tacacá, porque ele é servido muito quente, para depois tomá-lo, por isso os movimentos circulares para poder esfriá-lo. Mais uma vez observa-se a influência cultural e a sinestesia presentes na escolha da criação do sinal". (Espindola, 2018, p.79-80).

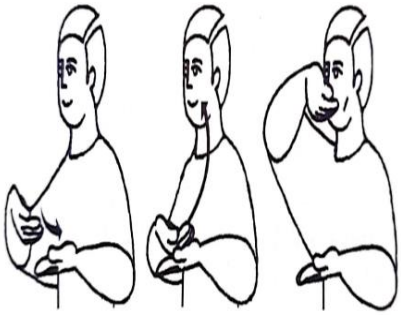
Quadro 41 - Análise fonológica da variação 03 para TACACÁ

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 67	Espaço neutro.	Retilíneo, de aproximação, bidirecional, contínuo, repetido,	Mão fechada, porém, com a palma voltada para dentro.	Boca semiaberta.
 76	Espaço neutro.	Não apresenta movimento.	Mão na horizontal, palma da mão voltada para cima.	Boca semiaberta.
 45	Espaço neutro.	Angular, unidirecional para fora, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Boca semiaberta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

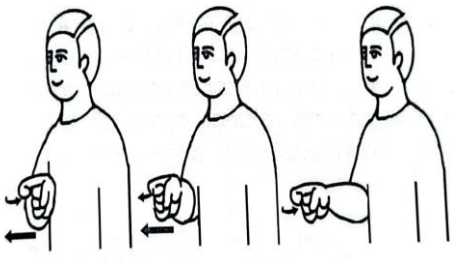
A variação 03, para TACACÁ, apresenta composição por aglutinação; ou seja, quando há a junção de dois sinais ou mais, ocorrendo, porém, supressão de parâmetros de um dos sinais. Nesta variação, temos a junção dos sinais SOPA^CAMARÃO; no entanto, ao observarmos o sinal SOPA no material referência e ao compararmos com o registro nesta pesquisa, observa-se que ocorreu uma alteração com relação a CM, já que, no material consultado, a própria mão é utilizada como um utensilio, a colher. Todavia, no sinal registrado por mim, os informantes utilizaram a CM 67 para se referir ao utensilio colher, o qual é segurado e levado a boca.

Figura 71- Sinal SOPA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2618).

Figura 72 – Sinal para CAMARÃO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p.525).

A figura 74 é o registro do sinal para CAMARÃO, constante no material referência. Contudo, ao comparar com o sinal presente na variação, observa-se que ocorreu variação quanto a O. A variação 03, para TACACÁ, foi sinalizada pelos informantes K, O, R, N, T e V.

Quadro 42 - Análise fonológica da variação 04 para TACACÁ

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 11	Espaço Neutro.	Retilíneo, unidirecional, simples.	Mãos (md e me) na horizontal.	Pequena abertura na boca.
 45	Espaço neutro.	Angular, unidirecional para fora, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Boca semiaberta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 04, para TACACÁ, é um sinal composto pela junção dos sinais TACACÁ^CAMARÃO, por aglutinação, quando há junção de dois ou mais sinais e ocorre a supressão ou perda de um parâmetro. Estes sinais foram descritos e analisados nas variações 01 e 03, para tacacá. A Variação 04 foi sinalizada pelos informantes A e C, de Guajará Mirim. Os informantes L e X usaram o sinal SOPA para o item em pesquisa. O informante Q usou a

datilologia da Libras; ou seja, usou a soletração manual T-A-C-A-C-Á para o item. Os informantes D, F, G, M, P, S, W e U informaram desconhecer o sinal para o item em pesquisa.

6.2.1.5 Item lexical: MANDIOCA

Figura 73 - MANDIOCA - figura apresentada aos informantes



Fonte: https://tribunadejundiai.com.br/mais/horta-e-jardim/como-plantar-mandioca.

Respeitada na culinária brasileira, a mandioca também conhecida como aipim, macaxeira, maniva, uaipi e costelinha, dependendo da região do Brasil. A mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), de acordo Silva e Murrieta (2014), teve seu cultivo iniciado nas baixas terras da América do Sul, presumidamente no sul da Amazônia brasileira.

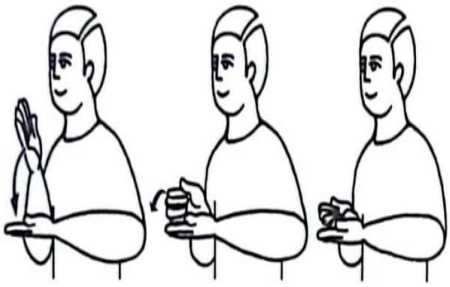
Silva e Murrieta (2014) corroboram que, quando os europeus desembarcaram no continente americano, no século XV, a mandioca, um tubérculo, já era cultiva há pelo menos 8 mil anos pelos ameríndios; sendo assim disseminada pela América central, Antilhas e quase todo o litoral da América do Sul. Esse tubérculo se tornou alimento essencial de subsistência e alimentação dos povos, pois, com a sua domesticação, foi possível a fixação dos povos indígenas nas mais diferentes áreas geográficas.

Conforme Schimidt (1951) *apud* Cavalcante (2005), a disseminação da mandioca foi proporcionada por meio do grupo indígena Arawak os quais, tradicionalmente agricultores, se encontram distribuídos em sete países da América do Sul, sendo eles os responsáveis pela disseminação do cultivo da mandioca junto aos demais indígenas. Com a chegada dos colonizadores, a disseminação foi fortalecida com a rede de troca entre os indígenas.

Conforme Santos (s.d.), a raiz da mandioca é rica em amido, cálcio, fósforo e vitamina C; e é utilizada para produção da farinha, polvilho, tapioca, massa de mandioca e tucupi, entre outros. Assim, além de ser consumida de diferentes formas processada, também pode ser cozida ou frita. Ademais, a mandioca também utilizada na produção do etanol, plásticos

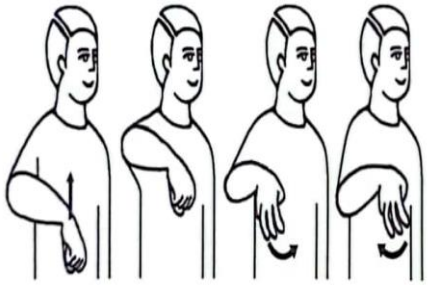
biodegradáveis, madeira compensada, cosméticos, na indústria têxtil e fabricação de ração animal.

Figura 74 - Sinal referência 01 para MANDIOCA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 2, p. 1758).

Figura 75 - Sinal referência 02 para MANDIOCA



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 2, p.1758).

No quadro 43, apresento as variações registradas para MANDIOCA e, logo após, a análise morfofonológica.

Quadro 43 - Variações para MANDIOCA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04		
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01 e 02, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02, 03 e 04. Para esse item lexical houve repetição da variação 01 e 02, as quais foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto os do masculino. Somente 01 dos informantes relatou não saber.

Quadro 44 - Análise fonológica da variação 01 para MANDIOCA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 69	Costa da mão direita.	Retilíneo, unidirecional para cima, simples.	Palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta
 13	Espaço neutro	Retilíneo, unidirecional para cima, simples.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 01, para MANDIOCA, é composta por dois CLs, representados por duas CMs, (69) CL tamanho e forma, representando o caule e (13) CL semântico, referindo-se às

raízes, as quais, juntas, apresentam movimento retilíneo, unidirecional para cima e simples; ou seja, sem repetição de movimento. Nesta variação, a iconicidade é a própria variação.

Essa variação foi a mais utilizada pela maioria dos informantes, quer sejam: C e A, de Guajará Mirim; G e H, de Porto Velho; M, N, O, P, Q e R, de Vilhena; e S, T, U, V, W e X, de Cacoal. Contudo, necessário se faz notar que houve informantes que realizaram três sinais diferentes para esse item.

Com base nos dados da pesquisa, observa-se que esse sinal foi realizado nos quatro municípios selecionados, todavia usado com unanimidade em Cacoal e Vilhena como primeira opção de sinal.

Quadro 45 - Análise fonológica da variação 02 para MANDIOCA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 67	Espaço neutro.	Retilíneo, unidirecional para cima, simples.	Mãos (md, me) na horizontal.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 02, para MANDIOCA, é de formação simples, possui um CL tamanho e forma, também conhecido como descritivo que, neste contexto, descreve a ação de arrancar a mandioca, o qual foi representado pela CM (67), realizado no espaço neutro, com M retilíneo para cima, simples, a O as mãos (md, me) na vertical simulam o puxar o caule da mandioca para arrancá-la da terra, destacando a iconicidade presente na formação do sinal.

Quadro 46 - Análise fonológica da variação 02 para MANDIOCA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 67	Palma da mão esquerda.	Retilíneo, repetido, bidirecional (para cima e para baixo).	Mão na contralateral.	Não apresenta
 01	Palma da mão esquerda.	Semicircular, repetido, bidirecional (para direita e esquerda), repetido).	Mão na contralateral.	
 01	Espaço neutro (serve de base para CM anterior)	Não apresenta.	Palma da mão voltada para cima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 03, para MANDIOCA, é formada por três CMs, (67, 01 e 01), é nítido nesse sinal o ato de cortar o pedaço da mandioca ao meio, assim, temos a sinalização do sinal referência 01. Podemos ver nesse sinal a iconicidade de cortar ao meio o pedaço da mandioca,

utilizando-se uma faca CM (01). Esse item lexical foi sinalizado pelo informante Q, de Vilhena.

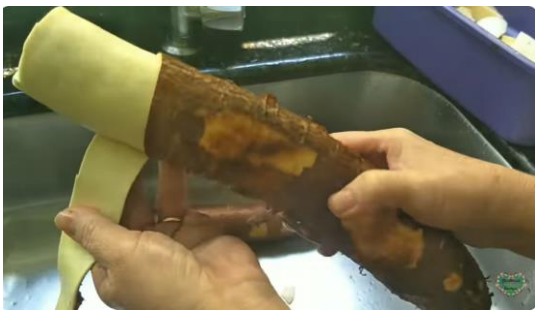
Quadro 47 - Análise fonológica da variação 04 para MANDIOCA

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 67	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta
 76	Antebraço esquerdo.	Contato de deslizamento, unidirecional, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A variação 04, para MANDIOCA, é formada por duas CMs (67 e 76), o sinal é realizado no antebraço esquerdo, temos, pois, nessa variação, um CL tamanho e forma, ou seja, descritivo; nesse caso, temos o antebraço sendo usado para especificar a raiz da mandioca sendo descascada, aqui representada pela CM (76). Desse modo, é possível afirmar a presença da iconicidade. Esta variação foi sinalizada pelo informante U, de Cacoal.

Figura 76 – Descascando a mandioca



Fonte: https://youtu.be/7MPUO4odcjs?si=VHJ8TdsszGvzvyqQ.

É possível verificar, nestas variações para o item em análise, que há predominância da cultura visual. Isso se destaca na composição dos sinais o caule, a ação de arrancar a raiz da terra, a ação de cortar a mandioca e a de remover a casca dela.

Campello (2008) corrobora que “Os aspectos da visualidade, nada mais são que uma característica peculiar elaborada e voltada para a comunidade Surda, baseada com os próprios entendimentos e experiências visuais”. Destra feita, a visualidade fornecerá subsídios essenciais para a construção de sentidos e significados.

6.2.1.6 Item lexical: TAMBAQUI

Figura 77 – TAMBAQUI – figura apresentada aos informantes

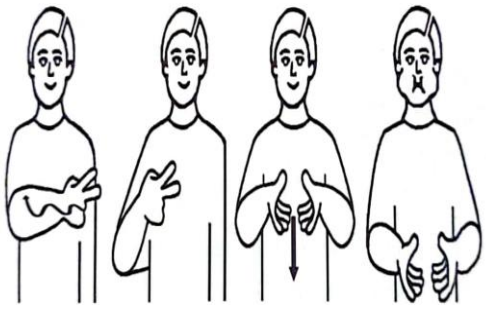


Fonte: https://www.reidapesca.com.br/blog/o-que-nao-pode-faltar-na-pesca-de-tambaqui.

De acordo com Souza (2019), o Tambaqui (*Colossoma macropomum*) é um peixe de água doce, corpo romboidal[26], coberto por escamas, dentes molariformes, nadadeira adiposa, curta e com raios na extremidade e rastros branquiais longos e numerosos. Possui boca pequena e prognata[27]. Geralmente, apresenta coloração parda na metade superior e preta na metade inferior do corpo, podendo variar, para mais clara ou mais escura.

Esse peixe é muito comum no estado de Rondônia, encontrado para comprar em supermercados e feiras, com valores acessíveis e de gosto popular. Conforme Ressutti (2023), "Rondônia tem se destacado como o maior produtor de peixes nativos em cativeiro do Brasil, conforme dados da Associação Brasileira de Piscicultura (Peixes BR) e a principal espécie produzida é o Tambaqui, que representa 90% da produção do estado".

Figura 78 – Sinal referência 01 para Tambaqui

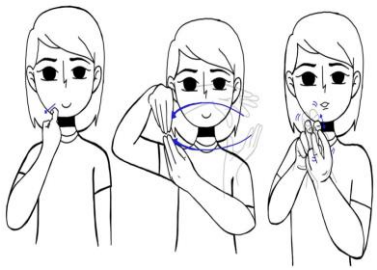
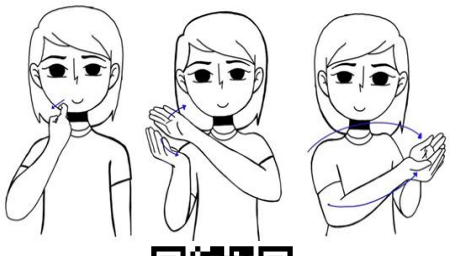


Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2658).

[26] Espécie de losango que tem iguais entre si os lados opostos e desiguais os contíguos. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/romboide. Acesso em: 15 de nov. de 2023.
[27] Apresentam mordida cruzada anterior e perfil facial côncavo. Disponível em: https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/prognatismo. Acesso em 15 de nov. de 2023.

Após apresentação do conceito e o sinal referência, apresento, no quadro 48, as variações registradas para o item lexical TAMBAQUI e, logo abaixo, a análise morfofonológica.

Quadro 48 - Variações para TAMBAQUI

Variação 01 	Variação 02 	Variação 03 
Variação 04 	Variação 05 	Variação 06 
Variação 07 	Variação 08 	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 02, 06 e 07; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02, 03, 04, 05 e 08. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 e 02, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto do masculino. Somente 03 dos informantes relataram não saber, ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado.

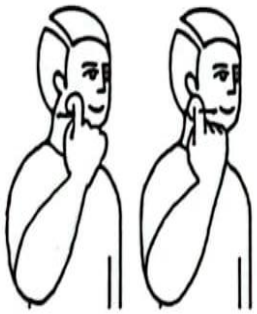
Quadro 49 - Análise fonológica da variação 01 para TAMBAQUI

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 48	Rosto, lateral inferior (queixo).	Retilíneo, toque, simples, unidirecional.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	Não apresenta.
 01	Espaço neutro.	Sinuoso, refreado, simples, unidirecional.	Mão na contralateral, polegar para cima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

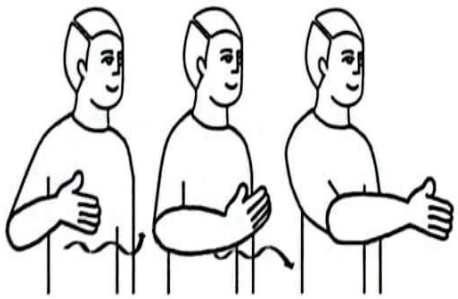
De acordo com os dados da pesquisa, foram registradas oito variações para TAMBAQUI. Porém, nenhum dos informantes sinalizou o sinal referência. A variação 01, para TAMBAQUI, tem formação por justaposição, quando há junção dois ou mais sinais sem que ocorra perdas de seus parâmetros; sendo assim, temos PEIXE^PEIXE.

Figura 79 – Sinal PEIXE



Fonte: Capovilla at al. (2019, v. 3, p.2138)

Figura 80 – Sinal PEIXE



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2138)

O primeiro sinal possui CM (48), com PA no queixo, com M retilíneo, simples, unidirecional; a O tem a mão na vertical, palma voltada para trás. O segundo sinal é formado pela CM (01) sinalizado no espaço neutro (PA), com M sinuoso, simples, unidirecional. A O da mão é vertical, polegar para cima. São sinais arbitrários. Esta variação foi realizada pelos informantes B, C e F, de Guajará Mirim, M de Vilhena, S e T, de Cacoal. Os sinais possuem morfema lexical.

Análise fonológica descrita no item anterior encontra-se no quadro 48. A variação 02, para TAMBAQUI, possui CM (48), com PA no queixo, com M retilíneo, simples, unidirecional, a O tem a mão na vertical, palma voltada para dentro. Na realidade, esse sinal é utilizado para PEIXE sem que haja a definição da espécie, de maneira geral; ou seja, sem especificações. Esta variação foi sinalizada pelos informantes D e E, de Guajará Mirim; por G, J, K e L, de Porto Velho e W, de Cacoal. Apresenta morfema lexical e observa-se que os surdos informantes não definem sobre as espécies dos peixes, sendo todos tratados apenas como peixe, mesmo sendo o tambaqui, um peixe muito utilizado na culinária local e exercer função de extrema relevância para o agronegócio regional.

Quadro 50 - Análise fonológica da variação 03 para TAMBAQUI

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 76	Rosto, a parte inferior.	Semicircular, bidirecional, retenção, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 03, para TAMBAQUI, é formado pela CM (76) que tem PA o rosto, a parte inferior que envolve o nariz, a boca e o queixo. Apesenta M semicircular, bidirecional, repetido. Em O, a palma da mão está voltada para dentro. O sinal não apresenta expressões não-manuais. Temos um sinal de formação simples e com morfema gramatical.

Ao analisarmos a variação 03, é possível observar que, com base na imagem apresentada, a variação sinalizada apresenta relação com a cabeça do peixe. Desta maneira, nesta variação, temos o CL corpo, o qual está sendo utilizado para fazer menção a cabeça do peixe que foi sinalizado no rosto, o qual foi sinalizado pelo informante O, de Vilhena.

Figura 81 - TAMBAQUI



Fonte: http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?i=1&p=246.

A variação 03, deste item lexical, é um sinal icônico; pois o formato da cabeça está representado na variação analisada, sendo possível visualizar a cabeça do peixe e fazer a relação direta com ela no momento da sinalização. É um sinal rico em detalhes visuais, específico da cultura surda.

Quadro 51 - Análise fonológica da variação 04 para TAMBAQUI

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 76	Espaço neutro, frente ao tórax.	Semicircular, unidirecional para a direita, simples.	Mão esquerda palma da mão para cima, mão direita para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 04, para TAMBAQUI, é formada pela CM (76) com PA espaço neutro, frente ao tórax, M semicircular, unidirecional para a direita e simples e O mão esquerda palma da mão para cima, mão direita para baixo. Ao observarmos o movimento realizados pelas mãos (md e me), é possível visualizar, por meio da sinalização, o formato corpo romboidal, alto, achatado do peixe; assim, percebemos nesse movimento a iconicidade do sinal, o qual nos remete ao formato do corpo do item pesquisado. Assim, podemos afirmar a presença do CL tamanho e forma, o que pode ser visto na figura 86. Este sinal foi realizado pelo informante Q, do município de Vilhena. Temos, nessa variação, um sinal de formação simples, com morfema lexical.

Quadro 52 - Análise fonológica da variação 05 para TAMBAQUI

CM	PA	M	O	Exp. não manuais
 48	Queixo.	Retilíneo, simples, unidirecional.	Mão na vertical, palma voltada para trás.	Boca em movimento batendo os dentes, para referir aos dentes do peixe.
 06	Espaço neutro frente ao tórax.	Semicircular, fechamento interno de mão, unidirecional para a esquerda, simples.	Palmas das mãos uma para cima e a outra para baixo.	
 32	Espaço neutro frente ao tórax.	Semicircular, aproximação, bidirecional (para cima e para baixo), repetido.	Palmas das mãos uma para cima e a outra para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 05, para TAMBAQUI, é um sinal composto, formado pela junção de três sinais: PEIXE^FORMA-CORPO^DENTE. Este sinal é formado por três CMs diferentes (48, 06 e 32). Há vários aspectos a serem ressaltados nesta variação, primeiramente o que nos chama atenção é a CM (06) juntamente com o M ao ser sinalizada pelo informante, os quais juntos, nos remetem ao formato romboidal do corpo do tambaqui. Outro aspecto relevante é a utilização da CM (32) que, ao compor o sinal, nos reporta aos dentes molariformes e à boca prognata do peixe; ou seja, temos um CL que específica o tamanho e a forma de uma parte do corpo. Desse modo, este sinal apresenta expressão não manual, ou seja, facial e corporal, em que os dentes do informante, ao realizar o sinal, são expostos para fazer referência aos dentes do peixe. Temos um sinal riquíssimo em iconicidade. Assim, observamos morfema lexical no sinal PEIXE, e gramatical nos demais sinais.

A variação 06, foi descrita e analisada na variação 01 para TAMBAQUI, constante no quadro 48, e sinalizado pelo informante N, de Vilhena.

A análise fonológica da variação 07, para o item lexical em estudo, foi realizada em itens lexicais anteriores, nas variações 01 e 04 para TAMBAQUI as quais são constantes, respectivamente, nos quadros 48 e 50. Esta variação foi sinalizada pelos informantes V e X, ambos de Cacoal.

Quadro 53 - Análise fonológica da variação 08 para TAMBAQUI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Rosto (testa e queixo)	Semicircular, unidirecional (para baixo), simples.	Palma da mão voltada para dentro.	Boca em movimento batendo os dentes, para referir aos dentes do peixe.
 13	Espaço neutro, lateral do rosto.	Interno de mão (abrindo e fechando) contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 08, para TAMBAQUI, é formada pela junção de CABEÇA (forma)^DENTES, representada pelas CMs (76 e 13). Ao analisarmos o primeiro sinal desta composição, observamos que o informante faz menção à forma da cabeça do tambaqui, utilizando com PA o rosto, tocando a testa e o queixo, com movimento semicircular. Assim, temos, neste caso, um CL que especifica o tamanho e a forma de uma parte do corpo a que se refere.

O segundo sinal realizado refere-se à boca prognata e aos dentes do peixe, que são características bem evidentes neste tipo de peixe. Evidencia-se, assim, o CL que especifica o tamanho e a forma de uma parte do corpo ao qual se refere, juntamente com expressões não manuais; ou seja, expressão facial em que os dentes do informante ficam em evidência (para fora) para se referir aos dentes do tambaqui. Esta variação é rica em iconicidade e foi sinalizada pelo informante U, de Cacoal. Ademais, no primeiro sinal temos um morfema lexical; o segundo e o terceiro, porém, apresentam morfema gramatical.

6.2.1.7 Item lexical: PIRARUCU

Figura 82 – PIRARUCU – figura apresentada aos informantes



Fonte:https://www.megacurioso.com.br/ciencia/115681-conhecam-o-pirarucu-monstro-do-rio-amazonas-ha-23-milhoes-de-anos.htm.

Pirarucu, conhecido como um dos maiores peixes de água doce do mundo, de acordo com a Embrapa (s.d.); recebeu esse nome na língua tupi (em que *pira* significa "peixe"; e *urucum* significa "vermelho"), pois as escamas de sua cauda, em época de reprodução, apresentam uma coloração mais avermelhada.

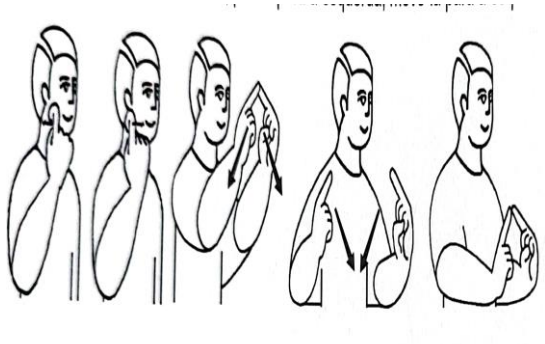
De acordo com Moreira da Silva e Duncan (2016), o pirarucu adulto é comprido, apresenta corpo cilíndrico, cabeça achatada na região dos olhos e que possui uma relação de 10% com o corpo. Apresenta boca grande e oblíqua com menor prognatismo maxilar, sem barbilhos e dentes semelhantes a uma lima.

Em concordância com Santos *et al*. (2006), espécime desse peixe são animais que habitam regiões tropicais de água doces na América do Sul, encontrados no Peru, Bolívia, Guiana e Brasil; preferencialmente, nas bacias hidrográficas do rio Amazonas e Tocantins-Araguaia.

Segunda a Embrapa (s.d.), o pirarucu é uma espécie muito antiga, já habitava o planeta Terra muito antes da existência do primeiro humano e acredita-se que esse peixe chegou a conviver com os dinossauros, há 200 milhões de anos. Há registros de pirarucus encontrados com aproximadamente de 3 metros de comprimento e cerca de 200 quilos, o que rendeu a ele o título de o “Gigante da Amazônia”; fato esse presente até mesmo em seu nome científico: *Arapaima gigas*, ou seja, o “gigante do gênero arapiama".

Conhecido também como bacalhau da Amazônia; pois, após a salga, chega ao mercado para vendas em mantas, e devido ao sabor da carne. Ele é servido como componentes de pratos típicos do Amazonas e do Pará.

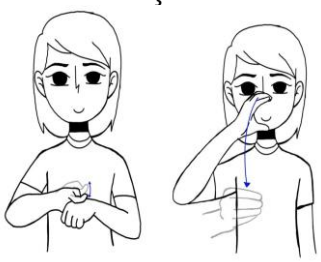
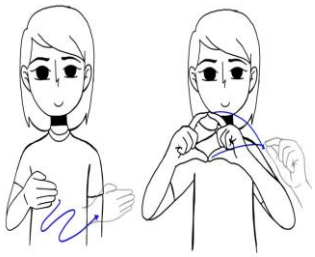
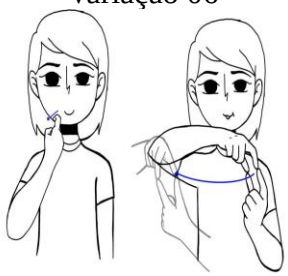
Figura 83 – Sinal referência 01 para PIRARUCU



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2194).

A seguir, apresento as variações registradas e a análise morfofonológica para o peixe PIRARUCU, o gigante da Amazônia.

Quadro 54 - Variações para PIRARUCU

Variação 01 	Variação 02 	Variação 03 
Variação 04 	Variação 05 	Variação 06 
Variação 07 		

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 05 e 06; já quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 02, 03, 04 e 07. Para esse item lexical, não houve repetição de variações. Dos vinte e quatro informantes, 11 relataram não saber ou não conhecer o sinal para ele. Assi, apenas entre os informantes 06 sinalizaram para esse peixe.

Quadro 55 - Análise fonológica da variação 01 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 38	Espaço neutro.	Retilíneo, unidirecional para baixo, retenção, simples.	Palmas das mãos voltadas para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 01 para PIRARUCU foi registrada em Porto Velho, a qual foi sinalizada pela informante H. O sinal foi realizado em espaço neutro, com M retilíneo, unidirecional para baixo, simples, com O das mãos com as a palmas voltadas para o corpo.

Figura 84 - Pirarucu



Fonte:https://www.megacurioso.com.br/ciencia/115681-conhecam-o-pirarucu-monstro-do-rio-amazonas-ha-23-milhoes-de-anos.htm.

Observa-se que se trata de um sinal icônico, pois, ao analisarmos a variação, é possível identificar que as mãos da informante fazem movimentos retilíneos e alongados para se referir ao tamanho da cabeça e à mandíbula do peixe. Temos um sinal de formação simples, o qual possui morfema gramatical.

Quadro 56 - Análise fonológica da variação 01 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Rosto (testa).	Retilíneo, bidirecional, de toque, refreado, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Esta variação foi registrada no município de Vilhena e foi sinalizada pelo informante O. Nesta variação, o sinalizante faz menção à cabeça do pirarucu, pois ele tem a cabeça formada por ossos; assim, o informante sinaliza CABEÇA-DURA, usando a própria a cabeça para se referir a cabeça do peixe. Neste caso, temos um CL corpo e a presença de um morfema lexical.

Quadro 57 - Análise fonológica da variação 03 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 38	Espaço neutro (frente a boca).	Retilíneo, afastamento, bidirecional para a esquerda e para a direita, simples.	Palmas das mãos na vertical, frente a frente.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 03, para PIRARUCU, é um sinal que possui formação simples, composta pela CM (38), foi registrada no município de Vilhena e sinalizada pelo informante P. O sinalizante, ao realizar o sinal, faz referência ao formato da boca do peixe, o qual possui boca grande e oblíqua.

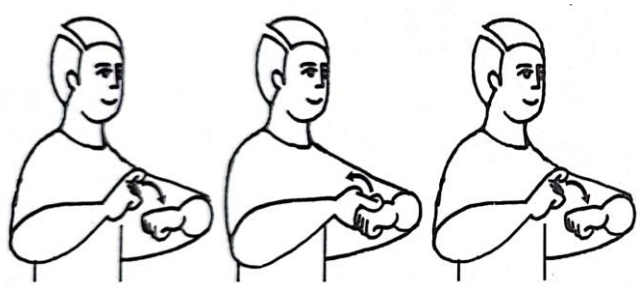
Quadro 58 - Análise fonológica da variação 04 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 48	Costa da mão esquerda.	Retilíneo, bidirecional (para cima e para baixo), contínuo, repetido.	Mão na contralateral, palma da mão dentro.	Não apresenta.
 12	Espaço neutro (frente a boca)	Semicircular, unidirecional (para baixo), refreado, simples.	Mão na horizontal, palma da mão para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na variação 04, para PIRARUCU, temos a formação DUR@^CABEÇA-LONGA, foi registrada no município de Vilhena e sinalizada pelo informante R que, ao sinalizar faz alusão ao sinal DUR@ e usa um CL que especifica o tamanho e forma de uma parte do corpo, CM (12) que se refere a cabeça comprida e ao corpo cilíndrico do pirarucu; apresentando, assim iconicidade.

Figura 85 – Sinal DUR@



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p.1018).

O crânio do pirarucu é formado por uma forte cobertura óssea e coberto por rugosidades na parte superior. “A cabeça do pirarucu, é incrivelmente dura, parece ferro. É

puro osso. Uma pancada da cabeça desse peixe desacorda qualquer um e, se a pessoa cai na água, pode se afogar e morrer". (Alves, 2021, s.p.). A partir deste pressuposto, pode-se justificar a variação 04 para PIRARUCU.

Quadro 59 - Análise fonológica da variação 05 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 42	Espaço neutro.	Semicircular, Unidirecional, refreado, simples.	Mãos na vertical, palmas das mãos frente a frente.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 05, para PIRARUCU, é constituída por um sinal e um CL, PEIXE^CABEÇA-(formato); temos, assim, um sinal composto por justaposição. Essa variação foi registrada no município de Vilhena e sinalizada pela informante N que, ao sinalizar, refere-se ao sinal PEIXE (descrito anteriormente) e ao formato da cabeça do pirarucu, utilizando-se da CM (42), que é CL forma e tamanho, para descrever o formato do peixe, o qual possui uma cabeça comprida e meio achatada, apresentando assim iconicidade. Temos, portanto, morfema gramatical.

Quadro 60 - Análise fonológica da variação 06 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 42	Espaço neutro.	Semicircular, unidirecional, refreado, Simples.	Mãos na horizontal, dedos polegares e indicadores posicionados um sobre o outro.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 06, para PIRARUCU, é um sinal composto formado por justaposição, formado por um sinal e um classificador PEIXE^CORPO-(formato). Esta variação foi registrada no município de Cacoal, sinalizado pela informante V que, ao sinalizar primeiramente utilizou o sinal PEIXE; em seguida, ela realizou um sinal que faz referência ao formato do corpo do peixe, caracterizando-o como comprido e cilíndrico. Sendo assim, temos neste caso a presença da iconicidade.

Figura 86 - Análise fonológica da variação 07 para PIRARUCU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 10	Espaço neutro, frente a boca.	Semicircular, de aproximação, unidirecional para dentro, de aproximação, simples.	Mãos na horizontal, voltadas para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A variação 07, para PIRARUCU, foi registrada no município de Cacoal, cuja sinalização foi observada junto ao informante U que, ao sinalizar, fez uso de CL tamanho e forma, para se referir a boca do pirarucu, o qual possui boca grande e oblíqua. Em seguida, sinalizou o sinal para PEIXE. Nesta variação, temos a presença da iconicidade. Temos uma variação formada por justaposição, com a junção de um item lexical e um CL; desse modo, a variação apresenta um morfema lexical (PEIXE) e um gramatical (CL).

Para este item lexical em análise, os informantes A, B, C, D, F, I, L, M, Q, W e X disseram não conhecer sinal referente ao item apresentado. Os informantes E, G, J, K, S e T sinalizaram apenas peixe. Para esta variação destaca-se que a cultura visual é fundamental para a criação de novos sinais.

6.2.1.8 Item lexical: VATAPÁ

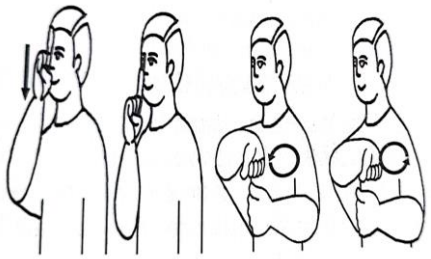
Figura 87 – VATAPÁ – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.marcelobonavides.com/2020/03/musicas-culinaria-vatapa.html.

O vatapá é um prato da culinária brasileira que foi influenciado pelos africanos escravizados a partir do século XVI. De acordo com Medeiros e Agner (2021), o vatapá é um prato típico das cozinhas nordestinas e nortistas, influenciada pela população negra dessas regiões. Na Bahia, é servido como acompanhamento do acarajé e feito com azeite de dendê. É muito popular no Amapá, Pará, Rondônia e Amazonas. Nas América, essa receita é servida com amendoim e outros ingredientes na versão tradicional; no norte e nordeste, porém, não se usa o amendoim, mas o pão, leite de vaca, leite de coco, azeite de dendê, temperos como pimenta dedo de moça, cebola, tomate, cheiro verde, alho e salsa. Geralmente, a carne utilizada é frango desfiado ou camarão.

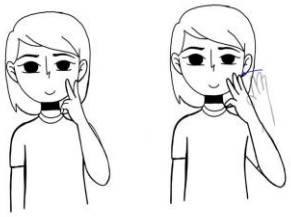
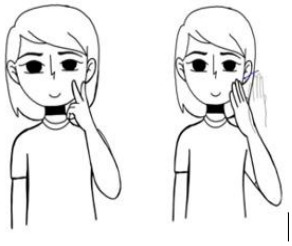
Figura 88 – Sinal referência para VATAPÁ



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2831).

Embora o vatapá esteja muito presente nas cozinhas da Região Norte, somente duas variações foram registras para esse item lexical, as quais apresento no quadro 60 e, na sequência, apresento a análise morfofonológica.

Quadro 61 - Variações para VATAPÁ

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01 e 02, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 e 02, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto pelos os informantes do masculino.

Dos informantes, 07 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; dentre esses, 02 informantes são do gênero feminino e 05, do gênero masculino. Dos informantes de Vilhena, 05 usaram a datilologia e informaram não saber o sinal.

Quadro 62 - Análise fonológica da variação 01 para VATAPÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 54	Cabeça (bochecha) lado direito, unilateral.	Não apresenta	Palma da mão voltada para dentro, voltada para o rosto.	Não apresenta.
 77	Cabeça (bochecha) lado direito, unilateral.	Retilíneo, unidirecional, toque, refreado, simples.	Palma da mão voltada para dentro, volta para o rosto.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para VATAPÁ, composta pelas CMs (54 e 77) que foi sinalizada pelos informantes A, B, E, T, U, V, W e X; o sinal não apresenta relação com icônica com o vatapá e, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), apresenta composição por contato, o qual ocorre nos dois sinais da composição.

Quadro 63 - Análise fonológica da variação 02 para VATAPÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 54	Cabeça (bochecha) lado direito, unilateral.	Não apresenta.	Palma da mão voltada para dentro, voltada para o rosto.	Não apresenta.
 01	Cabeça (bochecha) lado direito, unilateral.	Retilíneo, unidirecional, simples.	Palma da mão voltada para dentro, volta para o rosto.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para VATAPÁ, foi realizada pelos informantes D, H, I e J. Assim como a variação 01, não há relação icônica com vatapá; porém é possível observar que é mantida a CM 54, apresentando um pequeno toque na bochecha, o que simula um leve tapa no rosto.

De acordo com Soares (2018), este sinal foi criado por Kleber Uchôa e Elielza Reis. A autora registra que ele, ao questionar à professora e também intérprete de Libra sobre qual seria o sinal daquele prato; teve como resposta ao questionamento, deforma lúdica, o sinal acima apresentado. Assim sendo, para a criação desse sinal, foi utilizada com a CM 54, que representa a letra “V” do alfabeto manual, em referência à inicial da palavra, na sequência ela deu um leve tapa no rosto para representar a segunda e terceira sílabas “tapá”, autora afirma que o sinal surgiu em decorrência desta brincadeira.

As variações 01 e 02, para VATAPÁ, foram registradas nos municípios de Guajará Mirim, Porto Velho e Cacoal. Ressalta-se que no município de Vilhena, com exceção do informante R, que informou não conhecer tal sinal; todos os demais usaram a datilologia da

palavra “V-A-T-A-P-Á”, afirmando não possuir um sinal. Os informantes C, G, L, K e S afirmaram desconhecer o sinal.

6.2.1.9 Item lexical: TAPIOCA

Figura 89 – TAPIOCA – figura apresentada aos informantes

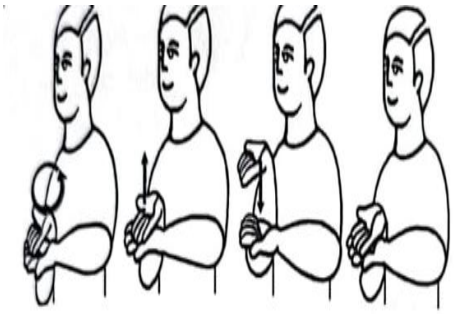


Fonte: https://www.sabornamesa.com.br/receitas-de-lanches/tapioca-salgada-e-doce-recheada.

Prato de origem indígena, que se desenvolveu e perdurou até os dias de hoje nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Sua denominação é de origem tupi e é composta por dois significados. Conforme Bezerra (2005), “tapi” significa pão e “oca” quer dizer casa; desta maneira, traduz-se como “pão de casa”. Conforme Ribeiro (1987 *apud* Lima, 2007), com base no significado etimológico, “*Typy-oca*” denota o sedimento, o resíduo da mandioca que é a matéria-prima base para a produção da tapioca; que é produzida da goma da mandioca (o polvilho), água e sal, porém cada região pode acrescentar outros ingredientes na massa, como por exemplo o coco ralado.

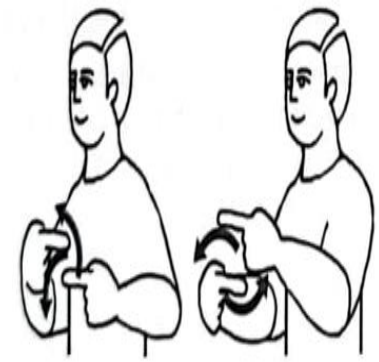
Na região Norte, mais especificamente em Rondônia, nas cidades onde foram realizadas as entrevistas, a tapioca faz parte da culinária local, muito presente nos cafés da manhã e da tarde; é vendida em supermercados, lanchonetes e, principalmente, nas feiras livres. No processo de produção, a goma é espalhada em uma frigideira ou chapa aquecida, onde coagula-se e se transforma numa massa fina, parecida com uma panqueca, é então fechada em forma de meia-lua, ou enrolada; o recheio fica a critério de cada pessoa e pode ser bem variado, como carnes de frango ou de sol, queijos, requeijão e presunto, entre outro. Além das salgadas, há também as que são feitas com recheio doce; como leite condensado, chocolate, coco ralado e goiabada com queijo, entre outros.

Figura 90 – Sinal referência 01 - Tapioca



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2663).

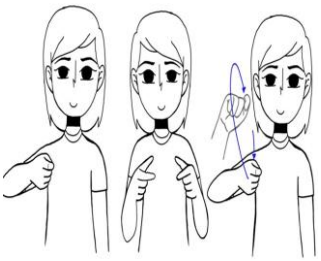
Figura 91 - Sinal referência 02 - Tapioca

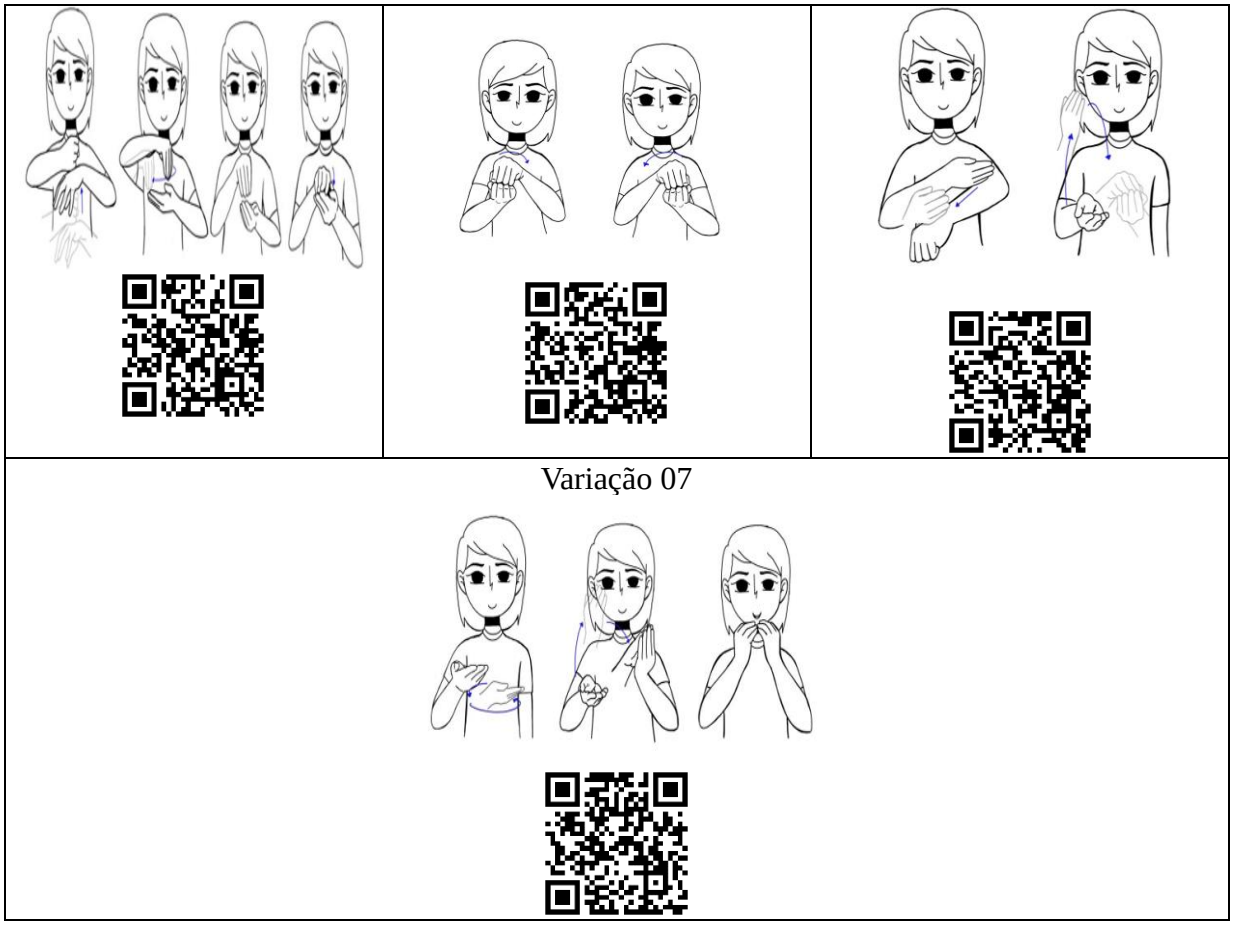


Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2663).

Para o item lexical TAPIOCA, foram registradas 07 variações, as quais apresento no quadro 64 a seguir e, posteriormente a ele, farei a análise morfofonológica.

Quadro 64 – Variações para TAPIOCA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04	Variação 05	Variação 06



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Apresentaram variações para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino que sinalizaram as variações 01, 02, 03, 04 e 07; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 04, 05, 06 e 08. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01e 04, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto do masculino. Dos informantes, 09 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; e, dentre esses, 04 informantes são do gênero feminino e 05 são do gênero masculino.

Quadro 65 - - Análise fonológica da variação 01 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Não apresenta	Palma da mão voltada para cima	Não apresenta
 75	Palma da mão esquerda	Angular, unidirecional, de toque, repetido.	Palma da mão para cima e pontas dos dedos para dentro, voltados par o corpo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para TAPIOCA, é formada por duas CMs, 01 e 75. A primeira CM (01) tem PA o espaço neutro, a qual serve de base para a CM 75, já a primeira CM nos remete à frigideira onde a goma é depositada para a produção da tapioca. A segunda CM nos remete ao utensilio utilizado para esparramar a goma e manusear a tapioca; assim, temos dois CLs instrumental, em que as mãos incorporam o instrumento, descrevendo a ação, numa representação de como o objeto é manipulado. Neste caso, temos um sinal totalmente icônico. Este sinal foi sinalizado pelos informantes E, H, I, J e V.

Quadro 66 - Análise fonológica da variação 02 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Espaço neutro.	Não apresenta	Palma da mão na contralateral, voltada para dentro, e polegar para cima.	Não apresenta
 42	Espaço neutro.	Não apresenta	Mãos na contralateral, frente a frente.	
 67	Espaço neutro.	Circular, torcedura do pulso (rotação e com refreamento) unidirecional, simples.	Mão inicial na contralateral, voltada para dentro.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para TAPIOCA, a qual é formada por CABO-frigideira^TAPIOCAforma^VIRARtapioca, é composta por três, CMs 67 e 42, sendo a primeira (67) repetida.

Neste contexto, temos, primeiramente, a CM 67 que nos remete ao cabo da frigideira, CL tamanho e forma, em que ocorre o preparo da tapioca. Na sequência, temos as m.d e m.e CM 42 simulando o formato da tapioca, um CL tamanho e forma e a CM 67 que apresenta movimento circular nos remetendo ao ato de virar a massa para finalizar o processa de produção e disponibilizar o recheio. Além disso, apresenta CL tamanho e forma, que é utilizado para especificar forma e tamanho de superfícies planas.

Em consonância com Ferreira ([1995] 2010), o CL refere-se ao objeto ou ser como um todo, outras referem-se apenas a uma parte ou característica do ser.

Esse sinal apresenta iconicidade, uma vez que nos remete ao processo de produção da tapioca, tendo sido sinalizado pela informante B.

Quadro 67 - Análise fonológica da variação 03 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro (base CM 08).	Não apresenta.	Palma da mão para cima.	
 08	Espaço neutro, palma da mão esquerda.	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão para baixo e pontas dos dedos juntas.	
 67	Espaço neutro (base CM 03)	Não apresenta.	Palma da mão para baixo.	
 03	Antebraço esquerdo.	Retilíneo, de deslizamento, unidirecional, refreado, simples.	Pama da mão na contralateral.	
 76	Espaço neutro (base CM 76)	Não apresenta.	Palma da mão para cima.	
 76	Espaço neutro, palma da mão esquerda.	Semicircular, de toque, refreado, unidirecional, simples.	Palma da mão para baixo.	
 08	Espaço neutro, frente a boca.	Não apresenta.	Mãos direita e esquerda voltadas para dentro, pontas dos dedos juntas.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 03, para TAPIOCA, temos a composição “FARINHA-frigideira^BRANC@^FECHAR-tapioca^COMER”; porém, na formação desta variação, temos classificadores e sinais, além de morfemas gramaticais.

A partir das CMs 01 e 08, podemos ver a iconicidade, pois o informante utiliza-se desta CMs para se referir ao ato de pôr o polvilho (aqui sinalizada farinha, sinal registrado anteriormente (quadro 41 e figura 47)) na superfície da frigideira, o que irá proporcionar o ato de juntar o produto e, assim, obter a massa para ser recheada. Temos, nesta formação, um sinal (farinha); porém, utilizado neste contexto como um CL semântico, e um CL tamanho e forma para se referir à frigideira. Contudo, ao utilizar as CMs 67 e 03, o informante estabelece uma característica para o polvilho; ou seja, ele é branco, muito embora, ao se buscar pelo sinal de BRANC@, tenha se verificado que o referido sinal apresenta variação em sua composição, em que a m.e. apresenta CM diferente ao sinal referência. E, por último, temos o CL a tamanho e forma, referente ao modo de segurar o objeto, com que o sinalizante segura a tapioca e a leva à boca.

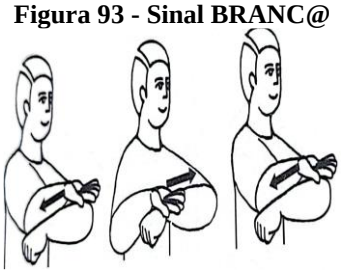
Ressalta-se que a utilização dos classificadores possibilita clareza e compreensão do significado que se deseja enunciar. Assim sendo, em Libras, os classificadores tamanho e forma “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados”. (Pimenta; Quadros, 2006, p. 71). Esta variação foi sinalizada pela informante D.

Figura 92 - FARIN HA



Fonte: Gil Costa (2023).

Figura 93 - Sinal BRANC@



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p.458).

Ao consultar o material de referência, buscando o registro do sinal para BRANC@; encontramos vários sinais, porém o que mais se aproxima ao sinal registrado na variação é o constante na figura (93). Além disso, ao buscar na internet o sinal para branco, encontramos uma variação que mostrada na figura 94. Ademais, vale destacar que, para o sinal registado nessa pesquisa, o informante utilizou o sinal da figura 94.

Figura 94 – Sinal BRANC@



Fonte: https://br.pinterest.com/pin/848787860993297766/.

A CM 76 é utilizada na configuração tanto da mão direita, quanto da esquerda; o que nos indica, iconicamente, o fechamento da tapioca no formato lua; temos, assim, um CL tamanho e forma. A CM 08, também utilizada para configurar ambas as mãos, nos remete ao ato de comer a tapioca, uma vez que o sinalizante simula levá-la até boca. Desse modo, apresenta um CL tamanho e forma que nos remete ao modo de segurar um objeto, nesse caso o alimento, a tapioca.

Quadro 68 - Análise fonológica da variação 04 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro.	Não apresenta.	Palma da mão para cima.	Não apresenta.
 76	Espaço neutro, palma da mão esquerda.	Retilíneo, de contato de toque, unidirecional.	Palma da mão para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 04, para TAPIOCA, temos a composição “MANDIOCA^FARINHA-frigideira^FECHAR-tapioca” presente em sua formação. Ressalta-se que alguns desses sinais foram registrados e descritos anteriormente; tais como mandioca, que está na análise da variação 01, no quadro 43 e farinha-frigideira e fechar-tapioca. Este último sinal, porém, sofreu alteração quanto ao movimento, o primeiro fechar-tapioca, o movimento inicia na lateral da mão base e a sobrepõe.

Na variação 04, o FECHAR^TAPIOCA, apresenta movimento, em que as mãos estão configuradas em CM 76, e o movimento neste sinal é o retilíneo, iniciado acima da mão base e fechando a tapioca, tocando a mão inferior, o qual também foi apresentada descrição anterior. Apresenta iconicidade no fechamento da tapioca, pois configura-se em formato de lua e CL tamanho e forma. Este sinal foi sinalizado pelos informantes A e K.

Quadro 69 - Análise fonológica da variação 05 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro, mãos apoiadas uma na outra.	Semicircular, torcedura de pulso com rotação e refreamento, bidirecional, para a direita e para a esquerda, contínuo e repetido.	Mão direita, palma da mão para baixo e mão esquerda palma da mão voltada para cima.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 05, para TAPIOCA, é composta apenas por uma CM (67) que é duplicada para as duas mãos do sinalizante. Apresenta movimento semicircular, bidirecional, com rotação para direita e para a esquerda. Esse movimento nos remete ao ato de virar a tapioca, apresentando, assim, um CL semântico, que configura iconicidade. Essa variação foi sinalizada pelo informante Q. Ademais, variação apresenta morfema gramatical.

Quadro 70 - Análise fonológica da variação 06 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro, palma da mão esquerda.	Semicircular, de aproximação, unidirecional, retenção e simples.	Palma da mãe esquerda para cima, e palma da mão direita para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 06, para TAPIOCA, possui composição BRANC@^FECHAR-tapioca. O sinal BRANC@ foi apresentado e analisado no quadro 67. Ao analisar FECHAR-tapioca, observou-se um CL semântico; registrando-se, assim, a iconicidade da variação. Além disso, apresente morfema gramatical e foi realizado pela informante N.

Quadro 71- Análise fonológica da variação 07 para TAPIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Circular	Palma da mão voltada para cima	Não apresenta.
 76	Espaço neutro, palma da mão esquerda.	Semicircular, de toque, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão esquerda para cima e da direita para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A formação da variação 07, para TAPIOCA, é composta por classificadores. Primeiramente, temos CM 01, um CL que é usado para especificar tamanho e forma do objeto; com movimento circular, apresentando a iconicidade da variação, o qual nos remete a frigideira e a tapioca em ponto de virar, o que é registrado com a utilização da CM 76, que iconicamente nos remete ao ato de fechar a tapioca em formato de lua. Assim, trata-se de um CL semântico e, por último, temos o ato de levar a tapioca à boca, o que foi descrito anteriormente (Variação 03 para TAPIOCA). A referida variação foi sinalizada pelo informante U.

Para as variações registradas para TAPIOCA, ressalta-se que há a predominância da iconicidade. Assim sendo, novos estudos apontam para a iconicidade, a qual designa um

vínculo ou relação de similaridade entre o representante e o que ele representa conceitualmente.

6.2.1.10 Item lexical: BOLO DE MANDIOCA

Figura 95 – BOLO-MANDIOCA – figura apresentada aos informantes

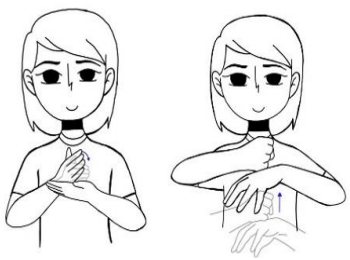
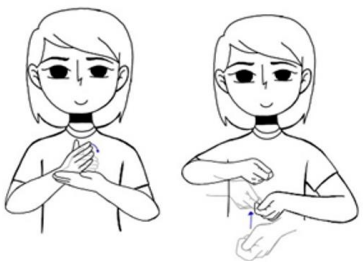


Fonte: https://www.mundoboaforma.com.br/receita-de-bolo-de-mandioca-vegano/.

De acordo com Vanille Café colonial (s.d), o bolo de mandioca possui receita tipicamente brasileira, de origem indígena e está relacionada ao cultivo da mandioca na bacia tropical do Rio Amazonas, onde a raiz sempre foi cultivada e empregada em muitas receitas salgadas e doces. O bolo de mandioca é um dos pratos típicos mais populares da Região Norte.

Também conhecida como aipim ou macaxeira, a mandioca é amplamente utilizada na culinária brasileira. O bolo de mandioca é produzido a partir da combinação da mandioca ralada, ovos, manteiga, leite de coco e açúcar, o que resulta numa massa fina e úmida. A recita pode variar de acordo com a região, dependendo da preferência local, pode-se incluir o coco ralado, queijo ou outros ingredientes.

Quadro 72 - Variações para BOLO-MANDIOCA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Apresentaram variações para o item lexical em análise as informantes do gênero feminino que sinalizaram as variações 01 e 02. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01e 02, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto pelo masculino. Dos informantes, 07 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; dentre esses, 03 informantes são do gênero feminino e 04 são do gênero masculino, além disso, um dos informantes sinalizou apenas bolo.

Figura 96 – Sinal referência 01 para BOLO-MANDIOCA



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=moQaN-HcYa0.

Figura 97 - Sinal referência 02 para BOLO-MANDIOCA

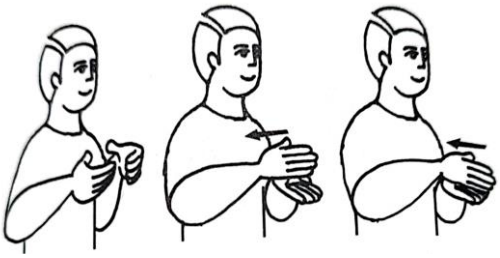


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=AuniXKUzEaI.

Ao buscar por sinal referência para bolo de mandioca no material referência, não foi encontrado o registro; também realizei busca na internet para o sinal do item lexical em estudo e, de igual forma, constatei que não havia registro de sinal especificamente. Todavia, havia vídeos com receitas de bolo de mandioca, nos quais encontrei os sinais utilizados que aqui serão utilizados como referência, e podem ser visualizados nas figuras 96 e 97.

Desta maneira, fui buscar o sinal para BOLO no material referência, o qual apresenta três sinais diferentes para o item em destaque; desta forma, selecionei o que mais se aproxima do sinal registrado, visível na figura 97.

Figura 98 - BOLO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p. 439).

Quadro 73 - Análise fonológica da variação 01 para MANDIOCA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	M.E espaço neutro;	Não apresenta.	Palma da mão voltada para cima.	Não apresenta.
	M.D palma da mão esquerda.	Retilíneo, bidirecional, interno de mão (curvamento e dobramento). Refreado, simples.	Mão na contralateral.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para BOLO-MANDIOCA, apresenta uma variação formada por um sinal composto BOLO^MANDIOCA. Temos uma formação por aglutinação de dois sinais, com perda ou supressão de parte do sinal; assim, ao comparamos o sinal para BOLO no material de referência, é possível verificar o sinal, que compõe a variação, sofreu perda de parte do sinal e uma alteração quanto ao M.

Porém, ao compararmos aos sinais encontrados na Plataforma da *Youtube*, observa-se que são idênticos aos sinais registrados por esta pesquisadora.

Figura 99 - Sinal Mandioca



Fonte: Gil Costa (2023).

Nesse contexto, observa-se que ocorre justaposição pela junção de dois itens lexicais, sem que ocorra perda ou supressão de parte do sinal.

Ao analisarmos a variação 02, para BOLO-MANDIOCA, pude constatar que ocorre situação similar ao da variação 01. A variação 01 para BOLO^MANDIOCA, foi sinalizada pelos informantes A, C, G, H, M, N, Q, R, S, T, U, V, W e X. A variação 02 foi sinalizada pela informante I. Os demais informante disseram não conhecer o sinal para o item lexical solicitado.

6.3.1 Categoria Lexical: Meios de transporte

A categoria “meios de transportes” foi composta pelos itens lexicais ônibus, caminhão, trator, carroça, avião, barco, bicicleta, motocicleta, jerico e carro de passeio.

6.3.1.1 Item lexical: ÔNIBUS

Figura 100 – ÔNIBUS – figura apresentada aos informantes

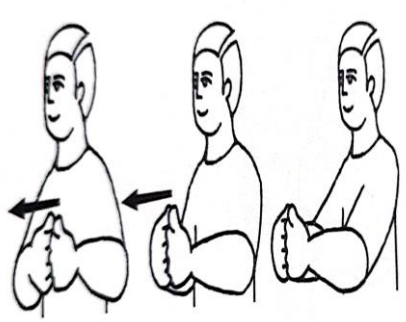


Fonte: https://www.jornaldafranca.com.br/nova-plataforma-de-viagens-de-onibus-chega-a-franca-como-mais-uma-opcao-aos-usuarios/.

Em conformidade com o site Busclub (2019), a história do ônibus teve início na França, em 1826, em Nantes, quando Stanislav Baudry, dono de uma casa de banho resolveu transportar seus clientes, do centro da cidade até Richebourg, onde tinha propriedade. Após o sucesso do transporte coletivo, Baudry abandonou suas casas de banho e fundou a primeira empresa de ônibus da história.

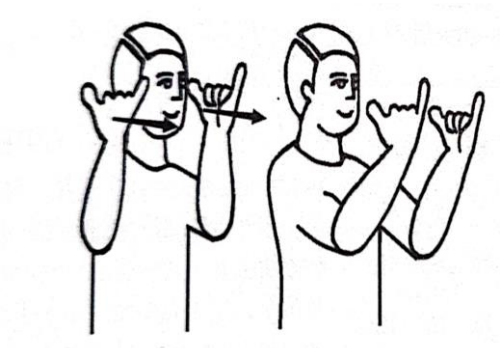
O nome ônibus de origem latina *Omnes Omnibus* (tudo para todos), que significa veículo automotor, de grande porte; usado para transporte coletivo, seja urbano, interurbano, intermunicipal, interestadual etc.

Figura 101 – Sinal referência 01 para ÔNIBUS



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2860).

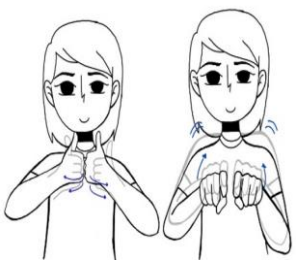
Figura 102 – Sinal referência 02 para ÔNIBUS

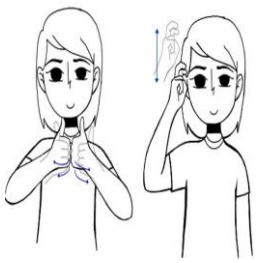
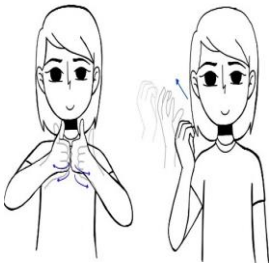


Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2860).

As comunidades linguísticas apresentam variações que se constituem como diferentes maneiras de falar a mesma coisa, em um mesmo contexto. Deste modo, no quadro 74, apresento as variações para ÔNIBUS registradas em quatro municípios no estado de RO.

Quadro 74 - Variações para ÔNIBUS

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04	Variação 05	Variação 06
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, apresentaram variações as informantes do gênero feminino que sinalizaram variações 01, 02, 03, 04 e 05; quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 02, 05 e 06. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01, 02 e 05 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto do masculino. Dos informantes, 02 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado, o quais, ambos, são do gênero masculino.

Quadro 75 - Análise fonológica da variação 01 para ÔNIBUS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 68	Espaço neutro	Semicircular, torcedura de pulso com rotação, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos horizontal, palmas voltadas para dentro, polegares para cima.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para ÔNIBUS, possui formação simples, morfema lexical e apresenta diferença quanto a CM do sinal referência 01, a qual apresenta os polegares baixos; porém, na variação registrada, os polegares estão voltados para cima. Além disso, os demais parâmetros não apresentaram variação. Assim, temos, neste caso, variação de apenas um dos parâmetros. Esta variação foi sinalizada pelos informantes A, C, G, H, I, K, L, T, U e W.

Ao buscar na internet por sinais para ônibus, o sinal seguinte foi encontrado, o qual é idêntico ao sinal que os informantes realizaram para a variação 01 (ônibus).

Figura 103- – Sinal ÔNIBUS



Fonte: https://images.app.goo.gl/mdoByyLwFu6Vn9Dr8.

Quadro 76 - Análise fonológica da variação 02 para ÔNIBUS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Espaço neutro.	Semicircular, torcedura de pulso com rotação, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos horizontal, palmas voltadas para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para ÔNIBUS, registrado por esta pesquisadora, é o mesmo sinal utilizado como referência para análise das variações. O qual foi sinalizado pelos informantes B, J, S e W e que apresenta formação simples e morfema lexical.

Quadro 77 - Análise fonológica da variação 03 para ÔNIBUS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 45	Espaço neutro.	Retilíneo, unidirecional, simples.	Palma das mãos voltadas para baixo.	Pequena elevação nos ombros.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A formação da variação 03, para ÔNIBUS, é um sinal composto por ÔNIBUS^ASSENTOS. Apresenta composição por justaposição formada por um sinal e um classificador, em que houve a junção da variação 01, para ÔNIBUS, e um CL semântico que representa os assentos do ônibus. Essa variação foi sinalizada pela informante D. A iconicidade está presente no CL assento. Temos, também, um morfema lexical e um gramatical.

Quadro 78 - Análise fonológica da variação 04 para ÔNIBUS

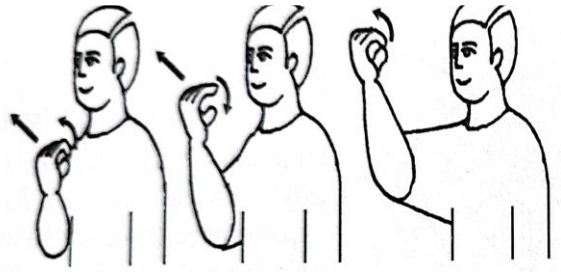
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Espaço neutro.	Retilíneo, para cima e para baixo, repetido.	Mão na vertical, palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A variação 04, para ÔNIBUS, constitui-se em uma variação formada por sinal e um classificador; desta feita, temos uma composição por justaposição, ou seja, ÔNIBUS^PUXARcordinha. Nesta composição, identificamos o sinal ÔNIBUS, utilizado para a variação 01 e um CL instrumental, o qual faz referência ao ato de puxar a cordinha (sinal sonoro para o ônibus parar). Desse modo, podemos observar que o sinal realizado pela informante E, para ÔNIBUS, não corresponde à imagem apresentada, que se trata de um ônibus para viagens mais longas, sejam elas, estaduais, interestaduais ou intermunicipais. O sinal realizado pela informante faz referência ao transporte público, geralmente municipal, que faz pequenas viagens, de um bairro para o outro.

A variação 05, para ÔNIBUS, possui formação composta por justaposição, em que, primeiramente, temos o sinal ÔNIBUS, que foi registrado nesta pesquisa; porém apresenta variação do sinal referência, o qual manifesta os polegares voltados para cima e, junto ao sinal referência, os polegares estão apoiados nos indicadores.

Figura 104- Sinal VIAJAR



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2860).

Para esta variação houve a junção do sinal VIAJAR, desta forma temos ÔNIBUS^VIAJAR, os quais apresentam morfemas lexicais. Este sinal foi realizado pelos informantes M, N, O, Q, R e X.

Quadro 79 - Análise fonológica da variação 06 para ÔNIBUS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 73	Espaço neutro.	Interno de mão, abrindo e fechando e subindo simultâneo, repetido.	Mão na horizontal, voltada para cima.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Porém, a variação 06, para ONIBUS, é um sinal composto por justaposição em que, conforme Felipe e Monteiro (2006), ocorre a junção de dois ou mais sinais sem que haja perda

de parte do sinal. Ao analisar a variação 06, verifica-se que houve a junção dos sinais ÔNIBUS^VIAJAR e, conforme vimos acima, não ocorre perda em nenhum dos sinais desta composição de acordo com os sinais referência. Temos também dois morfemas lexicais nesse caso.

6.3.1.2 Item lexical: CAMINHÃO

Figura 105 – figura apresentada aos informantes para CAMINHÃO

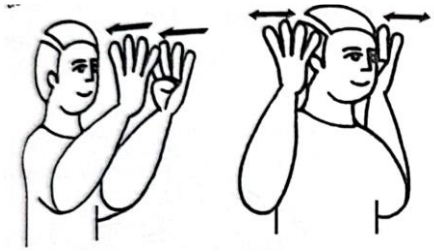


Fonte: https://garagem360.com.br/esses-sao-os-10-caminhoes-pesados-mais-vendidos-do-brasil/.

O desenvolvimento dos meios de transportes foi de extrema importância para o progresso da humanidade. Criado em 1895, pelo engenheiro alemão, Daimler, o caminhão surgiu alguns meses antes do ônibus, em 1896. O projeto do caminhão sofreu algumas alterações, ele foi projetado para transportar cargas pesadas, com velocidade um pouco mais rápida que a das carroças que eram puxadas por cavalos.

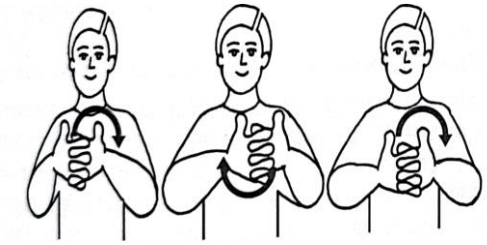
Conforme a Mercedes-Benz, o caminhão não possuía cabina, havia apenas um assento largo para o motorista. O motor de dois cilindros, movido a gasolina, ficava na traseira do carro, com capacidade que chegava a 1,4 toneladas e possuía aros de ferro que cobriam as rodas e marcha ré. O caminhão é um veículo motor, com no mínimo quatro rodas, utilizado para o transporte de mercadorias e/ou cargas pesadas.

Figura 106 – Sinal referência 01 para CAMINHÃO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p. 527).

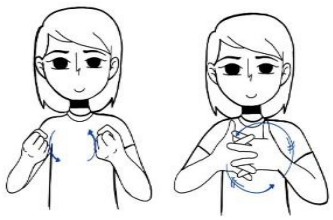
Figura 107 – Sinal referência 02 para CAMINHÃO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p.527).

Toda língua natural humana, tem como fator constituinte a variação linguística; seja essa língua oral ou sinalizada. No quadro 80, apresento os registros com as variações linguísticas para o sinal CAMINHÃO.

Quadro 80 - Variações para CAMINHÃO

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, elas sinalizaram as variações 01, 02 e 03; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01, 02 e 05 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto do feminino. Dos informantes, 01 relatou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; já outro informante sinalizou apenas DIRIGIR.

Quadro 81 - Análise fonológica da variação 01 para CAMINHÃO

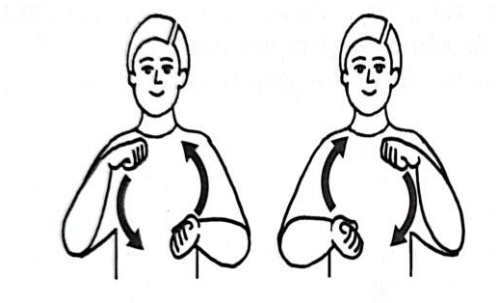
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Palmas das mãos voltadas para cima.	Não apresenta.

 05	Espaço neutro (mãos entrelaçadas)	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, palmas das mãos para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para CAMINHÃO, possui formação composta por justaposição; ou seja, quando não ocorre perda de parte do sinal, assim, houve a junção dos sinais DIRIGIR^CAMINHÃO (referência 02). Trata-se, pois, por conseguinte, de um sinal icônico que apresenta morfemas lexicais.

Figura 108 - Sinal DIRIGIR



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p. 972).

A variação 01, para CAMINHÃO, foi utilizada pelos informantes B, C, D, I, N, Q e V.

Ao buscar por variações dos sinais da Libras, no estado de Rondônia, muitos sinais constantes no material de referência foram identificados na sinalização dos informantes desta pesquisa.

O sinal para CAMINHÃO, para a variação 02, foi um dos sinais utilizados que constam no material de referência. Aqui, portanto, nesta tese, identificado como sinal de referência 02, constante na figura 105. O sinal foi descrito anteriormente no quadro 81 e utilizado pelos informantes A, G, H, J, k, L, M, Q, T, U, W e X. além disso, nota-se que apresenta morfema lexical.

Quadro 82 - Análise fonológica da variação 03 para CAMINHÃO

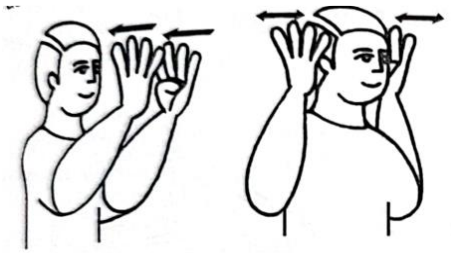
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Espaço neutro, lateral do rosto.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na vertical, voltadas para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para CAMINHÃO, possui formação simples, com CM 32, sinalizado ao lado direito e esquerdo do rosto, próximo aos ouvidos. Este sinal tem M, O e PA parecidos

com o sinal referência 01, para CAMINHÃO; o qual não foi sinalizado nesta pesquisa em que temos um morfema lexical.

Figura 109 – Sinal CAMINHÃO



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 1, p. 527).

A variação 03, para o item lexical em análise, foi sinalizada pelos informantes N, P e R. Somente o informante F informou não conhecer o sinal para esse e o informante S sinalizou apenas o sinal para dirigir.

6.3.1.3 Item lexical: TRATOR

Figura 110 – TRATOR - figura apresentada aos informantes



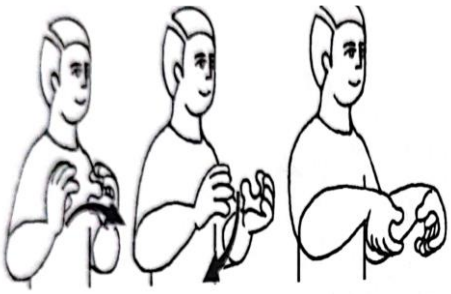
Fonte: https://revistacultivar.com.br/noticias/mahindra-lanca-trator-5050-na-expodireto-2022.

Na agricultura, a invenção e utilização do trator constituem uma grande conquista na revolução tecnológica agrícola, o que possibilitou agilidade e produção de alimentos em larga escala, já que, antes, o trabalho na agricultura era inteiramente desenvolvido por meio da força humana e da tração animal.

Conforme Mialhe (1980), em 1776 James Watt patenteou o motor a vapor, dando início à história de grandes impactos nas civilizações, que resultou na Revolução Industrial. Em 1784, William Murdock fabricou o primeiro protótipo de motor a vapor em alta combustão. Há relatos de que, no início do século XIX, houve tentativas de mover um arado com um motor a vapor.

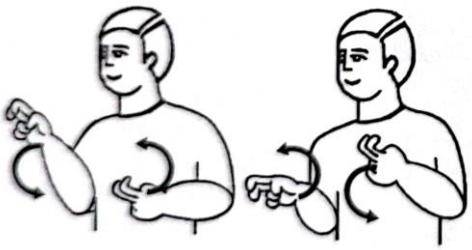
Mialhe (1980) relata que foi 1906 que um fabricante desses veículos anunciou, num panfleto, o seu novo modelo de *tractor machine* (máquina de tracionar), o que acabou se consolidando como *tractor*; ou seja, trator. Somente há aproximadamente 100 anos, é que o trator se constituiu como importante máquina agrícola, anterior a essa fase o predomínio era da tração animal.

Figura 111 – Sinal referência 01 para TRATOR



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p. 2746).

Figura 112 – Sinal referência 02 para TRATOR



Fonte: Capovilla *at al.* (2019, v. 3, p.2746).

"Variação linguística é uma expressão empregada para denominar como os indivíduos que compartilham a mesma língua têm diferentes formas de utilizá-la". (Berquó, s.d.). Desta maneira, apresento as variações registradas para TRATOR no quadro 83.

Quadro 83 - Variações para TRATOR

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04 		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 02 e 04. Quanto aos informantes do gênero masculino, eles apresentaram as variações 01, 03 e 04. Para esse item lexical, houve repetição da variação 04, que foi sinalizada tanto pelos informantes do gênero feminino, tanto quanto pelo masculino. Dos informantes, 15 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; sendo que, dentre esses, 09 informantes do gênero feminino e 06 são do gênero masculino.

Quadro 84- Análise fonológica da variação 01 para TRATOR

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Angular, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, voltadas para cima	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para TRATOR, possui formação simples, as duas mãos configuradas em CM 01, apresenta movimento angular, contínuo e repetido; a O se apresenta com as mãos na horizontal, palmas das mãos voltadas para cima e expressão não manual com as bochechas infladas, tratando-se de um morfema gramatical. Ao a analisarmos, percebemos que o sinalizante faz referência à grade de arrasto do trato e temos, nesta variação, um CL instrumental que se configura quando as CMs incorporam um instrumento, descrevendo a ação gerada por ele. Podemos observar na variação registrada por meio do M, a ação da grade de arrasto do trator, o movimento desta grade em uso no campo. Ressalta-se que esta variação apresenta iconicidade quanto à grade e ao seu movimento.

Quadro 85 - Análise fonológica da variação 02 para TRATOR

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	Retilíneo, bidirecional, contato de deslizamento, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para a variação 02, para TRATOR, temos uma formação simples representada pela CM 13; sendo a variação 03 representada pela CM 13. Ao analisarmos essas variações, é possível entender, a partir dos sinais utilizados e da sinalização que a informante (G variação 02 e o sinalizante F variação 03), que ambos os informantes fazem menção à grade de arrasto e ao processo de gradear a terra. ressalta-se, porém, a presença da expressão não manual (bochecha inflada). Desta maneira, temos um morfema gramatical e a predominância da iconicidade quanto à grade e ao processo de gradear a terra. Assim sendo, em conformidade com Gassen (2015), "A aração, a escarificação e a gradagem são práticas usadas na agricultura, teoricamente, para descompactar e preparar o solo para a semeadura de soja, de trigo, de milho e de outros grãos". (Gassen, 2015, s.p.)

A sinalização desta variação se justifica, uma vez que o estado de RO é um estado com alto índice de agriculta, onde esse tipo e grade é utilizada para o preparo do solo. Ressalta-se, também, que a cultura visual predomina com relação à variação registrada.

Quadro 86 - Análise fonológica da variação 03 para TRATOR

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Antebraço esquerdo.	Retilíneo, unidirecional, repetido, contato de deslizamento.	Palma da mão voltada para baixo,	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para TRATOR, foi analisada morfofonológicamente em conjunto com a variação 02 para o item em destaque.

Quadro 87 - Análise fonológica da variação 04 para TRATOR

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, repetido	Palmas das mãos vertical, palmas frente a frente. Dedos. Separados.	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ressaltamos que, em virtude de as variações 02, 03 e 04 para TRATOR terem a mesma CM (13), todas elas nos remeterem à grade de arrasto do trator. Diferem, contudo, apenas em alguns quesitos como vimos nas análises fonológicas anteriores.

Ao observarmos os sinais do material de referência, em que é possível notar que tanto o sinal referência 01, quanto 02, também nos remetem à grade de arrasto; a variação 04 registrada nesta tese, é a mesma constante no material referência, sinal referência 01. Todas as variações apresentam morfema gramatical.

Todas as variações para TRATOR, registradas nesta tese, apresentam CL instrumental, em que as mãos incorporam o instrumento, descrevendo a ação gerada por ele, mostrando como o objeto é manipulado. Desse modo, sem fazer menção a ele, neste caso, temos a descrição da grade de arrasto em todas as variações para TRATOR, as quais possuem formação simples que ocorre quando o sinal é formado por um único sinal.

Figura 113 – Grade de arrasto



Fonte: https://images.app.goo.gl/LH3j4RnJcTsMnKY16.

As variações 01, 02, 03 e 04 apresentam iconicidade que nos remete à grade de arrasto, ao movimento e a seu formato; o que indica que está relacionada às experiências visuais da comunidade surda, pois, de acordo com a visão dos Estudos Culturais, a denominação Surdez significa “uma experiência visual”. (Skliar, 2013, p. 11).

Para Sofiat *et al.* (2012), a iconicidade é característica que alguns sinais apresentam motivados pelo objeto que representam; ou seja, é semelhante ao objeto, ou ainda, é a relação que o homem criou com este referente.

6.3.1.4 Item lexical: CARROÇA

Figura 114 – CARROÇA – figura apresentada aos informantes

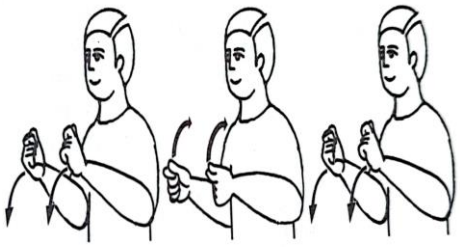


Fonte: https://br.pinterest.com/pin/672654894316711185/.

Em consonância com o site Aventuras na história (2021), a carroça é um meio de transporte que antecede ao advento dos veículos a vapor, usada desde os tempos mais longínquos. Com a invenção da roda, foram se descobrindo novas formas de transportar cargas e pessoas.

Em conformidade com o site Conceito.de. (2019), a carroça é um tipo veículo (de tração animal, composta por duas rodas, com estrutura para resistir a carga e hastes que servem para engatar o cabeçalho). Muitas vezes movidas por cavalos; porém, também pode também ser puxada por bois, mulas e outras espécies. Durante séculos, ela foi a principal meio de deslocamento de seres humanos, permitido ainda o transporte de mercadorias.

Figura 115 – Sinal referência 01 para CARROÇA

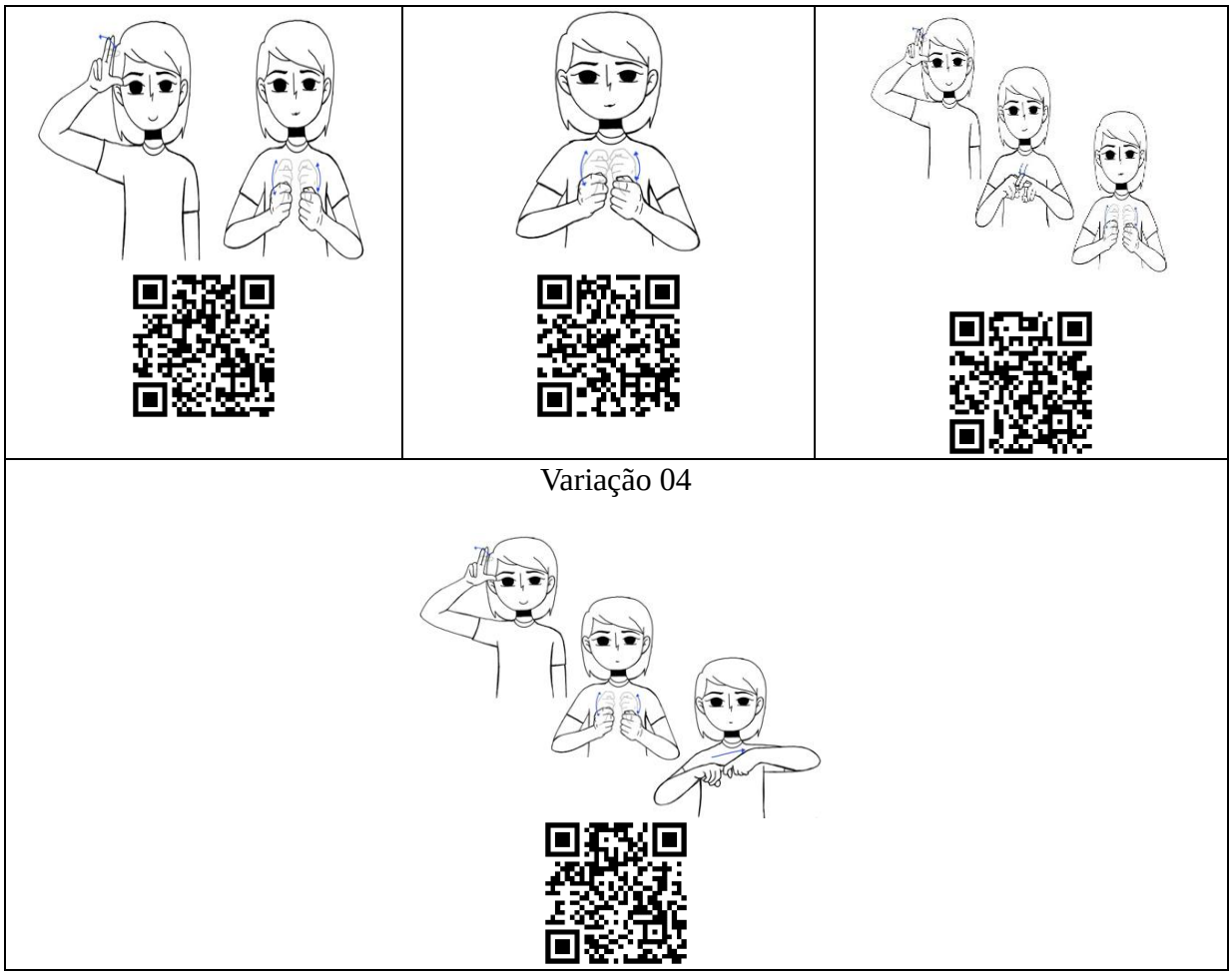


Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 579).

Como visto anteriormente nesta tese, as variações linguísticas referem-se a diferenças que uma determinada língua apresenta diante de fatores como região, questões sociais e culturais relacionada à comunidade em ela é utilizada. No quadro 88, apresento as variações registradas para CARROÇA.

Quadro 88 – Variações para CARROÇA

Variação 01	Variação 02	Variação 03



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As variações sinalizadas pelas informantes de gênero feminino, para o item lexical apresentado, foram 01, 02, 03 e 04. Já quanto aos informantes do gênero masculino, estes sinalizaram as variações 01, 02, 03 e 04. Podemos observar que tanto os informantes do gênero masculino apresentaram quanto as informantes do gênero feminino apresentaram 04 variações. Sendo que todas as variações registradas foram sinalizadas pelos informantes de ambos os gêneros.

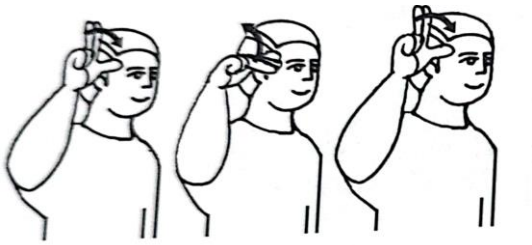
Quadro 89 - Análise fonológica da variação 01 para CARROÇA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
	Cabeça, têmpora	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão para fora.	Rosto, lábios em forma de bico
	Espaço neutro	Semicircular, dobramento, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na contralateral, fechadas.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

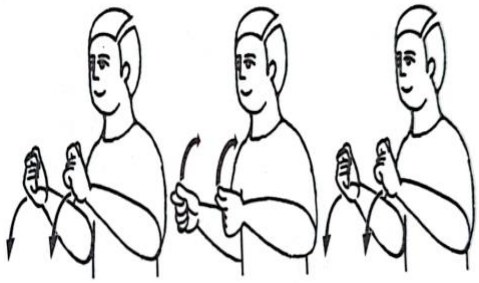
Na variação 01, para CARROÇA, temos um sinal formado por justaposição, com junção de dois sinais e sem perda de parte do sinal; temos, então, CAVALO^CARROÇA (sinal referência).

Figura 116 - Sinal CAVALO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 608).

Figura 117 – Sinal CARROÇA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 579).

A variação 01, para CARROÇA, foi sinalizada pelos informantes C, O, P, Q, R e S. Essa variação apresenta morfema gramatical.

A variação 02, para CARROÇA, é o mesmo sinal constante no material de referência. A análise fonológica deste item lexical foi realizada no quadro 88 e ele apresenta constituição em que é formado por um único sinal. Assim, temos uma formação simples e um morfema lexical. Este sinal foi utilizado pelos informantes D, M, N, T, V, U e X.

Quadro 90 - Análise fonológica da variação 03 para CARROÇA

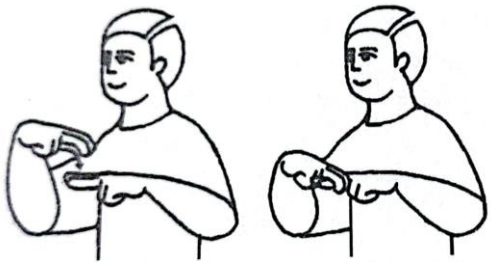
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 21	Espaço neutro.	Retilíneo, de aproximação, bidirecional, contínuo.	Palmas das mãos voltadas para baixo.	Rosto (lábios contraídos e projetados, sobrancelhas franzidas).

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para a variação 03, para CARROÇA, temos um sinal composto por justaposição formado por três sinais CAVALO^SENTAR^CARROÇA (sinal referência), sem que haja

perda ou supressão do sinal. No entanto, apresenta ENM, sendo que o rosto que apresenta lábios contraídos e projetados, além de sobrancelhas franzidas. Os sinais, isoladamente, para CAVALO e CARROÇA foram analisados na variação 01.

Figura 118 – Sinal SENTAR



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2564).

Esta variação foi sinalizada pelos informantes A, K e V, em diferentes municípios do estado de Rondônia. Na variação 03, temos a presença da iconicidade, como o mover das mãos simulando o balançar das cordas para incentivar o animal (neste caso, o cavalo) para puxar a carroça e seguir seu trajeto. Temos, nesse caso, um morfema gramatical.

Quadro 91 - Análise fonológica da variação 04 para CARROÇA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 45	Espaço neutro.	Retilíneo, de ligação, unidirecional, refreado, simples.	Mão esquerda com palma da mão voltada para baixo, mão direita palma da mão voltada para dentro.	Rosto (lábios contraídos e projetados, sobrancelhas franzidas).

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 04, para CARROÇA, temos um sinal composto por justaposição com a junção de dois sinais CAVALO^CARROÇA (sinal referência) e a junção de um classificador semântico, que são configurações de mãos que os representam enquanto referente de uma categoria semântica; ademais, temos um classificador para gancho, que representa o ato de atrelar o animal (neste caso, o cavalo) a carroça, para que ele a puxe.

A iconicidade está presente nas variações registradas pela representação da corda, que serve para incentivar o animal a se mover e puxar a carroça. Temos a EMN referente ao rosto com lábios contraídos e projetados, e com as sobrancelhas franzidas,

Vale ressaltar que a presença do sinal referência 01, para CARROÇA, está contido na formação de todas as variações registradas para este item lexical em análise.

6.3.1.5 Item lexical: AVIÃO

Figura 119 – AVIÃO – figura apresentada aos informantes



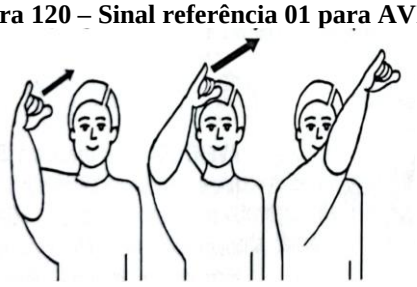
Fonte: https://canaltech.com.br/avioes/curiosidades-que-voce-nao-sabia-sobre-viagens-de-aviao/.

O desejo de voar sempre esteve presente na história da humanidade. Conforme Pozzebom (2015), em 400 a. C. foram registradas as primeiras tentativas de voos junto a um homem cujo nome é Archytas, estudioso na Grécia antiga, o qual desenvolveu um pombo construído em madeira e que conseguiu ousar voo de 180 metro. Outro registro foi por volta de 200 a. C. quando Arquimedes, o matemático e inventor grego, descobriu que os objetos poderiam pairar sobre a água, o que despertou vários estudiosos a analisarem a descoberta e, de acordo com os registros em 1920, o inglês Roger Bacon, concluiu que o homem, usando características adequadas, poderia construir uma máquina para voar.

De acordo com a autora supracitada, em projeto de Leonardo da Vinci, os desenhos criados por ele foram considerados viáveis, porém nunca saíram do papel. Durantes séculos, muitos inventores tentaram construir um objeto voador; mas, somente em 1852, o primeiro dirigível foi inventado. Em 1843, foi registrada a primeira patente de uma aeronave, pelo inglês Willian Henson. O registro do primeiro voo foi publicamente realizado por Alberto Santos Dumont. O avião revolucionou o transporte de cargas e também de passageiros.

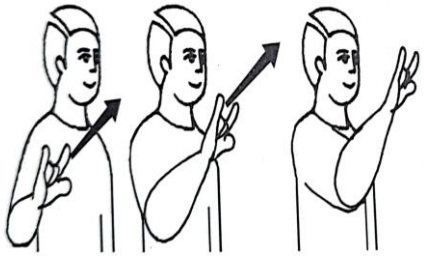
Em busca por variações de sinais da Libras no estado de Rondônia, muitos sinais foram registrados, porém alguns deles não apresentaram grandes variações, é o que podemos observar para o item lexical AVIÃO.

Figura 120 – Sinal referência 01 para AVIÃO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 332).

Figura 121 - Sinal referência 02 para AVIÃO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 333).

Certas variações linguísticas são aceitas, ou não, pela comunidade falante, fato esse que se deve ao significado social que lhe é atribuído pelo grupo que as usam; ou seja, se estão ou não associados aos valores de quem as utilizam. Senso assim, abaixo seguem o registro das variações para o item lexical AVIÃO.

Quadro 92 – Variações para AVIÃO

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As variações sinalizadas pelas informantes de gênero feminino para o item lexical apresentado, foram 01 e 02; quanto aos informantes do gênero masculino, eles sinalizaram as variações 01 e 02. As variações 01 e 02 foram sinalizadas tanto pelas informantes do gênero feminino, quanto pelos informantes do gênero masculino. Registra-se que todos os informantes sinalizaram para esse item lexical.

Quadro 93 - Análise fonológica da variação 01 para AVIÃO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 64	Espaço neutro.	De deslizamento, unidirecional, retenção, simples.	Mão voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 94 - Análise fonológica da variação 02 para AVIÃO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
	Espaço neutro.	De deslizamento, unidirecional, retenção, simples.	Mão voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No quadro 92, estão as variações registradas para avião. Ao observarmos e compararmos os registros, é possível verificar que os sinais referências 01 e 02 para AVIÃO possuem formação simples e, tanto a variação 01 quanto a variação 02, apresentam diferença somente quanto ao movimento; uma vez que os sinais referências apresentam movimento retilíneo e as variações registradas apresentam um leve movimento de deslizamento, como uma curva muito suave, sendo que a variação 01 volta-se para cima e a variação 02, para baixo. A variação 01 foi sinalizada por quase todos os informantes, com exceção dos informantes L e H, que utilizaram a variação 02. Além disso, faz-se necessário observar que as variações 01 e 02 apresentam morfema lexical.

6.3.1.6 Item lexical: BARCO

Figura 122 – BARCO – figura apresentada aos informantes



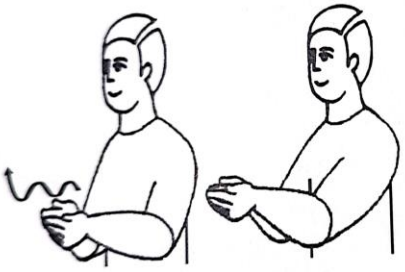
Fonte: https://veiculo.mercadolivre.com.br/MLB-2982496387-barco-aluminio-borda-alta-6m-pety-2023-zero-pentrega-_JM.

Conforme o site Origemdascoisas (2022), os primeiros barcos eram como uma canoa talhadas em tronco de árvores. O barco mais antigo recuperado pelo homem foi datado entre 8200 e 7200 a.C., no período Neolítico. Esse meio de transporte foi desenvolvido e aprimorado por diversas sociedades para que pudesse navegar por climas e águas diferentes.

No Antigo Egito, por volta do século XXX a.C.; já havia conhecimento de como montar com tábuas de madeira o casco de embarcações.

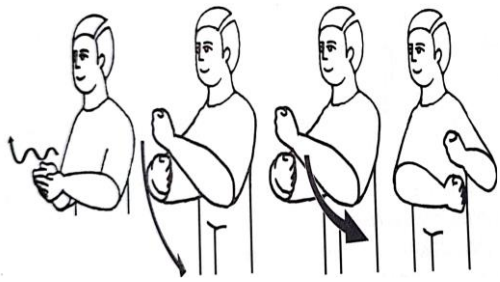
Com o advento do barco a vela, as navegações conseguiam percorrer distâncias maiores, pois podiam velejar a favor do vento. Depois das caravelas, vieram os navios a vapor. Atualmente os navios se beneficiam de tecnologias cada vez mais sofisticadas.

Figura 123 – Sinal referência 01 para BARCO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 379).

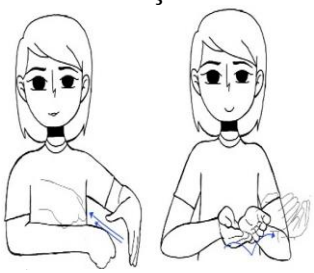
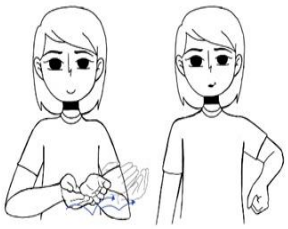
Figura 124 – Sinal referência 02 para BARCO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 379).

As variações acontecem, pois, a comunicação é a motivação principal da língua; portanto, é compreensível que os falantes façam readaptações de suas necessidades comunicativas. No quadro 95, seguem as variações da Libras registras para BARCO.

Quadro 95 - Variações para BARCO

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, elas sinalizaram as variações 01, 02 e 03; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição das variações 02 e 03, as quais foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto os do masculino. Todos os informantes sinalizaram para o item lexical apresentado.

Quadro 96 - Análise fonológica da variação 01 para BARCO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Espaço neutro.	Retilíneo, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para dentro.	Não apresenta.
 12	Espaço neutro	Não apresenta.	Palma da mão voltada para baixo.	
 76	Espaço neutro.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Palmas da mão voltadas para cima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para BARCO, possui formação composta (BARCO^LIGARmotor) por justaposição formada por um item lexical e um classificador; deste modo, o sinal BARCO (referência 01) é um classificador (CM 67 e 12) instrumental, que são CMs que incorporam o instrumento. Neste caso, podemos ver a incorporação do motor de polpa e ele sendo ligado, o que nos remete à iconicidade. Esta variação foi sinalizada pela informante B, residente em Guajará Mirim, onde é comum a utilização deste tipo de embarcação para realizar a travessia entre o Brasil e a Bolívia e vice-versa. A variação apresenta morfema gramatical.

Quadro 97 - Análise fonológica da variação 02 para BARCO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro.	Não apresenta movimento.	Palma da mão voltada para dentro.	Rosto, parte inferior, leve contração dos lábios superior e inferior.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para BARCO, é composta BARCO^ACELERADORmotor, formada por justaposição com a junção de um item lexical e um classificador. Desta feita, temos o sinal BARCO (referência 01) e um classificador (CM 69) instrumental, em que as CMs incorporam o instrumento, descrevendo a ação gerada por ele. Nesta variação, portanto, temos a menção ao motor de polpa, sendo manipulado pelo operador do barco, o que nos remete à

iconicidade presente na variação e a qual foi sinalizada pelos informantes A, O e R, que são informantes são residentes em Guajará Mirim e Vilhena. Ademais, a variação apresenta morfema gramatical.

Na região de Rondônia, é muito comum esse tipo de embarcação circulando nas cidades, conduzidas por carros. Em muitos municípios, ou próximos aos municípios selecionados para a pesquisa, há grandes rios e, nos fins de semana, pessoas se juntam para realizar pescarias. No caso de Guajará Mirim, além das pescarias, há a travessia de fronteira, como citado anteriormente.

Quadro 98 - Análise fonológica da variação 03 para BARCO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Palmas da mão voltadas para cima.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para BARCO, possui formação simples e morfema lexical. Esse sinal é o mesmo contante no material de referência, o qual foi sinalizado pela maioria dos informantes C, D, F, G, H, I, J, K, L, M, N, P, Q, S, T, U, V, W e X.

6.3.1.7 Item lexical: BICICLETA

Figura 125 – BICICLETA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1169876089-painel-adesivo-parede-bicicleta-bike-paisagem-trilha-arvores-_JM.

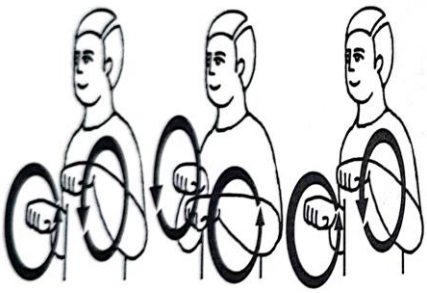
Em conformidade com PUC-Rio (s.d.), existem várias hipóteses para a invenção da bicicleta desde século IV a.C. quando se criou o veículo alto-impulsionado. No entanto, somente partir do ano 1800 é que há registros de sua invenção; assim, a partir desta data, serão concentradas as discussões. De acordo com o autor, a bicicleta que possui farta

documentação é a Draisiana, que foi desenvolvida pelo Barão Karl Friedrich Drais Von Sauerbronn, que a criou e patenteou uma máquina feita de madeira em 1817. Contudo, por não possuir pedais, era conhecida como uma máquina de correr, pois a pessoa andava sentada numa barra de madeira e dava impulsos com os pés tocando o chão para se movimentar.

O ferreiro escocês Kirkpark McMillan, em 1838, ligou a roda traseira na parte dianteira e criou a bicicleta de tração traseira, que fez muito sucesso então.

Em 1861, Ernest Michaux, filho do construtor de carruagens, que recebeu uma Draisiana para consertar, viu a dificuldade de movimentar-se e trocou as manivelas por pedais, o que revolucionou a bicicleta em favor da atual, ela passou a ser feita de aço e, em 1867, chegaram a produzir até 3200 unidade por ano. Muitos modelos foram criados e passaram por evolução até chegar ao modelo dos dias atuais.

Figura 126 – Sinal referência 01 para BICICLETA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 412)

Ressaltamos que, ao tratarmos sobre variação linguística, observamos modos diferentes com os quais é possível nos expressarmos em uma língua.

Figura 127 – Sinal registrado para BICICLETA



Elaborado pela autora (2024).

Para esse sinal, houve uma sinalização unânime, pois todos os informantes sinalizaram e utilizaram o mesmo sinal, o qual apresenta morfema lexical.

Quadro 99 - Análise fonológica da variação 01 para BICICLETA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro	Circular, bidirecional, contínuo, repetido.	Palmas das mãos para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O sinal para BICICLETA, registrado por mim, apresenta-se da mesma forma em todos os municípios pesquisados e todos os informantes sinalizaram contendo os mesmos parâmetros CM, PA, M, O e ENM. Ao analisar o registro, observou-se que não ocorreram alterações nos parâmetros que compõem o sinal. Além disso, nota-se que o sinal registrado é o mesmo constante no material de referência.

6.3.1.8 Item lexical MOTOCICLETA

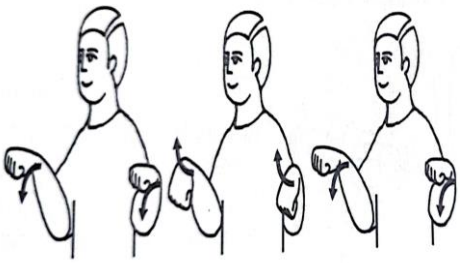
Figura 128 – MOTOCICLETA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://r2moto.com.br/produto/moto-honda-160-start-17-red/.

Bernardo (2020) corrobora que, em 1869, a primeira motocicleta foi inventada nos EUA por Sylvester Roper e, por Louis Perreaux, da França, os quais produziram uma bicicleta munida de motor a vapor. Somente em 1885, o alemão Gottlieb Daimler, juntamente com Wilhelm Maybach, criou a motocicleta com motor a combustão; os quais, em uma bicicleta em madeira, adaptaram um motor a gasolina de um cilindro.

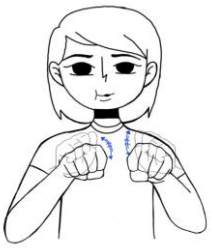
Figura 129 – Sinal referência 01para MOTOCICLETA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1897).

As fronteiras entre os diferentes falares de uma língua são constituídas pela sociolinguística. Abaixo estão os registros para o item lexical MOTOCICLETA.

Quadro 100 - Variações para MOTOCICLETA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram varrições para o item lexical em destaque, elas sinalizaram as variações 01 e 02. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 e 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto os do masculino.

Quadro 101 - Análise fonológica da variação 01 para MOTOCICLETA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro.	Dobramento de pulso para cima e para baixo, bidirecional, contínuo, repetido.	Palmas das mãos voltadas para baixo.	Rosto parte inferior bochecha levemente infladas, lábios contraídos e projetados.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 102 - Análise fonológica da variação 02 para MOTOCICLETA

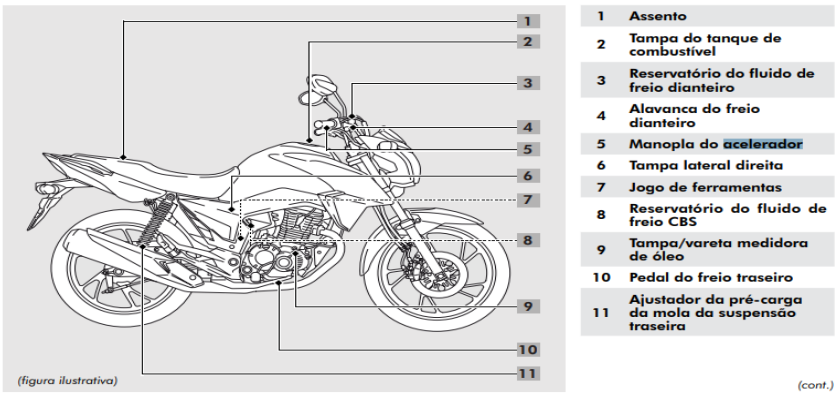
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro.	Dobramento de pulso para cima e para baixo, bidirecional, contínuo, repetido.	Palmas das mãos voltadas para baixo.	Rosto parte inferior bochecha levemente infladas, lábios contraídos e projetados.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao analisarmos as variações 01 e 02 para MOTOCICLETA, popularmente conhecida por MOTO, observamos que há distinção entre elas ao que se refere ao movimento; uma vez que a variação 01 apresenta M nas duas mãos e a variação 02 apresenta M em apenas uma das mãos, a direita. Esse movimento da(s) mão(s), registrado nas variações, refere-se ao ato de acelerar a motocicleta para que ela se desloque.

De acordo com Magnetron (2023. s.p.), "o cabo de acelerador é uma parte importante para o funcionamento da moto, pois ele conecta a manopla do acelerador ao carburador, a fim de abrir e fechar o mesmo ou nas motos com injeção eletrônica, para abrir e fechar o corpo da aceleração, fazendo a moto se mover". É possível observar na figura 133, onde consta a localização dos controles que compõem parte de uma motocicleta, que o acelerador está disposto no lado direito da motocicleta, sendo apenas na mão direita do condutor do veículo. Vale ressaltar que os sinais registrados são sinais icônicos quanto ao ato de acelerar a motocicleta. Os sinais apresentados são de formação simples, ou seja, por apenas um sinal; e apresentam morfema gramatical.

Figura 130 - Localização dos Controles (motocicleta)



Fonte: Honda (2019, p.23 - grifos da autora).

Ao consultarmos o material de referência, é possível observar que o sinal registrado manifesta movimento em ambas as mãos igualmente; no caso, o sinal registrado por esta pesquisadora (variação 01). Uma motocicleta apresenta aceleração em apenas uma das mãos.

6.3.1.9 Item lexical: JERICO

Figura 131 – JERICO- figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.jornalrondoniavip.com.br/noticia/esporte/prefeitura-adia-retorno-da-corrida-de-jericos-em-alto-paraiso/alto-paraiso.

De acordo com as informações compartilhadas pela Wikipédia (s.d.), jerico é denominação local para uma categoria de veículos que são adaptados para desenvolver trabalho no campo, é construído basicamente com peças velhas de todos os tipos de carros, caminhões ou camionetes. Os motores são os mais diversos possíveis; porém há predominância dos motores estacionários de pequeno porte. Em grande parte, possui apenas chassi, motor, rodas, carroceria e, às vezes, não possuem nem mesmo o assento.

Em Alto Alegre Paraiso/RO, de acordo com IBGE (2.022), há uma população de 16.320 pessoas. De acordo com a SECOM (Secretaria de Estado de Comunicação) (2011), anualmente acontece a Corrida Nacional de Jericos Motorizados, que atrai pessoas de várias partes do país, cerca de aproximadamente 40 mil pessoas. Esse evento acontece em local apropriado, o jericódromo, e é uma festa no estado de Rondônia. Já o município de Alto Paraiso está localizado no interior do estado, fica a 206 km da capital Porto Velho, ficou conhecida nacionalmente devido à corrida de jericos, também conhecida como a capital do jerico.

Quadro 103 – Variações registradas para JERICO

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque e, apenas uma informante de gênero feminino sinalizou a variação 01. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 que foi sinalizada tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 19 disseram não saber ou não conhecer o sinal; porém, muitos deles informaram que conhecem o item sinalizado e alguns participaram do festival que acontece anualmente em Alto Paraiso/RO. Dos que não sinalizaram, 12 são do gênero feminino e 07 do gênero masculino.

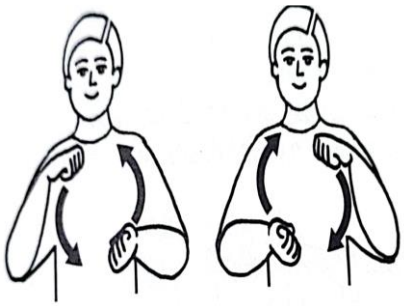
Quadro 104 - Análise fonológica da variação 01 para JERICO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, retenção, repetido.	Palma das mãos voltadas para baixo.	Rosto parte inferior, bochechas infladas, lábios contraídos.
 01	Espaço neutro.	Sinuoso, dobramento de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	
 49	Pescoço.	Semicircular, toque, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

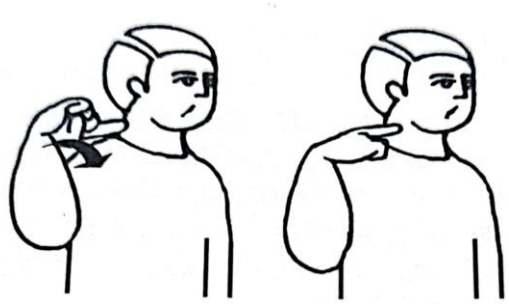
A variação 01, para JERICO, apresenta processo de composição por justaposição, formada pela junção de dois itens lexicais CARRO^SUJ@ a um classificador tamanho e forma, o qual se refere ao carro em movimento sinuoso, subindo e descendo as ondulações da pista de terra com muito barro; tornando-se um veículo sujo. Para o sinal CARRO, temos morfema lexical, o qual contém o significado da variação, porém o sinal SUJ@ e o CL apresentam morfemas gramaticais.

Figura 132 – Sinal CARRO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v.1, p.577).

Figura 133 – Sinal SUJO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2636).

O classificador tamanho e forma tem função de descrever, foi usado para especificar veículo; no caso, o jerico em ação como podemos ver por meio do movimento sinuoso da mão que remete ao movimento do veículo na pista de chão, com muita lama, cheia de ondulações e curvas.

O sinal SUJ@ é utilizado na variação registrada para se referir a pista molhada, cheia de lama, por onde os jericos são conduzidos e não há estabilidade. Assim, muitas vezes, o veículo chega a tombar e os seus condutores ficam extremamente encobertos de lama.

Nesta variação, temos a presença da iconicidade representada pelo movimento do veículo na pista de corrida. Essa variação foi sinalizada pelos informantes B e J.

Quadro 105 - Análise fonológica da variação 02 para JERICO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
	Espaço neutro	Semicircular, de aproximação, de deslizamento, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na vertical, palmas voltadas uma para a outra.	Rosto parte inferior, bochechas infladas, lábios contraídos

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 02, para JERICO, temos uma formação composta por justaposição pela junção de sinal e CL; neste caso, um CL semântico, CARRO^SUBIRlama, o sinal CARRO foi apresentado no item anterior (o qual possui derivação zero, o qual precisamos do contexto para definir se está referindo-se ao carro ou à ação de dirigir). Esta variação foi sinalizada pelos informantes B e J.

Quadro 106 - Análise fonológica da variação 03 para JERICO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, retenção, repetido.	Palma das mãos voltadas para baixo.	Rosto parte inferior, bochechas infladas, lábios contraídos.
 13	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos para o lado (contralateral).	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para JERICO, possui composição formada por CL tamanho e forma para se referir ao carro e faz menção ao trator, CM 13; temos um sinal composto por justaposição pelo sinal TRATOR. O primeiro, refere-se ao movimento do veículo na pista de corrida, como descrito para a variação 01. Nesta formação temos morfema gramatical.

O informante desta variação fez menção ao trator, pois o jerico é um veículo montado com peças velhas de vários outros tipos de veículos, com força e agilidade para se mover em terrenos acidentados e com muita lama. Esta variação foi sinalizada pelo informante U. Para esse item lexical, apenas quatro informantes sinalizaram, os demais informantes informaram desconhecer o sinal, outros dois fizeram menção ao *buggy*[28] juntamente com o sinal de praia; desta feita, não foi entendido referência ao jerico.

Ao analisarmos as variações registradas, observamos que há a predominância da cultura visual. Afirmar-se, desta maneira, que é por meio das percepções visuais que os surdos internalizam suas vivências, compõem sua história de vida e enriquecem a língua de sinais.

6.3.1.10 Item lexical: CARRO DE PASSEIO

Figura 134 – CARRO DE PASSEIO – figura apresentada aos informantes



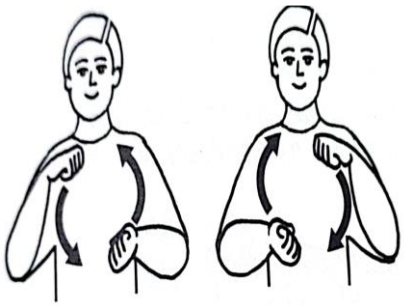
Fonte: https://www.car.blog.br/2014/10/vw-golf-e-o-carro-campeao-de-satisfacao.html.

[28]Pequeno veículo motorizado, leve e geralmente sem portas nem tejadilho rígido, usado para circular em terrenos arenosos ou acidentados. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/buggy. Acesso em: 04 de mar, de 2024.

Em conformidade com Kirsch (2017), em 1885 foi construído pelo engenheiro alemão Karl Benz o primeiro veículo motorizado com fim comercial. O carro possuía apenas três rodas e era movido por motor a gasolina, o qual recebeu o nome de *motorwagen* (carro motorizado). As primeiras peças foram produzidas pela empresa do inventor, a Benz &Co., na Alemanha, em Mannheim. O automóvel tinha potência de 0,8 cv, e poderia atingir até 18 km/h.

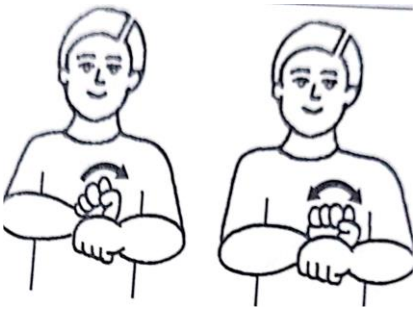
Somente em 1904, é que surgiu o primeiro Rolls Royce com radiador, o qual não precisou passar por mudanças. E, assim, foram surgindo frotas de carro por toda a Europa; como na França, na Itália, Suíça e Espanha. No Brasil, essa evolução automotiva chegou apenas após a Segunda Guerra Mundial.

Figura 135 – Sinal referência 01 – CARRO-PASSEIO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v.1, p. 577).

Figura 136 - Sinal referência 02 – CARRO-PASSEIO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v.1, p. 578).

Ao nos referirmos a língua, temos em mente que ela é heterogênea, dinâmica e está em constante transformação. Senso assim, como as demais línguas, a Libras também apresenta as mesmas características, por isso ressaltamos que as variações linguísticas estão em todo lugar, e presentes em todas as línguas.

Quadro 107 – Variações para CARRO-PASSEIO

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram varrições para o item lexical em destaque, elas sinalizaram as variações 01 e 02, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 e 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto os do masculino. Assim, todos os informantes sinalizaram para este item lexical.

Quadro 108 - Análise fonológica da variação 02 para CARRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro (mão esquerda como apoio)	Semicircular, de deslizamento, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora (mão dominante), mão de apoio palma voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para CARRO-PASSEIO, houve duas sinalizações, tanto para a variação 01, quanto para a 02, foram utilizadas na sinalização os sinais referência 01 e 02; não apresentando, assim, outras variações.

6.4.1 Categoria Lexical: Animais

A categoria lexical animais é composta por dez animais que vivem na flora da Região Norte, a qual possui uma fauna rica e variada. Dentre essa variedade, foram selecionados apenas jacaré-açu, onça pintada, cobra sucuri, capivara, paca, harpia, bicho preguiça, peixe-boi, boto e tamanduá bandeira; os quais serão analisados e descritos abaixo.

6.4.1.1 Item Lexical: JACARÉ-AÇU

Figura 137 – JACARÉ-AÇU – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://ferdinandodesousa.com/2019/07/18/jacare-acu-o-gigante-ameacado-dos-rios-da-amazonia/.

Em consonância com o site Animalia (s.d.), o jacaré-açu *(Melanosuchus niger)* é a maior espécie de jacaré da América do Sul, podendo chegar até 6 metros e pesar até meia tonelada. Espécie exclusiva da América do sul, também denominado como jacaré-negro, ou preto; essa espécie é predadora do topo da cadeia alimentar, podendo inclusive predar outros predadores de topo, como onças, jiboias, sucuris e outros que forem surpreendidos por esse réptil. Tem média de vida de 80 a 100 anos.

Ainda consoante ao site Animalia (s.d.), o jacaré-açu, além de ter uma significativa população no Brasil, encontra-se distribuído pela Colômbia, Equador, Bolívia, Peru e Guiana Francesa. No território brasileiro está registrada a maior concentração desta espécie na Bacia Amazônia, porém sua população abrange todos os estados da Região Norte e outros dois estados da Região Centro-Oeste, Goiás e Mato Grosso.

Figura 138 – Sinal registrado para JACARÉ-AÇU



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 109 - Análise fonológica da variação 01 para JACARÉ-AÇU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	Semicircular, de aproximação, de toque, dobradura de pulso, bidirecional, contínuo, repetido.	Palmas das mãos uma para cima, outra para baixo.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O sinal para JACARÉ-AÇU, registrado por mim, apresenta-se da mesma forma em todos os municípios pesquisados e todos os informantes sinalizaram contendo os mesmos parâmetros CM, PA, M, O e ENM. Ao analisar o registro, observou-se que não ocorreram alterações nos parâmetros que compõem o sinal. Além disso, observa-se que o sinal registrado é o mesmo constante no material de referência e que apresenta morfema lexical.

6.4.1.2 Item lexical ONÇA-PINTADA

Figura 139 – ONÇA-PINTADA – figura apresentada aos informantes



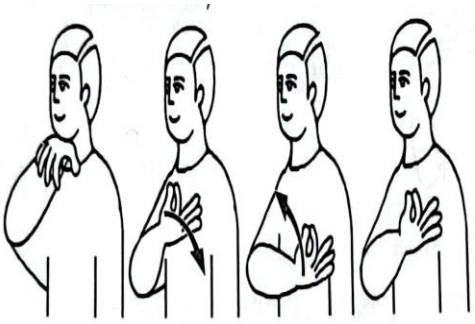
Fonte: https://bernadetealves.com/2021/11/29/onca-pintada-simbolo-da-biodiversidade-brasileira-e-maior-felino-das-americas/.

Santos (s.d.) nos relata que a onça-pintada *(Panthera onca)*, encontrada em quase todos os biomas brasileiros, exceto nos Pampas, é um felino que possui corpo robusto e musculoso, considerado o maior mamífero carnívoro das Américas e o maior da América do Sul. Animal de grande porte, o peso pode variar entre 35 e 130 kg, com comprimento entre 1,7 e 2,4 metros.

O animal tem na pelagem uma das características mais marcantes, as manchas, variando de amarelo-claro a castanho que possuem formato de roseta, com tamanhos variados e que funcionam como uma impressão digital, tomando-as únicas.

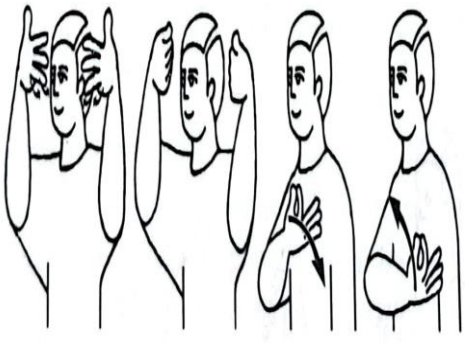
No Brasil, as onças-pintadas vivem em ambiente de floresta e em ambientes abertos e podem ser observadas na Amazônia, no Pantanal, no Cerrado e na Mata Atlântica.

Figura 140 – Sinal referência 01 – ONÇA-PINTADA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 2010).

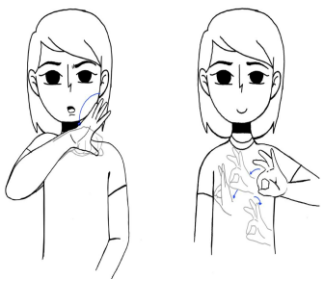
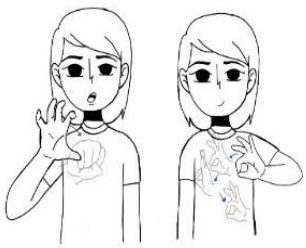
Figura 141 - Sinal referência 02 – ONÇA-PINTADA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 2010).

Conforme Alkmim (2011), ao se estudar uma comunidade linguística, é possível notar de imediato a existência de diferentes maneiras de falar a mesma coisa. Desta maneira, apresento abaixo, com o quadro 109, as variações linguísticas registradas para ONÇA-PINTADA (ONÇA), no estado de RO.

Quadro 110 – Variações para ONÇA-PINTADA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, e sinalizaram as variações 01, 02, 03 e 04. Já os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01,02 e 03 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Somente dois informantes sinalizaram LEÃO para este item lexical. Ao analisarmos as variações registradas, é possível observar que os informantes utilizaram sinais distintos, não registrados no material de referência.

Quadro 111- Análise fonológica da variação 01 para ONÇA-PINTADA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Rosto, parte inferior, embaixo do queixo.	Semicircular, torcedura de pulso com rotação e refreamento, movimento interno de mão, fechamento, unidirecional, refreado, simples.	Palma da mão para baixo.	Rosto, parte superior sobrancelhas franzidas, parte inferior, boca simulando o esturro da onça.
 17	Tronco, parte da frente.	Pontual, alternado, de toque, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para ONÇA-PINTADA, é um sinal composto por justaposição com um item lexical e um CL. A primeira CM é a (05) que inicia a sinalização com a mão aberta, com a palma da mão voltada para baixo; porém, a mão vai virando, com torcedura do pulso e, conclui o sinal fechada, posicionada sob o queixo na lateral O que difere do sinal referência 01apresentado acima, pois nesta variação temos um CL tamanho e forma para demonstrar as

pintas da onça, esse CL tem CM (17) com a palma da mão voltada para fora, o que também difere do material de referência que faz menção às pintas, porém a O da mão é voltada para dentro e apresenta morfema gramatical.

Quadro 112 - Análise fonológica da variação 02 para ONÇA-PINTADA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	De agarrar, interno de mãos com fechamento, simples.	Mão voltada para baixo.	Rosto, parte superior sobrancelhas franzidas, parte inferior, boca simulando o esturro da onça.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para ONÇA-PINTADA, é composta por dois CLs, o primeiro tem CM (13), esse é CL corpo, que se refere a boca da onça ao atacar sua presa. O segundo CL, é denominado de CL tamanho e forma, para se referir às pintas da onça, como descrito no item anterior. Temos uma variação que não se enquadra numa composição, nem justaposição, nem aglutinação; porém, segue a regra apresentada por Quadro e Karnopp (2004), a regra do contato.

Quadro 113 - Análise fonológica da variação 03 para ONÇA-PINTADA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Tronco, parte da frente.	Pontual, alternado, de toque, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para ONÇA-PINTADA, é apresentada por CL tamanho e forma com CM (17), esse CL refere-se às pintas da onça, essa variação não está registrada no material de referência, possui formação simples e derivação zero, pois dependerá do contexto para ter significado. Considero que apresenta morfema gramatical.

Quadro 114 - Análise fonológica da variação 04 para ONÇA-PINTADA

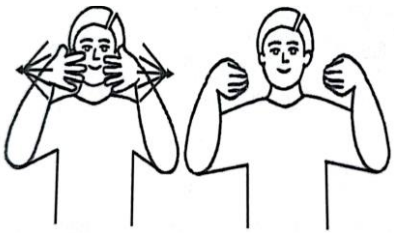
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Laterais do rosto (bochechas)	Retilíneo, fechamento interno das mãos, unidirecional, para laterais opostas, refreado, simples.	Mãos na horizontal, palmas para dentro.	Rosto, parte superior sobrancelhas franzidas, parte inferior, boca simulando o esturro da onça.
	Tronco, parte da frente.	Pontual, alternado, de toque,	Palma da mão voltada para fora.	

 17		unidirecional, contínuo, repetido.		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 04, para ONÇA-PINTADA, possui formação composta por justaposição de um classificador e um sinal; deste modo, temos GAT@^PINTAD@pintas espalhadas pelo corpo (CL).

Figura 142 – Sinal para GAT@



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1382).

Nessa variação, temos a CM (17) desenvolvendo o papel de CL, tamanho e forma, se referindo às pintas espalhadas pelo corpo, sendo essa uma característica marcante da onça, e que, inclusive, servem como uma marca identitária. Neste caso, temos um morfema gramatical.

Podemos observar que todas as variações registradas apresentam iconicidade, o que, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), constitui a propriedade que "reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente, tornando o sinal transparente e permitindo que a compreensão do significado seja mais facilmente apreendida". (Quadros; Karnopp, 2004, p 32). Ressalta-se que ocorreram diversas variações para o item lexical em análise, tendo como base os sinais referências; porém, a característica imprescindível do animal manteve-se em todas as variações registradas, que são as pintas espalhadas pelo corpo. Ademais, ressalta-se, também, que prevalece a cultura visual dos surdos. Perlin e Miranda (2003) estabelecem que visualidade do surdo como um meio de ser no mundo, uma experiência visual, um modo de vida, com valor.

Destacamos que o surdo tem como característica fundamental a visualidade, que lhe possibilita a aquisição de conhecimento do mundo que o cerca; ou seja, por meio do olhar, é a forma com a qual o surdo contempla e interpreta o mundo; desta maneira, entendemos que a visualidade é uma marca predominante na vida dos surdos, uma vez que é por meio dela que eles compreendem e apreendem o mundo a seu redor.

6.4.1.3 Item lexical: SUCURI

Figura 143 – SUCURI – figura apresentada aos informantes



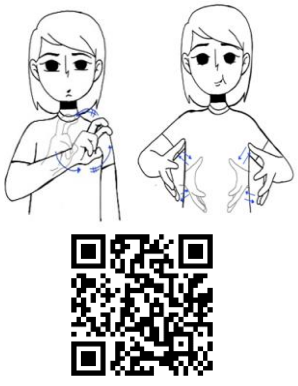
Fonte: https://tudodobem.com.br/sucuri-de-quase-6-metros-passeia-por-bairro-da-cidade-de-bonito-ms-veja-o-video/.

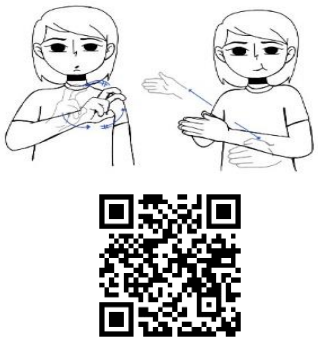
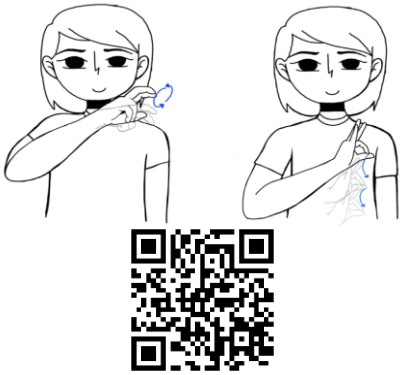
A cobra sucuri é considerada a maior espécie de serpente do mundo. Santos (s.d.) corrobora que Sucuri é o nome comum que às serpentes do gênero *Eunectes* recebem da população. Destaca-se essas cobras por serem animais de grande porte, porém não matam suas presas por envenenamento, mas por constrição. Esse gênero engloba quatro espécies: *Eunectes murinus* (sucuri-verde), *Eunectes notaeus* (sucuri-amarela) *Eunectes beniensis* (sucuri-de-beni) e *Eunectes deschauenseei* (sucuri-malhada), todas viventes no Brasil, com exceção da sucuri-de-beni.

De acordo com Santos (s.d.), as sucuris, se destaca em volume corporal e por possuírem hábitos semiaquáticos. São carnívoras, possuem hábitos alimentares generalistas, alimentando-se tanto de anfíbios, quanto de répteis e mamíferos.

Em relação ao item lexical em análise, o material de referência, Capovilla *at al* (2019), não possui o registro para SUCURI. Também realizei busca na plataforma da *Youtube*, porém não há registros para este item lexical. Abaixo no quadro 115, apresento cinco novos sinais que registrei em minha pesquisa.

Quadro 115 – Variações para SUCURI

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04	Variação 05
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram varrições para o item lexical em destaque, elas sinalizaram 01, 02, 03, 04 e 05. Já os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02, 03 e 04. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01, 02, 03 e 04, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto os do feminino. Todos os informantes apresentaram sinalização para o item lexical em análise.

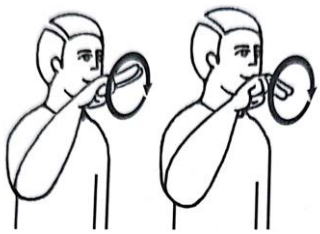
Quadro 116 - Análise fonológica da variação 01 para SUCURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Rosto, sob o queixo lateral	Circular, torcedura do pulso, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada par baixo.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para SUCURI, possui formação simples; sinalizado sob o queixo, faz alusão ao movimento de uma cobra. Ao buscar por referência em Capovilla *at al* (2019), não foi encontrado registro para o item lexical em análise. Porém, por ter experiência em sala de aula, sei que o sinal apresentado para a variação 01, é utilizada com o significado para cobra independentemente da espécie.

Figura 144 – Sinal COBRA 01



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 692).

Ao buscarmos em Capovilla *at al* (2019), o sinal para COBRA, foi encontrado o sinal constante nas figuras 145 e 146. Podemos, assim, ver as diferenças entre os sinais. A variação registrada por mim apresenta CM, PA e M diferentes do sinal constante no referido material. Essa variação apresenta morfema lexical e arbitrariedade e, em conformidade com Felipe e Monteiro (2006), podemos afirmar que arbitrariedade ocorre quando o gesto não faz alusão à imagem do seu significado. A partir deste pressuposto, ressaltamos que, junto à linguística da língua de sinais, o termo "arbitrariedade", refere-se ao princípio de que não há uma relação intrínseca entre os sinais (gestos, expressões faciais, movimentos das mãos etc.) e seus significados. Em outras palavras, não há uma razão lógica ou motivacional direta que conecte um sinal específico a um conceito ou objeto.

Quadro 117 - Análise fonológica da variação 02 para SUCURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Espaço neutro, frente ao tronco.	Retilíneo, alternado, bidirecional, refreado, repetido.	As palmas das mãos frente a frente. Na horizontal.	Rosto, parte inferior, bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para SUCURI, é composta por justaposição de um sinal e um classificador, COBRA^REDONDOgrosso. O sinal COBRA foi analisado anteriormente na variação 01; porém, temos também um CL de tamanho e forma, referindo-se à forma e à espessura da SUCURI. Além disso, a variação apresenta ENM no rosto, com as bochechas infladas para intensificar a espessura da SUCURRI, e, neste caso, temos um morfema gramatical.

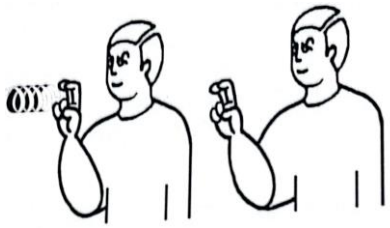
Quadro 118 - Análise fonológica da variação 03 para SUCURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Espaço neutro, frente ao troco.	Circular, torcedura do pulso, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para frente, mão na vertical	Lábios contraídos e projetados, sobrancelhas franzidas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 03, para SUCURI, temos uma composição por justaposição de um sinal e um CL. Assim temos COBRA^REDONDAgrossa. O sinal COBRA apresentado é uma variação do sinal apresentado por Capovilla *at al* (2019), pois o sinal registrado por mim apresenta M diferente.

Figura 145 – Sinal para 02 COBRA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 692).

Na variação 03, temos a utilização da ENM com lábios contraídos e projetados (bico), sobrancelhas franzidas. O CL presente na formação desta variação foi descrito e analisado na variação 02, quadro 117. O item lexical apresentado contém morfema gramatical e, embora a língua de sinais seja visual e gestual em sua modalidade, ela também possui morfemas gramaticais que desempenham papéis semelhantes aos das línguas faladas, como marcação de tempo, aspecto, modo, negação e concordância verbal, entre outros. Para Ferreira ([1995] 2010), classifica-se como morfema gramatical as unidades que são anexadas ou incorporadas à raiz.

As línguas de sinais são ricas em morfemas gramaticais que contribuem para com sua estruturação linguística, permitindo a expressão de uma ampla gama de significados e nuance gramatical.

Quadro 119 - Análise fonológica da variação 04 para SUCURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro, frente ao tronco.	Retilíneo, de separação, unidirecional, refreado, simples.	Mãos na horizontal, palmas das mãos uma frente para a outra.	Parte inferior do rosto, bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para a variação 04, para SUCURI, temos uma formação composta por justaposição de um sinal e um classificador, COBRA^GRANDE.

O sinal COBRA foi analisado e descrito no quadro 118 na variação 02. Quanto ao CL, temos um indicador de tamanho e forma, o informante para especificar de qual espécie de cobras estávamos falando; para tanto, utilizou-se o CL grande, pois a sucuri é uma das maiores serpentes existentes. É importante notar também que a variação apresenta ENM por meio das bochechas infladas, utilizadas para intensificar a espessura da serpente. Nesta variação, temos um morfema gramatical.

Quadro 120 - Análise fonológica da variação 05 para SUCURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Tronco, parte da frente.	Pontual, alternado, de toque, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 05, para SUCURI, é um sinal que possui composição por justaposição de um sinal e um CL; COBRA^PINTADA. Assim, como anteriormente expresso, o sinal cobra foi descrito e analisado na variação 01, quadro 116. O CL é formado pela CM 17, o qual é um CL de tamanho e forma, aqui utilizado para se referir às pintas amarelas que a serpente possui em seu couro, ressaltando uma das suas características por meio de um CL. Essa variação possui morfema gramatical.

Podemos observar que em todas as formações para SUCURI, os informantes incluíram o sinal COBRA para definir o grupo de forma geral e o classificador para definir a espécie, ou seja, a SUCURI.

Perlin e Strobel (2006) corroboram que a visualidade é um aspecto fundamental para o surdo. As autoras ratificam estar comprovado que a cultura surda oportuniza a construção de significados e símbolos; os quais, por sua vez, estimulam ações e norteiam a construção da identidade do sujeito.

Destacamos que a cultura surda visual é uma forte marca presente em todas as variações registradas. Assim sendo, ressaltamos que a visualidade é uma característica fundamental da cultura surda e que se reflete na formação das línguas de sinais devido à sua modalidade gestual-visual.

6.4.1.4 Item lexical: CAPIVARA

Figura 146 – CAPIVARA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.srzd.com/colunas/sidney-rezende/capivaras-mortas-sidney-rezende/.

A capivara é um animal de grande porte, podendo pesar até 100 kg e medir 1,30 de comprimento e de 0,5 a 0,6 m de altura; sendo considerado o maior roedor do mundo. Mamífero, a capivara pertence à ordem Rodentia, ou seja, é um roedor. De acordo com Biologianet (s.d.), o nome científico da espécie é Hydrochoerus hydrochaeris, do grego hydro, "água", e choerus, "porco". Conhecida popularmente por capivara, termo de origem do tupi-guarani que significa "comedor de capim". Seus espécimes possuem cabeça grande e focinho obtuso, lábios superiores fendidos.

De corpo arredondado, membros e pescoço curtos e avantajados, a capivara tem o corpo repleto de pelos, os quais são marrom-avermelhados. Elas têm dentes incisivos compridos, conseguem ficar embaixo da água por longo tempo e vivem entre 15 e 20 anos.

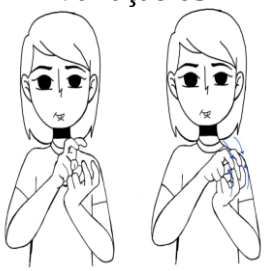
Figura 147 – Sinal referência 01 para CAPIVARA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 557).

Toda língua falada para a Sociolinguística apresenta variações, as quais surgem da heterogeneidade existente nos fenômenos linguísticos e podem ser identificadas e analisadas por meio de pesquisa de campo. No quadro (120), abaixo, apresento as variações linguísticas da Libras para CAPIVARA, as quais foram registras por meio de pesquisas de campo.

Quadro 121 – Variações para CAPIVARA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, sinalizando as variações 01 e 02. Já quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição da variação 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 14 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado; e, destes, 09 eram informantes do gênero feminino e 05 do gênero masculino.

Quadro 122 - Análise fonológica da variação 01 para CAPIVARA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Parte inferior do rosto, frente do queixo	Semicircular, bidirecional para cima e para baixo, contínuo, repetido.	Mão na vertical, com a palma volta para baixo.	Dentes superiores da frente expostos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para CAPIVARA, é um sinal de formação simples, composto por apenas um sinal com CM 32, o qual é sinalizado frente ao queixo para se referir aos dentes do animal; tanto que a ENM também se refere a esse fato. Ao compararmos com o sinal referência registrado por Capovilla *at al* (2019), percebe-se que há parâmetro igual como a CM por exemplo, porém apresenta PA e M diferente. Essa variação possui morfema gramatical.

Quadro 123 - Análise fonológica da variação 02 para CAPIVARA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	O rosto, iniciando no queixo e concluindo no nariz.	Semicircular, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical, palma volta para dentro.	Não possui.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 02, para CAPIVARA, formado por um CL corpo onde o informante usa parte do próprio corpo em uma posição ou desenvolvendo uma ação, a CM representa a forma de uma parte do corpo, podendo ser de uma pessoa ou de uma animal. Neste item lexical, o informante refere-se à cabeça da capivara, que é grande e possui focinho obtuso. Entendo que se trata de um sinal icônico e que apresenta morfema gramatical.

Quadro 124 - Análise fonológica da variação 03 para CAPIVARA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Espaço neutro, mão esquerda apoiada na mão direita.	Semicircular, de aproximação, dobramento do pulso para cima e para baixo, bidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, uma das mãos com a palma voltada para cima e a outra para baixo.	Dentes superiores da frente expostos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para CAPIVARA, possui formação simples, formada por CL corpo, quando se refere aos dentes do animal. Temos um sinal icônico e apresenta morfema gramatical.

Nas variações registradas para o item lexical CAPIVARA, prevalece a cultura visual, uma vez que todas elas se referem às características visíveis do animal, destacando-se seus dentes e sua cabeça. Chói corrobora que “As pessoas surdas percebem o mundo de maneira diferentes dos ouvintes. Utilizam a visão, enquanto os ouvintes utilizam a audição. [...] a informação é recebida pelos olhos e produzida no espaço, pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial”. (Chói, 2011, p. 28-59). Desta maneira, o surdo estabelece interação com o mundo que o cerca por meio da visão, constituindo experiências, adquirindo conhecimento e sua essência identitária.

6.4.1.5 Item Lexical: PACA



Fonte: http://www.ecobrasil.eco.br/site_content/27-categoria-paraty/1352-ecoparque-anexo-v-fauna-brasileira-silvestre-paca.

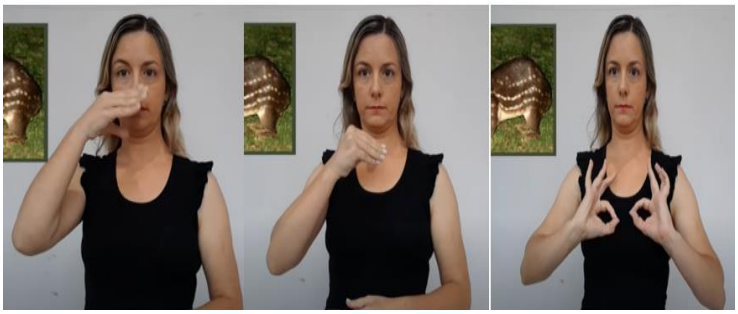
Em conformidade com RÃ-BUGIO (s.d), a paca tem o nome científico de Cuniculus paca, e trata-se de uma espécie de roedor da família Cuniculidae que tem corpo alongado e robusto, chegando a atingir 80 cm de comprimento, com peso variando entre 5 e 13 kg. Esse animal possui membros dianteiros e traseiros forte e curtos, as vibrissas (bigodes) são longas, tendo como função localizar comida no escuro, como uma espécie de sensor e sua cor pode

ser vermelho-acastanhada ou marrom-acinzentada. Porém, tem algumas partes do seu corpo na cor branca; que são o pescoço, peito, bochechas e o ventre, nas laterais do corpo aparecem pequenas manchas branco-amareladas, as quais podem formar linha longitudinais.

O animal vive em regiões de mata primária e secundária, de preferência em lugares próximos à água; passa o dia escondidas em tocas, porém com hábitos noturnos, e quando irritadas emitem sons forte e roucos. Com vida solitária, anda em casais somente em época de reprodução.

Ao realizar buscar no material de referência, Capovilla *at al* (2019), não foi encontrado nenhum registro para o item lexical PACA; portanto, fui buscar alguma referência na internet na Plataforma do *Youtube*, em que encontrei o registro de apenas um sinal, o qual é apresentado logo abaixo.

Figura 148 – Sinal para PACA



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=q5aqdpAo6OU.

Ressalta-se que a variação é um processo inerente às línguas naturais, ela retrata as diferenças socioculturais; sem compromete, contudo, o bom funcionamento do sistema linguístico e nem afeta a viabilidade de comunicação entre os falantes, pois as variações são ricas em significados sociais.

As línguas passam por mudanças todos os dias, o tempo todo. Ressalto que esses sinais, que apresento aqui, são sinais novos, os quais creio que estão sendo registrados pela primeira vez. Desta maneira, apresento abaixo as variações para PACA.

Quadro 125 – Variações para PACA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Apenas uma informante do gênero feminino sinalizou, ela utilizou a variação 01. Em relação aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 02 e 03. Para esse item lexical, não houve repetição de variação. Porém, 21 dos informantes relataram não souberam sinalizar ou não conhecer sinal para o item analisado. Dentre esses, 12 são do gênero feminino e 09, do gênero masculino.

Abaixo, apresento as análises morfofonológicas das variações registradas para o item lexical PACA.

Quadro 126 - Análise fonológica da variação 01 para PACA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 38	Topo da cabeça.	Retilíneo, em pinça, de toque, unidirecional para cima, refreado, simples.	Mãos na horizontal, palmas das mãos voltadas para fora.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para PACA, apresenta formação simples, e ressalto que o sinal possui CL tamanho e forma, em que a informante indica a forma da orelha da PACA por meio da CM (38). Temos, assim, um morfema gramatical e o item lexical analisado apresenta iconicidade; porém, se o sinalizante não apresentar um conhecimento prévio sobre o animal, não entenderá o sinal. A iconicidade do ícone é correspondente ao item lexical, nesse caso, a um sinal específico. Para Taub (2012), quando os sinais parecem o que significam, tem-se, desta maneira, a iconicidade. No entanto, ressalta que, nesse conceito, é necessária a complexidade cultural e conceitual ligada à iconicidade.

Quadro 127 - Análise fonológica da variação 02 para PACA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Mão não dominante.	Semicircular, de aproximação, bidirecional para cima e para baixo, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, voltada para baixo.	Não apresenta
 17	Troco.	Pontual, alternado, de toque, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para PACA possui formação composta em que temos DENTE-ROENDOR^PINTADA. A partir desta informação, podemos inferir que essa composição apresenta dois CLs; o primeiro representado pela CM 32, é um CL corpo, com que o informante faz alusão ao roedor (PACA). O CL, é representado pela CM (17), referindo-se às pintas que o animal apresenta no corpo. Temos, então, nesta variação, a predominância da visualidade, o que favorece a iconicidade presente no sinal. Nesse sentido, Bernardino, Silva e Passos (2015) afirmam que "Cada povo vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva". (Bernardino; Silva; Passos (2015, p. 04). Além disso, nesta variação temos um morfema gramatical.

Quadro 128 - Análise fonológica da variação 03 para PACA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Rosto, próximo aos olhos.	Semicircular, de toque, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para PACA, é um sinal de formação simples, composto por apenas um sinal, o qual, sob minha perspectiva, não apresenta iconicidade, já que não encontrei relação com o referente. Strobel e Fernandes (1998) corroboram que, na Libras, a maioria dos sinais do léxico são arbitrários, pois não possuem motivação que os relacione a alguma equivalência com o referente; confirmando, assim, o que os estudos que apontam quando indicam que as LSs não são completamente icônicas. A variação é formada a partir da CM (32), não apresenta CL e nem ENM, e entende-se que temos um morfema lexical.

Mesmo diante da afirmação de Strobel e Fernandes (1998), de que a língua de sinais possui mais sinais arbitrários do que icônicos; não estou aqui para contestar essa afirmação, apenas ressaltar que, até o momento, essa pesquisa apresentou mais variações com

iconicidade que variações arbitrárias. Prevalecendo, por conseguinte, na cultura surda, a visualidade.

6.4.1.6 Item lexical: HARPIA

Figura 149 – HARPIA – figura apesentada aos informantes



Fonte: https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/zoo-de-curitiba-da-boas-vindas-a-harpia-vinda-do-mato-grosso/54083.

A harpia, cujo nome científico é harpyja, também é conhecida como gavião-real e águia imperial brasileira, entre outras denominações. Em conformidade com Silveira (2018), a harpia é encontrada em alguns lugares do mundo e em quase todo o Brasil, vivendo normalmente em florestas densas como na Amazônia e Mata Atlântica. Vive solitária ou em pares.

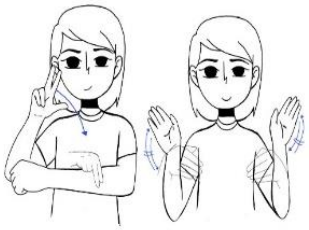
A espécie, na vida adulta, chega a medir de 70 a 90 cm de comprimento, as fêmeas têm peso aproximado de até 8 kg e os machos de 4,8 kg; com envergadura superior a 2m, elas possuem cor cinza escura na parte superior, cor branca na cauda e tronco e cor cinza clara na cabeça.

Silveira (2018) ressalta que a harpia é considerada a ave de rapina mais forte do mundo, pois possui garras grandes, pernas grossas, bico em formato de gancho e dedos fortes; desta maneira, se alimenta de mamíferos de grande e médio porte, como bichos preguiças, filhotes de cervos, primatas, porco-espinho e cachorros do mato, dentre outros.

Ao buscar o sinal para o item lexical apresentado, no material de referência, não foi encontrado registro do sinal para HARPIA, somente para águia e gavião.

Ressaltamos que a Sociolinguística é de suma importância para compreender que a dimensão social é fundamental para entender uma língua. Assim sendo, ressalta-se que, antes de tudo, a língua utilizada pelo indivíduo, é social. No quadro 128, apresento as variações registrada para harpia.

Quadro 129 – Variações para HARPIA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04	**Variação 05**	
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical HARPIA, foram registradas 05 variações, as quais foram sinalizadas pelos informantes do gênero feminino e masculino; sendo que as variações 01, 02, 03 e 04 foram sinalizadas pelas informantes do gênero feminino. Já as variações 02, 03, 04 e 05 foram sinalizadas pelos informantes do gênero masculino. Dentro os vinte e quatro informantes, 09 não apresentaram sinal, destes 05 eram do gênero feminino e 04 do gênero masculino. Esses informantes alegaram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado.

Abaixo será apresentada a análise morfofonológica para o item lexical HARPIA.

Quadro 130 - Análise fonológica da variação 01 para HARPIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Antebraço da mão não dominante.	Semicircular, de agarrar, unidirecional para baixo, refreado, simples.	Palma da mão voltada para baixo.	Boca semiaberta, lábios projetados um pouco para frente, nariz meio franzido.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para HARPIA, apresenta um sinal de formação simples: HARPIA; construída por CL tamanho e forma, utilizado para se referir ao pé em forma de garra do animal pousando em um tronco. A variação apresenta ENM de brava, ou seja, valente. Nesta variação, temos um morfema gramatical, presença de iconicidade, o que denota a prevalência da cultura visual.

Quadro 131 - Análise fonológica da variação 02 para HARPIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 25	Antebraço da mão não dominante.	Semicircular, de agarrar, unidirecional para baixo, refreado, simples.	Palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para HARPIA, é um sinal de formação simples, HARPIA, um CL tamanho e forma, empregada para referir-se ao pé da harpia pousando em um tronco. Temos a presença da iconicidade e um morfema gramatical.

Quadro 132 - Análise fonológica da variação 03 para HARPIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Semicircular, dobramento do pulso para baixo, bidirecional para cima e para baixo, contínuo, repetido.	Mãos na vertical, palmas para fora.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para a variação 03, para HARPIA, temos um sinal de formação composta, formada por dois sinais, HARPIA^ASA+[29], os quais são compostos por CLs; o primeiro sinal já foi descrito e analisádo na variação 02, para HARPIA. O segundo é um CL parte do corpo, em que o informante utiliza uma parte do corpo para se referir as asas em movimento de voo. O material do autor Capovilla *at al* (2019) apresenta sinais para asa e para voo, os quais diferem do sinal utilizado nesta variação, a qual é icônica e tem morfema gramatical.

Quadro 133 - Análise fonológica da variação 04 para HARPIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 48	Rosto, frente a boca e nariz.	Semicircular, dobramento de pulso para baixo, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical, palma da mão para fora e ao girar e fica com a palma da mão para baixo.	Não apresenta

Fonte: elaborado pela autora (2024)

[29] O sinal + foi utilizado para se referir ao plural de asa em Libras.

A variação 04, para HARPIA, é um sinal composto por justaposição por um sinal e um CL, ASA+^BICO; sendo que o primeiro sinal foi descrito e analisado no item anterior, variação 03; Aqui vamos nos ater à análise e descrição do segundo sinal da composição, BICO, sendo esse um CL tamanho e forma para se referir ao bico da harpia; temos, então, um morfema gramatical e ressaltamos a forte presença da iconicidade.

Quadro 134 - Análise fonológica da variação 05 para HARPIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 25	Espaço neutro.	Retilíneo, de agarrar, fechamento interno das mãos, unidirecional para baixo, de retenção, simples.	Mãos na horizontal, palms voltadas para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 05, para HARPIA, é constituída por dois CLs, ASA+^PÉ+; o primeiro foi analisado e descrito na variação 03, para HARPIA. Focalizamos agora a descrição e análise do segundo CL, um classificador corpo, em que o informante utiliza a própria mão para se referir aos pés da harpia, que são fortes e possuem unhas grandes e resistentes. Podemos ver que há um movimento simulando a harpia pegando uma presa, o que nos leva a destacarmos a forte presença da iconicidade; além da presença de um morfema gramatical.

Após analisar as cinco variações para HARPIA, ressaltamos que a iconicidade é uma forte característica presente em todas as formações, fruto da visualidade presença marcante da cultura surda. Por isso, Quadros e Karnopp (2004), corroboram que a iconicidade “reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente, tornando o sinal transparente e permitindo que a compreensão do significado seja mais facilmente apreendida”. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 32). Essas autoras vêm ratificar o que constatamos nas análises de item lexical HARPIA.

6.4.1.7 Item lexical: BICHO-PREGUIÇA

Figura 150- BICHO-PREGUIÇA figura apresentada aos informantes

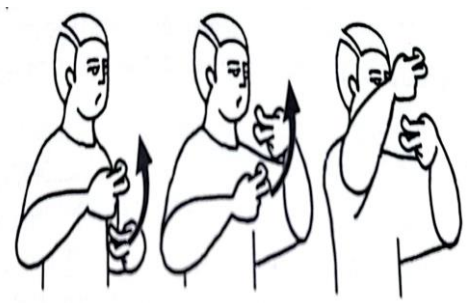


Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-49559866.

Segundo o Biologianet, o bicho-preguiça é um animal pertencente ao filo Chordata, classe Mammalia, ordem Pilosa, a mesma do tamanduá e está distribuído em duas famílias: a Bradypodidae e a Megalonychidae. Estes animais estão divididos em dois gêneros, os quais se diferenciam pela quantidade de dedos.

O bicho-preguiça é um habitante comum desde a américa Central até a América do Sul. Não vou aqui falar sobre todos os tipos de preguiça, somente de um, a preguiça-comum (*Bradypus variegatus*), que habita na região de floresta e é encontrada em países como o Brasil, Venezuela, Nicarágua e Peru. Em grande parte, mede cerca de 60 cm e pesa em torno de 4 kg.

Figura 151 – Sinal referência 01 para BICHO-PREGUIÇA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 411).

O principal objeto de estudo da Sociolinguística é a variação linguística, fenômeno esse entendido como princípio geral e absoluto das línguas; suscetível de ser descrita e analisada. Sendo assim, a partir deste pressuposto, apresento as variações registradas para o item lexical BICHO-PREGUIÇA; em relação ao qual foram registradas quatro variações, as quais serão apresentadas e analisadas logo abaixo.

Quadro 135 – Variações para BICHO-PREGUIÇA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Apresentaram variações, para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino que sinalizaram as variações 01, 02, 03 e 04. No que diz respeito aos informantes do gênero masculino, eles apresentaram as variações 01,03 e 04. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01,03 e 04, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero feminino, quanto os do masculino. Dos informantes, 05 relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado e; dentre esses, 02 informantes do gênero feminino e 03 são do gênero masculino.

Quadro 136 - Análise fonológica da variação 01 para BICHO-PREGUIÇA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 48	Espaço neutro	Semicircular, de agarrar, dobramento do pulso para baixo, unidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, na contralateral, palmas das mãos voltadas para dentro.	Cabeça inclinada para os lados

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 137 - Análise fonológica da variação 02 para BICHO-PREGUIÇA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	Semicircular, de agarrar, dobramento do pulso para baixo, unidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, na contralateral, palmas voltadas para dentro.	Cabeça inclinada para os lados

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As variações linguísticas 01 e 02, para BICHO-PREGUIÇA, serão analisadas juntas por configurarem casos iguais, pois, em ambas, as variações registradas são sinais constituídos por apenas um sinal. Assim, ao compararmos com o sinal referência, podemos observar que houve alteração quanto à CM e acréscimo de movimento na cabeça; ou seja, de ENM. Inferimos, nesse contexto, que termos novas ocorrências de metaplasmo na Libras, ou seja, a transformação do sinal registrado por Capovilla *at al* (2019), já que o sinalizado pelos informantes apresenta modificação, ainda que sete dos informantes, tenham mantido a configuração e sinalizaram conforme o registo do autor citado anteriormente. Temos, além disso, morfemas lexicais e o fato de esses itens apresentarem iconicidade em sua constituição.

Quadro 138 - Análise fonológica da variação 03 para BICHO-PREGUIÇA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 32	Espaço neutro.	Semicircular, de agarrar, dobramento do pulso para baixo, unidirecional, contínuo, repetido.	Mãos na horizontal, na contralateral, palmas voltadas para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para BICHO-PREGUIÇA, é o mesmo sinal registrado por Capovilla *at al* (2019), trata-se de um sinal de constituição simples, pois apresenta em sua formação apenas um sinal, um morfema lexical e possui iconicidade.

Quadro 139 - Análise fonológica da variação 04 para BICHO PREGUIÇA

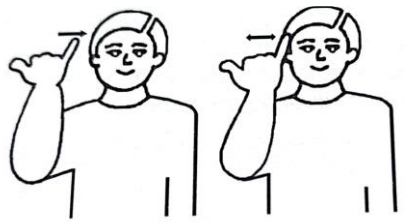
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 65	Na cabeça, têmpora.	Não apresenta movimento.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	Cabeça inclinada para um lado

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 04, para BICHO-PREGUIÇA, apresenta formação por justaposição de dois sinais, PREGUIÇA^BICHO^PREGUIÇA. Aqui nos deteremos a analisara e descrever o

primeiro sinal, pois o segundo já foi descrito e analisado na variação 03, quadro 137. O substantivo preguiça, nesta variação, foi utilizado juntamente com o sinal de bicho-preguiça, não se sabe ao certo por qual objetivo. Quando buscamos o sinal referência em Capovilla *at al* (2019), encontrei um sinal registrado, porém ele apresenta diferença quanto aos parâmetros.

Figura 152 – Sinal para PREGUIÇA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2270)

O sinal para PREGUIÇA, registrado por Capovilla *at al* (2019), apresenta CM 64 com M; o sinal registrado por mim tem CM 65 e não apresenta M; porém apresenta ENM. Entendo, pois, não ter ocorrido mudança quanto à classe gramatical; desta maneira, acredito ter ocorrido um processo de metaplasmo. Ademais, faz-se necessário observar que a variação apresenta iconicidade e morfema lexical.

6.4.1.8 Item lexical: PEIXE-BOI

Figura 153 – PEIXE-BOI – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.estudokids.com.br/peixe-boi-e-mamifero-descubra-tudo-sobre-ele/.

Nas palavras de Santos (s.d), o peixe-boi é um animal da ordem Sirenia, da família Trichechidae. No mundo, existem três espécie desse animal, das quais duas são encontradas no Brasil. Embora o nome seja peixe-boi, ele não é um peixe, mas um animal mamífero, o qual vive em águas rasas em rios, costas oceânicas e lagos da África e América, incluindo o Brasil. São considerados os únicos mamíferos aquáticos que possuem alimentação de preferência herbívora, e destaca-se que passam longas horas do seu dia se alimentando.

Em busca do sinal referência para o item lexical PEIXE-BOI, no material publicado por Capovilla *at al* (2019), verifiquei que não há registro para o item. Desse modo, busquei na Plataforma do *Youtube*, o qual está ilustrado na figura 154 e que será utilizado como referência. No entanto, ressalto que em nenhuma das variações registras por mim foi identificada variação parecida ou próxima ao sinal utilizado como referência.

Figura 154 – Sinal referência 01 para PEIXE-BOI



Fonte:https://www.youtube.com/watch?v=pwNK8ziPxSo.

Para o item lexical PEIXE-BOI, foram registradas cinco variações, as quais apresento no quadro 140 e que serão descritas e analisadas na sequência.

Quadro 140 – Variações para PEIXE-BOI

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04	**Variação 05**	
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical PEIXE-BOI, as variações sinalizadas pelas informantes de gênero feminino foram 01, 03 e 04. Em relação aos informantes do gênero masculino, estes sinalizaram 01, 02 e 05. Podemos observar que os informantes do gênero masculino apresentaram 03 variações para PEIXE-BOI, enquanto as informantes do gênero feminino apresentaram 03 variações. Sendo que a variação 01 foi utilizada pelos informantes de ambos os gêneros. Dentre os vinte quatro informantes, 15 informaram não saber ou não conhecer o sinal para o item apresentado; dos quais 09 era mulheres e 06 eram homens.

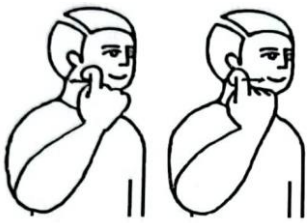
Quadro 141 - Análise fonológica da variação 01 para PEIXE-BOI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 48	Rosto, queixo lateral.	Semicircular, bidirecional, repetido.	Mão na vertical, para dentro	Não apresenta
 63	Cabeça, têmpora.	Semicircular dobramento para trás, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical para fora.	Rosto, parte inferior lábios contraídos e projetados, sobrancelhas franzidas.
 06	Espaço neutro.	Retilíneo, bidirecional, de retenção, repetido.	Mãos na contralateral, palmas frente a frente.	Rosto, bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Como resultado da pesquisa, a variação 01, para PEIXE-BOI, foi registrado um sinal formado por justaposição por um CL e dois sinais, PEIXE^BOI^ROBUSTO. Ao comparar o sinal PEIXE, registrado por mim (variação 01, quadro 139) e o registrado por Capovilla *at al* (2019), figura 155; percebemos diferenças quanto ao M, mantendo o significado e a classe gramatical. Sendo assim, infiro que esse sinal passou por um processo derivacional de composição.

Figura 155 – Sinal para PEIXE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2138).

Outro sinal analisado desta variação é o item lexical BOI; o qual não apresentou alteração, conforme pode-se ver em Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 433). Ressaltamos a presença do CL tamanho e forma, utilizado nesta variação para se referir a forma robusta do mamífero e, para intensificar essa característica, o informante acrescentou uma ENM, a bochecha inflada. Destacamos que se trata de uma variação com forte presença da iconicidade representada por meio do CL e da ENM, sendo ainda observável a presença de um morfema gramatical.

Quadro 142 - Análise fonológica da variação 02 para PEIXE-BOI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 63	Antebraço da mão não dominante.	Sinuoso, de deslizamento, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na horizontal, palma para baixo.	Rosto, bochecha inflada.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para PEIXE-BOI, é um sinal composto por justaposição e formado por dois sinais, PEIXE^GORD@. Como podemos ver, o primeiro sinal desta composição foi descrito e analisado na variação 01, quadro 140. Passaremos agora à análise do segundo sinal da composição, GORD@, pois o sinal foi utilizado pelo informante para se referir à robustez do mamífero. Nesta variação, temos iconicidade no primeiro sinal, que nos lembra o ato de pescar com anzol e a presença, também de morfema lexical.

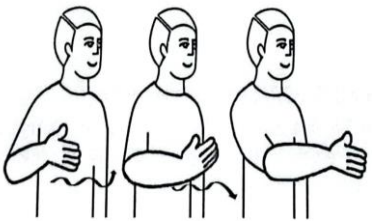
Quadro 143 - Análise fonológica da variação 03 para PEIXE-BOI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro	Sinuoso, unidirecional, de retenção, simples.	Mão na contralateral.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para o item lexical PEIXE-BOI, é um sinal composto por justaposição, constituído por um CL e um sinal, PEIXE^ROBUSTO. Ao buscarmos sinal referência para peixe, o autor Capovilla *at al* (2019) apresenta quatro registros; porém, para a nossa pesquisa dois estão sendo utilizados. Além disso, podemos ver que o sinal registrado para peixe nesta variação é igual ao sinal referência, sem nenhuma alteração.

Figura 156 – Sinal 02 para PEIXE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2138).

O segundo sinal desta composição é um CL tamanho e forma, o qual foi descrito e analisado na variação 01 e no quadro 140. Afirmamos esse sinal apresenta morfema gramatical e também iconicidade, que é representada pelo classificar.

Para a análise da variação 04, para PEIXE-BOI, não apresentaremos o quadro com as CM, pois temos um sinal composto por justaposição, formado por sinal e que foi analisado e descrito na variação 01, quadro 140, e pela junção da datilologia B-O-I. A iconicidade está representada pelo primeiro sinal que no induz a pensar sobre pescar com anzol, com morfema gramatical.

Quadro 144 - Análise fonológica da variação 05 para PEIXE-BOI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 11	Rosto, toca as bochechas.	Semicírculo, unidirecional, refreado, simples.	Mãos na horizontal, voltadas para cima.	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 05, para PEIXE-BOI, temos um sinal composto por justaposição, formado por um sinal e um CL, PEIXE^FOCINHO-GRANDE. O primeiro sinal, peixe, foi descrito e analisado na variação 03, quadro 142. O segundo sinal é um CL, tamanho e forma, para se referir ao formato do focinho do mamífero. Trata-se de um sinal icônico, o qual é representado pelo CL, e apresenta morfema gramatical.

Destacamos que todas as variações para o item lexical PEIXE-BOI, coincidentemente, apresentam iconicidade em sua formação, o que na perspectiva de Albres (2008) revela-se no fato de que a iconicidade é a essência da palavra ou dos sinais de ter como origem para a sua criação as particularidades físicas do referente, parte ou todo o referente, ou mesmo o relacionamento cultural que o ser humano tem com esse referente.

No entanto, Felipe (2008) ressalta que a língua de sinais, por ser uma língua espaço-visual, deverá, obrigatoriamente, ter todo e qualquer de seus sinais de forma icônica; e, ainda

que esse aspecto favorece à iconicidade, não determina que todos os sinais sejam, pois, icônicos.

6.4.1.9 Item lexical: BOTO

Figura 157 – BOTO – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://ferdinandodesousa.com/2017/11/23/boto-do-araguaia-uma-especie-recem-descoberta-e-ja-em-risco-de-extincao/.

Em consonância com Amazontrip (2020), o boto é o maior golfinho de água doce e pertence a um grupo de animas divididos em três espécies encontradas nas bacias dos Rios Amazona, Solimões, Araguaia e na sub-bacia Boliviana. Os adultos apresentam coloração rosada com mais destaque nos machos, e apresentam uma pequena nadadeira dorsal muito largas e as peitorais, grandes. Alimentam-se principalmente de peixes, tartarugas e caranguejos. Em período chuvoso, desloca-se para áreas alagadas da floresta, onde a oferta de alimentos é bem maior.

Ao buscar por um sinal referência em Capovilla *at al* (2019), não encontrei registro para o item lexical BOTO. Portanto, como para itens lexicais anteriores, busquei por registro na Plataforma da *Youtube*, em que encontrei somente um sinal, o qual apresento abaixo na figura 158, onde é sinalizado "ÁGUA^MOVIMENTO-DA-ÁGUA^BOTO^ROSA".

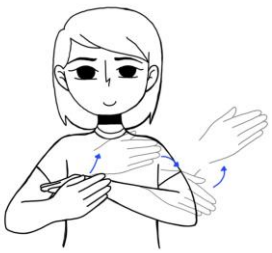
Figura 158 – Sinal referência para BOTO



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=WoagseVe8Nc.

Em minha pesquisa, registrei três variações para o item lexical em discussão, os quais apresento no quadro 145. Em seguida, farei a descrição e análise morfofonológica do item.

Quadro 145 – Variações para BOTO

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, sinalizando as variações 01 e 02; em relação aos informantes do gênero masculino, eles apresentaram as variações 01, 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 02 as quais foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 16 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado; e, destes, 09 eram informantes do gênero feminino e 07 do gênero masculino.

Quadro 146 - Análise fonológica da variação 01 para BOTO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 25	Espaço neutro.	Sinuoso, de dobramento do pulso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na contralateral, palma voltada para dentro.	Não possui.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 01, para BOTO, temos um sinal de formação simples; ou seja, aquele que é formado por apenas um sinal. A iconicidade nele é representada pelo M da mão, que simula o movimento do BOTO dentro da água. O morfema é lexical, no entanto, quando olhamos para o sinal referência, percebemos que tanto o sinal registrado por mim, quanto o sinal apresentado como referência possuem a mesma CM e o mesmo M; e, ainda que o sinal referência apresenta outros ícones que não fazem parte da composição do sinal para a variação 01, para BOTO.

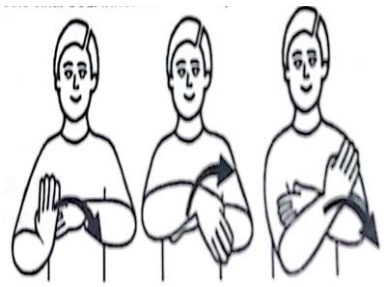
Quadro 147 - Análise fonológica da variação 02 para BOTO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Lateral do antebraço da mão não dominante.	Sinuoso, dobramento de pulso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na contralateral, palma voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O sinal para BOTO, na variação 02, apresenta M igual ao da variação 01; pois possui formação simples, o qual tem apenas um sinal na sua constituição. Apresenta morfema lexical e sua iconicidade está representada pelo movimento da mão, que simula o movimento do boto dentro da água.

Figura 159 – Sinal GOLFINHO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1404).

Ao buscar pelo sinal de golfinho, pude constatar que vários informantes utilizam o mesmo sinal para BOTO, todos eles do município de Porto Velho. Contudo, não posso afirmar que essa utilização seja devido ao boto ser conhecido como o golfinho das águas doces ou por outro motivo qualquer.

Na variação 03, temo um caso semelhante, pois o informante de Cacoal utilizou uma variação de golfinho para se referir ao boto; o sinal utilizado para a variação tem a mesma CM, M, O e ENM já descrita na variação 02, tendo o PA com pouca diferença, ou seja, o sinal foi realizado no espaço neutro. Ademais, também temos um morfema lexical e formação simples. A iconicidade ocorre pelo movimento da mão, que nos remete ao movimento da água e o golfinho, ao expor sua cabeça fora da água.

6.4.1.10 Item lexical: TAMANDUÁ-BANDEIRA

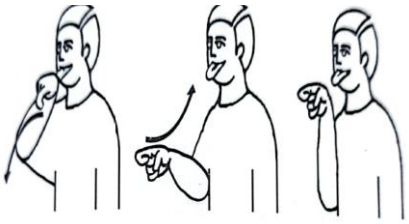
Figura 160 – TAMANDUÁ-BANDEIRA - figura apresentada aos informantes



Fonte: https://amda.org.br/especie-da-vez/2656-tamandua-bandeira-se-alimenta-de-ate-30-mil-formigas-e-cupins-por-dia/.

Em conformidade com Silveira (2018), o Tamanduá-bandeira (Myrmecophaga tridactyla) é um animal de grande porte, podendo chegar ao peso de 40 kg e que possui coloração acinzentada, com uma faixa escura ao longo das costas, cauda comprida e peluda, a qual dá origem ao nome bandeira, pois sua calda lembra uma bandeira hasteada. Além desses aspectos, apresenta focinho proeminente, língua fina e comprida e ausência de dentes. Alimenta-se de formigas e cupins, são animais que têm garras fortes; são lentos e, por isso, se tornam alvo fáceis dos caçadores.

Figura 161 – Sinal referência 01 para TAMANDUÁ



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2657).

No sinal referência registrado em Capovilla *at al* (2019), consta apenas tamanduá, há dois sinais registrados (adotei o que mais se aproxima dos sinais registrados), sem especificar a espécie. Mesmo assim, iremos considerar como referência para o item lexical em análise. No quadro 148, apresento as variações registradas para TAMANDUÁ-BANDEIRA e, em seguida, essas variações serão descritas e analisadas morfofonológicamente.

Quadro 148 – Variações para TAMANDUÁ-BANDEIRA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, as quais sinalizaram as variações 01 e 03. No tocante aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 02 e 04. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 sinalizada tanto pelos informantes do gênero masculino quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 13 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado; destes, 07 eram informantes do gênero feminino e 06, do gênero masculino.

Quadro 149 - Análise fonológica da variação 01 para TAMANDUÁ-BANDEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 49	Espaço neutro, iniciando frente a boca.	Semicircular, unidirecional, simples.	Mão na horizontal, com palma voltada para baixo.	Não possui.
 24	Espaço neutro, frente ao busto.	Retilíneo, em pinça, de aproximação, unidirecional, repetido.	Mão vertical, palma voltada para fora.	Rosto, lábios projetados para frente (bico), sobrancelhas franzidas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro - Análise fonológica da variação 02 para TAMANDUÁ-BANDEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro, iniciando frente a boca.	Semicircular, unidirecional, simples.	Mão na vertical, com palma voltada para baixo.	Rosto, lábios projetados para frente (bico), sobrancelhas franzidas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Duas variações com bastante carga icônica foram registradas para as variações 01 e 02, para TAMANDUÁ-BANDEIRA. Temo, então, dois sinais compostos por um CL cada, porém com CM diferentes, a primeira variação CM 49 e a segunda CM 17, mas com o mesmo significado e o mesmo verbo para as variações 01 e 02, LINGUA-COMPRIDA^PEGAR-FORMIGA (cada variação). Assim, no primeiro sinal temos um CL corporal, o qual se refere ao tamanho e formato da língua, que é fina e comprida; já o sendo o segundo, um verbo, denota a ação de pegar algo que, neste caso, são formigas, juntamente com uma ENM. Nestes casos, temos morfemas gramaticais. Porém, não encontrei uma classificação para essas composições.

Quadro 150 - Análise fonológica da variação 03 para TAMANDUÁ-BANDEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro, iniciando frente a boca.	Semicircular, unidirecional, simples.	Mão na vertical, com palma voltada para baixo.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A visualidade é uma característica predomintante da cultura surda. Na variação 03, para TAMANDUÁ-BADEIRA, temos a presença da iconicidade, fator esse relacionado à visualidade; essa variação é formada pelo CL tamanho e forma, representada pela CM 17, que refere-se ao formato e ao tamanho da língua (fina e comprida), utilizada para alcançar as formigas e cupins em seu habitat. O sinal tem formação simples e o morfema identificado nesta variação, é o gramatical.

Quadro 151 - Análise fonológica da variação 04 para TAMANDUÁ-BANDEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 25	Espaço neutro, frente ao tronco.	Retilíneo, de agarrar, em pinça, bidirecional, contínuo, repetido	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Rosto, lábios projetados (bico).

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesta variação 04, para TAMANDUÁ-BANDEIRA, predomina a iconicidade por meio da CM 25; temos, assim, um CL tamanho e forma que nos remete a forma de como o animal utilizando a língua comprida para pega sua alimentação (formigas e cupins) para comer. O sinal apresentado para o item lexical tem formação simples e morfema gramatical.

A cultura visual tem predominado sobre as variações registradas; nesse sentido, Campello (2008) reforça que a Língua de Sinais possui "inúmeras formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual". (Campello, 2008, p. 91). Isso nos permite interpretar que a Língua de Sinais, na esfera da experiência visual, não pode ser vista somente pelos seus aspectos estruturais, mas fundamentar-se no reconhecimento e exploração da visualidade dos sujeitos surdos. A cultura visual proporciona ao surdo, formas de compreensão do mundo, de comunicação, de intervenção e pertencimento à sociedade.

6.5.1 Categoria Lexical: Frutas

Em sequência às análises, damos início à categoria lexical frutas que é composta por dez itens lexicais, dentre eles estão: cupuaçu, bacupari (também conhecido como bacuri), açaí, araçá-boi, biribá, tucumã, graviola, pupunha, ingá e acerola, que são frutas típicas da Região Norte e, por isso, algumas dessas frutas estão presentes nos quintais das casas dos cidadãos que moram nessa região.

6.5.1.1 Item lexical CUPUAÇU

Figura 162 – CUPUAÇU – figura apresentada aos informantes

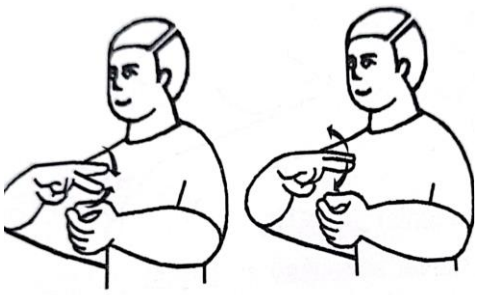


Fonte: https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2017/06/29/que-alimento-e-esse-cupuacu/.

Em consonância com a EMBRAPA (1997), o cupuaçu é uma fruta conhecida cientificamente como Theobroma Grandiflorum; tem casca marrom e dura, e, em tamanho, varia de 15 a 25 cm. É de origem amazônica e típica da Região Norte. A polpa da fruta é muito rica em proteína, fibras, enzimas e carboidratos; sendo, por isso, muito utilizada no

preparo se sucos, doces, cremes, sorvetes, compotas, licores, biscoitos e iogurtes. Sua semente é empregada na fabricação do cupulate, ou seja, o chocolate produzido a partir do caroço da fruta.

Figura 163 – Sinal referência 01 para CUPUAÇU



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 839).

Embora muito consumido no estado de RO; nesta pesquisa, foram registradas apenas três variações para o cupuaçu, as quais apresento no quadro 151. Posteriormente, são apresentadas a descrição e a análise morfofonológica das variações registradas.

Quadro 152 – Variações para CUPUAÇU

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical CUPUAÇU, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 02 e 03; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01, 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição em todas as variações, que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 04 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo todos eles do gênero masculino.

Quadro 153 - Análise fonológica da variação 01 para CUPUAÇU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais

 54	Dedo indicador da mão não dominante.	Retilíneo, cortar de tesoura,	Mão na diagonal, com palma voltada para baixo.	Não apresenta.
 45	Espaço neutro.	Não possui movimento.	Mão na vertical, com palma voltada para baixo,	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 154 - Análise fonológica da variação 02 para CUPUAÇU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 08	Espaço neutro.	Não possui movimento.	Mão na contralateral, com palma voltada para dentro.	Não apresenta

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 155 - Análise fonológica da variação 03 para CUPUAÇU

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 26	Dorso da mão não dominante.	Retilíneo, cortar de tesoura,	Mão na contralateral, com palma voltada para trás.	Não apresenta
 69	Espaço neutro.	Não possui movimento.	Mão na contralateral, com palma voltada para dentro.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As variações 01, 02 e 03, para CUPUAÇU, serão analisadas juntas, pois diferem somente em alguns aspectos. Ao compararmos com o sinal referência acima apresentado, percebemos que as três variações são próximas, porém nenhuma delas é igual. Todas as variações registradas para o item lexical CUPUAÇU são icônicas o que se manifesta pelo fato de que são representadas pelo ato de cortar com uma tesoura a poupa para retirá-la do caroço; assim como são realizadas a despolpa nas casas de forma manual.

Figura 164 – Despolpa do cupuaçu



Fonte: https://youtu.be/EIYmlZfF0_M?si=WsXESmoW8N3VRnQW.

As variações registradas apresentam CL instrumental; ou seja, para tesoura são usados sinais de formação simples e que apresentam morfemas gramaticais.

Strobel (2008) ressalta que a experiência visual evidencia a utilização da visão como meio de comunicação (em substiuição total a audição). A partir das experiências visuais da munidade surda, suge sua cultura, que é representada pela língua de sinais, de conhecer o mundo, da maneira diferente de ser, de pertencer e apreender o mundo e as informaçõe, dentre outros.

6.5.1.2 Item lexical: BACUPARI

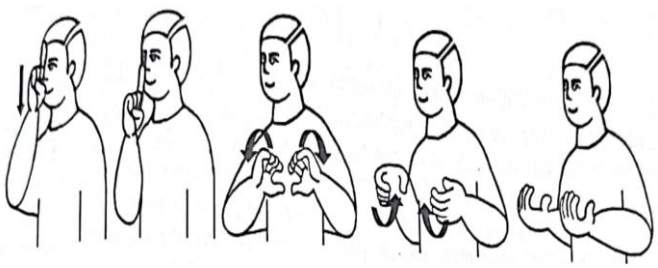
Figura 165 – BACUPARI – imagem apresentada aos informantes



Fonte: https://www.jardimexotico.com.br/bacupari-doce.

De acordo com o site O Produtor, o bacupari é um fruto também conhecido como bacuri, bacupari-mirim, bacuri-miúdo e limãozinho, entre outros. As espécies de bacupari mais conhecidas e apreciadas na região Norte são o bacupari-miúdo (*Garcinia brasiliensis*) e o bacupari-comum (*Garcinia acuminata*). É de origem brasileira, encontrado, principalmente, na Região Norte e em outras regiões do país, esse nome é de origem tupi-guarani e significa “fruta de cerca”; pois os indígenas a utilizavam para dividir as roças em forma de cercas vivas. Ao sol, o arbusto alcança altura de 2 a 4 metros de altura, porém em mata fechada a árvore pode medir de 6 a 20 m de altura. O fruto é apreciado principalmente pelas famílias ribeirinhas.

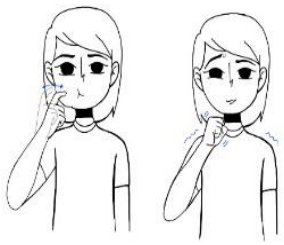
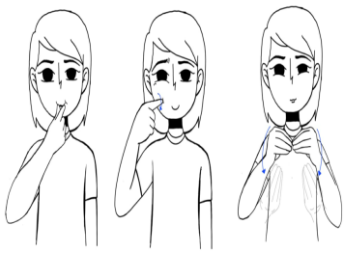
Figura 166 – Sinal referência 01 – BACURI/BACPARI



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 341).

Para o item lexical BACUPARI foram registradas 04 variações, porém nenhuma delas é próxima ou igual ao sinal referência registrado por Capovilla *at al* (2019). Abaixo no quadro 156 apresento as variações registradas por mim. Logo após, descrevo-as e faço a análise morfofonológica.

Quadro 156 - Variações registradas para BACUPARI/BACURI

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		
Variação 04		
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, sinalizando as variações 01, 02 e 03; já em relação aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram a variação 04. Para esse item lexical, não houve repetição de variação. Dos vinte e quatro informantes, 20 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 10 eram informantes do gênero feminino e 10, do gênero masculino.

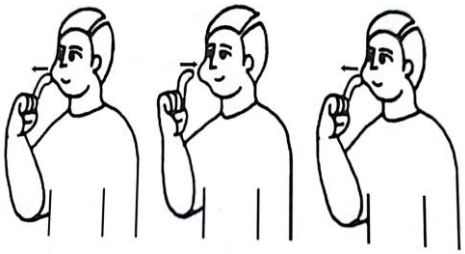
Quadro 157 - Análise fonológica da variação 01 para BACUPARI/BACURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 48	Rosto, bochecha.	Retilíneo, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	Bochecha inflada, leve tremor nos ombros e na mão para indicar azedo.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A expressão não manual, ou seja, facial e corporal, é predominante nessa variação o que é possível observar por meio da bochecha inflada e um leve tremor nos ombros e na mão; o qual é utilizado pelo informante para indicar o azedo da fruta, em que foi sinalizado BALA e acrescido da ENM azed@.

Figura 167 – Sinal BALA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 356).

Essa variação é um sinal de formação simples, apresenta morfema gramatical, trata-se de um sinal arbitrário que não possui relação imagética com o referente; ou seja, falta uma relação direta entre o significado e a forma e vice-versa.

Quadro 158 - Análise fonológica da variação 02 para BACUPARI/BACURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 39	Boca.	Não apresenta	Mão na contralateral, palma voltada para dentro.	Não possui.
 49	Bochecha.	Semicircular, de toque, unidirecional, de retenção, simples.	Mão na contralateral, palma voltada para dentro	Olhos apertados, para indicar o azedo.
 08	Espaço neutro.	Semicircular, de separar, unidirecional, retenção, simples.	Palmas voltadas para trás.	Não possui.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para o item lexical em análise, faz menção ao pôr o fruto na boca, ao azed@ e ao parti-lo; essa sequência representa a iconicidade da variação em que temos um sinal composto por justaposição de dois sinais e um CL tamanho e forma da fruta,

FRUT@^AZED@^PARTIR. Esses sinais aqui utilizados não possuem registros no material publicado por Capovilla *at al* (2019); porém, pelo contexto da sinalização, foi inferido tal significado. Ademais, temos o morfema gramatical.

Quadro 159 - Análise fonológica da variação 03 para BACUPARI/BACURI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma voltada para fora.	Não possui.
 08	Frente a boca.	Não possui.	Palma voltada para baixo.	Não possui.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesta variação para BACUPARI, temos um sinal composto pela junção de três CLs, tamanho e forma e ENM. O primeiro CL refere-se ao formato arredondado da fruta; o segundo, à forma de parti-lo, descrito na variação anterior, o terceiro à forma do fruto sendo levada à boca para ser comido, e a ENM com um leve tremor nos ombros e na mão, o qual é utilizado pelo informante para indicar o azedo da fruta. Assim, temos FRUT@-REDONDO^PARTIR^COMER^AZED@, um sinal que apresenta morfema gramatical.

A variação 04, para o item em análise, foi descrito e analisado na variação 03 para bacupari.

A iconicidade é predominante nestas variações registradas; pois, em consonância com Strobel e Fernandes (1998), em decorrência do aspecto icônico do sinal ou referente ocorre variação de uma língua de sinais para outra, manifestando diferentes motivações, uma vez que se considera a cultura surda e a língua de cada país. Nessas variações registradas, podemos perceber as diferentes motivações e as particularidades de cada olhar.

6.5.1.3 Item lexical: AÇAÍZEIRO

Figura 168 – AÇAÍZEIRO -figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.centraldasplantas.com.br/site/produtos/acai/.

O açaizeiro, *Euterpe oleracea*, é uma palmeira tipicamente localizada na Amazônia. Nas últimas décadas, segundo Araguaia (s.d), o fruto “o açaí” tem sido produzido e consumido em várias outras regiões do Brasil e do mundo. De acordo com a autora, "Cem gramas da polpa de açaí contêm cerca de 250 calorias, vitaminas C, B1 e B2, fósforo, ferro e cálcio". O nome açaí tem origem tupi (yá-çaí) e significa “fruto que chora”.

Em busca pelo sinal referência para AÇAÍZEIRO, tanto no Capovilla *at al* (2019), quanto na Plataforma do *Youtube*, não foram encontrados registros para esse item lexical. Abaixo, no quadro 160, apresento as variações registradas e, logo em seguida, a descrição e a análise morfofonológico para o item lexical em análise.

Quadro 160 – Variações registradas para AÇAÍZEIRO

Variação 01 	Variação 02 	Variação 03 
Variação 04 	Variação 05 	Variação 06 
	Variação 07 	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque, elas sinalizaram as variações 01, 02, 03, 04 e 07. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 04, 05 e 06. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 04 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes, 04 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 01 era informante do gênero feminino e os outros 03, do gênero masculino.

Quadro 161 - Análise fonológica da variação 01 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Rosto, bochecha.	Retilíneo, contínuo, repetido, bidirecional.	Palma da mão para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para AÇAÍZEIRO, é um sinal de formação simples, formado pela CM 76 e, em relação a ele, podemos verificar que, comparando com a variação 01 para açaí na tigela e o açaizeiro, alguns informantes utilizaram o mesmo sinal, para itens lexicais distintos; uma vez que se trata do produto, o sorvete e, o outro do pé onde é produzido o fruto do açaí, o qual será processado para se obter o açaí em forma de sorvete. Temos, então, um morfema lexical e o fato de que esse item lexical foi sinalizado pelos informantes B, C, D, G, J, M, Q, T e U.

Quadro 162 - Análise fonológica da variação 02 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro.	Não apresenta	Mão na vertical, palma para frente.	Não apresenta.
 05	Dorso da mão não dominante.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma para frente.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A segunda variação para AÇAIZEIRO, é um sinal composto por justaposição, constituído por dois sinais e um CL, FRUT@-REDOND@^ÁRVORE^AÇAÍ; o CL tamanho e forma nos remete ao formato redondo do fruto do açaizeiro. Nesta composição temos, ainda, o sinal árvore contante no material de referência; tanto no Capovilla *at al* (2019, v.1, p. 279), e açaí registrado nessa tese, na variação 01 para AÇAÍ-NA-TIGELA. Vejo esse sinal como

arbitrário, o qual não faz relação direta entre a forma e se significado. Além disso, temos morfema gramatical para essa variação que foi sinalizada pela informante E.

Quadro 163 - Análise fonológica da variação 03 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Dorso da mão não dominante.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma para frente.	Não apresenta.
 69	Lateral do antebraço da mão não dominante.	Retilíneo, unidirecional, dobramento do pulso para baixo. refreado, simples.	Mão na horizontal, com palma voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para AÇAIZEIRO, é um sinal composto por justaposição constituído por dois sinais e um CL, AÇAÍ^ÁRVORE^CACHO-FRUT@. O sinal para açaí está descrito na variação 01, deste item lexical no quadro 160; já o sinal árvore também foi descrito anteriormente, na variação 02, para AÇAIZEIRO quadro 162. Ademais, temos um CL tamanho e forma para se referir ao formato do cacho do açaizeiro, em que os frutos ficam até serem retirados para o consumo. Nele há um sinal icônico e morfema gramatical, e o fato de ter sido sinalizado pela informante A.

Quadro 164 - Análise fonológica da variação 04 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro.	Não apresenta	Mão na vertical, palma para frente.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesta variação, o sinal possui formação composta por justaposição e é constituído por um sinal e um CL, AÇAÍ^FRUT@-REDOND@; o primeiro sinal para esta composição é o sinal açaí, que foi descrito na variação 01 deste item lexical, no quadro 161. O segundo sinal é um CL tamanho e forma, utilizado para se referir à forma do cacho que contém o fruto do açaí até estar maduro para ser colhido e encaminhado para a industrialização. Trata-se, pois, de um sinal icônico, com presença de morfema gramatical e que foi sinalizado pelos informantes G, L e W.

Quadro 165 - Análise fonológica da variação 05 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Espaço neutro.	Não possui.	Mão na vertical, pontas dos dedos para baixo, palma voltada para dentro.	Não apresenta.
 08	Mão não dominante.	Retilíneo, de deslizamento, unidirecional, refreado, simples.	Mão na diagonal, palma da não voltada para dentro.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 05, para AÇAÍZEIRO, é formada por um sinal e um CL, AÇAÍ^CAHO-TIRAR-AÇAÍ em que o primeiro sinal foi descrito e analisado na primeira variação para este item em destaque, quadro 161. Já o segundo, o CL tamanho e forma, também nomeado de CL descritivo, é utilizado para se referir ao cacho do açaí e ao ato de retirá-lo do cacho; temos, então, um sinal totalmente icônico e um morfema gramatical, com sinalização feita pelo informante O.

Quadro 166 - Análise fonológica da variação 06 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Sobre o dorso da mão dominante.	Não apresenta.	Palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta.
 05	Palma da mão não dominante	Sinuoso nos dedos, bidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 06, para AÇAÍZEIRO, é um sinal de formação simples com apenas um CL, o qual representa o açaí ainda no açaizeiro. É um sinal icônico, já que fica prevalecendo a cultura visual, com a presença de um morfema gramatical. Esse sinal foi apresentado pelos informantes P e R.

Quadro 167 - Análise fonológica da variação 07 para AÇAÍZEIRO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 05	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma para frente.	Não apresenta.
 17	Antebraço da mão não dominante.	Pontual, alternado, contínuo, repetido.	Palma da mão para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 07, para AÇAÍZEIRO, é composta por dois sinais e um CL, AÇAÍ^ÁRVORE^FRUT@-REDOND@. O primeiro sinal de açaí, foi descrito na variação 01, presente no quadro 160; já o segundo sinal é composto por um sinal árvore e um CL tamanho e forma que se refere ao formato do fruto do açaí no açaizeiro. Esse sinal nos lembra muito o sinal de jaboticaba; porém, apresenta diferenças quanto à CM que representa os frutos. Temos, assim, um morfema gramatical e o fato de que a iconicidade está representada pelo CL.

6.5.1.4 Item lexical: ARAÇÁ-BOI

Figura 169 – ARAÇÁ-BOI – figura apresentada aos informantes



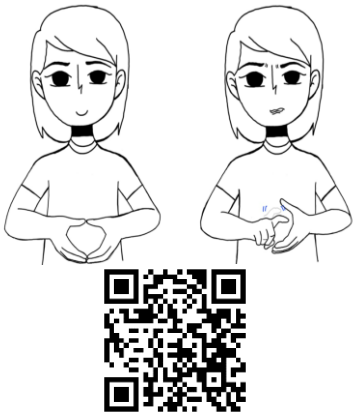
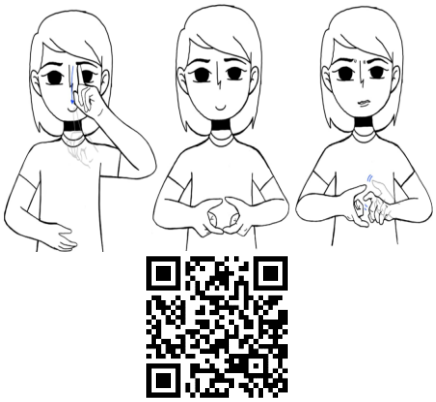
Fonte:https://blogviveirogoiania.com.br/post/677357362198249472/mudas-de-araca-boi-em-goiania.

De acordo com a Embrapa (s.d.), o araçá-boi (*Eugenia stipitata*) tem sua origem na região Amazônica; da família das *Myrtaceas*, a mesma da jabuticaba e da goiaba, seu arbusto mede cerca de três metros de altura, produz frutos de formato arredondando e, quando maduros, apresentam cor amarelada. A casca é fina e aveludada e parecida com a do pêssego; é rico em vitamina A, B e C. Quando inteira, a fruta lembra uma goiaba e, cortada, lembra um maracujá. O araçá-boi tem polpa mole, com sabor exótico e bem ácido.

Na busca por sinal referência, tanto em Capovilla *at al* (2019), quanto na Plataforma do *Youtube;* foram infrutíferas, uma vez que nenhum sinal foi encontrado. Em pesquisa de

campo, apenas dois sinais foram registrados, os quais apresento abaixo no quadro 168 e, logo após, farei a descrição e análise morfofonológica.

Quadro 168 – Variações registradas para ARAÇÁ-BOI

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical em análise, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01 e 02, enquanto os informantes do gênero masculino não apresentaram variações para esse item lexical. Dos vinte e quatro participantes, 20 informantes relataram não saber ou não conhecer o sinal para o item lexical apresentado; dentre esses, 09 informantes são do gênero feminino e 11 são do gênero masculino.

Figura 170 - Análise fonológica da variação 01 para ARAÇÁ-BOI

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 12	Espaço neutro.	Não possui.	Palma voltada para dentro, pontas dos dedos para baixo.	Boca levemente abera, expressão de nojo.
 48	Mão não dominante.	Angular.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para ARAÇÁ-BOI, é constituído por dois CL; o primeiro é um Cl de tamanho e forma utilizado pelos informantes para se referir à forma arredondada do araçá, porém, o segundo CL é semântico, para se referir ao bichinho que, normalmente, é encontrado dentro do araçá maduro. Essas larvas são originárias de ovos das moscas das frutas; pois, de acordo com Chaves (2016), os frutos da família das Myrtaceas são os preferidos por esses insetos, os quais depositam seus ovos sobre as frutas e suas larvas devoram a polpa e as frutas apodrecem. Portanto, na Região Norte, é comum encontrar as larvas dentro dos araçás

maduros, tornando-se o ícone predominante nesta variação, marcando a iconicidade deste item lexical. Assim, ressaltamos a ENM das informantes, como uma expressão de nojo, devido à presença das larvas, outro fato relevante é que temos um morfema gramatical.

A segunda variação para este item lexical acrescentou apenas o sinal AMAREL@; ver Capovilla *at al* (2019, v.1, p. 178), antes dos sinais apresentados, descritos e analisados anteriormente.

6.5.1.5 Item lexical: BIRIBÁ

Figura 171 – BIRIBÁ – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.gastronomiaparaense.com/post/birib%C3%A1-del%C3%ADcia-da-regi%C3%A3o-amaz%C3%B4nica.

O biribá (Annona Mucosa) é uma planta de origem tropical da América do Sul, mais especificamente da região amazônica. O fruto é rico em vitaminas, o nome é de origem tupi, e significa “fruto da casca fibrosa”. Segundo o site Gastronomia Paraense (s.d.), é uma das frutas típicas do Pará, e possui casca que vai do verde ao amarelo. Sua casca é grossa, com pontos pretos e com polpa branca, gelatinosa, suculenta e adocicada. O biribá é rico em vitaminas do complexo B, especificamente B1 e B2, fonte de cálcio, ferro, vitamina C, potássio e fibras.

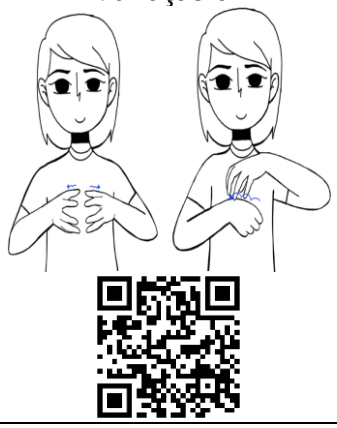
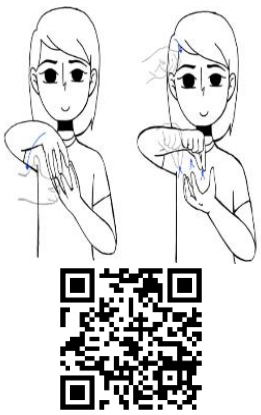
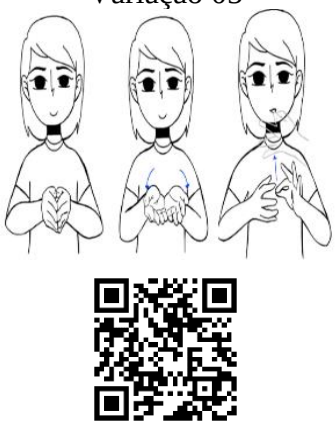
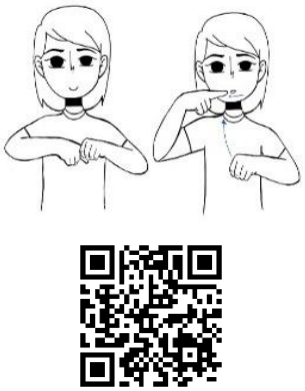
Figura 172 – Sinal referência 01 para BIRIBÁ



Fonte: https://youtu.be/QgHvL_ftSn8?si=da_MQ5cjAm9fLL6P.

Em Capovilla *at al* (2019), não foi encontrado registro de sinal para BIRIBÁ, somente na Plataforma do *Youtube*, encontrou-se o registro que consta na figura 172, o qual será utilizado como referências para as análises do item lexical.

Quadro 169 – Variações registradas para BIRIBÁ

Variação 01 	Variação 02 	Variação 03 
Variação 04 	Variação 05 	Variação 06 

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque e sinalizaram as variações 01, 02, 03, 05 e 06. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 02 e 04. Para esse item lexical, houve repetição da variação 01 e 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes; 15 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 07 eram informantes do gênero feminino e 09, do gênero masculino.

Quadro 170 - Análise fonológica da variação 01 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro, frente ao troco.	Não apresenta.	Mão na horizontal, palmas frente a frente.	Não apresenta.
 18	Espaço interno da mão não dominante.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para fora, formato de pinça.	Boca semiaberta, movimentos como se estivesse comendo.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para BIRIBÁ, possui formação por dois CL tamanho e forma em que o primeiro é constituído pela CM 13, que se refere à forma do biribá. Já o segundo CL, constituído pela CM 18 remete ao formato da semente, a qual é levada a boca. Assim sendo, a variação possui ENM com boca semiaberta, com movimentos que nos reportam ao ato de comer. Entendo que esse sinal apresenta morfema gramatical e iconicidade por meio dos CLs.

Quadro 171 - Análise fonológica da variação 02 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Dorso da mão não dominante.	Semicircular, de toque, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação linguística 02, para BIRIBÁ, é composta por dois CLs, sendo que o primeiro foi descrito e analisado anteriormente na variação 01; o segundo CL é constituído pela CM 13 e faz menção ao formato da casca do fruto que possui aspecto escamoso, o que representa a iconicidade do sinal. O morfema apresentado é o gramatical.

Quadro 172 - Análise fonológica da variação 03 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 75	Espaço neutro frente ao tronco.	Não apresenta movimento, apenas se juntam.	Mãos na vertical, ponta dos dedos para baixo, palma para trás.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação aqui registrada apresenta iconicidade, pois é formada pelo CL tamanho e forma e, o informante ao sinalizar, fez uso do CL tamanho e forma, fazendo menção à forma do biribá, como podemos conferir na figura 171 apresentada aos informantes no momento da coleta de dados. Temos, ainda para essa variação, um morfema gramatical.

Quadro 173 - Análise fonológica da variação 04 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Espaço neutro.	Retilíneo, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na horizontal, palmas frente a frente. Uma voltada para baixo e a outra para cima.	Não apresenta.
 39	Espaço interno da mão não dominante.	Retilíneo fechamento em pinça, unidirecional, simples.	Mão na horizontal, palma volta para baixo.	
 67	Cabeça, têmpora.	Circular, de girar, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical palma par frente.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para BIRIBÁ, é um sinal composto um sinal e dois CL tamanho e forma. A CM 13 é sinalizada para o CL tamanho e forma, foi usada para se referir ao tamanho do biribá, o qual é grande e pode chegar até 2 kg a CM 39; foi utilizada pelo informante com o objetivo de fazer menção às sementes da fruta e, para reforçar a presença delas, ele utiliza o sinal PRET@. Entendo que, para esse sinalizante, a semente seja a parte mais importante da fruta, tanto que ele a enfatiza utilizando um sinal e um CL para esse componente.

Quadro 174 - - Análise fonológica da variação 05 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro, frente ao tórax. Uma mão apoiada na outra.	Semicircular, de abrir, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na contralateral, palma com palma, depois de abertas as mãos ficam na horizontal, palmas voltadas para cima.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

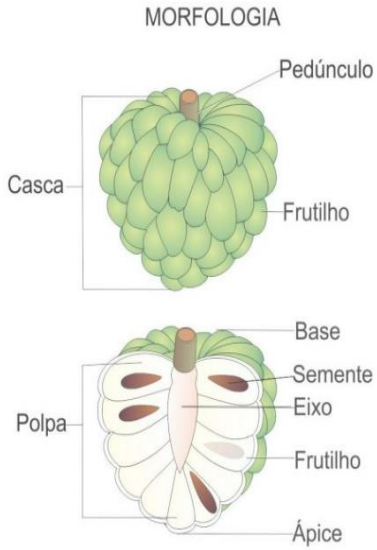
Nesta variação, temos um sinal formado por dois classificadores tamanho e forma; o primeiro representado pela CM 76 faz menção ao formato do biribá; porém, a princípio, o informante apresenta a fruta inteira fechada, depois a abre e a segura com uma das mãos (13, a qual foi descrita e analisada na variação 01), pega então uma semente e leva à boca para degustá-la. Temos, assim, um sinal icônico, com morfema gramatical.

Quadro 175 - - Análise fonológica da variação 06 para BIRIBÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 49	Espaço interno da mão não dominante.	Retilíneo, (ao puxar) e semicircular (ao levar a boca), unidirecional, refreado, simples.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Boca semiaberta, movimento de comer.
 69	Espaço neutro, serve de base para a mão dominante.	Não apresenta movimento.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A sexta variação para BIRIBÁ é formada por dois classificadores tamanho e forma; sendo que o primeiro CL é representado pela CM 49, que representa o eixo da fruta, que puxada e levada à boca para ser degustada.



Fonte: https://ceagesp.gov.br/hortiescolha/hortipedia/fruta-do-conde/.

O segundo CL é representado pela CM 69 que, nesta variação, é a base do eixo; ou seja, a fruta em si. Podemos concluir, assim, que nesta variação todos sinais aqui apresentados são constituidos por classificadores, e há fortes traços de iconicidade, o que mais uma vez reforça o pressuposto de que é nítida a predoninância da cultura visual sobre a cultura do povo do estado. Em outras palavras, verifica-se a hegemonia da cultura surda.

6.5.1.6 Item lexical: TUCUMÃ

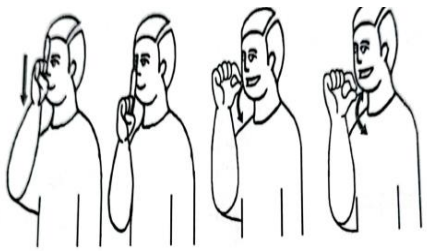
Figura 173 – TUCUMÃ – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://umsoplaneta.globo.com/biodiversidade/noticia/2021/06/22/tucuma-o-fruto-da-amazonia-que-pode-substituir-producao-insustentavel-de-oleo-de-palma.ghtml.

Em conformidade com site Wikipédia (2024). o Tucumã (Astrocaryum aculeatum G. Mey), ou Tucumã-do-amazonas, pertence à família Arecaceae. Sua árvore é uma palmeira que pode medir até 15 metros de altura e que produz fruto, os quais apresentam, em sua composição, polpa alaranjada ou amarela, com massa é fibrosa, compacta e firme. No Amazonas, é amplamente utilizado em forma de alimento e para o artesanato. Seu nome tem origem tupi, e significa “fruta de planta espinhosa”.

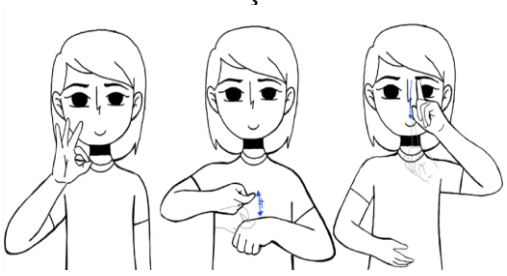
Figura 174 – Sinal referência 01 para TUCUMÃ



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2768).

Para o item lexical TUCUMÃ, temos o sinal referência constante na figura 174. Para esse item, registrei apenas dois sinais, os quais apresento no quadro 176 e, a seguir o descrevo e analiso morfofonológicamente.

Quadro 176 - Variações para TUCUMÃ

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram variações para o item lexical em destaque e sinalizaram as variações 01 e 02. No tocante às variações apresentadas pelos informantes do gênero masculino, estes citaram as variações 01, 02 e 04. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes; 15 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 07 eram informantes do gênero feminino e 09, do gênero masculino.

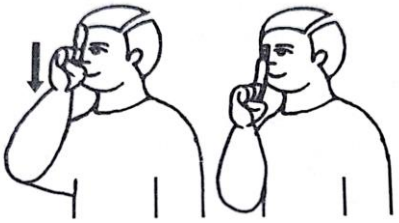
Quadro 177 - Análise fonológica da variação 01 para TUCUMÃ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical.	Não apresenta.
 45	Dorso da mão não dominante.	Retilíneo, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma da mão voltada para dentro.	
 53	Espaço neutro, frente ao rosto.	Retilíneo, unidirecional, retenção, simples.	Mão na horizontal, palma da mão para o lado.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Junto à variação 01, para TUCUMÃ, temos um sinal composto por justaposição por dois sinais e um CL, FRUT@-REDOND@^DUR@^AMAREL@.

Figura 175 – Sinal – AMAREL@



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 178).

O CL é representado pela CM 17, a qual se refere ao tamanho e à forma do fruto, que é redondo, além disso, a informante utiliza em sua sinalização o sinal DUR@ (figura 87) CM 45, pois o tucumã possui o caroço duro. O tucumã, conforme Agrishow digital (2023), possui "forma arredondada, casca fina e polpa oleaginosa e fibrosa, ambas de coloração que vai do amarelo claro ao laranja escuro, o tucumã possui um caroço rígido lenhoso que comporta uma amêndoa também rica em gordura". (Agrishow digital, 2023, s.p).

Por último, a informante utiliza o sinal AMAREL@, CM 53, referindo-se à cor da casca e da polpa da fruta. Assim, a iconicidade está retratada nesta variação em toda sua sinalização. Temos, também, um morfema gramatical e o fato de esse sinal ter sido sinalizado pela informante A, em Guajará- Mirim.

A segunda variação para TUCUMÃ, também foi registada em Guajará-Mirim, mas sinalizada pela informante C. Trago essas variações juntas para análise, pois o que as difere é somente o fato de que a variação 02 não tem o sinal DUR@, porém a informante acrescentou ENM, com a qual apresenta boca fechada e passa a língua nos dentes; como se o tucumã houvesse se impregnado neles e como se ela quisesse removê-lo, utilizando a língua.

6.5.1.7 Item lexical: GRAVIOLA

Figura 176 – GRAVIOLA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.plantei.com.br/muda-de-graviola.

Dantas (s.d.), corrobora que a graviola é um fruto tipo da América Central, a qual teve fácil adaptação em outras regiões de clima subtropical e tropical, como o Brasil, por exemplo, dentre outros locais. No século XVI, essa planta foi trazida para o Brasil pelos portugueses e, em decorrência do clima, propagou-se rapidamente pela região amazônica.

Possui peso que pode chegar até 6 kg, forma oval, casca verde escura, a polpa tem sabor agridoce, cor esbranquiçada, e muitas sementes. A fruta possui vitaminas C, complexo B, fósforo, cálcio, potássio e ferro. Ela é muito consumida in natura, mas pode ser empregada para fabricação de sucos, doces, cremes, sorvetes dentre outros.

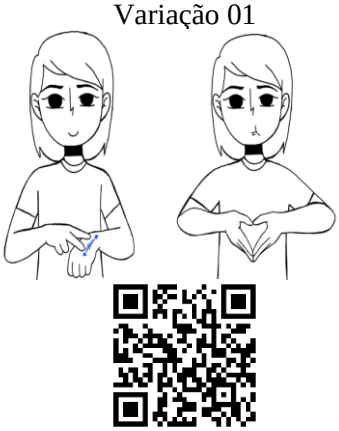
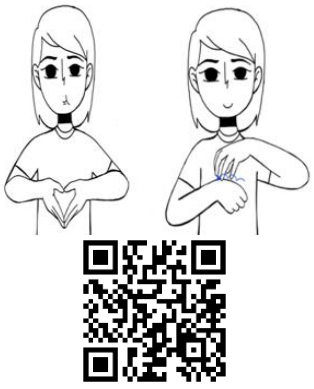
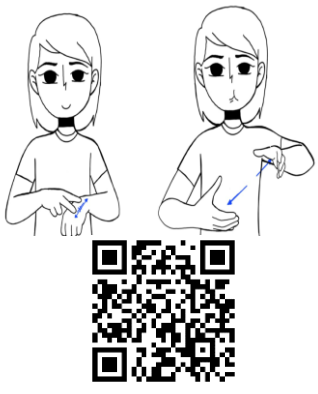
Figura 177 – Sinal referência 01 para GRAVIOLA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1423).

Abaixo apresento as variações que foram registradas para GRAVIOLA; em seguida, descrevo-as no quadro 178 e as analiso morfofonológicamente.

Quadro 178 – Variações registradas para GRAVIOLA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

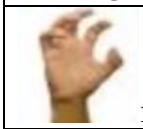
As informantes do gênero feminino apresentaram as variações 01, 02 e 03 para o item lexical em destaque; já os informantes do gênero masculino não apresentaram variações. Para esse item lexical, não houve repetição da variação. Dos vinte e quatro informantes, 21 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 10 eram informantes do gênero feminino e 11, do gênero masculino.

Quadro 179 - Análise fonológica da variação 01 para GRAVIOLA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 54	Dorso da mão não dominante.	Retilíneo, de esfregar, bidirecional, contínuo e repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.
 75	Espaço neutro.	Não possui.	Vertical com as pontas dos dedos para baixo, palmas das mãos para dentro.	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 180 - Análise fonológica da variação 02 para GRAVIOLA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Dorso da mão não dominante.	Semicircular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 181 - Análise fonológica da variação 03 para GRAVIOLA

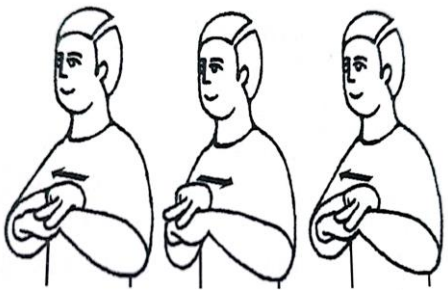
CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 11	Espaço neutro.	Retilíneo, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na diagonal, palmas frente a frente.	Bochechas infladas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesse momento de análise, em que irei realizar a análise morfológica das variações 01,02 e 03; as farei de forma conjunta, pois elas apresentam poucas diferenças, as quais se referem às CMs. A variação 01 tem formação por justaposição de um sinal e um CL, por meio da CM 75 que é um CL tamanho e forma, utilizado para se referir à forma da graviola, como podemos comparar verificando a figura 176, ela possui formato próximo ao desenho de um coração.

A variação 02 tem composição por dois CLs, o primeiro é representado por meio da CM 75, descrito acima, e a CM 13, também um CL tamanho e forma, remete à forma da casca da fruta, que é verde escuro e possui espinhos.

Figura 178 – Sinal para VERDE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2846).

A terceira variação é composta por justaposição de um sinal e por um CL tamanho e forma, representado pela CM 11. A variação 03 tem, em sua composição, o sinal VERDE que é o sinal utilizado na variação 01.

A iconicidade está presente nas três variações e encontra-se representada pela forma da fruta que, aqui foi atribuída pelas informantes por meio de características como textura e cor da casca, o formato em coração da fruta, o tamanho da fruta expressado tanto pelo CL, como também pela ENM. Destacamos também que as variações possuem morfema gramatical.

6.1.5.8 Item lexical: PUPUNHA

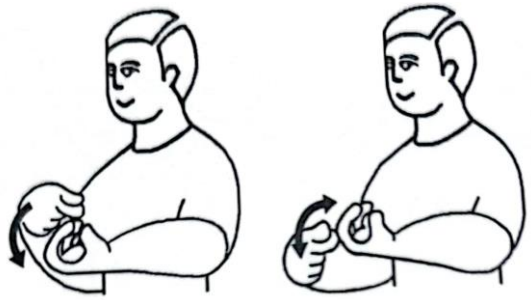
Figura 179 – PUPUNHA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://portalvidalivre.com/articles/457.

Em consonância com Franco (2024), a pupunha é uma espécie de palmeira nativa na região Norte e uma variedade de palmito cultivado no Brasil porque, na região amazônica se manifesta como possibilidade sustentável para o cultivo do palmito ainda que produza pequenos frutos de cor alaranjada que, na Região Norte, após cozidos em água e sal são consumidos (geralmente com café). A autora ressalta que esses frutos podem ser utilizados na cozinha na produção de sucos, compotas e geleias. Já, em outras regiões do Brasil, da pupunha utilizam-se apenas o caule de onde retiram o palmito. Ademais, faz-se necessário observar que é uma planta que não se adapta a climas muitos frios e com geadas.

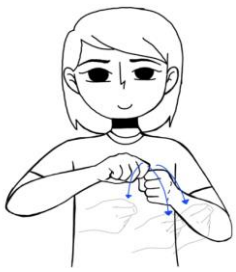
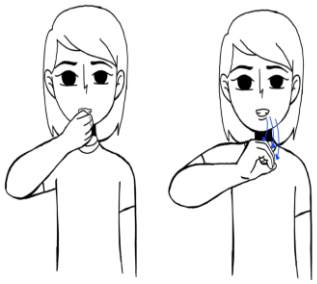
Figura 180 – Sinal referência - PUPUNHA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2343).

No quadro 182, apresento as variações para PUPUNHA registradas por mim, logo após faço a descrição e análise morfofonológica.

Quadro 182 - Variações para PUPUNHA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As informantes do gênero feminino apresentaram as variações 01 e 02 para o item lexical em destaque, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical houve repetição da variação 01 e 02. Dos vinte e quatro informantes, 14 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e, destes, 07 eram informantes do gênero feminino e 07, do gênero masculino.

Quadro 183 - Análise fonológica da variação 01 para PUPUNHA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Apoia-se na mão não dominante.	Semicircular, de puxar, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.
 69	Espaço neutro, serve de apoio para a mão dominante.	Não apresenta.	Na horizontal, na contralateral, palma voltada para trás.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para PUPUNHA, é constituída por uma variação do sinal referência, em que ocorreu uma alteração na CM e O. Em relação à CM, a variação 01 apresenta a CM 69, um pouco diferente da CM do sinal referência; pois na CM 69 a mão é mais fechada e a O da mão está na horizontal, contralateral, com palma da mão voltada para dentro, enquanto no sinal referência, a O da mão é horizontal, palma da mão voltada para cima. Temos um sinal icônico quanto à maneira de retirar a casca da pupunha já cozida, a qual puxamos com a mão ou com uma faquinha de mesa. Deste modo, o morfema é lexical, pois não CL e nem ENM.

Quadro 184 - Análise fonológica da variação 02 para PUPUNHA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 73	Boca.	Semicircular, puxar, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	Boca semiaberta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para PUPUNHA, é constituída de CL semântico, referindo-se ao modo como a casca da pupunha está sendo removida, os informantes levam o fruto até a boca e, com os dentes, puxam a casca do fruto já cozido. Entendo essa variação como sinal icônico e com morfema lexical.

6.1.5.9 Item lexical: INGÁ

Figura 181 – INGÁ – figura apresentada aos informantes

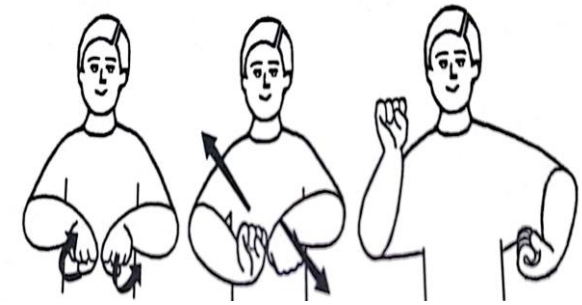


Fonte: https://www.oliberal.com/receita/ing%C3%A1-o-que-%C3%A9-benef%C3%ADcios-e-como-comer-1.541025.

A fruta Ingá é típica da região amazônica e, segundo Caldeira (2022), seu nome científico da fruta é *Inga feuillei*; de origem Tupi, significa “embebido, empapado ou ensopado”. Normalmente a fruta é encontrada às margens de rios e lagos, possuindo até 381 espécies reconhecidas na floresta amazônica. Também pode ser encontrada na Antilhas, América do Sul e México.

As ingazeiras chegam a atingir 15 metros de altura, suas flores são branco-esverdeadas. As frutas podem ser encontradas durante o ano todo, as espécies mais comuns são aquelas cujas sementes são envoltas por uma espécie de sarcotesta branca, adocicada, fibrosa, revestida por uma grande vargem verde que pode ter até um metro de extensão. Na região amazônica, ela é muito consumida *in natura*, com sabor de infância; porém a polpa pode ser usada para fazer sucos, smoothies e vitaminas.

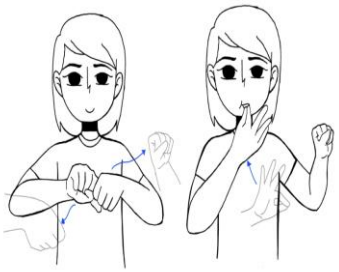
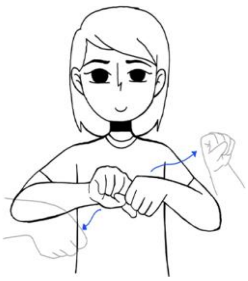
Figura 182 – Sinal referência 01 para INGÁ



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1528).

No quadro 185, apresento as variações registradas por mim para o item lexical INGÁ e, posteriormente, farei sua descrição e análise morfofonológica.

Quadro 185 – Variação para INGÁ

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Variação 04



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical INGÁ, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 02 e 03. Já quanto aos informantes do gênero masculino, estes apresentaram as variações 01, 03, 04. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 03 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes; 08 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo que 06 eram do gênero masculino e 02, do gênero feminino.

Quadro 186 - Análise fonológica da variação 01 INGÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 69	Espaço neutro.	Torção bidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical, palmas voltadas para frente.	Não apresenta
 18	Espaço Neutro.	Pinça, retilíneo, semicircular, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical, palma voltada para gente.	Boca semiaberta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para INGÁ apresenta formação por justaposição com um sinal e CL, INGÁ^SEMENTE-COMER. O sinal ingá utilizado aqui nesta variação é o mesmo constante como referência, CM 69, a qual apresenta movimento de torção (não encontrei um movimento correspondente nos tipos de movimentos descritos por Brito (1990)), bidirecional, refreado, simples e orientação com mão na vertical, palmas voltadas para frente; destaca-se que esse sinal ao iniciar, as mãos estão juntas com a mesma orientação, porém, quando chega ao final, as orientações das mãos estão diferentes, uma cima e a outra para baixo.

Ressalto que o CL que compõe esse sinal, é CL semântico, observa-se que tudo se leva à boca, utiliza-se o mesmo CL e, com o decorrer do sinal, a orientação da mão muda, inicia com a palma da mão voltada para fora e termina com ela voltada para dentro. A iconicidade

está presente nesta composição tanto por meio do sinal, quanto pela CM, além de apresentar morfema gramatical.

Trago aqui, a inserção da variação 03 para o item lexical em análise, ressaltando que o sinal utilizado para a referida variação é o mesmo do sinal referência, também utilizado na composição da variação 01, para INGÁ; e que apresenta CM 69, o qual foi analisado e descrito neste item.

Quadro 187 - Análise fonológica da variação 02 INGÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 17	Espaço neutro.	Retilíneo, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na vertical, palmas voltadas para frente.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A constituição da variação 02, para INGÁ, ocorre pela junção do sinal VERDE e de dois CLs. O sinal verde está descrito no quadro 178; o segundo sinal, que é um CL tamanho e forma, é utilizado para especificar a forma comprida e roliça do Ingá. Já o terceiro sinal é um CL semântico, o qual foi descrito anteriormente no quadro 186. A iconicidade é predominante nesta variação pela presença dos CLs, e também temos morfema lexical.

Quadro 188 - Análise fonológica da variação 04 INGÁ

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 54	Espaço neutro.	De torção, bidirecional, refreado, simples.	Mãos na horizontal, uma voltada para dentro e a outra para fora.	Não possui.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Temos aqui uma variação que nos traz um desafio quanto ao movimento, pois não encontrei um movimento correspondente nos tipos de movimentos descritos por Brito (1990). Fiz, então, o sinal por diversas vezes e cheguei à conclusão que já imaginava: a de que temos um M do tipo torção, pois, quando informante fez o sinal ingá, ele utilizou um CL tamanho e forma, realizando o movimento de torção para se referir ao modo de abertura do fruto. Um sinal totalmente icônico, que só irá entender quem já abriu um ingá desta forma. Ressalto que o sinal INGÁ aqui apresentado, inicia a sinalização com a CM 54 e conclui com a CM 22.

6.5.1.10 Item lexical: ACEROLA

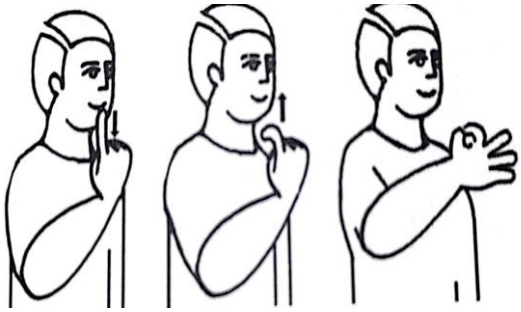
Figura 183 – ACEROLA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.floralondrina.com.br/muda-de-acerola-malpighia-emarginata/.

Nativa nas Américas Central, do Sul e das Ilhas do Caribe; a acerola é o fruto de uma arvoreta de cerca de 2,5 a 3 metros de altura, a aceroleira. Cientificamente denominada *Malpighia emarginata*, é também nomeada por cereja das Antilhas. Conforme Cabral (s.d.), a acerola é muito popular devido ao seu alto teor de ácido ascórbico; ou seja, vitamina C. Quanto mais verde, mais vitamina. Ela também possui outras vitaminas como A, B1, B2, B3, além de ferro e fósforo. Sua superfície é lisa ou dividida em três gomos que apresentam três sementes em seu interior.

Figura 184 – Sinal referência 01 para ACEROLA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 81).

No quadro 189, apresento as variações registradas por mim para o item lexical ACEROLA; e, posteriormente, farei a descrição e a análise morfofonológica do item lexical em destaque.

Quadro 189 – Variação para ACEROLA

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical ACEROLA, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01, 02 e 03, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 02 e 03. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 03 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Assim, dos vinte e quatro informantes; 10 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo que 06 eram do gênero masculino e 04, do gênero feminino.

Quadro 190 - Análise fonológica da variação 01 para ACEROLA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 39	Ponta do dedo indicador da mão não dominante.	Retilíneos que se unem ao final.	Mãos na horizontal, palmas voltadas para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para ACEROLA, é um sinal de formação simples, com um CL tamanho e forma, para o qual a informante faz três movimentos, referindo-se à forma da acerola e aos três gomos que ela possui. Desse modo, temos a presença da iconicidade por meio do CL e um morfema gramatical.

Quadro 191 - Análise fonológica da variação 012 para ACEROLA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 73	Espaço neutro.	Não possui.	Mão na horizontal, palma voltada para cima.	Não possui.
 48	Lábios.	Angular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma da mão para dentro.	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Podemos observar que junto a esta variação ocorreram algumas modificações com relação ao sinal referência, as quais foram quanto a CM, que se refere à acerola e que nesta variação foi usada a 73, com a orientação da mão com a palma voltada para dentro, e no sinal referência a CM 17 e palma da mão para baixo, há uma pequena alteração para o sinal VERMELH@ que compõe o sinal e nesta variação temos M unidirecional, e no sinal referência, o bidirecional. Sendo assim, diante desta situação, inferimos que ocorreu o morfema derivacional.

Quadro 192 - Análise fonológica da variação 03 para ACEROLA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 73	Ponta dos dedos da mão não dominante.	Semicircular, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma para baixo.	Não possui.
 54	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na contralateral, palma voltada para dentro.	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A variação 03, para ACEROLA, possui formação composta por dois CLs; o primeiro representado pela CM 73, um CL tamanho e forma, referindo-se à forma da acerola. O segundo CL representado pela CM 54, o qual é um CL semântico, referindo-se ao pedúnculo da fruta, o qual sustenta as flores e, na sequência, os frutos. Os dois CLs deixam evidente a iconicidade. Nota-se, também, a presença de um morfema gramatical.

6.6.1 Categoria lexical: Diversos

Está será a última categoria a ser apresentada, a qual é composta por diversos itens que estão presentes na cultura de Rondônia, na região Norte. Temos locais como Rondônia (estado), Rio Madeira, Bolívia (país fronteira), Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Três Marias, Forte Príncipe da Beira, indígenas, balsa, rede e garimpo. Estes itens constituem

referências a diferentes municípios do estado; alguns são pontos turísticos, outros fazem parte do processo história de colonização do estado, e outros, ainda, estão dentre aqueles que fazem parte da cultura da população local.

6.6.1.1 Item lexical: RONDÔNIA (estado)

Figura 185 – RONDÔNIA – figura apresentada aos informantes

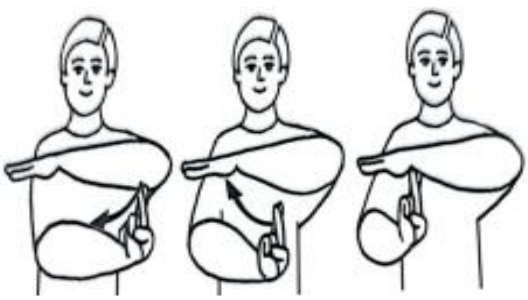


https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/rondonia.htm.

Rondônia, é um estado da Região Norte do Brasil, cuja capital é Porto Velho. Esse estado tem sua história vinculada ao processo de desbravamento da parte remota do oeste brasileiro e à exploração de minérios e da borracha na floresta amazônica.

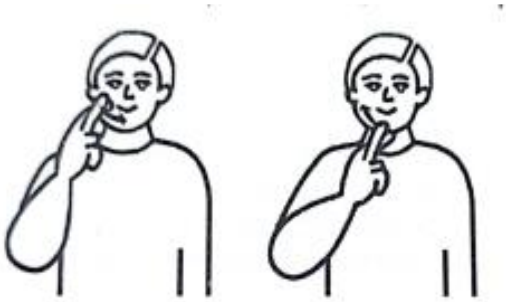
Guitarrara (s.d.) corrobora que Rondônia é um dos 27 estados da federação brasileira, faz parte do bioma da Amazônia, tem clima Equatorial quente e úmido. O estado faz fronteira com os estados do Mato Grosso, Acre, Amazonas e com a Bolívia. Atualmente é um estado em pleno desenvolvimento, com grande potencial na agropecuária, pois é um grande produtor de carne, além de produzir também soja e café. Tem 52 municípios e é o terceiro estado mais populoso da região Norte. A cultura do estado é constituída por vários povos que migraram para Rondônia ao longo do século XX; além disso, no estado há a forte presença de vários Povos Indígenas.

Figura 186 – Sinal referência 01 para RONDÔNIA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2473).

Figura 187 - Sinal referência 02 para RONDÔNIA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2473).

Abaixo apresento o único sinal registrado, que é o mesmo sinal referência 02. No quadro 193, apresento o sinal registrado e, logo após, apresento a análise morfofonológica do item lexical em destaque.

Quadro 193 - Sinal registrado para RONDÔNIA



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical RONDÔNIA, as informantes do gênero feminino 12 sinalizaram o sinal 01, enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram o sinal 01. Dos vinte e quatro informantes, 02 informantes do gênero masculino disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado e 01 informante do gênero feminino utilizou a datilologia para soletrar o nome do estado. Os demais informantes todos sinalizaram.

Quadro 194 - Análise fonológica da variação 02 para

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 22	Rosto, bochecha.	Semicircular, unidirecional, refreado, simples.	Mão na vertical, palma voltada par o corpo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical RONDÔNIA, temos o sinal apresentado no quadro 193, o qual é composto por apenas um sinal constituído pela CM 22, o qual é sinalizado no rosto; temos um sinal arbitrário e que, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), “as palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado é impossível prever a forma”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 26). As autoras ressaltam que há falta de ligação direta entre a forma e o significado. Assim, temos um morfema lexical.

6.6.1.2 Item lexical: RIO MADEIRA

Figura 188 – RIO MADEIRA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://images.app.goo.gl/bMzbmvo4F3uJFcM29.

Em conformidade com a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), o Rio Madeira é o um dos principais afluentes do Brasil e o mais extenso do rio Amazonas. Recebe o nome de Madeira, devido à elevação de seu nível no período das chuvas, o que acaba inundando grandes proporções da planície florestal e faz com que o curso da água traga consigo uma enorme quantidade de troncos e resto de madeiras da floresta. Segundo ANA (s.d.), no mundo, o Rio Madeira é o quinto mais caudaloso e o décimo sétimo mais extenso com 3.240 KM, sendo um dos principais da América do Sul.

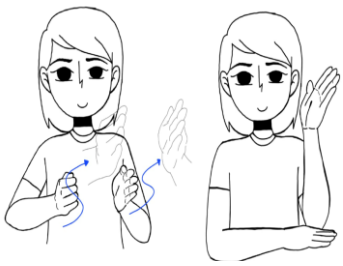
Figura 189 - Sinal referência 01 para RIO MADEIRA



Fonte: Sussuarana (2021, p.49).

Em consulta ao material de referência, Capovilla *at al* (2019), verificou-se que não há o registro do sinal para o item lexical em análise. Porém, Sussuarana (2021) possui o registro, o qual será utilizado como referência. No quadro 195, apresento as variações registradas.

Quadro 195 – Variações para RIO MADEIRA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical RIO^MADEIRA, as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01 e 02. Já quanto aos informantes do gênero masculino, eles apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição das variações 01 e 02 que foram sinalizadas tanto pelos informantes do gênero masculino, quanto a informante do gênero feminino. Dos vinte e quatro informantes; 19 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo 09 do gênero masculino e 10 do gênero feminino. Além disso, 01 informante do gênero feminino fez uso da datilologia.

Quadro 196 - Análise fonológica da variação 01 para RIO MADEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na contralateral.	Não apresenta.
 77	Palma da mão não dominante.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para RIO MADEIRA, é um sinal constituído por dois CLs; aqui representados pelas CMs 01 e 77, os dois CLs são semânticos. O primeiro nos remete às encostas do rio e o segundo, às águas e a seu movimento. Trata-se de um sinal de formação simples e com morfema lexical. Ademais, é idêntico ao sinal referência apresentado na figura 189.

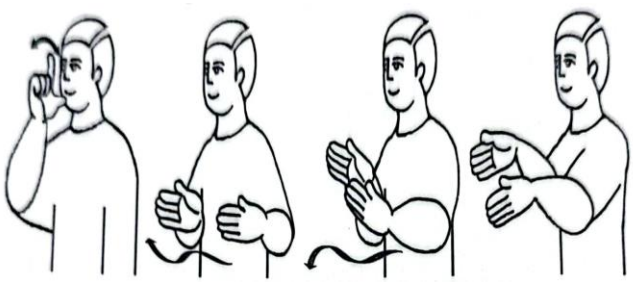
Quadro 197 - Análise fonológica da variação 02 para RIO MADEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Mãos na contralateral,	Não apresenta.
 01	Dorso da mão não dominante.	Não apresenta.	Mão na vertical, na contralateral	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para RIO MADEIRA, apresenta formação composta por dois sinais RIO^MADEIRA; porém, ao compararmos com os sinais registrados em Capovilla *at al* (2019), eles apresentam diferenças, vejamos abaixo:

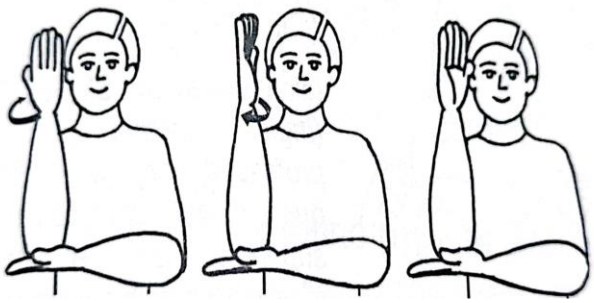
Figura 190 – Sinal para RIO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v.3, p. 2460).

Sendo assim, quando comparamos o sinal RIO sinalizado pelo informante com o registrado por Capovilla *at al* (2019), percebemos que houve a supressão de parte do sinal que é composto por dois sinais; ou seja, houve a perda do sinal ÁGUA que compõe o sinal registrado. Temo, neste caso, uma variação para o sinal RIO.

Figura 191 – Sinal para MADEIRA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1735).

Na figura 191, temos o sinal para MADEIRA, observa-se que o sinal utilizado pelo informante para o mesmo item lexical apresenta diferenças quanto ao movimento; podemos, então, afirmar que temos um morfema derivacional.

A variação sinalizada é a junção dos dois sinais com suas modificações e variações, surgindo uma nova variação. Ademais, observa-se que temos um morfema lexical.

6.6.1.3 Item lexical: BOLÍVIA

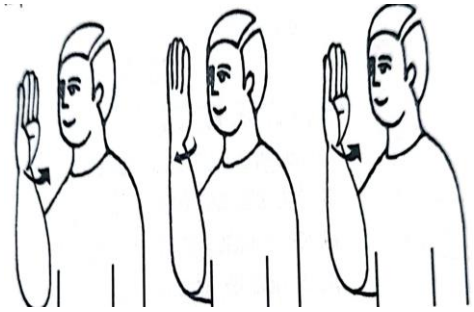
Figura 192 – BOLÍVIA – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://agroemdia.com.br/2018/04/02/terremoto-na-bolivia-e-sentido-em-varias-partes-do-brasil/.

A Bolívia é um país da América ado Sul e que teve colonização espanhola; faz fronteira com o Brasil, com o estado de Rondônia. Para Campos (s.d.), a economia boliviana está em ascensão, possui muitos depósitos de minérios de alto valor e, com suas belas paisagens atrai muitos turistas. O país possui cerca de 12 milhões de habitantes, os quais são notadamente descendentes de indígenas e possuem hábitos culturais diversificados. A Bolívia recebe esse nome em homenagem a Simón Bolívar (1783-1830), venezuelano, um dos principais organizadores da defesa pela independência das colônias espanholas na América Latina.

Figura 193 – Sinal referência 01 para BOLÍVIA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 439).

Figura 194 - Sinal referência 02 para BOLÍVIA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 439).

Quadro 198 - Variações para BOLÍVIA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical BOLÍVIA, as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 01; já os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, não houve repetição de utilização das variações. Dos vinte e quatro informantes; 06 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo todos eles do gênero masculino.

Quadro 199 - Análise fonológica das variações 01 e 02 para BOLÍVIA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 60	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma para for.	Não apresenta.
 03	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma para for	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As variações 01 e 02, para BOLÍVIA, são os mesmos sinais apresentados pelo material referência (Capovilla *at al*, 2019), os sinais apresentam apenas CMs diferentes; a variação 01, CM 60 e variação 02, CM 03. Porém, a variação 01 registrada por mim apresenta movimento, o que o sinal referência não apresenta. Temos, assim, um sinal modificado, um morfema derivacional. Ambos são sinais de formação simples e a variação 02 tem morfema gramatical.

6.6.1. 4 Item lexical: ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ

Figura 195 – ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ



Fonte: https://rondoniaovivo.com/noticia/viagenseturismo/2024/03/16/aleluia-apos-5-anos-estrada-de-ferro-madeira-mamore-deve-ser-reaberta-de-forma-parcial.html.

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) foi inaugurada em 1 de agosto de 1912, e tinha o objetivo de ligar Guajará-Mirim a Porto Velho para escoar a produção de borracha, que era o principal produto de exportação do Brasil. Contudo, porém as condições sanitárias da região eram precárias e, de acordo com Cruz (2021), muito trabalhadores morreram de várias doenças, dentre elas “malária, beribéri, sarampo, pneumonia, disenteria, leishmaniose visceral, ancilostomíase, hemoglobinúria, febre amarela e outras”. (CRUZ, 2021, s.p.). Com a construção da EFMM, o transporte da borracha seria realizado por via fluvial, centenas de trabalhadores de várias nacionalidades morreram nessa empreitada. A EFMM funcionou por alguns anos, no entanto encerrou suas atividades em 1 de julho de 1972.

Em busca pelo sinal da ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ, no material de referência Capovilla *at al* (2019), não foi encontrado alguma resposta. Desta maneira, busquei no material publicado por Sussuarana (2021) que está disposto na figura 196.

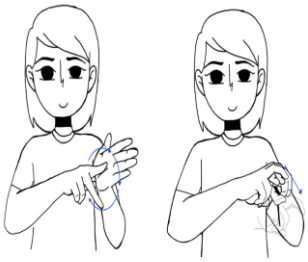
Figura 196 – Sinal referência 01 para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ



Fonte: Sussuarana (2021, p.46).

No quadro 200. apresento as variações registradas para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ, e, posteriormente, faço a descrição e análise morfofonológica.

Quadro 200 – Variações para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ (EFMM), as informantes do gênero feminino sinalizaram as variações 01 e 02. Todavia, os informantes do gênero masculino apresentaram apenas a variação 02. Para esse item lexical, houve repetição de utilização da variação 02. Dos vinte e quatro informantes; 16 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, dos quais 10 eram do gênero masculino e 06, do gênero feminino.

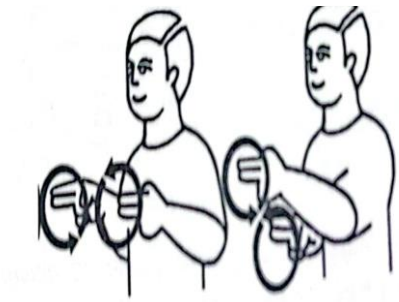
Quadro 201 - Análise fonológica da variação 01 para EFMM

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 55	Palma da não dominante.	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.
 01	Espaço neutro	Não apresenta.	Mão na contralateral.	
 32	Apoiada na mão não dominante.	Retilíneo, de deslizamento, dobramento do pulso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na vertical, palma da mão para fora.	
 49	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na contralateral.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

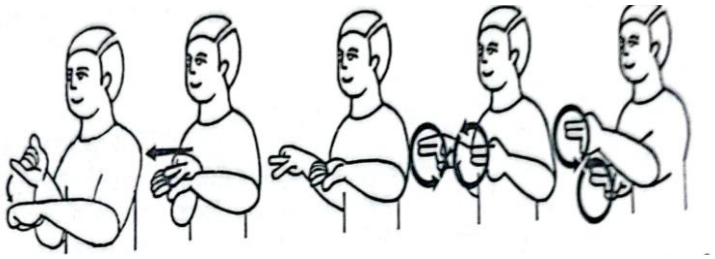
A variação 01, para ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ, é um sinal composto por dois sinais: TREM^TRILHO. Esses sinais são formados por quatro CMs. O primeiro sinal é composto pelas CMs 01 (2.ª) e a CM 55 (1.ª) que nos remetem ao movimento circular do rodeiro[30]. O segundo sinal é composto por duas CMs, a 32 e 49, que nos remetem aos trilhos do trem.

Figura 197 – Sinal TREM



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2751).

Figura 198 – Sinal TRILHO



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2759).

[30] Conjunto composto por um eixo e duas rodas, que fica no truque e faz o contato com os trilhos. Disponível em: https://www.supervia.com.br/pt-br/canal-do-cliente/glossario-ferroviario. Acesso em: 14 jul.2024

No entanto, ao compararmos os sinais TREM e TRILHO registrados por Capovilla *at al* (2019), percebemos que, para o sinal TREM, por exemplo, o sinal registrado por mim apresenta o mesmo M, porém com CM diferente, assim temos um morfema derivacional. Contudo, o sinal TRILHO não apresenta semelhança de parâmetros, temos nesse caso um novo sinal para trilho; ou seja, uma variação, nesse caso entendo que temos um CL semântico para indicar algo que desliza ou o que nos transmite essa ideia. Portanto, temos, no segundo sinal desta composição, um morfema gramatical.

Quadro 202 - Análise fonológica da variação 02 para EFMM

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 77	Palma da mão não dominante.	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Essa variação, composta por duas CMs 01 e 77, a CM 01 foi descrita e analisada na variação 01, a CM 77 e nos remete ao M do rodeiro do trem, vejo como um CL semântico que está associado à letra M, em referência ao Madeira-Mamoré. Temos um sinal de formação simples e um morfema gramatical.

6.6.1.5 Item lexical: TRÊS MARIAS

Figura 199 – TRÊS MARIAS



Fonte: https://www.rondoniaovivo.com/noticia/viagenseturismo/2023/11/25/turismo-conheca-praca-das-tres-caixas-dagua-principal-simbolo-de-porto-velho.html.

Em concordância com Lima (2021), as três caixas d`águas, popularmente chamadas de As Três Marias, são um símbolo da capital rondoniense e estão estampadas na bandeira da capital Porto Velho, em homenagem a construção da EFMM e, principalmente, por serem um marco memorial histórico da cidade. Elas foram erguidas entre 1910 e 1912, vindas dos

Estados Unidos da América; com capacidade para 200 mil litros de água, essas caixas funcionavam por força da gravidade e abasteceram Porto Velho por 47 anos até 1957, quando, então, foram tombadas como patrimônio histórico, em 1988.

Figura 200 – Sinal referência 01 para TRÊS MARIAS



Fonte: Sussuarana (2021, p.50).

Logo abaixo, quadro 203, apresento as variações registradas para as TRÊS MARIAS (Três caixas d`águas); processando, na sequência, faço a descrição e análise morfofonológica.

Quadro 203 – Variações para as TRÊS MARIAS/TRÊS CAIXAS D`ÁGUA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical AS TRÊS MARIAS (As três caixas d`água), as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 01; enquanto os informantes do gênero masculino apresentaram as variações 01 e 02. Para esse item lexical, houve repetição de utilização da variação 01, que foi utilizada tanto pelas informantes do gênero feminino, quanto os informantes do gênero masculino. Dos vinte e quatro informantes; 14 disseram não saber ou não conhecer sinal para o item lexical apresentado, sendo esses 07 do gênero masculino e 07 do gênero feminino.

Quadro 204 - Análise fonológica da variação 01 para AS TRÊS MARIAS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 78	Dorso da mão não dominante.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma voltada para frente.	Não possui.
 69	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, AS TRÊS MARIAS, é um sinal de formação simples, o qual é o mesmo do sinal referência apresentado por Sussuarana (2021), figura 200; que é formado pelas CMs 78 e 69. Assim, temos o numeral 03, que faz referência às três caixas d`água e a CM 69, que faz menção ao local, que é o ponto mais alto do município, para as quais estão estampadas a iconicidade do sinal, nesta variação temos um morfema lexical.

Quadro 205 - Análise fonológica da variação 01 para AS TRÊS MARIAS

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Ponta dos dedos da mão dominante.	Não apresenta.	Na horizontal, palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta.
 78	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma voltada para frente.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 02, para as TRÊS MARIAS (as três caixas d`água), temos um sinal de formação simples, porém formado por duas CMs, 01 e 78; sendo que a primeira representa a parte superior das caixas d`água, e a CM 78 representa as três caixas d`água, temos, então, morfema lexical.

Nas variações até aqui apresentadas, a característica predominante da cultura surda é a visualidade que vem se destacando em quase todas as sinalizações registradas.

6.6.1.6 Item lexical: O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA

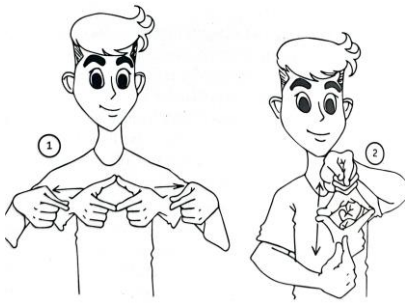
Figura 201 – O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA- figura apresentada aos informantes



Fonte:https://17bdainfsl.eb.mil.br/index.php?option=com_content&view=article&id=987&catid=59&Itemid=325.

De acordo com o G1 RO (2022), a fortificação está localizada em Costa Marques, no interior de Rondônia, divisa com a Bolívia. O Real Forte Príncipe da Beira foi construído no século VIII pelos portugueses e servia como ponto militar. Partes do forte foram construídas com pedras retiradas do rio Guaporé a fim de abrigar as tropas militares para defender as terras brasileiras já conquistadas pelos portugueses durante a disputa com tropas espanholas. O forte é de propriedade do Exército Brasileiro e, em 1950, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

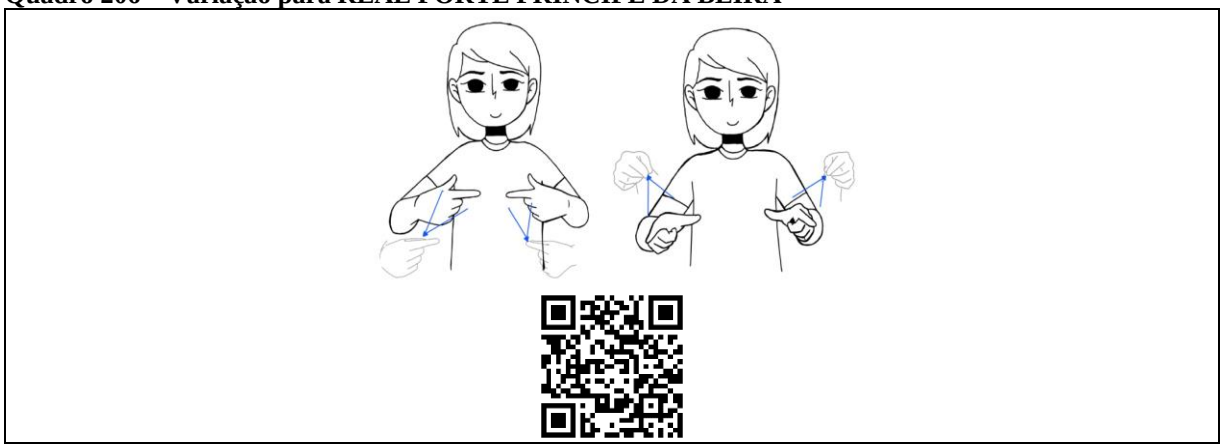
Figura 202 –Sinal referência 01 para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA



Fonte: Sussuarana (2021, p.98).

No material de referência, Capovilla *at al* (2019), não consta registro de sinal para o REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA; para tanto, utilizamos como referência o material de Sussuarana (2021), de cuja fonte extraímos o sinal que consta na figura 202. Abaixo no quadro 206, apresento o sinal registrado por mim. Posteriormente, descrevo e analiso morfofonologicamente esse achado.

Quadro 206 – Variação para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação apresentada foi sinalizada por quatro informantes, 02 do gênero feminino e 02 do gênero masculino. Os outros vinte informantes disseram não conhecer o sinal para o item lexical apresentado dentre esses, 11 do gênero feminino e 09 do gênero masculino.

Quadro 207 - Análise fonológica da variação 01 para REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 24	Espaço neutro.	Retilíneo, com junção e término em pinça, unidirecional, refreado e simples.	Mãos na horizontal, palmas para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação para o REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA é um sinal de formação simples, constituído por apenas um CL tamanho e forma, ou também nomeado de descritivo, que são aqueles que “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados”. (Pimenta; Quadros, 2006, p.71). Neste caso, descreve a forma, ou seja, o formato do forte, rico em iconicidade e em detalhes visuais, com presença de morfema gramatical.

6.6.1.7 Item lexical: INDÍGENA

Figura 203 – INDÍGENA – figura apresentadas aos informantes



Fonte:https://rondonia.ro.gov.br/governo-de-rondonia-destaca-a-representatividade-no-dia-internacional-da-mulher-indigena-neste-domingo-5-luta-e-resistencia-reforcam-a-importancia-da-data/

G1 RO (2024), destaca que Rondônia é “o 4.º estado do país e o 3.º da região Norte a abrigar mais Povo Indígenas, sendo 29 povos registrados no Programa Povos Indígenas do Brasil”. (G1 RO, 2024, s.p.). Rondônia tem 52 municípios e, em 26 deles, há territórios que constituem Terras Indígenas, o que corresponde a um pouco mais de 21% das terras de RO.

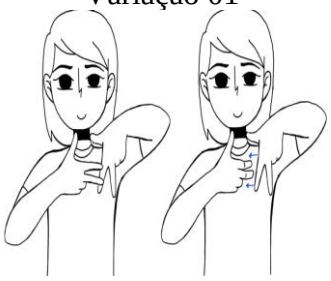
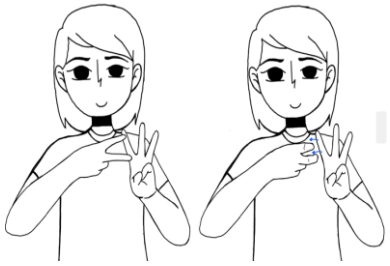
Figura 204 – Sinal referência 01 para INDÍGENA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 2, p. 1519).

No material de Capovilla *at al* (2019), temos três sinais para indígena, selecionei apenas um para compor essa tese como referência. Abaixo, no quadro 208, apresento as variações registradas para INDÍGENAS. Posteriormente descrevo e análise morfofonologicamente essas variações.

Quadro 208 – Variações para INDÍGENA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical INDÍGENA, as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 01, enquanto os informantes do gênero masculino sinalizaram a variação 02. Dos vinte e quatro informantes; 03 do gênero feminino e 02 do masculino não sabiam ou não conheciam o sinal.

Quadro 209 - Análise fonológica da variação 01 para INDÍGENA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 26	Dedo indicador da mão não dominante.	Retilíneo com contato de riscar, e dobramento dos dedos ao final, unidirecional, contínuo, repetição.	Mão na lateral com palma voltada para dentro.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para IDÍGENA, é um sinal de formação simples, formado por um CM 26, que é duplicada, um é CL semântico, de pessoa. O indígena, no caso, que é pintado, neste caso outro CL semântico que se refere à pintura corporal.

A informante, no dia das gravações trouxe a seguinte explicação " *há muitas variações para indígena, porém, eu realizei estudos e criei esse sinal, pois representa o indígena e a pintura corporal*". Temos um sinal totalmente icônico, um morfema lexical.

Quadro 210 - Análise fonológica da variação 02 para INDÍGENA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 54	Dedo indicador da mão não dominante.	Retilíneo com contato de riscar, e dobramento dos dedos ao final, unidirecional, contínuo, repetição.	Mão na lateral com palma voltada para dentro.	Não apresenta.
 78	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma da mão voltada para fora.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para INDÍGENA, é um sinal simples, constituído por duas CMs, 54 e 78; neste caso, dois CLs semânticos, um para pessoa e outro para pintura, fazendo alusão à pintura corporal realizada pelos indígenas. Temos, então, um sinal icônico, além de um morfema gramatical.

6.6.1.8 Item lexical: BALSA

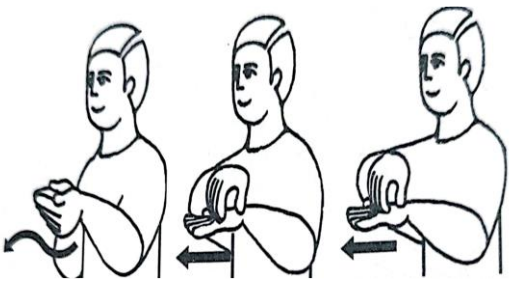
Figura 205 – BALSA – figura apresentadas aos informantes



Fonte: https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/balsas-voltam-a-operar-no-rio-sao-francisco-entre-porto-da-folha-se-e-pao-de-acucar-al.

De acordo com o Dicionário Online de português, balsa é uma “embarcação para transporte de pessoas, cargas pesadas, carros, animais etc., normalmente a distâncias pequenas”.

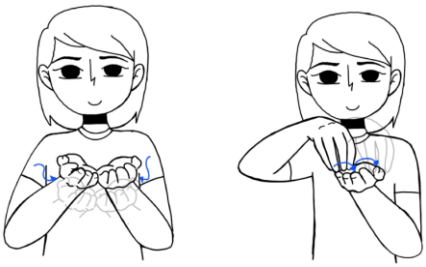
Figura 206 – Sinal referência 01 para BALSA



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 1, p. 362).

Abaixo, no quadro 211, apresento as variações registradas para o item lexical BALSA, que, em Rondônia, é muito utilizada como meio de transporte e travessias.

Quadro 211 – Variações para BALSA

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical BALSA, as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 01, já os informantes do gênero masculino, sinalizaram a variação 02. Dos vinte e quatro informantes; 10 do gênero feminino e 03 do masculino, não sabiam ou não conheciam o sinal.

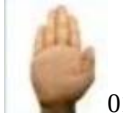
Quadro 212 - Análise fonológica da variação 01 para BALSA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 13	Dorso da mão não dominante.	Não apresenta.	Palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta.
 01	Espaço neutro.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na horizontal, palma voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 01, para BALSA, quando comparado com o sinal referência, figura 206, permite-nos observar uma proximidade entre os sinais; porém a variação apresenta modificação, a supressão do sinal BARCO. Nesta variação, temos dois CL semânticos, um para se referir a balsa em si, e outro para se referir aos automóveis que estão sobre ela. Temos, então, morfema lexical e a presença da iconicidade na variação sinalizada.

Quadro 213 - Análise fonológica da variação 02 para BALSA

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 01	Espaço neutro.	Sinuoso, unidirecional, contínuo, simples.	Mão na horizontal, palma voltada para cima.	Não apresenta
 13	Palma da mão não dominante.	Semicircular, alternado, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A variação 02, para BALSA, é um sinal de formação composta por justaposição por um sinal e um CL, BARCO^CARRO+; essa variação é bem próxima do sinal referência, figura 206. No entanto, apresenta movimento para o CL semântico que se refere aos veículos que estão sobre a balsa. Temos, desse modo, morfema lexical, como também está presente a iconicidade.

6.6.1.9 Item lexical: REDE

Figura 207 – REDE – figura apresentada aos informantes



Fonte: https://www.denana.com.br/Rede-de-Descanso-Individual---IPE~283~23~8~--REDE-DE-DESCANSO~Individual.

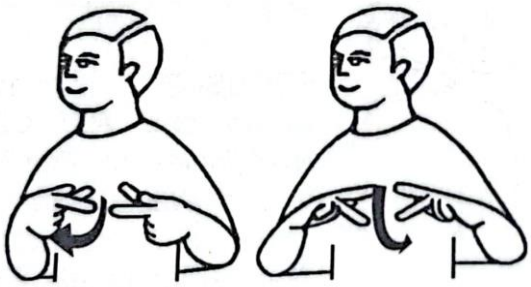
Em relação às redes de dormir, Leite (2019) corrobora que o primeiro registro aparece na carta de Caminha, cinco dias após ter chegado a terras brasileiras. Considerada originária na América do Sul, herança dos indígenas, provavelmente das tribos Caraíba ou Aruaque; teve seu uso disseminado por todo o mundo. A rede, denominada INI, pelos indígenas, é uma peça de mobília atual, vista nas varandas das casas, terraços, casas de fazendas, casas de praias e em lugares de diversão e descanso, entre outros.

Figura 208 – Sinal referência 01 para REDE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2404).

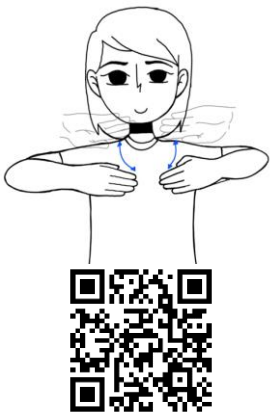
Figura 209 - Sinal referência 02 para REDE



Fonte: Capovilla *at al* (2019, v. 3, p. 2404).

Em Capovilla *at al* (2019), constam dois registros, os quais estão dispostos abaixo. No quadro 214, trago os registros das variações por mim registradas. Na sequência, faço a descrição e a análise morfofonológica.

Quadro 214 – Variações para REDE

Variação 01	Variação 02
	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Foram registradas duas variações para REDE, as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 02. Quanto aos informantes do gênero masculino, estes sinalizaram as variações 01 e 02. Todos os informantes sinalizaram para este item.

Quadro 215 - Análise fonológica da variação 01 para REDE

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 76	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, contínua, repetido	Mãos na horizontal, palmas voltadas para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 216 - Análise fonológica da variação 02 para REDE

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 21	Espaço neutro.	Semicircular, bidirecional, contínua, repetido	Mãos na horizontal, palmas voltadas para baixo.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para o item lexical apresentado, faremos a análise conjuntamente, pois o que diferem os sinais são as CMs. O primeiro sinal possui CM 76, e o segundo sinal, o mesmo do sinal referência, CM 21. Os sinais possuem formação simples; ou seja, formados por apenas um sinal. Os sinais são totalmente icônicos, com morfema lexical. Ressaltamos que a característica principal destacada neste item lexical é a visualidade, uma característica ímpar da cultura surda.

6.6.1.10 Item lexical: GARIMPO

Figura 210 – GARIMPO – figura apresentada aos informantes



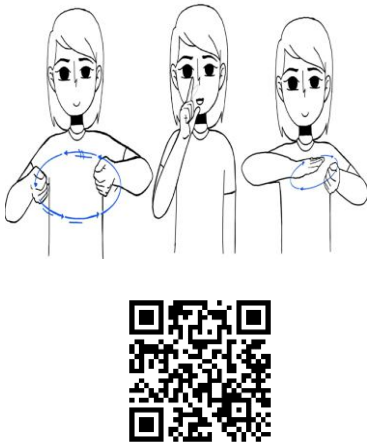
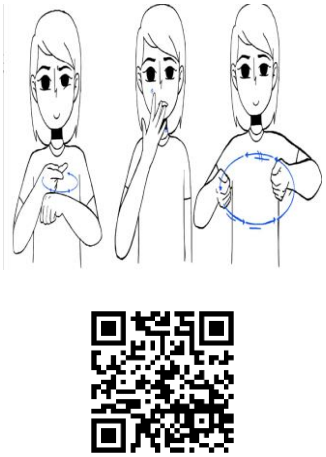
Fonte: https://www.brasildefato.com.br/2021/04/08/entenda-como-acontece-o-garimpo-ilegal-em-terras-indigenas-na-regiao-norte-do-brasil.

Campos (s.d.) relata que o garimpo, tradicionalmente, é uma atividade financeira antiga, inclusive no Brasil, com experiência na exploração mineral, O garimpo é uma atividade de extração mineral em pequena escala, com baixa aplicação financeira. Essa prática

é realizada em zonas naturais e que provoca grandes impactos no meio ambiente, por contaminação com mercúrio.

Ao buscar por referência em Capovilla *at al* (2019), não foi encontrado registro para o sinal garimpo; porém, abaixo no quadro 217, apresento as variações registradas para este item lexical. Posteriormente, faço a descrição e análise morfofonológica das variações apresentadas.

Quadro 217 – Variações para GARIMPO

Variação 01	Variação 02	Variação 03
		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Foram registradas duas variações para GARIMPO; as informantes do gênero feminino sinalizaram a variação 01, 02 e 03, enquanto os informantes do gênero masculino sinalizaram as variações 01, 02 e 03. Quatro informantes do gênero feminino e 01 do masculino não sinalizaram para este item.

Quadro 218 - Análise fonológica da variação 01 para GARIMPO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 67	Espaço neutro.	Semicírculo, bidirecional, contínuo, repetido.	Contralateral, palma frente a frente.	Não apresenta
 24	Boca.	Retilíneo, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para fora.	
 01	Espaço neutro.	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Palma da mão voltada para baixo.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 01, para GARIMPO, temos um sinal composto por justaposição, formado por dois CLs e um sinal, PENEIRAR^ÁGUA^ESPALHAR. A peneira é muito utilizada no garimpo, pois tem a função de separar os materiais minerais, como o diamante por exemplo. Assim, coloca-se um pouco de água e são feitos movimentos circulares, esse agitamento irá provocar a separação dos minerais.

O primeiro CL é de tamanho e forma e se refere ao ato de peneirar, agitar as pedras para encontrar as preciosas. O segundo CL é semântico, que se refere ao ato de espalhar as pedras (não está sinalizada, porém pela sinalização podemos inferir) em busca da tão sonhada pedra preciosa. E, por último nos referimos ao sinal da composição, ÁGUA. Temos, então, um morfema gramatical e uma variação totalmente icônica.

Quadro 219 - Análise fonológica da variação 02 para GARIMPO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 55	Dorso da mão não dominante.	Retilíneo, de toque, unidirecional, contínuo repetido.	Mão na horizontal, palma da mão voltada para baixo.	Não apresenta.
 56	Na boca, dente.	Semicircular, bidirecional, contínuo, repetido.	Mão na vertical, palma voltada para dentro.	
 73	Espaço neutro.	Não apresenta.	Mão na vertical, palma voltada para a lateral.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 02, para GARIMPO, temos uma variação composta por dois sinais e um CL, PEDRA^OURO^FORMA-PEDRA; temos, então, um sinal arbitrário. Os dois sinais se referem à busca do ouro no garimpo, ainda na forma bruta. Os informantes utilizam o CL tamanho e forma para se referirem à forma da pedra de ouro (creio que a pepita) que pode ser de vários tamanhos. Temos, então, um morfema gramatical.

Quadro 220 - Análise fonológica da variação 03 para GARIMPO

CM	PA	M	O	Exp. Não manuais
 55	Dorso da mão dominante.	Circular, unidirecional, contínuo, repetido.	Mão na contralateral.	Não apresenta.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na variação 03, para GARIMPO, temos uma variação formada por justaposição, composta por dois sinais e um CL, PROCURAR^OURO^PENEIRAR; foram utilizados dois sinais para o ato de procurar o ouro, ou seja, garimpar, e o CL, como dito na variação 01, o

esse CL foi utilizado para se referir ao garimpo e à importância da peneira nesse processo. Temos, então, um sinal icônico, e morfema gramatical. Desse modo, aqui chegamos ao término das análises dos itens lexicais propostos.

7 PARA FINS DE FECHAMENTO E OUTROS RECOMEÇOS

Nesta tese, realizou-se um estudo sobre as variações linguísticas no contexto amazônico, especificamente no estado de Rondônia. Dessa feita, o foco deste estudo teve como objetivo descrever linguisticamente as variações linguísticas na Libras, que vem ocorrendo no estado de Rondônia, focalizando pontos como a composição morfofonológica da Libras. Este estudo foi direcionado pela metodologia baseada nas perspectivas teóricas variacionistas.

Para a realização desta pesquisa, no viés da Sociolinguística, em primeiro lugar, foi escolhido o tema, estipulou-se a comunidade a ser pesquisada; elegendo, assim, quatro municípios do estado de Rondônia, dentre eles estão Guajará Mirim, Porto Velho, Vilhena e Cacoal. Esses municípios foram escolhidos por fazerem divisa com estados como Mato Grosso, Amazona e a Bolívia. Foram selecionados, de forma aleatória, vinte e quatro informantes, sendo seis de cada município, com idade que variou entre 18 e 48 anos.

Posso afirmar que essa experiência me proporcionou grandes achados, e também possibilitou abrir portas para que outros pesquisadores possam dar continuidade ao registro das variações linguísticas do estado de RO, que possui uma cultura riquíssima, e é terra de gente acolhedora.

Destaco que durante a realização desta pesquisa, o mundo vivia o período pandêmico de Covid-19, o que parou e atrasou muitas coisas mundo afora, e com essa pesquisa não foi diferente. Passei por momento de desafios, desde conseguir contactar os informantes e ter o aceite deles para participarem da pesquisa; porém, esse fato ocorre com o mundo todo, pois vivemos momentos de *"lockdown"*, e ir a campo não foi uma tarefa fácil, datas foram marcadas, desmarcadas e remarcadas por algumas vezes. Todo esse processo atrasou o cronograma proposto para o desenvolvimento desta tese; assim o projeto inicial sofreu alterações, ou seja, aconteceram alongamentos, momentos de espera por liberação de visitas, e normas a serem ditadas por parte dos órgãos públicos de saúde para deslocamento. Dessa feita, foram momentos vividos com muita angústia e ansiedade.

Mesmo diante de todas as dificuldades, que não foram poucas, fui a campo no período de setembro a novembro de 2022, quando entrevistas foram realizadas e as variações linguísticas foram gravadas em vídeos; posteriormente, os achados foram transformados em desenhos e analisados. Por conseguinte, mediante a pesquisa realizada, pude concluir que as variações linguísticas constituem fenômenos de grande relevância, principalmente quando da sua ocorrência em relação a grupos de diferentes gêneros.

Almejou-se, pois, verificar sobre as ocorrências das variações entre os gêneros; pois, conforme dito anteriormente, a sociedade espera que homens e mulheres tenham papéis diferente, portanto, espera-se que utilizem padrões de comportamento diferentes e, consequentemente, seu comportamento linguístico precisa ser diferente.

No entanto, ir campo possibilitou verificar mudanças nesse cenário; o espaço que antes era ocupado, ou seja, dominado pelos homens, hoje é diferente em sua realidade, pois essa pesquisa verificou que entre os surdos informantes da pesquisa, que fazem uso das variações linguísticas estão as informantes do gênero feminino que corresponde a 52%, e em relação aos informantes do gênero masculino, foram 48% que apresentaram a utilização de variações. Com base em leituras realizadas, e em contato com a realidade atual, esse fato decorre de que, a mulher com o empoderamento conquistado, vem ganhando seu espaço na sociedade e não mais aceita as atividades tradicionalmente que lhes eram conferidas, como somente as tarefas domésticas, elas vêm ganhando espaços nas universidades e mercado de trabalho, o que se reflete no repertório linguístico dos indivíduos.

Com relação às faixas etárias, foi observado uma estabilidade no uso das variações, o que, conforme Tarallo (1986), revela que existe uma estabilidade quando não houver correlação entre a faixa etária dos informantes com os fenômenos linguísticos, e haverá mudança em progresso, quando a variante mais inovadora for mais recorrente entre os jovens, e com menos frequência na faixa etária com mais idade.

Ficou evidente que dos 24 informantes desta pesquisa, 29% recebem de 1 a 2 SM; no entanto pondera-se que o prestígio, ou não de um grupo social, intervém de modo direto no uso de uma variação, ou de outra. Por isso estudiosos da área advertem que o prestígio linguístico está subordinado ao ambiente em que as pessoas vivem e à individualidade de cada um. Portanto, entendemos que situação influencia diretamente a acessibilidade econômica, cultural, social e, acima de tudo, influencia a acessibilidade linguística.

Com o registro das 264 (duzentas sessenta e quatro) variações e suas análises, evidenciou-se que a cultura local ouvinte do estado de Rondônia não influencia sobre a construção de novas variações linguísticas da Libras. As que aqui foram apresentadas e analisadas, não exibem manifestações culturais ouvintes da região na constituição dessas variações.

Com as análises morfofonológicas das variações registradas, observou-se que, em sua maioria, há manifestações da cultura visual, que é um fator preponderante da cultura surda. Assim, mediante esse contexto, ratificamos que o exercício da visualidade está intimamente ligado à criação dos sinais pelos surdos, por isso entendemos que os aspectos da visualidade

são especificidades da comunidade surda, junto as quais prevalecem o entendimento e as experiências visuais de cada indivíduo.

A visualidade é uma característica fundamental que o surdo possui, que o possibilita a aquisição do conhecimento do mundo que o circunda; ou seja, é por meio da visão que o surdo contempla, interpreta e pertence ao mundo, é por meio dela que o sujeito surdo compreende e apreende o universo que o cerca.

Um ponto que merece destaque é que 67 % dos informantes relataram desconhecer o que vem a ser variação linguística, como dito anteriormente e, conforme Fiorin (2006), esse fato evidencia que a falta de compreensão sobre a diversidade linguística, vista como parte da riqueza cultural de uma sociedade, pode gerar preconceito linguístico, levando à discriminação contra diferentes dialetos, sotaques ou gírias. Da mesma forma, entre os surdos usuários da Libras, também ocorre preconceito linguístico, resultante do desconhecimento de que a Libras possui variações linguísticas, conforme evidenciado na introdução desta tese.

Por todos esses pontos aqui apresentados, alcancei os objetivos propostos para essa pesquisa. Todo levantamento realizado gerou embasamento para afirmar que a maioria dos surdos do estado de Rondônia desconhecem o que vem a ser variação linguística, o que gera impactos negativos junto à comunidade surda, pois a falta de compressão sobre variações linguísticas contribui para com a exclusão de pessoas que sinalizam de maneira diferente, ratificando a tese aqui defendida.

Esta pesquisa de doutorado contribuirá não apenas para o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL) da UNEMAT, mas também para diversas áreas do conhecimento que envolvem estudos linguísticos da Libras. Espera-se que, por meio das análises realizadas, seja possível refletir sobre a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a morfofonologia da Libras, avançando na construção de uma educação bilíngue para surdos e promovendo pesquisas que contribuam significativamente para com a produção de gramáticas essenciais para essa língua. Deixo aqui uma porta aberta às novas pesquisas que virão e que servirão, ainda mais, para fortalecer os estudos linguísticos da Libras.

REFERÊNCIAS

AGRISHOWDIGITAL. **Tucumã: conheça o novo ouro da Amazônia**. (2023). Disponível em: https://digital.agrishow.com.br/tendencias/tucuma-conheca-o-novo-ouro-da-amazonia. Acesso em: 10 jul. de 2024

AGUIAR. Thiago Cardoso e CHAIBUE. **Histórico das Escritas de Línguas de Sinais**. Centro virtual de cultura surda revista virtual de cultura surda. Edição Nº 15 / março de 2015– ISSN 1982-6842

ANDRADE. Wagner Teobaldo Lopes. **Variação Fonológica da Libras**: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. (2013) Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6416?locale=pt_BR. Acesso em: 05 jun. de 2024.

ALBRES, N. A. **A construção dos sinais e sua mobilidade específica.** In: Língua Brasileira de Sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos. São Carlos - 2012 Disponível em: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2740/1/EM_libras.pdf. Acesso em: 29/08/2023.

ALGRANTI, M. **Pequeno Dicionário da Gula**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ALKMIM, Tânia *et al*. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** 5. ed. Passo Fundo: Upf, 2011.

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] / Ítalo D'Artagnan Almeida. – Recife : Ed. UFPE, 2021.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de**. Gramática metódica da Língua Portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

ALVES. Karina. CABEÇADA: **Homem é nocauteado por um pirarucu**: veja vídeo (2021). Disponível em: https://www.jornalcorreiodovale.com.br/cabecada-homem-e-nocauteado-por-um-pirarucu-veja-video/. Acesso em 28 de nov. de 2023.

AMAZONTRIP. **O Boto cor de rosa da Amazônia**: Fantástico, inteligente e curioso fev 05, 2020. Disponível em: https://www.amazontrip.info/web/pt/o-boto-cor-de-rosa-da-amazonia-fantastico-inteligente-e-curioso/. Acesso em: 06/07/24

ANA. Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). **Madeira**. Disponível em: https://www.gov.br/ana/pt-br/sala-de-situacao/rio-madeira/saiba-mais. Acesso em: 13 de jul de 2024.

ANIMALIA. **Jacaré-açu**. (s.d.). Disponível em: https://animalia.bio/pt/black-caiman. Acesso em: 06 de mar., de 2024

ARAGUAIA, Mariana. **"Açaí** (Euterpe oleracea)"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/saude/acai-1.htm. Acesso em 09 de julho de 2024.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2022. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/ranking. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

BAGGIO, M. A.; NOVA, M. G. C. **Libras**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1987.

BATTISON, Robbin. Analysing Signs. In: VALLI, Clayton; LUCCAS, Ceil; MULROONEY, Kristin J. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 4ª ed. Washington, Dc: Clerc Books, 2005. Cap. 6, p. 193-212.

BAUMAN, Zygmunt, **A cultura no mundo líquido moderno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BÉBIAN. M. **L`art d`enseigner a parler aux sourds-murets**. Paris. 1820. Disponível em: https://archive.org/stream/gu_lartdenseigne00lepe/gu_lartdenseigne00lepe_djvu.txt . Acesso em: 30 maio de 2024

BERQUÓ, Diogo. "**Variações linguísticas**"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm. Acesso em 01 de julho de 2024.

BENVENISTE. E. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo. Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1976.

BERNARDINO, E. L. A.; SILVA, G. M. DA; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-minas-gerais/fundamentos-de-libras/iconicidade-simultaneidade-espaco-av2/4383238. Acesso em 29/08/2023.

BERNARDO, Fabrício Lima. (2020). **Conceito, projeto e execução da motocicleta scrambler.** Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/866/CONCEITO%2C%20PROJETO%20E%20EXECU%C3%87%C3%83O%20DA%20MOTOCICLETA%20SCRAMBLER.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 de fev. de 2024.

BEZERRA, C. **Dos Passos de Gazela de Iracema ao Rastro do Capital**: o Cotidiano das (os) Tapioqueiras(os) de Messejana – Fortaleza-CE. Tese de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza,2005.

BORIN, Maísa Augusta. **Sociolinguística**. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. curso de graduação de letras/português. (2010). SC.

BRASIL**. Decreto-lei Nº 1.164**, de 1º de abril de 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1164.htm. Acesso em: 22/04/2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais** / organizado por Lucinda F. Brito et. al. -Brasília: SEESP, 1997. V III. - (série Atualidades Pedagógicas, n. 4).

BRASIL, **Lei de Libras**. Lei nº. 10436 de 24 de abril de 2002. Congresso Nacional, Brasília, DF. (2002). Disponível em: https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/lei-que-reconhece-a-libras-como-meio-legal-de-comunicacao-e-expressao-dos-surdos-completa-19-anos#:~:text=Libras-,Lei%20que%20reconhece%20a%20Libras%20como%20meio%20legal%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o,dos%20surdos%20completa%2019%20anos&text=A%20Lei%20n%C2%BA%2010.436%2F2002,no%20dia%2024%2C%2019%20anos. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. **Resolução 466/2012**. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf . Acesso em 30 abr.2023.

BRASIL, Lei 13.146/2015. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11/03/2023.

BRITO. Lucinda Ferreira. **A língua brasileira de sinais**. (1997). Disponível em http:// https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=13&idart=168>. Acesso em 20 ago. 2021

BUSCLUB. **A história do ônibus: como tudo começou**. (2019). Disponível em: https://busclub.com.br/posts/curiosidades/2019/10/22/a-historia-do-onibus-como-tudo-comecou-100918#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20%C3%B4nibus%20come%C3%A7ou,Richebourg%2C%20onde%20ficavam%20suas%20propriedades. Acesso em 23 jan de 2024.

CABRAL. Gabriela. **"Acerola"**; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/frutas/acerola.htm. Acesso em 12 de julho de 2024.

CHAVES, Edigelson Braz. **Diversidade de espécies de Moscas-das-frutas** (Anastrepha spp.) na cultura do Araçá-boi (Eugenia stipitata mcvaugh) em duas áreas no município de Manaus-AM. / Edigelson Braz Chaves. - Manaus: [s.n.], 2016. xii, 53 f.: il. Dissertação (Mestrado) - INPA, Manaus, 2016. Disponível em: https://repositorio.inpa.gov.br/bitstream/1/37835/1/edigelson_dissertacao.pdf. Acesso em: 09/07/24

CALDEIRA. Karoline. **Ingá: o que é, benefícios e como comer**. 2022. Disponível em:https://www.oliberal.com/receita/ing%C3%A1-o-que-%C3%A9-benef%C3%ADcios-e-como-comer-1.541025. Acesso em: 11 de jul de 2024.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Dissertação de Doutorado. UFSC. Florianópolis. 2008.

CAMPOS. Mateus. **Bolívia**. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/bolivia.htm. Acesso em: 13 de jul de 2024

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da modernidade. 4ª ed. 5ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D.; TEMOTEO, J.G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: A Libras em Suas Mãos. Volume 1,2 e3: 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2019.

CASCUDO, L da C. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo/ Belo Horizonte: Editora USP/ Itatiaia, 2004.

CAVALCANTE, N. **Mandioca:** o pão do Brasil - A planta. Brasília: EMBRAPA, p.11- 64, 2005.

CHOI. Daniel, et al. **Libras**: conhecimento além dos sinais. 1. ed. – São Paulo: Pearson, 2011.

CIM. Salvador, **O processo migratório de ocupação no estado de Rondônia** – Visão histórica. Porto Velho. RO: Edufro, 2003. V.II. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero104Cinn.pdf. Acesso 10 set. 2022.

COELHO. Izete Lehmkuhl. [*et al.*]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CONCEITO.DE. Equipe editorial. (2019). **Carroça – O que é, conceito e definição**. Disponível em: https://conceito.de/carroca. Acesso em: 13 de fev. e 2024.

COUTO, R. C. T. **Aprendendo Língua de Sinais**. Belém, 2007.

CRUZ. Montezuma. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em Porto Velho, completa 109 anos; Governo contribui para preservar patrimônio histórico**. (2021) Disponível em: https://rondonia.ro.gov.br/estrada-de-ferro-madeira-mamore-em-porto-velho-completa-109-anos-governo-contribui-para-preservar-patrimonio-historico/. Acesso em: 13 de jul de 2024.

CUXAC, C. **La Langue des Signes Française** (LSF) - Les voies de l'iconicité. Faits de Langues. Ophrys, Paris, 1996.

DANTAS. Tiago, **Graviola** Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/graviola.htm. Acesso em: 10/07/24
DIAS JÚNIOR. Jurandir Ferreira; ANDRADE SOUSA Wilma Pastor de. **LIBRAS III**, Letras Libras. (s.d.) Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Libras-III.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.

DORNELES. Darlan Machado. CHAVES. Lindinalva Messias do Nascimento. **Breve glossário do tacacá.** Revista Philologus, Ano 20, N° 58 – Supl.: Anais do VI SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/58supl/027.pdf. Acesso em: 13 de nov. 2023.

EMBRAPA. **Pirarucu**. Disponível em: https://www.embrapa.br/contando-ciencia/arvores/-/asset_publisher/Zd2bjD3HpAAC/content/o-maior-peixe-de-rio-do-mundo/1355746?inheritRedirect=false. Acesso em 22 de nov. de 2023.

EMBRAPA. 1997. **Cupuaçu, o sabor da Amazônia**. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/17913420/cupuacu-o-sabor-da-amazonia. Acesso em: 08/07/24

ESPÍNDOLA. Amarildo João. **Variação linguística na Libras**: estudo de sinais de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Dissertação de Mestrado. Porto Velho/RO: Universidade Federal de Rondônia. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras. 2018.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. Tese de Doutorado. Brasília: UnB / Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/6547. Acesso em: 15 out. 2022.

FELIPE. Tanya Amaral. **Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS:** Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. Artigo publicado nos Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES. 7º. Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas. 2002: 37-58. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/ClassifemLIBRASINES2002_Tania_Felipe.doc. Acesso em: 04 out. 2023

FELIPE, Tanya Amaral. MONTEIRO, Myrna Salemo S. **Libras em contexto**: curso básico. Livro do professor. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2006.

FELIPE, Tanya Amaral. **O processo de formação de palavra na Libras**. ETD: Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, 2006.

FERNANDES, Leandro Andrade. **Sistema Brasileiro de escrita das línguas de sinais: conhecendo o sistema EliS**. Domínio de Lingu@gem – Uberlândia; 2020. N.º 14

FERREIRA. Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. - [reimp.] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERREIRA, Sindy Rayane de Souza e FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará**. Entretextos, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67-98, jan./jun. 2016

FRANCO. Luciana, **Pupunha é um tipo de palmito? Entenda**. (2024). Disponível em/: https://globorural.globo.com/agricultura/noticia/2024/02/pupunha-e-um-tipo-de-palmito-entenda.ghtml. Acesso em: 11/07/24

FIORIN, J. L. (2006). **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática.

FOOD`N ROAD. **Feijão Tropeiro** – O prato nômade do Brasil. Disponível em: https://foodandroad.com/pt-br/feijao-tropeiro/ . Acesso em: 11 out. 2023.

FURTADO, Clécia Maria Nóbrega Marinho et.al. **Língua - Sociedade - Cultura**: uma relação indissociável. Rev. PRINCIPIA, João Pessoa, n.14, dezembro 2006. Disponível em: https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/viewFile/282/239#:~:text=Desta%20forma%2C%20l%C3%ADngua%20e%20 linguagem,%2C%20 Saussure%20(1988%2C%20p. Acesso em: 02 mar.2023

GASTRONOMIAPARAENSE. Disponível em: https://www.gastronomiaparaense.com/post/birib%C3%A1-del%C3%ADcia-da-regi%C3%A3o-amaz%C3%B4nica. Acesso em: 10 de jul de 2024.

GASSEN, Revista cultivar. **Arar ou compactar?** 2015. Disponível em: https://revistacultivar.com.br/index.php/artigos/arar-ou-compactar. Acesso em 01 de jul. de 2024

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009

GÖRSKI, Edair Maria. COELHO. Izete Lehmkuhl, **Variação linguística e ensino de gramática**. Work. pap. linguíst., 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009. Disponível em: https://www.uel.br/pos/ppgel/pages/arquivos/10749-39705-1-PB.pdf. Acesso em: 09 maio de 2024.

GUITARRARA, Paloma. **"Rondônia"**; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/brasil/rondonia.htm. Acesso em 13 de jul de 2024.

G1 RO. **Conheça o Forte Príncipe da Beira em RO e sua ligação com a lenda da 'cidade perdida na Amazônia'**. (2022) Disponível em: https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/06/15/conheca-o-forte-principe-da-beira-em-ro-e-sua-ligacao-com-a-lenda-da-cidade-perdida-na-amazonia.ghtml. Acesso em 14 de jul de 2024.

HONDA. **Manual do proprietário**: CG 160 TITAN - CG 160 FAN (2019). Disponível em : https://www.honda.com.br/pos-venda/sites/customer_service_motos/files/manuais/MP%20CG%20160%20FAN-CG%20160%20TITAN%20(2019)%20D2203-MAN-1185_WEB.pdf. Acesso em 11 de mar. 2024.

IBGE. **Cacoal/RO.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacoal/panorama (2021). Acesso em: 12 set. 2022.

IBGE**. Guajará Mirim/RO**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/guajara-mirim/panorama. Acesso em: 14 set. 2022.

IPHAN. **Inventário Nacional da Diversidade Linguística** (INDL). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/indl Acesso em: 09 fev. 2023.

JORNADA VEGANA. **Pamonha.** Disponível em: https://jornadavegana.com/pamonha/. Acesso em: 09 de nov. 2023.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (Org.) (2011). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora ULBRA.

KEMPER, L. **Cacoal, sua história sua gente**. 2. ed. Goiânia: Grafopel, 2006

KIRSCH, David. **A história do automóvel**: dos pioneiros aos carros elétricos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LABOV, William. **A estratificação social do Inglês falado em Nova Iorque**. Washington: D. C. Centro de Aplicação Linguística, 1966.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns**. 3.rd. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1975.

LABOV. **What can be learned about change in progress from synchronic description**? In: SANKOFF, David & CEDREGREN, Henrietta (eds.) Variation Omnibus. Alberta: Linguistic Research. p.177-199, 1981.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE. Sylvia **Ini ou rede de dormir: um utensílio que se tornou símbolo de brasilidade**. (2019) Disponível em: https://lugaresdememoria.com.br/ini-ou-rede-de-dormir-cultura-brasileira/. Acesso em: 15 de jul de 2024

LIMA, F. **As tapioqueiras e a sua arte**: mudanças e permanências no "Shopping das Tapiocas". Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Isabelle**. Você sabia que as três marias de Porto Velho "nasceram" nos EUA? 2021.** Disponível em: https://portalamazonia.com/rondonia/voce-sabia-que-as-tres-marias-de-porto-velho-nasceram-nos-eua/. Acesso em: 13 de jul de 2024

MACHADO. Abnael. **Guajará Mirim sua história**.2017. Disponível em: https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/abnael-machado/guajara-mirim-sua-historia-por-abnael-machado. Acesso em: 20 abr. 2023.

MAGNETRON. **Quando deve ser trocado o cabo de acelerador?** (2023). Disponível em: https://www.magnetron.com.br/quando-deve-ser-trocado-o-cabo-de-acelerador/. Acesso em 11 de mar. 2024.

MARRA DA SILVA, Daniel. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: **implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. 2012. 162f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

MARTINS, Mário. **Livros de sinais dos cistercienses portugueses**. *In*: UMIKER-SEBEOK, Jean; SEBEOK, Thomas A. (Orgs.). *Monastic sign languages.* New York: Mouton de Gruyter, 1987.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. Marília: Unesp, 2004.

MEDEIROS, Patrícia Silva de. e AGNER, Chaiane Leal. A**ntropologia da alimentação**: vatapá, prato paraense namesa de gaúchos (2021). Disponível em: https://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/article/view/3477/653. Acesso em 09/01/2024.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W**. Competing iconicities in the structure of languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

MERCEDES-BENZ. **História dos Caminhões.** Um invento que mudou a história dos transportes de carga. Disponível em: https://www.mercedes-benz-trucks.com.br/institucional/historia/caminhoes/. Acesso em: 30 de jan. de 2024.

MIALHE, L.G. **Máquinas motoras na agricultura**, São Paulo, EDUSP, 1980, v.1, cap. 6.

MONTEIRO. Rosana Horio, **Cultura Visual**: definições, escopo, debates. domínios da Imagem, Londrina, I, N. 2, P. 129-134, maio 2008. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19306. Acesso em: 03 mar. 2023.

MOREIRA DA SILVA, Adailton e DUNCAN Wallice Luiz Paxiúba. **Aspectos biológicos, ecologia e fisiologia do pirarucu (Arapaima gigas): uma revisão da literatura**. Scientia Amazonia, v. 5, n.3, 31-46, 2016. Disponível em: https://scientia-amazonia.org/wp-content/uploads/2016/10/v5-n3-31-46-2016.pdf. Acesso em 22 de nov. de 2023

MOTTA SOUZA, Andreia Teschi **A poética do olhar: a cultura visual surda no contexto Amazônico.** Dissertação de mestrado. Porto Velho, Rondônia, 2016. Disponível em: https://dlibras.unir.br/uploads/81818181/PUBLICACOES/DISSERTACAO%20A%20POETICA%20DO%20OLHAR%20A%20CULTURA%20VISUAL%20SURDA%20NO%20CONTEXTO%20AMAZONICO.pdf. Acesso em 20/11/2023.

MOURA, Maria Cecília**, O Surdo - Caminhos para uma nova identidade**. São Paulo: Revinter, 2000.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura** querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras. 2015, 425 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós - Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ORIGEMDASCOISAS. **Qual a origem do barco?** (10/11/22) Disponível em: https://origemdascoisas.com.br/origem-do-barco/. Acesso em 20 de fev. de 2024.

OPRODUTOR. **Bacupari** (s.d). Disponível em: https://oprodutorgarden.com.br/produto/bacupari/. Acesso 08/07/24

PAGOTTO. E, **Sociolinguística**. In: PFEIFFER, C. C.; NUNES, J.H. (Orgs.). Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes, 2006.

PASSOS, Alessandra Figueiredo Kraus. **Fonética e Fonologia da Libras**: O Acento. Cáceres-mt. 2018. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Alessandra-Figueiredo-Kraus-Passos.pdf. Acesso em: 05 de nov. de 2021.

PASSOS, Rosana. **Parâmetros físicos do movimento em libras**: um estudo sobre intensificadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PERLIN. Gladis. **Histórias de vida surda**: Identidades em questão. Publicado em 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre disponível em: https://pt.scribd.com/document/305352254/Perlin-Surda-Dissertacao-Historias-de-Vida-Surda-Identidades-Em-Questao. Acesso em: 06 out. 2023.

PERLIN e MIRANDA Gladis, MIRANDA, Wilson. **Surdos: O Narrar e a Política**. In: Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos n.5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249.Acesso em: 10 mar. 2023.

POZZEBOM, Rafaela. A história da aviação. **Oficina da Net,** Tecnologia, 25 jun. 2015. Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/post/14654-a-historia-do-aviao. Acesso 19 de fev. de 2024.

PUC-RIO. **Breve histórico das bicicletas de corridas em estradas**. PUC-Rio, Certificação digital 0410905/CA. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9390/9390_3.PDF. Acesso em: 22 de fev. de 2024.

QUADROS, Ronice Müler de. **Aquisição de L2: o contexto da pessoa surda**. In: III Seminário Internacional de Lingüística, 1996, Porto Alegre. Anais do III Seminário Internacional de Lingüística. Porto Alegre: Gráfica Epecê, 1999. v.1.

QUADROS, Ronice de Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de e KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. **Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.

QUADROS Ronice Müler de. e PIMENTA, Nelson. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006

QUADROS, Ronice de Müller de. **Língua de Herança: Língua brasileira de sinais** - Porto Alegre: Penso, 2017

QUADROS, Ronice de Müller de. **Linguística para o ensino superior**; v. 5, 1.ª ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

RABELO, A. H. R. **Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais**. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

RÃ-BUGIO. **Mamíferos – paca**. Disponível em: http://www.ra-bugio.org.br/ver_especie.php?id=65. Acesso em 05 de jul de 2024

RESSUTTI. Wania (2023) **Tambaqui de Rondônia recebe reconhecimento de indicação de procedência do Instituto Nacional da Propriedade Industrial.** Disponível em: https://rondonia.ro.gov.br/tambaqui-de-rondonia-recebe-reconhecimento-de-indicacao-de-procedencia-do-instituto-nacional-da-propriedade-industrial/ . Acesso em 15 de nov. de 2023.

REILY. Lucia. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago. 2007. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782007000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 de maio de 2024.

RIBEIRO. Lohana. **Região Norte**. 14/01/2019. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/geografia/regiao-norte. Acessado em 21/06/24

ROYER. Miriam. **Aspectos linguísticos das LS**. In: A Gramática da Libras/ Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva (org.). Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 511-520

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete** - Campinas, SP: 2005

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver, **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

SANTOS. Renata Lívia de Araujo, **A metodologia da pesquisa em sociolingüística variacionista.** Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7098 . Acesso em: 17 de jun. de 2024.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Mandioca**. (s.d.). Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/saude/mandioca.htm. Acesso em 15 de nov. de 2023.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "**Peixe-boi**"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/animais/peixe-boi.htm. Acesso em 06 de julho de 2024.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Onça-pintada.** (s.d.) Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/animais/onca-pintada.htm. Acesso em 06 de mar. de 2024

SANTOS, G.M.; FERREIRA, E.J.G.; ZUANON, J.A.S. **Peixes comerciais de Manaus**. Manaus: Ibama/Pro Várzea. 2006.

SAUSSURE, F. d. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo, Cultrix, 2006.

SECOM - Governo de Rondônia (2011) **Alto Paraíso comemora 19 anos de emancipação com a tradicional Corrida de Jericos.** Disponível em: https://rondonia.ro.gov.br/alto-paraiso-comemora-19-anos-de-emancipacao-com-a-tradicional-corrida-de-jericos/. Acesso em: 29 de fev. de 2024.

SKLIAR, Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SILVA. Henrique Ataíde da MURRIETA. Rui Sérgio Sereni. **Mandioca, a rainha do Brasil? Ascensão e queda da Manihot esculenta no estado de São Paulo**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 37-60, jan.-abr. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/fGSnCftpnbhggNTRmY3THPj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 14 de nov. de 2023.

SILVA. Hosana dos Santos, **Disciplina fundamentos linguísticos**: estudos sociolinguísticos. Módulo 3 - Marcos conceituais referentes à variação linguística. Universidade Federal de São Paulo – 2015.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

SILVA, Paulo Cesar Garré. SOUSA. Antonio Paulino de, **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez.2017. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7726/4725. Acesso em: 06 de maio de 2024.

SILVEIRA, F. F. **Fauna Digital do Rio Grande do Sul**, 2018. Bird and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab - UFRGS. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/harpia-harpia-harpyja/.Acesso em: 05/07/2024

SOFIATO *et a*l. Cássia Geciauskas. **Língua Brasileira de Sinais - Libras:** aspectos linguísticos e históricos. São Carlos. 2012.

SOUZA, *Kellcia Rezende* e KERBAUY *Maria Teresa Miceli* **Abordagem quanti-qualitativa:** superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017. issn 0102-6801 disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099 acesso 18/06/24

SOUZA, Síglia Regina dos Santos. **Tambaqui**. (2019) Unidade: Embrapa Amazônia Ocidental. Disponível em: https://www.embrapa.br/busca-de-imagens/-/midia/4644001/tambaqui#:~:text=Tambaqui%20(Colossoma%20macropomum)%20%C3%A9%20um,e%20forte%20com%20dentes%20molariformes.Acesso em: 15 de nov. de 2023.

TAUB, S. F**. Iconicity and metaphor**. In **Sign language:** An international handbook. eds. R. Pfau, M. Steinbach, and B. Woll (Berlin: Mouton de Gruyter), 2012, p. 388–412.

STOKOE, W.C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. Studies in linguistics**: occasional papers. New York. 1960. Disponível em:http://www.linguisticsnetwork.com/wp-content/uploads/J.-Deaf-Stud.-Deaf-Educ.-2005-Stokoe-3-37.compressed.pdf. Acesso em 10 nov.2022.

STOKOE, William C**. Sign language and the monastic use of lexical gestures**. In: UMIKER-SEBEOK, Jean; SEBEOK, Thomas A. (Orgs.). Monastic sign languages. New York: Mouton de Gruyter, 1987.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 1ª ed. Florianópolis: UFSC. 2008.

STROBEL, Karin Lilian. FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Secretaria do Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba/PR: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. **The classifier system in American Sign Language**. *In*: CRAIG, Colette. (ed.) Typological studies in language: noun classes and categorization. 7. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986

TARALLO, Fernando (1986). **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática**.**

TRASK, R.L**. Dicionário de linguagem de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S**. Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VANILLE CAFÉ COLONIAL. **História do bolo de mandioca**. (s.d). Disponível em: https://vanillecafecolonial.com.br/historia-do-bolo-de-mandioca/. Acesso em 22 de jan de 2024.

VELOSO, Éden; MAIA Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editores Mãos e Sinais, 2013.

VIEIRA. Niclaudia, **Classificador**. (s.d.) Blog. Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: https://guarulibras.blogspot.com/p/classificador.html. Acesso em: 04 out. 2023

VITAMINESE. **Benefícios do açaí**. Disponível em phttps://www.vitaminese.com.br/blog/os-beneficios-surpreendentes-do-acai-para-a-sua-saude. Acesso em: 10 ago. 2023

WIKIPEDIA. **Tucumã.** (2024) Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucum%C3%A3 Acesso em 10 de jul. de 2024.

WILCOX, Phyllis Perrin. **Metaphor in American Sign Language**. Washington D.C.: Gallaudet, University Press, 2000.

WILCOX, Sherman**. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages**. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO: UM ESTUDO NO ESTADO DE RONDÔNIA.

Pesquisador: MIRIA GIL DE LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58931022.1.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.472.225

Apresentação do Projeto:

O presente projeto intitulado "As variações linguísticas na Libras no contexto amazônico: um estudo no estado de Rondônia", tem por objetivo registrar e analisar as variações linguísticas dos sinais da Libras no estado de Rondônia, quanto ao aspecto fonológico da língua de sinais. A metodologia seguirá os pressupostos da Sociolinguística, que buscará registrar variações linguísticas da Libras no estado de Rondônia . A presente pesquisa será fundamentada nos aspectos linguísticos da Libras, quanto a composição morfofonética dos itens lexicais da Libras. O levantamento e registro das variações serão realizados em quatro municípios do estado de Rondônia, sendo eles Vilhena, Cacoal, Porto Velho e Guajará Mirim, serão selecionados 24 (vinte) participantes surdos, sendo 06 (seis) de cada município selecionado.

Os participantes da pesquisa serão selecionados por diferentes faixas etárias, os quais serão eleitos da seguinte forma: 12 participantes para cada uma das faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 31 a 60 anos, sendo 12 do gênero masculino e 12 do gênero feminino. Outro ponto importante a ser considerado, é que os participantes serão preferencialmente nascidos nos municípios onde se realizará a pesquisa.

As línguas de sinais, assim como as demais línguas orais são dinâmicas e estão em constante evolução. As línguas de sinais ampliam, transformam e modificam seu léxico. A análise será realizada tendo como base o registro dos sinais do primeiro dicionário de Flausino José da Costa e o Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais do Brasil, volumes I, II e III (CAPOVILA;

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0067 **E-mail:** cep@unemat.br

RAPHAEL; TEMOTEO; MARTINS, 2017).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: registrar e analisar as variações linguísticas dos sinais da Libras – Língua Brasileira de Sinais - no estado de Rondônia, quanto a composição morfofonética dos itens lexicais da Libras.

Objetivos Secundários:

1. Inventariar e descrever linguisticamente as variações na Libras que ocorrem no estado de Rondônia quanto a composição morfofonética da Libras;
2. Analisar as variações linguísticas registradas etimologicamente;
3. Registrar os neologismos linguísticos;
4. Analisar e descrever a formação das variações encontradas, buscando a iconicidade dos sinais de acordo com a cultura local

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012.

A pesquisa apresenta, como preconiza a resolução 466/2012:

- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e

- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Recomendações:

Corrigir no TCLE , no item 1, o seguinte trecho:

"Caso não queira mais filado, ao participante basta informar a pesquisadora, e essa atividade será encerrada" (Não seria: Caso não queira mais ser filmado?)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa. Devendo o pesquisador atender às recomendações no prazo de 30 (trinta) dias.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1950567.pdf	21/05/2022 10:28:58		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	3_Projeto_Final.pdf	21/05/2022 10:28:03	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	9_TCLE_Termo_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	21/05/2022 10:26:11	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito

Declaração de Pesquisadores	11_Declaracao_Individual_Orientador.pdf	21/05/2022 10:22:10	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	11_declaracao_individual_miria.pdf	21/05/2022 10:21:51	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Outros	12_termo_de_utorizacao_para_Uso_de_Imagem.pdf	21/05/2022 10:19:18	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	13_1_Termo_d_compromisso_UNEMAT.pdf	21/05/2022 10:14:36	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	13_termo_de_compromisso_unir.PDF	21/05/2022 10:14:14	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Outros	10_1_curriculo_orientador.pdf	21/05/2022 10:10:19	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Outros	10_curriculo_Miria.pdf	21/05/2022 10:09:39	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	21/05/2022 10:08:27	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	8_Declaracao_de_responsabilidade_do_pesquisador.pdf	21/05/2022 10:02:47	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	6_1_infraestrutura_UNIR.pdf	21/05/2022 10:02:22	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	6_Declaracao_INFRA_ESTRUTURA_UNEMAT.pdf	21/05/2022 10:01:40	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	5_Termo_de_responsabilidade_do_pesquisador_resolucao.pdf	21/05/2022 10:00:42	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Outros	4_Declaracao_de_Coleta_nao_Iniciada.pdf	21/05/2022 10:00:00	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	2_Folha_de_rosto.pdf	21/05/2022 09:55:07	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito
Outros	1_Oficio_CEP.pdf	18/05/2022 16:32:57	MIRIA GIL DE LIMA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CACERES, 15 de Junho de 2022

Assinado por:
Raul Angel Carlos Olivera
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0067 **E-mail:** cep@unemat.br

APÊNDICE A - TERMO/REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

TERMO/REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Meu nome é Miriã Gil de Lima, doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT do Programa de Pós Graduação em Linguística – PPGL, orientada pelo professor Dr. Antonio Carlos Santana Souza, docente do PPGL/UNEMAT, e estou realizando a pesquisa intitulada: **As variações linguísticas na libras no contexto amazônico: um estudo no estado de Rondônia**, que tem por objetivo geral registrar e analisar as variações linguísticas dos sinais da Libras – Língua Brasileira de Sinais - no estado de Rondônia, quanto a composição morfofonética dos itens lexicais da Libras.

Para isso é necessária à participação dos surdos no estado de Rondônia, assim eu gostaria de te convidar a participar desta pesquisa, se não quiser participar, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067, ou também falar para seu responsável realizar essa comunicação.

Está pesquisa trará benefícios para a comunidade surda local, regional, e também para as pesquisas na área da Linguística. Mediante o seu aceite e participação será realizada uma devolutiva a comunidade surda por esta pesquisadora, os surdos serão beneficiados no tocante a ter acesso e conhecimento das variações até então desconhecidas, passando a serem utilizadas no estado de Rondônia e assim evitar preconceitos linguísticos, e valorização das variações.

Abaixo seguem os riscos que a pesquisa poderá apresentar aos envolvidos na pesquisa e respectiva metodologia a ser utilizada e medidas mitigadoras:

1. **desconforto, durante gravações de vídeo**: serão adotadas medidas para tornar o ambiente mais agradável possível, para que o participante sinta-se confortável, e caso queira assistir às gravações, basta apenas solicitar a

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br

pesquisadora. Caso não queira mais ser filmado, ao participante basta informar a pesquisadora, e essa atividade será encerrada;

2. **vergonha ao interagir e sinalizar**: será respeitado o tempo do participante sinalizante, para que ele se sinta à vontade, e assim interagir com esta pesquisadora, de forma tranquila e agradável;
3. **quebra de sigilo e anonimato:** como exposto anteriormente, os vídeos e as informações obtidas junto aos participantes serão utilizados somente para esta pesquisa e divulgação científica. Para evitar a identificação do participante, serão adotados nomes fictícios a fim de evitar a identificação do mesmo. Comprometo-me a preservar e manter guardado todo material produzido durante a realização de pesquisa.
4. **invasão de privacidade:** a fim de evitar o desconforto ao participante e não interferir em sua rotina diária, as entrevistas e gravação dos sinais serão realizados com dia e hora agendados previamente;
5. **choque cultural:** será por respeitada a diferença cultural dos sujeitos surdos;
6. **contaminação por COVID-19:** será mantido o distanciamento necessário para manter a segurança tanto do participante quanto desta pesquisadora, estará disponível o álcool em gel 70%, farei uso de máscara, as mãos serão lavadas com frequência. Informo ainda que está pesquisadora já tomou as três doses da vacina que previne a COVID – 19.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu _____ estou ciente de que a minha privacidade será respeitada, não sendo divulgado o meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, sei que todos os dados serão mantidos em sigilo. Também fui informado (a) de que pode haver recusa a minha participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, ao sair da pesquisa.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Estou ciente que é a mim assegurado e que tenho o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e minha participação. Enfim, fui orientado (a) quanto ao teor de tudo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela minha participação nesta pesquisa.

Fui informado (a) pela pesquisadora que todos os dados coletados serão arquivados em HD externo, CD ou pen drive, pelo período de 05 (cinco) anos após o término da pesquisa, conforme o inciso XI. 2.f., da Resolução 466/12.

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, e que será garantido o sigilo quanto ao meu nome e aos meus dados pessoais em minha língua e comunicação e expressão, Libras. Declaro ter recebido da pesquisadora responsável por esta pesquisa uma cópia deste termo, com igual forma e teor.

_____

Miriã Gil de Lima

Pesquisadora Responsável

Endereço: Avenida das Comunicações, n.º 3727
Bairro: Teixeirão. Cacoal/RO – CEP: 76.965-492
Telefone: (69) 992198585
E-mail: miria.gil@unemat.br e/ou miriagilcosta@gmail.com

Local e data: Cacoal, 05de novembro de 2022.

Nome:_____

Endereço:_____

Telefone/WhatsApp: _____

Registro do participante (rubrica, assinatura): _____

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- PROPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br

CEP-UNEMAT

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu,_____,
autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado As variações linguísticas na libras no contexto amazônico: um estudo no estado de Rondônia, sob responsabilidade de MIRIÃ GIL DE LIMA pesquisadora responsável vinculada à Universidade Estadual de Mato Grosso. .

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para ser utilizadas apenas para fim de transcrição do conteúdo destas, realizada pela. Em relação aos aspectos éticos não haverá nenhuma violação, alteração do teor do material, ou mesmo extorsão ou uso envolvendo conflito de interesses. Está assegurado o sigilo e anonimato de qualquer dado pessoal do participante da pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cacoal - RO, _____ de____ ___de__ ____

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Nome: _____
2) Idade: _____
3) Gênero: _____
4) Qual sua naturalidade? Ou Quanto tempo mora nessa região? Ou se mudou?

   _____
5) Grau de escolaridade:

   (a) Analfabeto
   (b) EF incompleto
   (c) EF completo
   (d) EM incompleto
   (e) EM completo
   (f) Superior incompleto
   (g) Superior completo
   (h) Especialista
   (i) Mestre
   (j) Doutor

6) Estado civil?
   (__) solteir@ ( ) casad@ ( ) separad@/divorciad@

7) Você trabalha? Qual sua profissão?

   _____
8) Renda familiar?
   (__) até 1 salário mínimo – SM
   (__) 1 a 2 SM
   (__) 2 a 3 SM
   (__) 3 a 5 SM
   (__) 5 a 10 SM
   (__) mais de 10 SM

9) Recebe algum benefício do Governo?

   _____
10) Seus pais são: (__) ouvintes ( ) surdos.

11) Como (onde) você aprendeu Língua de Sinais?

    _____
12) Onde você teve acesso à língua de sinais padrão (norma/gramática)

    _____
13) Você sabe o que é variação linguística? Dê um Exemplo

    _____
14) Você tem acesso à internet? _____
15) Antes do acesso a internet como você tinha acesso a Libras?

    _____